

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
*Campus de Rio Claro*

**UMA NARRATIVA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE  
MATEMÁTICA EM GOIÁS**

FERNANDO GUEDES CURY

Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Área de Concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos para obtenção do título de mestre em Educação Matemática.

Rio Claro (SP)

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Comissão Examinadora

Antonio Vicente Marafioti Garnica  
*Unesp – Rio Claro (SP) - Orientador*

Miriam Godoy Penteado  
*Unesp – Rio Claro (SP)*

Carlos Roberto Vianna  
*UFPR – Curitiba (PR)*

Aluno: Fernando Guedes Cury

Rio Claro, 10 de dezembro de 2007.

**Dedico este trabalho à minha filha Fernanda,  
razão para eu querer crescer.**

**Agradeço...**

Aos membros do GHOEM, Heloísa, Luzia, Ednéia, Ronaldo, Emerson, Fábio, Thiago, Carrera, Leoni, Otávio, pelas contribuições feitas ao trabalho,

Ao meu orientador, Antonio Vicente Garnica, pelo enorme auxílio e paciência que possibilitaram meu crescimento. Muito obrigado!

A colaboração dos meus depoentes: Genesco Bretas em memória, Maria Adélia, Egídio Turchi, Gabriel Roriz, Juarez Milano, Orlando de Castro, Valdir Silva, Genésio dos Reis, José Afonso, Heloísa Sírio, Zaira Varizo,

Miriam Penteado e Carlos Vianna pelas sugestões ao texto,

A meus pais, Núbia e Edson, minha tia, Júlia, e meus irmãos, Karine e Edson Jr., pelo apoio incondicional,

A Lidiane pela enorme paciência e confiança,

Duelci, Elivanete, Tales e Janaina, que me acolheram como membro de sua família em Rio Claro,

À professora Dagmar, pelas informações e fontes preciosas,

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação pelo companheirismo, especialmente Jamur, Carlos Eduardo, Roger, Adelino, Mirian, Carla, Keila, Augusto, Lucieli e Vanda, hoje grandes amigos,

Ao CNPq e ao Conselho do Programa de Pós-Graduação pelo apoio financeiro,

Aos demais professores e funcionários do programa de Pós e do Departamento de Matemática da Unesp – Rio Claro, sempre atenciosos.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende registrar uma história da constituição dos primeiros programas de ensino superior cuja proposta era a formação de professores de matemática no Estado de Goiás. Para isso, usamos documentação pertinente e, principalmente, depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas nos processos de viabilização, implementação e condução de tais cursos. Assim, busca-se caracterizar as primeiras negociações para o início das atividades de formação, as condições em que ocorreram as atividades de ensino e dados gerais sobre a estrutura física e acadêmica daquelas instituições. Essa investigação vale-se da História Oral – em sua vertente temática – como alternativa para constituir uma narrativa sobre a história da Educação Matemática naquela região.

**Palavras chave:** História da Educação Matemática, História Oral, Formação de Professores, Estado de Goiás, Narrativas.

## ABSTRACT

This research intends to highlight a history of the constitution of the first undergraduate courses involved with Math teacher's formation in the State of Goiás, Brazil. In order to get this goal, we worked with written documentation and, specially, with testimonial given by people that took part in the process of implementation reorganization and conduction of such courses. We aim to outline initial political administrative negotiations, trying to understand what were the institutional conditions at that time and how physical and academic structure of the courses. The main methodological approach used was Oral History in order to build an alternative version – in a narrative form – to the History of Math Education in Brazil, specially in Goiás

**Keywords:** State of Goiás (Brazil), Oral History, History of Math Education, Teachers Formation, Narratives.

## SUMÁRIO

	Página
1. Apresentação .....	8
1.1 Intenções deste trabalho.....	8
1.2 Interloquções primeiras.....	9
1.3 História Oral: breve retomada de princípios.....	10
1.4 História Oral e Educação Matemática: olhar metodológico.....	11
1.5 Sobre Narrativas .....	16
1.6 Olhares diferenciados, olhares próprios: autocrítica e crítica do método .	23
2. Depoimentos.....	26
2.1 DEPOIMENTO 1: .....	26
2.2 DEPOIMENTO 2 .....	39
2.3 DEPOIMENTO 3 .....	47
2.4 DEPOIMENTO 4 .....	58
2.5 DEPOIMENTO 5 .....	68
2.6 DEPOIMENTO 6 .....	86
2.7 DEPOIMENTO 7 .....	97
2.8 DEPOIMENTO 8 .....	107
2.9 DEPOIMENTO 9 .....	123
2.10 DEPOIMENTO 10 .....	133
2.11 DEPOIMENTO 11 .....	142
3. Uma narrativa sobre a constituição dos cursos de formação de professores em Goiás.....	155
4. Bibliografia.....	184
Anexos.....	188
Anexo A – Transcrição do recorte da página 168. ....	188
Anexo B – Transcrição dos recortes das páginas 169. ....	189
Anexo C – Apostila de Álgebra Linear do professor Juarez Milano .....	193
Anexo D – Cartas de cessão .....	196



## **1. Apresentação**

### **1.1 Intenções deste trabalho**

No Estado de Goiás, a partir da década de 1940, com a criação da nova capital, uma preocupação maior com o ensino e a formação de profissionais para a região começou a surgir. Até então, o aumento da população trazia consigo um aumento do contingente de estudantes e as escolas tinham, assim, que contar com o imprevisto de quem aceitava ministrar as aulas.

A formação de professores de Matemática constitui-se em base fundamental para a Educação Matemática, e investigar como se deu o processo de institucionalização da formação do professor de Matemática no Estado de Goiás é a proposta encampada por este trabalho que, essencialmente, buscou informações sobre as condições nas quais esses cursos começaram a funcionar, sobre o perfil dos primeiros discentes e docentes, sobre a estrutura física, sobre quais as principais motivações que desencadearam os processos, as demandas, as vivências; sobre quais eram, à época, os entornos políticos, educacionais, humanos. Tenta-se, enfim, caracterizar um cenário, contar uma versão histórica a partir da constituição de fontes – principalmente orais –, como possível contribuição à História da Educação Matemática Brasileira.

## 1.2 Interloquções primeiras

É importante declarar que, ainda de forma tímida, algumas pesquisas sobre o desenvolvimento da Educação em Goiás vêm sendo realizadas, mas as que se dedicam a observar o caminhar da Educação Matemática são incipientes. Sobre o campo “mais geral” – o da Educação em Goiás –, destacamos o livro do professor Genesco Ferreira Bretãs, intitulado *História da Instrução Pública em Goiás*, de 1991, que faz um relato sobre o desenvolvimento da escola pública no Estado a partir do estudo de documentos que remontam, segundo a própria divisão desta obra, ao Brasil Colônia, Império e República. Além desse, citamos a dissertação de mestrado de José Maria Baldino, *Ensino Superior em Goiás em Tempos de Euforia: da desordem aparente à expansão ocorrida na década de 80*, defendido também em 1991, e que já ilustra uma preocupação histórica com a criação e estruturação de entidades de ensino superior no Estado; e a pesquisa de doutorado de Zildete Inácio de Oliveira Martins, de 2002, com o título *História do Ensino Superior Privado em Goiás: a trajetória da Universidade Católica de Goiás (1954 – 1994)*.

Acerca da História da Educação Matemática em Goiás podemos citar um pequeno livro comemorativo publicado em 2004 pelos Institutos de Matemática e Estatística, Física e Informática da Universidade Federal de Goiás para celebrar os 40 anos de criação do precursor destes institutos: o Instituto de Matemática e Física (IMF). O volume – algo como um resgate de documentação antiga referente à história da Universidade – apresenta dados gerais da época da implantação do IMF, como o nome dos primeiros professores e funcionários; um texto elaborado pelo professor Juarez Milano à época das comemorações do aniversário de 23 anos do Instituto; além do *curriculum vitae* do professor Willie Alfredo Maurer, primeiro diretor do Instituto, e de ofícios assinados por ele enquanto ocupava tal cargo.

Outro esforço no sentido de compreender o ensino universitário no Estado de Goiás, enfatizando mais especificamente a criação de cursos de Matemática em Goiânia, é a dissertação de mestrado de Dagmar Guimarães Junqueira da Silva. Este trabalho<sup>1</sup> propõe-se a investigar a criação dos dois primeiros cursos superiores em Matemática da capital – o da Universidade Católica de Goiás (UCG), onde a autora era docente; e o da Universidade Federal de Goiás (UFG). A dissertação foi defendida em 2003 e tornou-se um grande referencial deste nosso trabalho por conta da similaridade com os objetivos de nossa

---

<sup>1</sup> SILVA, 2003.

investigação, ainda que possa ser encarada como um contraponto a nossa empreitada no que se refere à metodologia empregada tanto na coleta de dados quanto na sua apresentação: diante da escassez de fontes escritas, a autora afirma recorrer à História Oral ao usar entrevistas com personagens daquele contexto histórico para, segundo ela, “suprir a lacuna documental” (SILVA, 2003, p. 118). Apesar de considerar que os entrevistados, ao relatarem suas histórias de vida que serviram para nortear o trabalho, apresentavam lembranças ricas e cheias de meandros, possibilitando entender as “origens” dos cursos em estudo (Ibd, p.15), a autora apresenta apenas alguns trechos destas entrevistas – aqueles que confirmam assertivas pontuais suas –, não permitindo, assim, que os leitores conheçam essas memórias relatadas.

Em seu texto, inicialmente a autora apresenta, de forma resumida, uma retrospectiva histórica do início das universidades nas Idades Média e Moderna e da constituição dos primeiros cursos superiores no Brasil para, então, ater-se ao estudo das primeiras faculdades e universidades em Goiás, e iniciar uma discussão sobre os cursos de Matemática da UCG e UFG. Além das fontes orais, ela se apropria, entre outras coisas, de anuários, atas de reuniões e dados estatísticos para que estes corroborem com alguns tópicos que destaca, como o golpe militar de 1964 e suas implicações no cotidiano do Instituto de Matemática e Física da UFG; as reformas curriculares ocorridas no curso da Universidade Católica e as “finalidades” de cada um dos dois cursos à época de sua criação.

Cabe salientar que, graças à colaboração da professora Dagmar, fornecendo informações como referenciais bibliográficos e documentação coletada para sua própria pesquisa, pudemos, neste nosso trabalho, disponibilizar a entrevista feita com o professor José Miguel Pereira de Sousa, hoje já falecido.

### **1.3 História Oral: breve retomada de princípios**

Segundo julgamos, é essencial para a configuração de uma História da Educação Matemática Brasileira a descentralização do olhar, possibilitando compreensões diferenciadas, outras visões do ontem, para o hoje e a partir do hoje, além de promover a valorização das tradições e memórias, não apenas no meio acadêmico, mas também em uma sociedade desabituada ao resgate das práticas e das experiências dos mais velhos. Neste sentido, a metodologia da História Oral, em especial aquela praticada na Educação

Matemática pelos membros do GHOEM<sup>2</sup>, teve especial relevância ao construirmos nossa narrativa sobre a formação de professores no estado de Goiás.

Apesar da nomenclatura, a História Oral não se dedica exclusivamente à historiografia – muito tem sido produzido no campo da Sociologia, por exemplo. Portanto, segundo Garnica (2005), seria melhor nos referirmos a esta modalidade de investigação como “abordagem qualitativa de pesquisa que vincula oralidade e memória”. De qualquer modo, trabalhar com História Oral nos remete a uma visão mais ampla do conceito de História, desconfiando das metanarrativas (teológicas, eurocêntricas, científicas, ou que consideram a História como linear e progressiva) (JENKINS, 2005), adotando, por outro lado, a interdisciplinaridade e a noção de história-problema, história como construção e, assim, buscando uma compreensão “rizomática” de História, ou seja, permitindo várias entradas e saídas do seu interior, dependente de vidas e de circunstâncias, respeitando igualdades e diferenças, os deslocamentos e as margens (SOUZA, 2006) e preferindo a “história das verdades” ao invés de “ ‘A’ verdade da história”.

Feitas as sinalizações que demarcam – mesmo que brevemente – nosso posicionamento acerca da história e da historiografia<sup>3</sup>, partiremos para uma discussão dos procedimentos que foram utilizados no transcorrer de nossa investigação.

#### **1.4 História Oral e Educação Matemática: olhar metodológico**

Especificamente neste trabalho, após definidos, de modo geral, os princípios que norteariam o desenrolar da investigação, lançamo-nos à procura dos depoentes, atores daquele cenário para o qual se voltou nosso olhar. Estes não eram desconhecidos por completo: já eram cotados, por exemplo, por conta de informações de “bastidores” – pelo fato deste pesquisador ter estudado tanto na Universidade Federal de Goiás quanto na Universidade Católica de Goiás – ou por conta de leituras prévias realizadas para a elaboração do projeto, como as já citadas acima, que se tornaram guias na indicação de outros prováveis “colaboradores”. O primeiro contato com os depoentes era feito por telefone, e com a sua confirmação quanto à participação na pesquisa, isto é, com as entrevistas marcadas, partimos

---

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática ( [www.ghoem.com](http://www.ghoem.com) )

<sup>3</sup> Estas considerações sobre nossa concepção de história e sobre o uso da História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa são bastante breves dado que estão explicitadas e exercitadas em vários trabalhos anteriores publicados do nosso Grupo de Pesquisa, o GHOEM. Tais trabalhos têm sido divulgados em eventos, revistas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, por exemplo, estando também disponíveis, na íntegra, no sítio eletrônico do GHOEM. Nossos princípios metodológicos seguem em sincronia com esses trabalhos já realizados e, portanto, a eles remetemos o leitor que busca um detalhamento sobre essas nossas perspectivas.

para a elaboração do roteiro de questões que conduziriam os diálogos. Em nosso caso, as questões giravam em torno da implantação dos cursos superiores de Matemática e das cercanias dessa implantação. Isso, entretanto, não impediu conversas relativas ao cotidiano, à infância ou à juventude dos depoentes e sobre as reviravoltas ocorridas em suas vidas, o que permitiu, então, uma abertura maior do entrevistado, dando oportunidade ao entrevistador de conhecer mais um pouco da “história” daqueles sujeitos.

As entrevistas, que aconteceram ao longo de um ano, foram gravadas, em sua maioria, em equipamento digital, permitindo uma maior mobilidade daqueles arquivos e facilitando a próxima etapa da pesquisa: a transcrição (alteração do suporte magnético ou eletrônico da oralidade registrada no momento da entrevista) e a textualização (uma edição da transcrição que, tanto quanto possível, tenta manter explícito o “tom” do depoente e as interações ocorridas no diálogo entre ele e o pesquisador)<sup>4</sup>. Um momento especial no curso desta empreitada foi a realização da primeira entrevista, realizada com Genesco Ferreira Bretas, e o debruçar-se sobre ela para sua “edição”. O professor Bretas foi um historiador da Educação em Goiás que muito influenciou a confecção do projeto inicial dessa pesquisa, principalmente com suas obras *Memórias de um Botocudo* e *História da Instrução Pública em Goiás*, à qual já nos referimos. Apesar de reconhecido por sua familiaridade com nosso tema de investigação, sua idade já avançada trouxe algumas dificuldades aos processos de transcrição e textualização de sua entrevista. Além disso, a entrevista com o professor Bretas foi a primeira de uma série de encontros feitos para nossa pesquisa. Ademais, nossa falta de familiaridade com os processos relativos à coleta e registro de depoimentos, nesse caso, tornou essa situação específica – a entrevista e suas decorrências – mais turbulenta e demorada.

Carmem Aranha (2005) faz uma analogia entre a tarefa de transcrever e textualizar e a de restauração de obras de arte: o mais leve retocar pode comprometer um quadro, a mais leve alteração pode escamotear as cicatrizes do discurso. Ainda que cientes desta afirmação, nossa prática em relação ao depoimento do professor Bretas tornou-se exatamente um contra-exemplo do cuidado com o registro da oralidade: todas as cicatrizes do discurso do professor foram negligenciadas, retiradas, escondidas. O que se leu na primeira textualização foi um discurso coeso, curto, seguro, consistente, distante da situação “real” da entrevista.

---

<sup>4</sup> Embora a textualização tenha sido feita nesses termos em nosso trabalho, há casos em que o pesquisador prefere omitir as perguntas e/ou separar o discurso por tópicos e/ou, ainda, criar um texto literário próprio a partir da sua compreensão sobre o depoimento. Este último procedimento, chamado de transcrição, ainda que elabore estilisticamente o depoimento, não tem apenas essa função: ele permite ao pesquisador uma familiarização com o que foi dito, uma apropriação que visa à produção de significados.

Com a saúde fragilizada, o professor Bretas nos recebeu em sua casa onde estavam sua esposa, Da. Maria Adélia, e o enfermeiro Adlei, que participaram da conversa, preenchendo lacunas, ora acelerando a conversa, ora impedindo que ela ocorresse. Como contribuição para os trabalhos de História Oral, decidimos manter, neste estudo, duas versões da textualização: a primeira delas – retocada de modo radical, escondendo todas as cicatrizes do discurso e os imprevistos do momento, negligenciando totalmente o cuidado de manter, tanto quanto possível, o “tom” do depoente – e a segunda, elaborada depois de sessões de orientação e em um movimento em que o processo de textualização já nos era mais familiar.

Da entrevista com o professor Bretas resultaram não só as compreensões sobre a época da implantação dos cursos de Matemática e das primeiras universidades em Goiás, mas também essa possibilidade de contribuir para o que chamamos de “análise do método” – especificamente, nesse caso, uma contribuição às pesquisas e pesquisadores interessados, em História Oral, no processo de textualização. Além dessas contribuições, foi na entrevista com o professor Bretas e Da. Maria Adélia que surgiu à cena um nome que até então desconhecíamos: o do professor Egídio Turchi. Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás durante muitos anos, desde sua chegada em Goiânia no início da década de 1940, ele foi professor de Matemática em diversos colégios, mas, como muitos professores daquela época, sem uma formação específica.

Durante a entrevista, Egídio Turchi nos indicou Juarez Milano e Orlando Ferreira de Castro. Juarez Milano formou-se em Matemática no início da década de 1950, na cidade de São Paulo, lecionou em algumas instituições do interior paulista – como na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro e no Instituto Tecnológico da Aeronáutica de São José dos Campos – antes de aceitar um convite para ser professor do recém-criado Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal de Goiás (UFG), do qual também foi diretor durante vários anos, vivenciando lutas internas dentro do IMF, principalmente após o golpe militar de 1964. Orlando Ferreira de Castro formou-se em Engenharia pela Escola de Engenharia – que hoje pertence à UFG – e trabalhou junto com o professor Egídio na estruturação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da mesma Universidade para a criação de um curso de Matemática. Mas Orlando de Castro destaca-se, ainda antes disso, na luta pela criação da própria Escola de Engenharia – da qual foi aluno – e da Universidade Federal de Goiás.

Juarez Milano conduziu-nos aos professores Genésio Lima dos Reis e Valdir Vilmar da Silva. Ambos eram alunos do curso de Engenharia e decidiram transferir-se para a graduação em Matemática. Por terem sido alunos das primeiras turmas, participaram de

muitas transformações na estrutura do curso oferecido pela Universidade Federal, como quando da criação do mestrado em Matemática. Hoje estão aposentados e apenas o professor Genésio ainda trabalha na Universidade. O professor Valdir sugeriu que procurássemos Gabriel Roriz, primeiro diretor da Escola de Engenharia após sua federalização e um dos pivôs na criação daquele Instituto.

A entrevista com o professor José Afonso, aluno da primeira turma do curso de Matemática da Universidade Católica de Goiás – que se tornou professor deste mesmo curso antes mesmo de tê-lo concluído – ressalta, entre outras coisas, uma diferença de postura entre os alunos de 30, 40 anos atrás e os de hoje, além de nos fornecer dados importantes sobre as práticas de ensino vigentes em um tempo em que a escassez de profissionais especializados apresentava-se em todos os níveis de ensino. José Afonso, além disso, nos indicou Heloísa Sírio Simon, uma de suas primeiras alunas que, na década de 1980, participou como discente de um programa de pós-graduação oferecido pela Unicamp em parceria com a Organização dos Estados Americanos (OEA), tornando-se, assim, uma das primeiras goianas a se especializarem na área de ensino e aprendizagem de Matemática.

Muitos destes nossos depoentes se referiram à professora Zaira Melo da Cunha Varizo como tendo desempenhado papel fundamental para a formação de professores de Matemática no Estado. Ela, que estudou no Rio de Janeiro, enfrentou muitas resistências ao defender a idéia de uma licenciatura preocupada com a aprendizagem dos alunos, e relata-nos como esta resistência caminhou desde a década de 1960 quando chegou ao Estado.

Uma das entrevistas dentre as apresentadas neste nosso estudo não foi concedida para esta pesquisa: a do professor José Miguel Pereira de Sousa e sua esposa Kazue Yamagushi. Este depoimento foi coletado pelas professoras Dagmar Guimarães Junqueira da Silva e Maurides Batista de Macêdo Filha (ambas professoras da Universidade Católica de Goiás) para suas pesquisas de mestrado e de projeto acadêmico, respectivamente. A transcrição desta entrevista, realizada em 2003, nos foi cedida pela professora Dagmar, mas não está completa, e apenas alguns recortes dela foram incluídos nas pesquisas para as quais havia sido coletada. A sua textualização exigiu-nos um cuidado redobrado por diversos fatores: não estivemos presentes no momento da gravação, não conhecemos o professor José Miguel e a transcrição integral a que tivemos acesso não foi feita pelas pesquisadoras. Ainda assim, optamos por aproveitar esse registro que nunca antes tinha sido integralmente tornado público, e decidimos intervir muito pouco no texto original quando procedemos à textualização.

As dez entrevistas que realizamos ocorreram em um destacável clima de cordialidade e prestatividade por parte dos entrevistados. Todos os depoentes abriram as portas de suas

casas para contribuir com nossa pesquisa relembrando partes de suas vidas e de suas atuações profissionais envolvendo, principalmente, o início dos cursos da Matemática da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás. Alguns, como os professores Juarez Milano e Orlando Ferreira de Castro, além da própria gravação, nos cederam fotografias, anotações entre outros documentos.

A transcrição, a textualização e um CD com a gravação em áudio da entrevista foram devolvidos aos entrevistados para conferência permitindo, por parte deles, acréscimo ou censura ao que foi dito, eventualmente gerando uma nova textualização, formada, inclusive, pela discussão entre o pesquisador e o entrevistado a partir do primeiro registro. Feitos os acertos combinados, os depoentes/colaboradores autorizaram formalmente – por meio de uma carta de cessão – o uso, para fins acadêmicos, dos registros orais coletados e das suas textualizações, agora fontes históricas. Este é um aspecto característico da pesquisa que se vale desta metodologia e que a distingue de outras abordagens qualitativas de investigação: a constituição intencional de fontes. Este processo de conferência e cessão de direitos não aconteceu de forma homogênea: os professores Egídio Turchi e Valdir Silva, por exemplo, aceitaram assinar suas cartas de cessão antes mesmo da leitura das transcrições e textualizações, mas ainda assim, solicitamos a eles que verificassem os textos para confirmar a grafia de alguns nomes e para completarem trechos incompreensíveis das gravações. Outros, como Juarez Milano, Gabriel Roriz e José Afonso Rodrigues Alves foram bastante detalhistas em suas considerações. Eles, por exemplo, indicaram quando queriam suprimir alguns vícios de linguagem (como “né” e “tá”), censuraram algumas informações que poderiam constranger alguém – por não terem certeza de sua veracidade ou por tratarem de assuntos pessoais –, acrescentaram dados que não haviam sido mencionados no momento da entrevista (como referências bibliográficas, por exemplo) e ainda sugeriram alterações na construção das frases (ditas por eles mesmos e pelo entrevistador) para que o que havia sido dito ficasse mais claro no momento da leitura.

Os trabalhos que se valem da História Oral não precisam ficar vinculados somente aos depoimentos: outras fontes também podem ser consideradas. Nesse nosso trabalho consultamos jornais da época, atas de reuniões, folhetins informativos, fotos, outras pesquisas e publicações, como o leitor verificará na seqüência desse nosso trabalho.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> São exemplos dessas fontes adicionais: TRIGUEIRO (2007), a *Revista da Universidade Católica de Goiás* (2004), o *Jornal 4º Poder* (setembro de 1963), BRETAS (2001) e alguns documentos manuscritos e fotografias de acervos particulares. Algumas dessas fontes foram incluídas no trabalho, ora em quadros, ora imersas no corpo do texto, nos capítulos seguintes.



Na tentativa de fazer as “amarrações”, explicitando as compreensões obtidas a partir dos discursos, dos dados, das circunstâncias, de como as histórias de diferentes pessoas, em seus depoimentos, nos auxiliam a compreender perspectivas e configurar paisagens, apostamos na proposta de uma análise narrativa das narrativas, ou seja, segundo Bolívar (2002), a narração de uma trama temporal que re-significa os dados e enfatiza o seu caráter único, fugindo a uma generalização. Esta narrativa deve ser entendida como cerne de nossa investida. Todo o caminhar do trabalho, o levantamento de documentos, apreciação de leituras e, principalmente, a constituição dos depoimentos via entrevistas com alguns personagens de alguns episódios surgem como alicerces da construção dessa nossa interpretação sobre a institucionalização da formação de professores de matemática em Goiás.

### 1.5 Sobre Narrativas

Buscando tecer considerações sobre narrativa, historiografia e análise narrativa de depoimentos – posto que estes ingredientes são fundamentais ao modo como desenvolvemos este estudo –, iniciamos uma discussão afirmando que o ato de narrar está entre as faculdades humanas mais antigas e é instrumento importante de transmissão e preservação de heranças identitárias e de tradições, sob a forma de registro oral ou escrito, caracterizando-se, principalmente, pelo movimento peculiar de contar, transmitir com palavras as lembranças da memória no tempo.

Walter Benjamin, em um de seus ensaios mais famosos, datado de 1936, chamado *O Narrador*, expressa sua preocupação, àquela época, com o desaparecimento de uma “narração tradicional”. Nesta obra, Benjamin formula seu argumento a este respeito fazendo considerações sobre a obra do russo Nikolai Leskov (1831-1895) a quem definia como um autêntico narrador. O filósofo alemão explica que o ato de narrar está ligado a uma capacidade (aparentemente inalienável) de intercambiar experiências, sendo esta a característica principal da narrativa tradicional cujos primeiros mestres são representados pelos camponeses sedentários (conhecedores das histórias e tradições de seus países) e os marinheiros (que conhecem mais histórias a cada viagem). Entre as narrativas escritas, afirma ele, “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Todavia, em detrimento daquela forma transmissora de moral e sabedoria<sup>6</sup>, em que os relatos recorriam a algo miraculoso, permitindo

---

<sup>6</sup> Segundo o autor, a narrativa é entendida como um conselho tecido na substância viva da existência.

ao ouvinte (ou ao leitor) uma maior liberdade de interpretação da história e ampliando sensivelmente o episódio narrado e suas implicações, e em que tanto o narrador quanto o ouvinte incorporavam as coisas narradas à sua experiência, Benjamin constatava o surgimento de um modo de narração mais informativo, que procurava explicar os acontecimentos de forma racional e objetiva, algo pertinente ao modo de vida do cidadão moderno.

Outro ponto importante para a derrocada das narrativas tradicionais, de acordo com Benjamin, estaria ligado ao empobrecimento das experiências comunicáveis percebido, por exemplo, nos relatos dos que retornaram da I Guerra Mundial e eram registrados nos livros de maneira diferente de quando repassados boca a boca. Segundo Benjamin, o narrador ideal deveria estar ligado à figura mística do Justo da tradição judaica, cuja característica mais marcante é a do anonimato, e que deveria trabalhar como o trapeiro – o catador de lixo que surge apenas na escuridão da madrugada, nas grandes cidades modernas, para recolher cacos, restos, resíduos – movido tanto pela pobreza quanto pela idéia de nada deixar perder (GAGNEBIN, 2001, p. 89).

Do mesmo modo que o narrador, o cronista deveria estar ligado às camadas mais humildes do povo, mais artesanais, para construir sua própria experiência. Ambos – o cronista e o narrador – possuem a facilidade de trabalhar a matéria prima da experiência – a vida humana – transformando-a em produto sólido, útil e único (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Assim,

Poderíamos ir mais longe e perguntar se a historiografia não representa uma zona de indiferenciação criadora com relação a todas as formas épicas. Nesse caso a história escrita se relacionaria com as formas épicas como a luz branca com as cores do espectro. Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. E no amplo espectro da crônica, todas as maneiras em que uma história pode ser narrada se caracterizam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história. (BENJAMIN, 1994, p. 209)

O historiador, seguindo esta linha de raciocínio, deve explicar os episódios com os quais está tratando, não devendo caracterizá-los como modelos do mundo, deve incorporar as práticas do cronista, principalmente daqueles seus representantes clássicos (os cronistas medievais) que, segundo Benjamin, são os precursores da historiografia moderna: o historiador deve, portanto, promover o encontro dos fios históricos com os pequenos detalhes da vida cotidiana.

Na Idade Média, a História (*History* – entendida aqui como conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido) ainda era vista como um conjunto de histórias (*story*), crônicas, narrativas de

fatos que podiam, inclusive, ser lendários, realizados por grandes homens de um passado remoto, mas que, ainda assim, não se distinguia do período presente, no qual o cronista o rememorava. É nesse momento que se apresenta uma primeira divisão da História: sagrada e profana, de acordo com sua relação com a História Cristã, uma classificação, que seguiu até o século XVII quando os estudos históricos foram alocados na vizinhança da Retórica pelos humanistas do Renascimento (NUNES, 1988, p. 10).

Uma segunda partição da História deu-se no século XIX quando ficaram delineadas a História-arte e a História-ciência quando veio à cena o historiador profissional (ou o profissional chamado “historiador”). A História-arte pode ser definida como uma narrativa que recria acontecimentos como se fossem presentes e a partir do qual o historiador nos fornece imagens do passado, sendo necessário contar com uma “imaginação projetiva”, o que tornaria explicitas sua vivência e experiência como narrador, aproximando-o, portanto, de um artista. Por outro lado, para a História-ciência a narrativa como relação dos acontecimentos encadeados seria uma etapa preparatória de uma generalização indutiva, caminho para um verdadeiro conhecimento histórico. Para os adeptos desta linha, como aponta Pomian em Nunes (1988), aquela imaginação projetiva, ligada à vivência do historiador ficaria de lado dando espaço para as ordens da razão como garantia de uma objetividade, mas que no fim das contas, resultou em narrativas onde o encadeamento de acontecimentos (que pretendiam contar), ou em edições críticas de fontes.

Essas duas formas de se encarar a História, a da narrativa e a da pesquisa, a do historiador-escritor e a do historiador-pesquisador, teriam favorecido sua “passagem” para o campo das Ciências Sociais, o que acabou acarretando no abandono da narrativa dos melhores mestres, mais próximas do labor artístico, posto que a modernidade buscou a institucionalização do conhecimento histórico.

Mas se admitimos uma vinculação entre Ficção, Ciência e História, pensando esta última, de maneira simples, como a investigação, uma prática voltada ao registro de fatos sociais das civilizações recorrendo, segundo Nunes, a leis gerais das ciências, inclusive fazendo uso da Ficção – que por intermédio do romance ou do drama pode alcançar um nível de generalidade semelhante ao do pensamento científico –, então o caráter de Ciência conquistado pelo conhecimento histórico não deveria suprimir a base narrativa que mantém sua ligação com o ficcional.

Aprofundando-se ainda mais neste tema, Benedito Nunes propõe-se a responder três questões: como o tempo participa da teoria da narrativa? Como a narrativa entra na teoria da História? Como História e ficção se interceptam?

O tempo entra na Teoria da Narrativa pela porta larga do discurso e aí se elabora de acordo com a dinâmica do enredo. Mas como essa dinâmica está relacionada com a *compreensão narrativa*, por sua vez relacionada à sua inteligibilidade prática, o tempo entra por aquela porta do discurso, que é também a dos atos de linguagem, vindo da dimensão *intratemporal* da existência humana, conforme atesta a pré-compreensão da ação que a *mimesis* carrega para a obra. Daí a natureza circular do nexo recíproco entre *narratividade* e *temporalidade*: a articulação narrativa do tempo depende de uma experiência temporal prévia.

Respondendo à segunda questão, diremos que a narrativa entra na Teoria da História pela porta da inteligibilidade da *história (story)* – sua *aptidão para ser seguida*, que remonta, em última análise, à *pré-compreensão* da ação. Dessa maneira, estamos sempre dentro do mesmo círculo hermenêutico que circunscreve a temporalidade da História e da Ficção. Pois se o tempo de ambas é narrado (*temps raconté*), e também configurado, essa articulação da experiência temporal já se encontra esboçada no *mundo-da-vida*, onde duas espécies narrativas se enraízam.

O círculo se romperia – ou se agravaria? – com a *refiguração* do tempo pelo ato da leitura, extensivo à História. Ao ler uma obra historiográfica, as potências imaginativas da *figuração* tornam visível o passado. A imaginação se faz visionária: ‘o passado é o que eu teria visto, aquilo de que eu teria sido testemunha ocular, se estivesse estado lá, como o outro lado das coisas é aquele que eu veria se as percebesse de onde você as considera’ A leitura, portanto, *ficcionaliza* a História. Em contrapartida, a leitura *historiciza* a Ficção, na medida em que a voz narrativa situa no passado o mundo da obra.

É, pois, na refiguração do tempo que a narrativa histórica e a narrativa ficcional se interceptam, sem se confundirem. (NUNES, 1988, p. 34, itálicos do autor)

Dessa forma, pode-se considerar que as duas formas de conhecimento histórico – aquela da História-arte e a da História-ciência – complementam-se na base de um discurso narrativo comum que une também, como formas simbólicas, História e Ficção (NUNES, 1988, p. 34-35).

Com o advento da virada hermenêutica das Ciências Sociais, ocorrida na década de 1970, fundada em teóricos como Ricoeur, as experiências humanas e o mundo passaram a ser vistos como textos, o que promoveu a busca por diferentes instrumentos e estratégias metodológicas para lidar com estas novas leituras de mundo, inclusive por se possibilitar e sugerir interpretações, principalmente no que tangia às investigações biográficas (GARNICA, 2005, p. 89).

Considerar esta nova vertente implica, além da legitimação da coleta e análise de dados biográficos e narrativos enunciados por indivíduos particulares, a criação de uma auto-identidade ao contarmos nossas próprias histórias e reconhecermos a nós mesmos nessas narrativas. Independente de serem essas histórias verdadeiras ou falsas, tanto a ficção quanto a história verificável nos permitem uma identidade (RICOEUR apud LARROSA, 2001, p. 41).

Em busca desta identidade, e da salvação para sua cidade, os moradores de Javé, personagens do filme brasileiro *Narradores de Javé*, da diretora Eliane Caffé, percebem, na constituição de uma “história gloriosa” daquela comunidade a única forma de sensibilizar as autoridades e impedir a inundação da cidade pelo lago de uma usina. Esta história deveria ser

constituída a partir dos depoimentos dos moradores mais velhos e deveria contar com um detalhe fundamental para ter valor: deveria ser um “trabalho científico”. Entender as narrativas dos moradores daquela comunidade como forma de constituir-se seria, segundo as idéias de Bolívar (2002), aceitar a possibilidade de se inventar um novo eu a partir de uma nova identidade para cada um que conta sua versão: a identidade narrativa através da experiência estruturada em um relato, um “contar” que permite a constituição de um sentido àquele que narra, narrando a si mesmo ao narrar algo.

Assim, narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa historia ou uma historia da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retro-alimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo.

A compreensão de uma realidade, por qualquer tipo de análise, tendo em vista os relatos, as narrativas, apoiadas em visões de mundo, versões sobre um determinado acontecimento, hábitos e práticas, inclui (ou pode incluir) a compreensão dos modos de narrar do outro: os modos pelos quais o outro atribui significado às suas próprias experiências. Mas será que é realmente possível perceber as práticas e as experiências de um sujeito narrador? Ou ainda: prática e experiência se deixam narrar?

Preliminarmente, na tentativa de diferenciarmos prática de experiência, Jorge Larrosa é chamado à cena para explicitar algumas ressalvas em relação ao uso da palavra “experiência”. Ela não deve ser entendida, segundo este autor, como um modo de conhecimento inferior, ou considerada apenas como um ponto de partida para um conhecimento, ou ainda tomada como um empecilho para “um conhecimento verdadeiro” (LARROSA, 2005, p. 3). Com a intenção de legitimar a experiência, Larrosa aponta algumas precauções necessárias: primeiro devemos livrar a palavra experiência de sua conotação empírica, isto é, separá-la de “experimento”. Depois é preciso negar à experiência qualquer dogmatismo ou pretensão de autoridade e, também, diferenciar experiência de prática, pensando aquela “não a partir da ação, mas da paixão, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo do ponto de vista da paixão” (LARROSA, 2005, p. 4). Por fim, há que se evitar a tentação de fazer da experiência um conceito, bastando tomá-la como “um modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência além de

sua própria existência – corporal, finita, encarnada no tempo e no espaço – com outros.” (Ibid.)

A tarefa de captar as práticas e as experiências em relatos narrados (como por exemplo, o são os depoimentos coletados para as pesquisas que se valem da História Oral) configura-se mais complexa quando Larrosa se lança a estudar o tema em obras de Walter Benjamin, Imre Kertész e Giorgio Agamben. Larrosa explica que, para Kertész, a experiência é aquilo que acontece com alguém e que, ao acontecer, o forma ou o transforma, o constitui, fazendo-o ser como é, marcando seu modo de ser e configurando sua personalidade. Para Benjamin – como já foi afirmado anteriormente – o relato é a linguagem da experiência que se elabora na forma deste relato. E para Agamben, que fala da vida cotidiana em uma grande cidade, o século XX é caracterizado por um intensivo estabelecimento de procedimentos e dispositivos, que impossibilitaram a experiência, falsificaram-na ou permitiram que nos desligássemos de toda experiência (GARNICA, 2007, p. 60-61).

É importante afirmar, aqui, que no cerne dessa nossa discussão está a busca de uma compreensão a partir daquilo que chamamos de “uma análise possível a partir de narrativas”. E tal análise não será tomada como um julgamento de valor do outro a partir do que foi relatado, mas como um arrazoado das compreensões em uma trama de escuta atenta ao que foi dito sem fixar um cenário definitivo. A tentativa proposta é, face às várias versões apresentadas, trabalhar cada uma delas, já que são sempre lacunares, considerando-as como modos dos narradores se narrarem e constituírem suas verdades como sujeitos (GARNICA, 2007, p. 61), admitindo sempre uma distância – intransponível – entre o que é vivido e o que é narrado.

Afirmações de Carlos Vianna surgem como contraponto para uma reflexão:

O que desejo frisar é que tal distância NÃO DEPENDE da forma de narrar, mas PODE ser captada sobre análises sobre tais formas.

A pergunta é: como trocar experiências? Como capturar a experiência de um outro? [...] Aventuro-me a responder que NÃO é possível mudar as estruturas sociais sem mudar a narrativa. Benjamin nos dizia (e estava errado!) que o narrador estava em extinção, que as experiências deixavam de ser comunicáveis... Isso é uma forma de ver as coisas, que toma como referencial algo ‘fixo’: uma forma de narrar é ‘melhor’, ‘correta’, ‘propícia a trocar experiências’ etc. ao se atribuir ‘valor’ a uma forma de narrar, também atribuímos ‘valor’ a certas formas como, por exemplo, optamos por ‘narrar-sabedoria’ em detrimento do ‘narrar-informação’ tendo, como suposto ‘de fundo’ que ‘sabedoria’ é MELHOR que ‘informação’. Eu defendo que as formas de narrar mudam. Poderia até caracterizar as formas mais antigas como sendo ‘globais’, e as mais recentes como sendo ‘locais’, ou as mais antigas como sendo ‘centradas’, e as mais recentes como sendo ‘a-centradas’... e defenderia mais que isso: defendo que NARRAR é uma das maneiras importantes que temos – na nossa sociedade HOJE, e de um modo muito diferente em outras épocas – de nos constituir. E, um detalhe a mais: não há uma medida ‘comum’ que capte TUDO, mas sempre poderemos medir a diagonal do quadrado pelo seu lado, com a ‘aproximação que desejarmos’. Para mim, o grande exercício do trabalho com os depoimentos, as narrativas, as transcrições e as transcrições, é o exercício de tornar

explicitas (ou, de outra forma – menos ‘racional’ – SENSÍVEIS) essas ‘aproximações’, tanto as que desejamos, quanto aquelas das quais nem nos damos conta e entregamos à análise dos leitores (VIANNA apud GARNICA, 2007, p. 64-65, ênfases em maiúsculas do autor).

E com a intenção de proceder quanto à análise de narrativas, Bolívar (2002) nos sugere duas possibilidades, cada qual com suas especificidades:

O modo paradigmático de conhecer e pensar, de acordo com a tradição lógico-científica herdada, se expressa em um conjunto proposicional, normalmente normatizado por regras, máximas e princípios descritivos. Este modo paradigmático não se identifica exatamente com o positivismo, embora este seja parte daquele.[...]

Em contraste, o método narrativo é caracterizado por apresentar a experiência concreta humana como uma descrição das intenções, mediante uma seqüência de eventos em tempos e lugares, na qual os relatos biográfico-narrativos são os meios privilegiados de conhecimento e investigação. [...]

O método narrativo de conhecimento parte do princípio de que as ações humanas são únicas e irrepetíveis. Sua riqueza de matizes não pode, então, ser exibida em direções, categorias ou proposições abertas. Se o procedimento paradigmático se expressa por conceitos, o narrativo o faz por descrições anedóticas de incidentes particulares na forma de relatos que permitem compreender como os humanos dão sentido ao que fazem (BOLIVAR, 2002, p. 47-48).

Ainda segundo este autor, nos trabalhos quantitativos as categorias a serem analisadas são assinaladas previamente, e nos desenhos qualitativos é enfatizada a geração indutiva das categorias permitindo configurar uma classificação dos dados obtidos. Este último processo recorre a uma interação recursiva entre os dados e as definições categoriais mediante uma produção de classificações, organizando os dados de acordo com um conjunto específico e seletivo de dimensões comuns (BOLIVAR, 2002, p. 50). Logo, neste aspecto, não diferem muito das análises quantitativas, mas fazem com que as categorias surjam dos dados. A análise paradigmática de dados narrativos consiste, portanto, em um estudo de narrativas categorizando-as para se chegar a generalizações do grupo estudado buscando em suas narrativas temas comuns.

No caso de uma análise narrativa (de narrativas), a ênfase está na consideração de casos particulares e o produto desta análise aparece como uma nova narrativa, a explicitação de uma trama ou de argumentos que tornem os dados significativos, não em busca de elementos comuns, mas no destaque do que é singular e que, em suma, não aspira à generalização. O papel do investigador, neste tipo de análise, é configurar os elementos dos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular a voz de cada narrador (ou depoente). A trama pode estar construída de forma temporal ou temática, mas o importante é que possibilite a compreensão do porquê algo aconteceu. Aqui, a proposta é a de revelar o caráter único de

um caso individual e proporcionar uma compreensão de sua complexidade particular ou de sua idiosincrasia (BOLIVAR, 2002, p. 52).

O que pretendemos tecer, a partir dos depoimentos e de outras fontes que coletamos para esta investigação, foi uma narrativa sobre a constituição dos cursos formadores de professores de Matemática em Goiás. Em suma, o que apresentamos após os depoimentos, tenta ser, a seu modo, não uma análise, por exemplo, narratológica – onde as narrativas estudadas são tomadas como objetos lingüísticos<sup>7</sup> –, mas uma análise narrativa de narrativas, mais uma forma (legítima) de elaborar compreensões acerca da(s) história(s).

## **1.6 Olhares diferenciados, olhares próprios: autocrítica e crítica do método**

A presente investigação apresenta, portanto, já no próximo capítulo, a narrativa que exprime nossa versão sobre a institucionalização da formação de professores de matemática em Goiás, elaborada, principalmente, a partir das narrativas produzidas por depoentes envolvidos na criação dos primeiros cursos superiores de matemática daquele Estado. Esta narrativa foi construída primeiramente na forma oral (“contamos”, a nós mesmos, frente a um gravador, a história que queríamos contar a partir das histórias que tínhamos ouvido dos nossos depoentes), tentando abarcar os pontos que mais nos chamaram a atenção nas nossas fontes (os depoimentos e outros textos). A transcrição desta nossa narrativa foi, então, sendo lapidada quanto ao estilo da linguagem, e passou a receber o adendo de figuras, recortes de jornal e outros textos que complementam as informações, detalhando-as ou agindo como pontos de fuga, criando e ocupando espaços para “ver” melhor e, com isso, arrematar a versão que pretendemos contar.

Os depoimentos (as narrativas de nossos colaboradores) têm, assim, espaço destacado neste trabalho. Optamos por apresentá-los, na íntegra, após essa primeira narrativa (“nossa” narrativa), em uma seqüência cronológica a partir dos elementos narrados: as que se referem a um período mais distante do nosso aparecem primeiro. À exceção do depoimento do professor José Miguel Pereira de Souza, todos os outros contam com uma fotografia do entrevistado capturada por nós.

---

<sup>7</sup> Reuter (2002) afirma que a análise narratológica (ou interna) possui, além desta característica de tomar as narrativas fechadas em si, independentemente de sua produção e recepção, também a particularidade de entender que as narrativas, para além de sua aparente diversidade, apresentam formas de base e princípios de composição comuns que constituem o objeto de pesquisa da narratologia como teoria da narrativa.



Entendemos que nosso esforço traz contribuições à História da Educação Matemática e, em particular, à História da Educação em Goiás, à medida que, diferentemente de trabalhos já disponíveis – talvez por valer-se de um método diferenciado, ao qual um grupo de pesquisa vem se dedicando de modo coeso – podemos contar uma história “nova”, baseada em vivências, desejos, frustrações, embates políticos em diversas instâncias, preconceitos, esforços e não apenas fincada em datas e nomes. Tentamos escrever, aqui, uma história que foge ao dualismo das situações causa-conseqüência, sem tentar explicar o que não deveria/poderia ser explicado, sem interpretar linearmente as vidas das pessoas.

Apontamos que os cursos estudados (o da Universidade Católica e o da Universidade Federal) sofreram bastante influência de outras instituições (como o ITA e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro), por parte tanto dos docentes que de lá chegavam quanto de programas que visavam à formação de docentes – caso da CADES e do PROMULMEC<sup>8</sup>; discutimos o processo de departamentalização das universidades como uma forma de estriamento do espaço, inspirados em Deleuze e Guattari (2005)<sup>9</sup>; e disponibilizamos fontes para outras pesquisas ao apresentarmos as textualizações das entrevistas com envolvidos em vários níveis da Educação e da Educação Matemática (cujas experiências remontam à década de 1940), que tratam de temas como a atuação de docentes “não formados”, a progressão escolar sendo feita por leigos, as práticas de que se valiam os alunos para contornar a falta de infra-estrutura dos institutos, departamentos e faculdades no seu início, o regime da ditadura, a idiossincrasia entre alunos da licenciatura e os de bacharelado em Matemática, entre outros.

Destacamos, ainda, algumas contribuições metodológicas às pesquisas em História Oral na Educação Matemática, principalmente aos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática citando, em princípio, o uso que fizemos de uma entrevista/depoimento que havia sido coletada para outra pesquisa (externa ao Grupo), a saber, a do professor José Miguel, falecido em 2003. Essa iniciativa amplia os alcances do tratamento narrativo às narrativas, amplia o escopo dos procedimentos que o GHOEM tem utilizado em seus trabalhos. Outro aspecto que julgamos adequado ressaltar liga-se à concepção de que uma pesquisa deve ser compreendida como movimento, e está exemplificada na apresentação das duas textualizações que fizemos a uma mesma entrevista, aquela do professor Genesco Ferreira Bretas. Esses dois textos são a primeira e a última

---

<sup>8</sup> Respectivamente Campanha de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário e Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Ciências.

<sup>9</sup> Ainda que estes autores não nos serviram como fundamentação teórica, “estritu sensu”.

textualização por nós realizadas para este trabalho e ilustram um amadurecimento – sempre inacabado – que, talvez, possa ser comparado àquele do artista na composição e restauração de obras de arte<sup>10</sup>. É a evolução de um texto que, por um lado, escondia o depoente esquecido, debilitado, decepcionado com a falta de memória e, por outro, era uma conversa conduzida por um entrevistador prolixo sem muito a fazer diante da ação do tempo que apontava claramente o caminho do qual dificilmente escapamos. Manter ambas as textualizações foi, assim, uma opção consciente, uma estratégia pedagógica, de análise metodológica crítica, que pode contribuir significativamente com aqueles que se lançarem à tarefa de textualizar.

Esta pesquisa, ainda, dá passos na direção da constituição de um mapa da formação de professores de matemática no Brasil, objetivo de um dos projetos de pesquisa do GHOM, que já dispõe de trabalhos enfocando a formação de professores, políticas educacionais, educação matemática rural e Escolas Técnicas Agrícolas no Estado de São Paulo, a educação matemática nas escolas “alemãs” de Santa Catarina, a constituição, a atuação e a identidade de Grupos de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática. Assim, pensamos que esta nossa iniciativa possibilita ampliar o quadro de referências criado com as atividades desenvolvidas pelo Grupo no sentido de compreender melhor a movimentação da Educação Matemática e seus entornos, ao longo dos anos, no país.

A esta “Apresentação”, seguem os depoimentos coletados que nos serviram de matéria prima para a elaboração da narrativa que é apresentada no capítulo seguinte. Finalmente, apresentamos a listagem bibliográfica e nos “Anexos” o leitor interessado encontrará as transcrições de dois recortes de jornais apresentados, na forma digitalizada, no corpo da narrativa constituída, e cópias da capa, índice e apresentação de uma apostila de Álgebra Linear citada por Juarez Milano em sua entrevista – e por ele gentilmente cedidas –, e as autorizações para a publicação das entrevistas.

---

<sup>10</sup> ARANHA, 2006.

## 2. Depoimentos

### 2.1 DEPOIMENTO 1:

#### Genesco Ferreira Bretas E Dona Maria Adélia Batista Bretas



Dona Maria Adélia e o professor Genesco Ferreira Bretas (Fonte: Acervo nosso, 22/02/2006)

#### [Primeira Textualização]

F: Do que o senhor se recorda da implantação das Universidades Católica e Federal de Goiás?

M: Você trabalhou para isso, não é Bretas? Inclusive no caso da Católica, que veio depois da Universidade Federal, foi “professor fundador”.

B: De fato, eu estava à frente de todo aquele processo e me lembro bem do nome do professor Egídio Turchi e do professor Colemar<sup>11</sup>. Mas acho que a Universidade Católica surgiu antes da Federal. Não sei bem, a memória está embaralhada, mas a Faculdade de Filosofia foi a primeira a ser fundada nas duas Universidades.

M: O professor Egídio pode te ajudar muito. Com ele você pode conseguir informações. Ele e a esposa, Dona Celenita, foram professores da UFG, agora as filhas deles são docentes lá. Ele é formado em Letras, mas deu aulas de Matemática por muito tempo, no início de Goiânia. Ele irá te receber muito bem, pode ir tranquilo.

B: Sempre que se fundava um colégio na capital, ele era convidado a dar aulas ali. Ele é uma pessoa excepcional! Mas eu participei de tudo porque eu tinha feito o curso de Filosofia Ciências e Letras no Rio de Janeiro, onde fui morar depois que saí de Caldas Novas. E, por isso, fui aproveitado na orientação de todo o processo.

F: Como era o ensino no seu tempo de garoto?

B: Ando muito ruim pra relatar essas coisas... mas naquele tempo os estudos eram quase sempre feitos por autodidatas. Eu mesmo só tinha os livros, nada de professor. Não podia pagá-los. A escola pública não existia. Apenas cursos primários em escolas instituídas pela contratação de professores avulsos por famílias buscando instrução para seus filhos. Meu pai mesmo foi de uma destas escolas.

Lá no Rio fiquei por 10 anos e também fiz o curso de Madureza que funcionava assim: requeríamos exames de uma determinada matéria no início do ano (em fevereiro). De Língua Portuguesa, por exemplo, ia lá, fazia e era aprovado ou não. Pegávamos então os certificados de aprovação em Português, Inglês, Latim, e assim por diante. Eu sempre fui mais forte em Línguas, enquanto em Ciências eu precisava estudar mais um pouco, mas sempre como autodidata, usando os livros que conseguia, por exemplo, na Biblioteca Nacional.

F: Quando o senhor chegou em Goiânia, o que viu por aqui?

B: Era um começo de cidade. Traçavam as ruas e vinham as patrôas para que elas surgissem. Ninguém acreditava que a cidade pudesse progredir tanto.

M: Era tudo mato. Morávamos em ruas sem asfalto. O Setor Sul era mato. O Dr. Pedro<sup>12</sup> dava um lote se você se comprometesse em construir imediatamente. Era só ir lá em um departamento da prefeitura e pedir. Mas ninguém queria. Eu morava na Rua 6 e o Bretas veio do Rio para morar, no início, na Rua 7... Ou foi no Grande Hotel? Sabe que essa é uma coisa que eu não sei a respeito da vida do Bretas? E olha que já fizemos mais de 60 anos de casados...

B: É, 65 anos. Mas quando eu vim do Rio de Janeiro, eu morei em uma pensão, um lugar muito modesto, nunca morei no Grande Hotel. Mas não me lembro onde era a pensão. A memória agora não está me ajudando...

M: Eu sei que você morou na Rua 7, num sobradinho que ainda existe hoje, no tempo em que éramos noivos. Quando casamos fomos para a Rua 71 e depois para a Rua 3. Tudo aqui no Centro.

---

<sup>11</sup> Colemar Natal e Silva, primeiro reitor da Universidade Federal de Goiás.

<sup>12</sup> Pedro Ludovico Teixeira, primeiro prefeito de Goiânia.

É muito engraçado lembrar de uma vez que o Oscarito veio a Goiânia. O Bretas foi professor dele e ele disse que quando chegasse aqui queria rever seu velho mestre. Então o *O Popular*<sup>13</sup> localizou o Bretas que não quis levar o Oscarito para conhecer nossa casa apesar da insistência do visitante.

B: É que morávamos num lugar mal-cheiroso, nos fundos de um restaurante que matava os animais para o preparo dos pratos (pequenas aves, coelhos, peixes) e jogava os restos e miúdos por ali mesmo. Faziam isto com os restos de comida também. E eu não queria que ele visse aquilo.

M: O Bretas ficou rodando com ele no carro e não o levou em casa. Eu fui conhecê-lo apenas à noite, no teatro. Mas uma segunda vez que o Oscarito veio a Goiânia nós já tínhamos uma casa melhor e oferecemos para ele e a esposa um churrasco. Era um casal muito simpático. E as crianças adoravam quando ele fazia aqueles trejeitos todos.

B: Historicamente eu teria muita coisa para colaborar, mas a memória não ajuda mais. Perco o fio da meada.

M: A memória dele não está boa mesmo, mas acho que o professor Egídio vai poder colaborar muito com você. Talvez também o professor Mesquita. Mas ele foi apenas professor de segundo grau, e acho que não foi de Matemática. Tem ainda o professor Joel Ulhoa, que foi até reitor da Universidade por quatro anos. Eu já fui do Instituto de Educação da UEG (Universidade Estadual de Goiás) onde o Bretas também foi diretor. Ele ainda foi diretor no Liceu e trabalhou na Faculdade de Educação da Federal. Mas a memória dele já não está boa mais.

B: O professor Egídio é descendente de italianos. Ele foi seminarista e também chegou aqui no início da cidade. É uma pena: como se vê estou com a memória muito ruim, mas sempre a sua disposição.

### [Segunda Textualização]

Fernando: O que o senhor pode me dizer sobre a implantação das Universidades Católica e Federal de Goiás? Da UEG o senhor relata bem no livro, os decretos federais para a instalação da UEG... Mas e sobre as Universidades Católica e Federal? Eu estou mais interessado nessas duas por conta de que lá surgiram os primeiros cursos de Matemática, aqui do Estado, para formar professores de Matemática... Do que o senhor se lembra da instauração destas Universidades?

Bretas: [...]

Maria Adélia: Você trabalhou para isso, não é Bretas?

B: Na verdade eu estava sempre à frente de todas estas transformações, e...

M: Você trabalhou para a fundação das Universidades, da Católica foi professor fundador.

---

<sup>13</sup> Jornal ainda hoje existente em Goiânia.

B: Participei da fundação e da organização...

F: Tanto da Católica quanto da Federal? O senhor foi professor das duas?

M: A federal foi primeiro, né? A Federal foi primeiro.

B: Não, a Católica foi primeiro! Eu acho que foi primeiro

M: Foi primeiro?

B: Eu não sei bem se foi primeiro...

M: Não, a Federal foi primeiro!

F: O senhor se lembra de alguns nomes de professores que estavam juntos com o senhor nestas empreitadas?

B: Eu me lembro bem do professor Egídio<sup>14</sup>...do professor...

M: Do Colemar<sup>15</sup>, não é Bretas?

B: Do professor Colemar.

M: No início, se juntaram todos os elementos de Goiás para a elite da Universidade.

B: A memória embaralha tudo...

F: Com relação a esse professor Egídio...

M: É com ele que você vai pegar aquilo que você deseja pegar com o Bretas, é com ele que você vai pegar.

B: Nos assuntos de Matemática ele estava sempre na frente. Ele era professor de matemática dos colégios daqui: Dom Bosco, Santo Agostinho, Liceu...

M: E as filhas dele hoje são todas professoras... tem de medicina, tem... todas são professoras.

F: Ele estava presente também no início destas duas Universidades?

M: O professor Egídio sim! Eu acho que com o Bretas aqui você não vai conseguir render muito, porque a memória dele não está dando... Agora, com o professor Egídio sim, porque tanto ele como a Dona Celenita são professores da Universidade, são aposentados da Universidade Federal e ele também da Católica.

F: Ele é professor de Matemática, e ela também?

---

<sup>14</sup> Egídio Turchi

<sup>15</sup> Colemar Natal e Silva, primeiro reitor da Universidade Federal de Goiás.

M: Não, ela é de Letras. E os filhos todos estudaram lá na Universidade, as quatro filhas deles são formadas por lá e todas elas exercem a profissão na Universidade. Tem uma que é coordenadora... Minha filha está estudando para fazer doutorado, está na França. E quem é orientadora dela é uma filha do professor Egídio: professora Zaira<sup>16</sup> que é filha do professor Egídio... Com ele você vai conseguir muita coisa porque além dele e da Dona Celenita, tem as filhas... a professora Zaira ainda exerce a profissão. Tem a outra que é da medicina... Eu sei que todas elas estão aí nesse time de professores. De modo que com o Bretas eu acredito que... você vê que a memória dele não ajuda mais. Uma experiência muito grande mas... Do professor Egídio tenho o telefone aqui na agenda... eu mesmo posso ligar. Ele vai te receber muito bem, pode ir tranquilo...

B: Ele é uma pessoa excepcional.

M: Muito alegre. Ainda ontem eu estive com ele lá na missa da Doutora Genesi.

B: Como é que está ele?

M: Ih, muito bem. Ele e a Celenita.

B: Ele é bem mais novo do que eu...

M: Ele mandou um abraço pra você, pra todo mundo. Eu acho que com ele teria mais indícios.

F: Sim, eu vou procurá-lo. E o senhor, professor Bretas, se lembra de alguma coisa do seu tempo de escola? Quando estudava Matemática, lá em Caldas, ou lá em Anápolis mesmo, alguma coisa dos seus professores de Matemática, como eles eram, como eles atuavam...

B: Naquele tempo os estudos eram quase sempre...

M: Um professor só pra dar tudo, né?

B: ... o universal.

M: Você aceita um cafezinho? Um suco? Tem um suco aí muito bom

B: Ando ruim para relatar as coisas... ruim ruim mesmo... perco o fio da meada... Mas naquele tempo, os estudos eram quase sempre feitos por autodidatas. Eu mesmo estudava nos livros, não tinha professores. Eu fiz todo meu curso de Madureza sem professores. Eu não tinha professores, primeiro porque não podia pagar, custear professores particulares, segundo porque... agora o segundo eu já me perco...

F: A escola pública era...

B: Não, não existia escola pública, não, aquilo era curso de escola primária, só existia isso. Meu pai mesmo foi desta escola. Os professores eram ajustados por pais de família que, desejando que os filhos progredissem... tivessem algum estudo, incitavam... insistiam com

---

<sup>16</sup> Maria Zaira Turchi

meu pai e outras pessoas que tivessem algumas luzes, para ensinar a seus filhos. De maneira que não existiam cursos, nada disso, eram professores avulsos...

M: Vamos ver se você consegue arrancar alguma coisa do Bretas

[Dona Celenita deixa a sala]

F: Só voltando naquele assunto da institucionalização, da construção da Católica, da Federal, da formação dessas Universidades...

B: É, eu participei de tudo isso. Primeiro porque eu tinha feito no Rio de Janeiro o curso de Filosofia, curso de Letras. Mas foi Letras que me ajudou muito ao vir para Goiás. Eu fui o orientador, por assim dizer, a figura principal desses movimentos no Estado de Goiás.

F: Uma Faculdade de Filosofia começou por aqui no final da década de quarenta, né? Acho que foi até um pouquinho antes... O senhor voltou para Goiânia em 43?

B: 42, 43...

F: Com relação a esses cursos que estavam sendo montados nessas duas Universidades, como é que o senhor pode falar... é possível fazer uma comparação entre os cursos que tavam sendo montados aqui com os do Rio de Janeiro, por exemplo?

B: É, lá eu estive 10 anos. Lá eu fiz o curso de Madureza...  
Um momento ai que eu preciso recordar para pegar o fio da meada...

F: Depois do curso de Madureza, o senhor fez o curso de Filosofia lá no Rio mesmo?

B: Lá no Rio de Janeiro. Lá eu fiz o Madureza. No Madureza não eram cursos avulsos. A gente requeria exames no princípio do ano, em janeiro, fevereiro. A gente requeria exames do Madureza. E era aprovado ou não... Tinha esses cursos e quando era aprovado numa matéria, aquela matéria já estava liquidada. Por exemplo, Português... era aprovado no terceiro ano no curso de Madureza.

F: Mas e o curso de Filosofia? É possível fazer uma comparação entre o curso de Filosofia que o senhor fez com os cursos que estavam sendo construídos aqui, como é que eram os professores daqui em relação aos de lá, ou só como eram os professores das universidades daqui? De onde eles vinham? Qual que era a formação delas? O que o senhor se lembra dessa... Inclusive o senhor foi um dos professores, né? Tanto da Católica quanto da Federal?

Adlei:<sup>17</sup> Lá no Rio de Janeiro, o senhor fez Filosofia, num fez? Um dos cursos que o senhor fez.

B: Fiz!

A: Vindo de lá pra cá, ele quer saber da seguinte forma, professor: como que o senhor compara o cursos que o senhor fez no Rio, com os professores daqui, como era a metodologia de ensino entre o de lá com o daqui?

---

<sup>17</sup> Enfermeiro do professor Bretas presente no momento da entrevista.



F: É... como era o curso aqui?

B: Não existia o curso... ou existiam, mas eram de pequena duração. Porque eu mesmo freqüentei foi uma escola de preparatórios, que até acho que se chamava preparatórios...

F: Como se ganhasse um certificado de aprovação no que hoje é o ensino médio?

B: É, pegava um certificado de aprovação, de Português, de Francês, de Inglês, de Latim, e assim... Eu era mais forte em Línguas. Já Ciências eu precisava de estudar para poder ser aprovado, tinha que estudar como autodidata, eu e os livros, porque eu não tive professor do curso secundário, nenhum professor de curso secundário. Eu estudava como um autodidata e ai fazia aqueles exames...

F: No Rio, o senhor estudava onde? Biblioteca? Com quem o senhor conseguia os livros?

B: Eu conseguia livros na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Lá é que eu conseguia estudar, pegar livros, ler e estudar.

F: Isso para se preparar para o Madureza... E o curso de Filosofia?

B: O Curso de Filosofia eu fiz já na faculdade, na... faculdade... Tô ruim mesmo... Tô acabado...

F: Imagina... Mas eu tinha uma questão aqui que eu queria inclusive contar com a Maria Adélia, seria: numa pesquisa como essa que eu estou fazendo, sobre história da formação do professor de Matemática, e inclusive vocês já até me responderam uma parte dela, o que que o senhor sugeriria que eu pesquisasse? O que o senhor acha que é interessante, que seria essencial, que seria importante para eu buscar nesse trabalho?

B: [...]

[Dona Maria Adélia retorna à sala]

F: Dona Maria Adélia, essa é uma questão aqui que inclusive vou perguntar para a senhora também que trabalhou com Educação. Trabalhou no IEG, Instituto de Educação de Goiás, ligado à Universidade Estadual de Goiás, não foi? Então, numa pesquisa como essa que eu estou fazendo (vocês já me deram uma resposta que foi o encaminhamento pro professor Egídio) que coisas seriam importantes considerar, que seriam interessantes, que seriam essenciais, que sugestões vocês poderiam dar para uma pesquisa como essa que olha para formação de professores, no caso, de matemática? O que, na opinião de vocês, seria importante abordar?

M: Aprofundar mais, Bretas?

B: Hum...

M: Não né?

F: Em que pontos?

B: Minha memória não está me ajudando, sabe?

M: A memória não está ajudando não?

B: Não.

F: Que fatos curiosos vocês poderiam identificar com relação à formação das Universidades Católica e da Universidade Federal? Que coisas interessantes, assim, que aconteceram que vocês poderiam destacar? Ou que eu não poderia deixar de mencionar nessa pesquisa? Na opinião de vocês o que seria interessante?

M: É que aí para você era só no caso da Matemática, né?

F: É, de um modo geral, podemos falar da Universidade Católica e da Federal. Mas eu vou dar um enfoque maior pros cursos de Matemática...

M: É o seu gosto, Matemática?

F: É, seria um foco principal.

M: Eu tenho dois engenheiros, apaixonados por Matemática também. Tem um que é o Antônio. Nossa... na Matemática ninguém passa ele! Fez na UnB.

F: Fez na UnB?

M: Mais vivência tem ele (Bretas)... Eu tenho curso médio. Eu fui lá do Instituto de Educação. Lá é formação de professores primários. Trabalhei lá, fui diretora 9 anos. Falei: "Já tô cansada!". (Risos). Mas foi muito bom...

F: O senhor Bretas também foi diretor lá, não é?

M: Foi diretor no Instituto, no Liceu e trabalhou mais na parte da Faculdade de Educação da Federal.

F: O que o senhor se lembra, também, de mais curioso ou de mais interessante... como era o estado de Goiás há 40, 50 anos atrás? O que ficou marcado na sua memória nessa época em que estavam surgindo essas duas grandes Universidades? O que ficou marcado? Como era a cidade?

M: A gente morava numa rua sem asfalto, sem nada!

B: Era um começo de cidade. Traçavam as ruas, aí vinham as patrulas e então aparecia...

M: Era mato aqui! O Setor Sul<sup>18</sup> era mato! O Dr. Pedro<sup>19</sup> dava o lote para quem quisesse construir de Imediato aqui. Mas ninguém queria. O Setor Sul não saía do lugar.

B: Ninguém acreditava que a cidade pudesse progredir como progrediu.

---

<sup>18</sup> Hoje bairro bastante valorizado em Goiânia.

<sup>19</sup> Pedro Ludovico Teixeira, fundador de Goiânia.

M: Davam um lote se você fosse lá no... departamento? Aquele de lotes. Ele dava um lote, mas você tinha que se comprometer a começar construir logo. Ai recebia de graça o documento. Ninguém queria, ninguém!

F: Quando vocês vieram para Goiânia na década de quarenta, moravam aonde?

M: Eu morava em Itaberaí<sup>20</sup>, cidade aqui do interior de Goiás mesmo. E ele veio do Rio.

F: Tinha vindo do Rio. Mas aqui em Goiânia moravam onde? Que lugar aqui da cidade?

M: Ele Morava na Rua 7, né?

F: Aqui no centro?

M: É.

B: Não... não foi.

M: Onde você morava? Era na rua 7... e eu morava na 6. Não nos conhecíamos, não conhecíamos nada...(risos) Fizemos agora 60 anos de casados.

B: Sessenta e cinco.

M: É!... Você morou na 7, né? Quando você veio do Rio, pra onde é que você veio? Foi pro Grande Hotel?

B: Não... Nunca morei no Grande Hotel. Quando eu vim do Rio a cidade de Goiânia já estava em começo... Eu morava numa pensão... era um lugar modesto...

M: Onde era a pensão? Qual era a pensão que você morou?

B: Ah, isso eu não me lembro, não.

M: Ce sabe que é até um ponto que eu não tenho conhecimento seu é sobre quando você veio do Rio, onde que você foi morar... Engraçado, nunca perguntei, nunca...

B: É, é que a memória agora não tá me ajudando.

M: Eu sei que você morava na Rua 7, num sobradinho que até hoje existe.

B: Na Rua 7 sim, eu morei na Rua 7.

M: Quando nos casamos fomos morar na 71, na Rua 71. Numa casinha “de caixote”. Moramos lá 3 anos. Depois moramos na Rua 3, numa viela. Até foi muito interessante... o Oscarito<sup>21</sup> – você já ouviu falar nele? – o Bretas foi professor dele lá no Rio. E quando ele veio aqui pela primeira vez, ele anunciou no jornal que desejava ver o velho professor dele que ele sabia que morava aqui. Então *O Popular*<sup>22</sup> o localizou. O Oscarito aqui foi muito

<sup>20</sup> A 90 Km de Goiânia

<sup>21</sup> Oscar Lorenzo Jacinto de la Imaculada Concepción Teresa Dias (1906 – 1970).

<sup>22</sup> Jornal ainda hoje distribuído na capital do Estado de Goiás

cortejado, era a primeira vez que vinha, então o *O Popular* procurou o Bretas que colocou o Oscarito no carro e saiu rodando, e o Oscarito sempre falava para ele: “- Eu quero conhecer a sua casa! (risos) Eu quero conhecer a sua esposa!”. E como nos morávamos numa rua tão ruim, num fundo de quintal...

B: Eu evitei essa visita! Eu me envergonhava...

M: Era no fundo do restaurante Luzipa. E aquele restaurante fazia muito peixe, muita coisa, sabe? Eles jogavam restos de comida no fundo, sabe? E a nossa casa ali.

B: Miúdos de peixe e tudo mais... miúdos de pequenos animais.

M: Um mal-cheiro danado! (risos)

B: Porque eles tinham um restaurante, eles próprios sacrificavam os animais, coelho...Os miúdos, tudo, jogava lá na rua. Então aquilo era uma rua mal cheirosa!

M: E o Oscarito rodando com ele: “- Mas eu quero ir. Vamos reservar um tempinho pra eu ir lá na sua casa.” (risos) Ai eu fui conhecê-lo só a noite no teatro. Mas ele fez uma festa... Ai ele veio uma segunda vez em Goiás, e nessa segunda vez nós já tínhamos casa e tudo e convidamos ele para um churrasco em casa, ele e a esposa, uma loira. Muito simpático esse casal, alegre. Ele fazia aqueles trejeitos dele pros meninos, né? E a meninada achava bom...

F: É eu acho que conseguimos passar por todas as questões aqui

B: Eu historicamente teria muita coisa para relatar pro senhor, mas a memória não ajuda mais.

M: Ô Bretas, o professor Mesquita foi da universidade? Não né? Ele foi só professor do segundo grau, né?

B: Do segundo grau.

M: Mas ele também é uma pessoa muito boa, muito espontânea. É ali da 68. Ele é professor de Matemática... Foi professor de Matemática.

F: Professor Mesquita?

M: Eu soube que a memória do Mesquita está muito boa.

B: O professor Egídio atendia a convites de todos os colégios. Fundava-se um colégio, então o professor Egídio estava presente.

F: Ele é de onde? Ele é daqui de Goiás mesmo?

B: Não...

M: Ele é italiano.

B: Veio pra cá como... como... isso que você [apontando para o enfermeiro] foi. Como é que chama?

F: Seminarista?

B: Seminarista! Assim foi o Egídio. Também chegou aqui como seminarista. Mas logo deixou o seminário e passou a trabalhar. Ele já tinha conhecimento de certas matérias. Então ele era solicitado aqui e acolá. Enfim, nós todos, aqui, tivemos participação inicial... Quando se fundou as Universidades eu lembro assim: primeiro a Faculdade de Filosofia, mantida pelos padres jesuítas, depois...

M: De Direito?

B: Não, a de direito já existia.

F: Foi incorporada?

B: Foi incorporada mais tarde. Me ajuda aí, você que tem boa memória! [apontando para o enfermeiro] (Risos).

A: Eu não conheci! Não é do meu conhecimento!

F: Ele não leu o seu livro ainda?

M: É, não leu, não.

F: Então isso foi o que virou a Católica, né? A Universidade Católica, essa aí, mantida pelos padres...

B: É a Faculdade de Filosofia foi a primeira faculdade fundada tanto na Federal quanto na Católica. Faculdades Particulares.

F: Inclusive a ligada à Universidade Federal era particular?

B: Inclusive a da Federal. Porque a Federal foi fundada... Como é que foi?

M: O professor Joel? Você já entrou em contato com ele? Joel Ulhoa. Ele foi reitor da Universidade Federal durante quatro anos. Ele é que fez a saudação de professor emérito pro Bretas. Ele e a esposa dele ainda são professores. Mas são aposentados. Mas ele parece que continua dando aulas...

B: Quem?

M: O professor Joel.

B: Eu não sei nada. Da memória fugiu! Eu não sei mais dizer...

M: E ele tem vivência porque conviveu com eles lá, né? Aquele seu muito amigo: aquele casado com a Ambrosina?

B: Tá tudo embaralhado aqui na minha memória! Tá tudo embaralhado!

F: Vocês estavam falando que os professores que vinham pra cá eram autodidatas, eles saiam aqui de Goiás e iam estudar fora? Ou eles vinham de fora? Igual, o senhor saiu daqui, estudou fora e voltou...

B: Posso dizer do meu exemplo. Eu estudava onde morava. Eu comprava livros ou adquiria livros, ou ia para as bibliotecas públicas, ai é que eu estudava. Como autoditada.

F: Muitos também faziam assim?

B: A maioria era. A maioria das pessoas era autoditada.

F: Por conta daquilo que o senhor falou? Ou tinha que pagar uma escola particular ou então tinha que... O senhor disse que lá em Caldas e em Anápolis não tinha escola pública.

M: Só Grupo Escolar!

F: Os grupos eram raros?

B: Eram raros!

M: Mas o Bretas não estudou em grupo nenhum

B: Eu mesmo estudei com meu pai uns tempos. Outros estudavam com seus pais ou professores que eram solicitados particularmente. E assim fomos progredindo. Sendo aprovados e [...]

F: Tá bom! Eu não quero cansar mais o senhor. Eu sei que uma entrevista assim é cansativa. Eu já tenho aqui informa~coes valiosas.

B: É uma pena... Como você vê, eu ando muito ruim para entrevistas, mas estou sempre a disposição. No que eu puder ajudar...

M.: Quer que ele faça um contato com o professor Egídio?

F: Eu gostaria muito.

M: Bretas, você fala com ele, né? Você faz a apresentação. Você fala que tem aqui um estudante que ta fazendo um trabalho de mestrado e gostaria de umas informações sobre matemática e como ele foi doutor *honoris causa* da matemática aqui... (risos).

[O enfermeiro ao telefone]

A: Oi, boa tarde. É o professor Egídio? Como é que vai o senhor? Professor Egídio, aqui é o Adlei, da parte do professor Bretas, ele gostaria de falar com o senhor. Então tá. Um abraço pro senhor, professor. Ele vai falar com o senhor.

B: Oi... Ah, eu tô cada vez mais velho, seu Egídio... Hum... É, pois é... Ah, eu to aqui com um estudante que ta fazendo pesquisas. E minha memória já não me ajuda, mas seu nome eu lembrei bem. Hum... A Maria vai falar, ela tem melhor memória do que eu.

M: Professor, como vai? Tudo bom, professor? É, a memória dele não ta ajudando muito, mas ele ainda vai, a memória dele, forçando um pouquinho, ainda vai. [...] Professor, é o seguinte: está aqui um rapaz, chama-se Fernando e está fazendo uma tese de mestrado, e é mais sobre matemática, então eu vou passar o telefone pra ele e ver se o senhor tem condições de fazer uma entrevista e tudo, porque com o Bretas ele não conseguiu muita coisa. Eu vou passar pra ele. Bretas, ele quer se despedir de você.

B: Alão?

M: Eles foram colegas por muito tempo e ficavam falando esse “alão”...

B: Tá bom. Tchau. Obrigado!

F: Oi, professor Egídio? ...

## 2.2 DEPOIMENTO 2

### Egídio Turchi



Professor Egídio Turchi (Fonte: Acervo nosso, 25/01/2007)

Egídio: Eu tenho que falar de mim, em linhas gerais, pra você entender. Eu estudei no seminário. Fui seminarista até os 22 anos. Então, toda a minha formação foi uma formação clássica. Estudei Latim, estudei Grego, Filosofia, Literatura e História. As Ciências – e a própria Matemática – eram relegadas a um segundo plano. Era a formação eminentemente para uma finalidade que não a do estudo nem da Física nem da Matemática. Então, eu fiz até o terceiro ano de Filosofia no seminário e eu ia começar a Teologia. Ai resolvi mudar de vida. Mas no seminário, quando alguém queria sair, recebia um certificado que era o “ganha-pão” de cada um, porque você saía sem nenhuma profissão. Você só tinha estudado. Então o que eles nos davam era um certificado dizendo que nós podíamos lecionar tais e tais matérias no ensino secundário. Naquele tempo havia o ginásio, o científico e o clássico que eram o primeiro e o segundo graus respectivamente.

Bom, aí, na hora de sair, me disseram: “- O que você gostaria de lecionar?”. Eu disse: “- Eu gosto muito de História, Geografia...”, e eles disseram: “- Tem professor demais! Você põe disciplinas com poucos professores: Inglês...”, Eu sabia aquele “inglesinho” aprendido no ginásio, mas eles insistiram: “- Põe! Vai estudar e vai aprender”. Depois puseram Latim, e depois puseram História porque eu queria História, e para completar falaram: “- Agora põe Matemática também! Que às vezes você precisará de Matemática!”. Então eu coloquei no meu registro de professor Matemática, mais por insinuações que por vocação.

Com o meu preciso registro de professor de: Inglês, História, Latim e Matemática cheguei em Goiânia...

F: Quando?

E: Cheguei em 1944.

F: O senhor veio de onde?

E: De São Paulo.

F: De São Paulo? O senhor nasceu em São Paulo?

E: Não, eu sou natural da Itália. Eu vim da Itália...



F: de qual cidade?

E: Não é uma cidade, mas um lugarejo pequeno chamado San Benedetto in Alpe Entre Firenze Florença) e Forlì. Com 15 anos eu vim para o Brasil como seminarista e fui mandado para Cuiabá (MT) onde estudei por três anos e recebi o registro de professor. Andei lecionando em vários lugares, mas quando vim para Goiânia tinha passado 8 meses em São Paulo. Então, a minha vinda para Goiânia se deu de São Paulo. E eu escolhi Goiânia porque tinha passado por aqui e achei interessante uma cidade que estava “nascendo”. Mas naquela época havia, também, no Sul, Londrina que estava “nascendo”. Em São Paulo tinha Lins que era também uma cidade que estava começando... Aí acabei optando por Goiânia. Quando cheguei aqui, no mês de outubro, fim de ano letivo, não consegui lecionar em nenhum colégio. Então um amigo me deu esta sugestão: “- Você pode dar umas aulas particulares.”. Eu estava no hotel, o dinheiro acabando, sem saber o que fazer, né? Bom, então o amigo se encarregou de espalhar que eu dava aula particular. Aí chegou a primeira pessoa pedindo aula e disse: “- Meu filho precisa de umas aulas porque agora vêm os exames...”, eu perguntei: “- Qual é a fraqueza dele?”, aí ela disse: “- Olha, ele é fraco em tudo, mas sobretudo em Matemática!”. (risos) Eu falei para ela: “- Olha, com todo prazer eu vou dar História, vou dar Latim para ele, vou dar Português se ele precisar, mas Matemática eu não vou dar aula pra ele não, porque...faz muito tempo...”, (aquela conversa fiada) ... (risos). Aí ela falou: “- Ah! Então não me serve. Eu quero sobretudo Matemática!”. Assim eu perdi a primeira oportunidade. E isso se repetiu, porque todo mundo queria Matemática. Então pensei: “Pra dar aula de Matemática no curso ginásial não é difícil” e resolvi: “Agora, o próximo eu pego!” E peguei! E comecei a pegar o gosto pela Matemática. Por que a Matemática é assim: se você não se dedica, não gosta dela, ela é enjoada, mas uma vez que você, ou por necessidade ou por vocação, ou interesse mesmo, você gosta dela, ela se torna atraente, se torna interessante. Aí, nas férias eu continuei dando essas aulas particulares, e um amigo me disse: “-Agora você deve ir de colégio em colégio, para ver se eles precisam de professor. Eu conheço vários diretores e vou com você.”. Isso foi no mês de janeiro.

Veja você, a história parece até que já estava escrita: eu cheguei na primeira escola, o Colégio Santo Agostinho e a diretora falou: “- Eu estou precisando de professor.”. Falei: “- A senhora está precisando de professor... de que matéria?”. Ela respondeu: “- Preciso de professor de Latim e de Matemática.”. E eu corajosamente falei: “Estou com o registro aqui.”. Mostrei o registro pra ela. Ela pegou o registro e foi lá pra dentro. Vamos ver o que vai acontecer... Então, quando ela voltou, ela só disse assim: “- O senhor está contratado!”. Bom, então era a hora de perguntar quantas aulas e quanto eu ganharia. “O senhor vai ganhar 1500 Cruzeiros.”. Mil e quinhentos cruzeiros era um ótimo vencimento. Mas ela impôs uma condição: “- O senhor vai ficar a manhã inteira, das 7 às 12 e vai dar 5 aulas toda manhã!”. Era o que eu queria mais. Eu pagava 500 de pensão e o resto sobrava para as despesas. Você vê que coisa: sem saber se eu sabia dar aula, contratava assim...

F: Era a escassez de professor, né?

E: Era o seguinte: o colégio, no ano anterior, tinha sido intimado pelo inspetor – naquele tempo havia o inspetor federal, que fiscalizava se os professores tinham registro ou não. O professor que dava Latim, que dava Matemática não tinha registro. Então o inspetor falou: “- Esse professor... vocês gostam dele, ele é muito bom, mas sem registro é contra a lei não pode dar aula mais” E eu cheguei e mostrei o registro logo e fui contratado!

F: A salvação pro colégio...

E: E pra mim! E pra mim também...(risos). Aí comecei primeiramente a estudar. Estava sempre duas páginas a frente dos alunos. Fazia todos os exercícios. Preparava na parte da tarde as aulas do dia seguinte. Então, em 1945 eu comecei lecionar Matemática que já tinha lecionado no curso primário quando eu ainda estava em Cuiabá e num estágio que fiz em São Paulo para aprender a lecionar. E eu fui mandado para um colégio na beira do Rio Araguaia. Chamava Araguaiana. E lá tinha só o curso primário.

F: Qual o nome da cidade?

E: Chamava Araguaiana a cidade sede do município maior do Brasil. Fica perto da Barra do Garça.

Você é daqui? De onde é? De Goiânia? Então você sabe, já ouviu falar em Barra do Garça, Aragarças, né? Naquele tempo a Barra do Garça era distrito, era uma cidadezinha, uma rua só e a igreja... só! E fazia parte do município de Araguaiana. Que é do lado de Mato Grosso. Situava-se ao Norte de Aruanã que se chamava Leopoldina naquele tempo. Agora mudaram os nomes, né? Então no colégio de Araguaiana, eu fiquei três anos. E nesses três anos eu lecionei no curso primário. No curso primário você leciona tudo. Pega, alfabetiza, ensina ler, escrever, fazer as sominhas, mas não passava daí. Ia até frações e acabava. Aí, agora eu deveria lecionar para o ginásio, no primeiro ano e no segundo e depois começava Álgebra. Álgebra eu tinha estudado no ginásio e nunca mais, então eu me agarrei a um autor chamado Jácomo Stávale, todo mundo adotava os livros dele. E ele era muito claro na explicação e, sobretudo, nos exercícios: ele não dava um exercício que não tivesse a explicação no livro. Aquilo facilitava demais porque eu não ia procurar outro livro, aquele era o livro texto. Então eu pegava Jácomo Stávale e antes da aula eu resolvia todos os exercícios sobre aquele assunto. Achava que se você estudasse sozinho uma matéria ou resolvesse sozinho um determinado problema, você descobriria onde está o ponto difícil de ser interpretado. Ai você tem uma dúvida e resolve essa dúvida através do estudo. Apesar de eu não ser muito... assim... aprofundado em toda ciência matemática – não é isso? – e me ater exclusivamente àquilo que eu ia lecionar, não querendo dar nenhum passo adiantado pra não levar a uma pergunta a qual eu não soubesse responder, então eu sabia o tipo de pergunta que o aluno ia fazer, porque eu já tinha passado pela mesma dificuldade que ele sentia, me deu uma certa fama. Naquele tempo Goiânia era uma cidade de 10 ou 12 mil habitantes e as famílias endinheiradas que podiam pagar, colocavam as meninas em colégios de freira. E então começaram a surgir, para mim, convites para outros colégios, de modo que, terminado o ano, o primeiro ano no Santo Agostinho, 1945, o Ateneu também me chamou, o Colégio Santa Clara me chamou, e em 1948 já me chamaram para lecionar no Liceu. Depois me chamaram para lecionar no Instituto de Educação<sup>23</sup>. Eu acabei dando doze aulas por dia. No começo eram só as cinco na parte da manhã, ai eu fui estudando o restante da parte da tarde. Mas nos anos seguintes eu dava aula de manhã, à tarde e à noite. Sempre no “ensino médio”, sempre no primeiro ciclo. Aí, quando me senti firme, eu comecei também a dar aula também no segundo ciclo. Uma vez que você faz embocadura, vai progredindo. E acabei dando aula de matemática e de estatística em quase todos os colégios de Goiânia. E no – olha, veja bem o que aconteceu – no ano de 1953, funcionou a Faculdade de Ciências Econômicas. Quem dava aula na Faculdade de Ciências Econômicas, Matemática Financeira era o engenheiro Otto Nascimento, aquele que construiu a Usina Rochedo, e foi um dos primeiros engenheiros de Goiânia, e era, assim, fanático por matemática, no sentido de que se levantava durante a noite e ia discutir com um amigo um

---

<sup>23</sup> Hoje ligado à Universidade Estadual de Goiás

problema: eles perdiam até a hora, perdiam o sono, não podiam dormir então um ia chamando o outro.

Mas naquele ano ele foi convidado para fazer um curso na França de Matemática Simbólica. Ele foi e a faculdade ficou sem professor. Vieram atrás de mim e eu não quis aceitar: “- Já dei aula de Matemática Financeira em cursos de Contabilidade<sup>24</sup> mas não me atrevo a dar aula de Matemática Financeira no curso superior.” Mas a insistência foi tão forte que acabei aceitando e fiquei lá enquanto o professor Otto estava fora. E os alunos gostaram.

Os primeiros anos da minha vida foram realmente todos de professor de Matemática, do primário à universidade, porém minha vocação não era a Matemática, minha vocação era Letras. Me aposentei como professor de Filologia Românica. É aí você tem um apanhado da minha vida.

F: Bom, então como eram os outros professores, na época que o senhor estava dando aula, os outros professores de matemática? Qual a formação deles? De onde eles vinham?

E: Olha, o único que tinha feito, realmente, faculdade de Filosofia Ciências e Letras era o Professor Bretas. Ele tinha feito Inglês, na universidade lá no Rio.

F: E a formação dos de Matemática era como?

E: A formação de Matemática era através do registro. Bom, e os engenheiros que estudavam Matemática, mas não com a finalidade de lecionar. Matemática mas para o uso da engenharia. Depois apareceu um, chamava-se Ary da Silva que tinha feito a escola Militar, lá no Rio de Janeiro, com o foco na Matemática. Os outros, por exemplo, o professor de Matemática do Liceu, tinha feito aquele ginásio antigo de cinco anos e depois tinha dois anos preparatórios ele se preparou para fazer Direito, ele era advogado e estava dando aula de Matemática. Quem tinha pendor para a Matemática, gostava porque ele deslanchava na matéria, mas se tivesse um aluno que levantasse a mão e dissesse: “- Professor, eu não entendi isso aí.”. Ele falava: “- Não é pra entender mesmo não!”, e apagava o quadro. Não repetia pra ninguém. Havia professores assim que se enquadravam naquele grupo que acham que a matemática é só para uns privilegiados, que tem gente que não aprende mesmo e não adianta explicar para eles. “- Matemática não é pra mulher!”. Falavam: “- Matemática não é pra burro!” (Risos) O professor perguntava: “- Quem não entendeu?” Aí um levantava a mão, “- Ah, eu já sabia, você não... os outros entenderam, né? Então vamos adiante”. Eu que me incluía naquele grupo que mesmo não sendo um matemático, gostava da Matemática e atendia as perguntas, mesmo às vezes bobas, porque já tinha explicado, voltado a explicar de novo. E eu acho que um fator para o sucesso do professor de Matemática, naquele tempo, era essa paciência de repetir até, digamos, a grande maioria dos alunos tivesse aprendido. E em seguida mandar fazer muitos exercícios em casa. Tinha professor que às vezes dava exercício, mas não corrigia. Não dava nota. Então não adiantava, mas dava só para dar... Agora, eu fazia o seguinte: eu dava a série toda dos exercícios do livro. Mas durante um determinado tempo. Dizia: “- Olha vocês têm que acrescentar esses vinte problemas, mas não é para amanhã não, nem depois, para semana que vem. Vocês podem fazer 3 por dia.”. Aí eu corrigia, dava nota. Outra coisa que eu fazia também, e hoje já caiu da moda, mas eu fazia muito, era mandar o aluno no quadro-negro. A sabatina também. A sabatina era realmente sabatina: era uma por semana e eu corrigia as quatro sabatinas do mês, as quatro notas é que formavam a média.

F: Como era essa sabatina?

---

<sup>24</sup> Junto com outros professores, o professor Egídio comandou um colégio técnico em Goiânia cujo nome era V de Julho.

E: Eu não dizia: ”- Amanhã vai ter sabatina!” Eu dizia: ”- Hoje vamos fazer um exercício durante meia hora.”. Meia hora, dois ou três exercícios. Na minha vista! Depois eu recolhia, corrigia, dava nota. Eu dava nota também na tarefa, mas a tarefa podia ser copiada, a tarefa servia, às vezes, para melhorar a nota de uma sabatina, mas a média das quatro sabinas mensais é que dava a média mensal. E muita gente que aprendeu matemática, se recorda disso aí, me diz: ”- Olha, ainda tenho aquele seu caderno lá do terceiro ano ginásial!”. Da sétima série seria hoje. “- E tá tudo lá, eu guardei!” Engenheiro, já formado: “- Eu guardei o caderno!”, porque se há uma coisa na qual a repetição é necessária, é a matemática. Muitos exercícios acabam criando o hábito. O aluno às vezes está com um problema, “- Ah, esse aqui eu já vi ali”, então era uma maneira que eu acho que servia. Mas não era que todo mundo fizesse assim naquele tempo não... (risos) E outros diziam assim: “- A matemática é a matéria melhor para ensinar: eu dou bomba o ano inteiro a a turma fica prestando atenção, me respeita. Agora, no fim do ano eu passo!” Quer dizer era a maneira de alguém que está lecionando só pra ganhar dinheiro mensalmente, né? O salário e pronto, mas não tinha aquele gosto de ver o seu aluno compreender. Porque, olhe você, como eu dei aula de outras matérias, você consegue às vezes prender a atenção do aluno e sempre há aquele outro que é distraído, um ou outro que aprende como pensar, mas você percebe quando a idéia penetra no aluno, você até percebe pelo rosto, a satisfação dele de ter aprendido aquilo de novo. Agora na Matemática, isso é muito mais evidente do que nas outras matérias, você faz uma demonstração, o aluno que aprendeu parece que ele vibra com aquilo, né? Ai você torna a fazer ai: “- Ah, já dei conta professor, já fiz!”, “- Aqui, ó, já terminei!”. Então, quando você é professor de Matemática, é como acender uma lâmpada, você vê quando clareia, a cabeça do menino “se abre”. Aquilo é uma satisfação! Agora, quem sente esse prazer, essa satisfação de ver o aluno feliz, “- Ah... iluminado, está aprendendo!” é uma coisa maravilhosa. Agora, o professor que pouco se importa com aquilo, não tem gosto e não transfere o gosto para o estudo da Matemática. É uma rotina, para ele a aula não tem graça. Agora, tem também isso: o professor, ele deveria sempre tomar uma pílula de bom-humor, não tem que entrar na sala de aula dizendo: ”- Ah, essa matéria é difícil demais! Hoje eu vou explicar isso aqui e ninguém vai entender nada! Isso aqui vocês não vão usar mesmo na vida!” (risos) Tinha uns que falavam isso! Ensinavam moeda inglesa: “- Ah, vocês não vão pra Inglaterra, Vocês não vão mesmo precisar de Libra, de *Shilling*, de *Pencil*” (Risos) Você não abre o caminho pros alunos, não abre o interesse deles, como é que faz? (risos)

F: E com relação às Universidades? Na década de 50 começaram a surgir os cursos de Matemática na Católica e na Federal.

E: Até fins de 50 não tinha Matemática em curso superior, era só Engenharia, Direito, tinha Música, Farmácia e mesmo para estas faltava aluno. O diretor da faculdade de Direito foi de colégio em colégio pra convidar, não os alunos, mas os professores disseram: ”- Ó, me ajuda, eu vim convidá-los...”

F: Para fazer os cursos?

E: Para fazer Direito. “- Só apareceram 20 candidatos e nós queremos é federalizar a faculdade. Com 20 alunos não temos argumento para isto.” E até eu fiz vestibular, passava todo mundo. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Católica, né? Que começou em 48. Em 1949 me parece que tinha só dois alunos pra fazer Inglês. E mandaram vir até uma moça que estava em Formosa, era secretária lá. Falaram: ”- Ah, ela quer fazer?”, trouxeram.

Eu tenho guardado uma lista dos formandos de Letras, de Pedagogia, História e Geografia. As primeiras turmas na faixa de oito a dez alunos.

F: E de Matemática, o que o senhor sabe?

E: Eu fui o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Federal. E posso dizer que criei o curso de Matemática. A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras começou em 1963, e oferecia entre outros cursos o de Matemática e Física

F: Na Federal?

E: Na Federal! Não me lembro do curso de Matemática na Católica. Para mim o primeiro que teve de Matemática foi da Federal. O Saleh Jorge Daher e outros... eu vou pegar ali um livrinho para ser mais exato.

Aqui, ó [mostrando num livro<sup>25</sup>], em 17 de dezembro de 1962 foram realizados os exames vestibulares, em dezembro. Como os alunos eram poucos eu inventei uma segunda época em fevereiro e em fevereiro de 1963, a segunda época, dois vestibulares para o mesmo ano.

Bom, [indicando no livro] aqui vem os professores de Letras, Pedagogia, Matemática e Física. Matemática e Física, em nível superior teve início na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, com o curso de Matemática e Física. Então olha aqui ó: Hermógenes Coelho Júnior, Geometria Descritiva; Irapuã Costa Júnior – foi depois governador de Goiás, e lecionou Física. E era pontualíssimo. Bom, Jaime Marcos Cohen, Análise Matemática; Orlando Ferreira de Castro, Cálculo Vetorial; Saleh Jorge Daher, Fundamentos da Matemática, Walter Brokes, Geometria Analítica. Agora vamos ver aqui: número de alunos matriculados; curso de Matemática e Física: 33.

F: Era Matemática e Física juntos e depois separava? Como era?

E: Não, os professores davam Matemática e Física. O curso era um só. Era Matemática e Física. Então você vê, o maior número foi no curso de Pedagogia: 57. O curso de Letras Vernáculas: 20; o curso de Letras Modernas: 70. Então o curso de Letras é que tinha mais: 90. Matemática e Física: 33. Total de Alunos: 180.

F: Isso foi no...

E: Primeiro ano da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, quando começou em 1963: *Primeiros classificados nos exames vestibulares; curso de Matemática e Física: Cid Aires Carvalho* – Que depois fez tudo nos Estados Unidos, etc e tal, aluno brilhante. Tinha sido meu aluno no Liceu. E depois foi muito brilhante no curso superior. Bom, você ia perguntando?

F: Quem eram os alunos, quem eram os professores?

E: Lá na Universidade deve ter ainda o nome deles. Eu guardei só esta publicação “Letras em Revista” que foi destinada a mim quando fiz cinqüenta anos de magistério.

Aí tem alguns depoimentos, não é muita coisa, mas eu acho que se você deve procurar esse professor que me ajudou demais na criação da faculdade, Orlando Ferreira de Castro. Ele vai muito lá na Aduf<sup>26</sup>, lá ele é conhecido. Devem ter o endereço dele. Eu não tenho. Foi da primeira turma, mas ele tá aqui, o nome dele, porque ele fez, juntamente com a professora

<sup>25</sup> TURCHI, 1990.

<sup>26</sup> Associação dos Docentes da Universidade Federal de Goiás

Floracy e eu, fizemos praticamente toda a estrutura inicial da faculdade. Mas aqui (na revista) você vai ter essas [informações]. É claro que a gente acaba falando muito em primeira pessoa, eu, eu, eu...

F: Então a gente já falou um pouquinho sobre os alunos e tal, e o senhor falou dessa estrutura, como era essa estrutura no começo dos cursos? Como era a estrutura, né? O que tinha de laboratório, de sala, biblioteca?

E: É, você sabe que o aluno, inicialmente, como hoje também, a não ser alguns poucos, era estudante e trabalhador. Lá na universidade era desse jeito. Não era aquela dedicação exclusiva. Veio depois, mas inicialmente era só um período, o resto do dia saía pra trabalhar. Então, não existiam assim... colégios que fizessem o aluno se ocupar o tempo todo, nem na universidade. Praticamente era uma aula de quadro-negro e giz. O aluno escrevendo e você ensinando. Não se tinha um material didático muito desenvolvido. Hoje ainda há muito quadro-negro. Apareceram coisas como a Internet que dão muita informação, mas dentro da sala de aula eu não vi o progresso como se vê em outras coisas. O cinema não foi aproveitado, a própria televisão não foi aproveitada pra dar aula. Raramente você vê slides, no máximo slides. Que é uma coisa meio maçante porque se fosse, por exemplo, história, podia ser dada através de um filme, né? Mas como eu estou já fora do ambiente escolar, mais de vinte anos.... Eu tenho 26 anos de aposentado. Então...

F: Tem que descansar, né?

E: É (risos) Tão achando que é assim. Agora, eu tenho filhas, que lecionam na universidade: uma é diretora da faculdade da qual eu fui fundador. No meu tempo era Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, agora é Faculdade de Letras.

F: Numa pesquisa como essa que a gente está fazendo, que investiga a história da formação do professor de matemática, o que o senhor acha que é interessante, que acha que é essencial que se investigue ou que se escreva sobre? E quais alguns nomes que o senhor acha que seriam importantes para ser questionados, ser entrevistados? Participar como o senhor tá participando.

E: Você está falando em ensino médio ou ensino superior, ou os dois?

F: Ensino superior. Formação do professor de Matemática no ensino superior.

E: O Instituto de Matemática e Física da Federal ainda existe e lá você pode encontrar o professor Orlando.

F: É esse que o senhor falou?

E: Não é outro. Professor Orlando do Amaral. Você chega lá no instituto de Matemática e Física... Ele é professor lá há muito tempo. Já foi candidato a reitor. Ele tem umas idéias bem modernas sobre o ensino de matemática na universidade, porque eu nunca lecionei matemática, a não ser seis meses como substituto, isso há mais de cinquenta anos atrás. Eu ensinava matemática no ensino médio. Então ai, o meu canto era aquele, mas para sugestões do ensino da matemática no curso superior eu sinceramente não saberia dizer pra você.

F: E esse professor Orlando do Amaral, esse segundo agora que o senhor tá falando...?

E: Esse é bem mais novo do que a gente. Tem uns cinquenta anos. Mas você entrando lá no instituto, você sabe onde é o Instituto de Matemática e Física da UFG? E lá na Católica você conheceu a Ivana Martelli?

F: Não, não estou lembrado.

E: Ela foi professora. Então eu acho que esse...

F: É um nome bom também? Ivana...?

E: Ivana Martelli. Ela ocupa um cargo na Universidade Católica e eu não sei se no momento, ela está lecionando. Mas ela fez, inclusive doutorado em Matemática, no ensino da Matemática. É a parte didática da matemática, é, às vezes pode te ajudar.

E já que você conhece onde fica o Instituto de Matemática e Física na Federal. Faz uma visita lá. Eles vão te abrir o horizonte nesse ponto. Talvez aquele lá não seja o ambiente ideal, mas eles sabem qual é o ambiente que eles gostariam de ter.

F: E esses daqui também podem dar informações sobre o início dos cursos, né? Eles estavam por aqui?

E: É eu sei quem começou. Agora, os programas, isso aí eu não, não... Uma vez que entreguei o cargo no departamento para o chefe do departamento, eu não ia verificar nada. Agora, esses professores, eu que escolhi e foram indicados pelo “notório saber”. Tinha esse Brokes, você vai ver aí, era tão afamado que era meio doido. É, jogava xadrez e deu um murro no adversário, o adversário o desafiou a um duelo de pistolas na Praça Cívica... (risos). Aí chegou a turma do “deixa-disso”, deram uns tiros pra cima... (risos). Pois é, mas aí você tem fonte de referência que pode ajudar um pouco. Eu estou às ordens e faço votos que você consiga fazer uma tese brilhante e publique, né?

F: Muito obrigado, agradeço muito toda sua colaboração.

E: Minhas filhas, eu tenho duas médicas que são doutoras. Uma pela USP, e a outra pela Faculdade Paulista de Medicina. Minha mulher fez, pela USP, Letras. E minha outra filha que é diretora da Faculdade [de Letras da UFG] fez pela PUC<sup>27</sup> de Porto Alegre. Ela tem uma belíssima tese sobre o imaginário na literatura. Foi indicada para aquele Prêmio Jabuti. Foi selecionada para receber o Prêmio na categoria Crítica Literária.

F: Que legal!

Professor, muitíssimo obrigado pela entrevista. Amanhã mesmo eu devolvo seu livrinho.

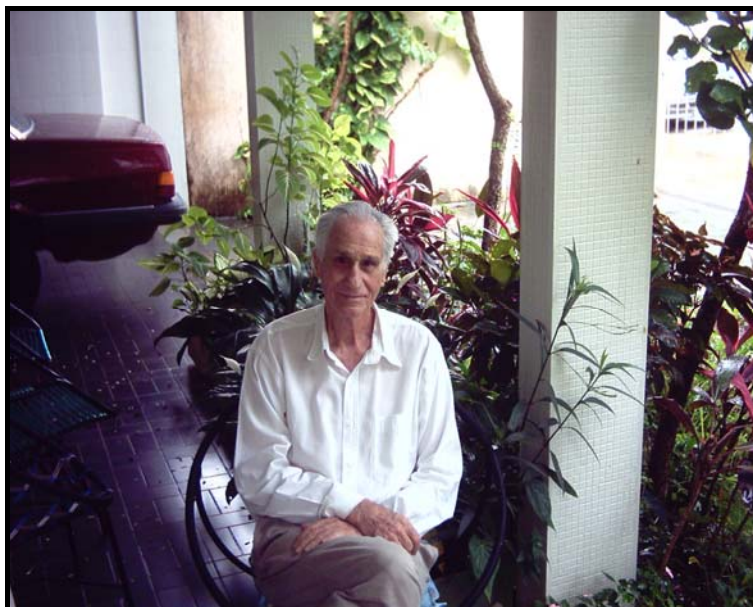
E: Talvez eu tenha falado coisas que não lhe interessem, mas eu tinha que explicar. Porque minha vida foi meio aventureira... (risos)

---

<sup>27</sup> Pontifícia Universidade Católica.

## 2.3 DEPOIMENTO 3

### Orlando Ferreira de Castro



Orlando Ferreira de Castro (Fonte: Acervo nosso, 02/02/2007)

Orlando: Eu escrevo bastante, mas acho que não vou dar conta de escrever tudo quanto é de história que eu tenho da Universidade Federal de Goiás, da Escola de Engenharia, do Instituto de Artes e um pouco do Instituto de Matemática e Física. Eu ajudei a fundar todos estas instituições.

Fernando: Vou colocar o gravador aqui, mas o senhor pode continuar falando normalmente.

O: Normal. Eu ajudei a formar todas estas instituições e gastamos muito tempo com isso que tem uma história muito grande. Eu escrevo quase que o dia inteiro, mas não vai dar tempo. Então eu acho que precisa gravar, e gravando, depois a turma faz o que quiser das gravações.

F: É uma boa mesmo, esta metodologia que a gente está usando, que a gente chama de história oral privilegia isso, os depoimentos gravados.

O: Antes ela não era privilegiada em História, você sabe disso, não é? E começou de um tempo para cá a valer também como fonte histórica.

F: Bom, o senhor poderia fazer uma auto-apresentação: dizer quem é o senhor, de onde vem, a formação e como chegou à Universidade. O intuito é olhar pra institucionalização da formação do professor de professores, mas a partir desse resgate da vida das pessoas que participaram.

O: Então, inicialmente, uma apresentação: meu nome é Orlando Ferreira de Castro, eu sou de Buriti Alegre, Estado de Goiás, descendente de mineiros. Nasci no dia primeiro de outubro de 1928. Lá em Buriti Alegre eu fiz, com meus irmãos, o curso primário, e não havendo muitos recursos a minha mãe desenvolveu um enorme esforço para que mudássemos pra Goiânia.



Mudamos e fui estudar no Colégio Dom Bosco, de 1944 até 1951, onde fiz o curso ginasial e o científico (que era o curso secundário da época). Eu tinha vocação e muita vontade de fazer Engenharia, mas aqui não havia uma escola de engenharia. Em Goiânia, naquela época, só havia a Faculdade de Direito que foi criada em 1898...

F: Aqui em Goiânia?

O: Não, na Cidade de Goiás, porque Goiânia foi inaugurada em 1937, aliás, a mudança da capital estadual foi nesse ano. Só havia aqui a Faculdade de Direito, criada em 1898 e instalada em 1903. Depois ela sofreu alguns percalços de funcionamento, esteve interrompida por um certo tempo, voltou a funcionar... Em 1937, com a mudança da capital do Estado para Goiânia, ela foi transferida também. Depois, em 1948, um ano a mais e outro a menos, foram criadas também a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Goiás, a Faculdade de Ciências Econômicas de Goiás e a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás. Mas eu não tinha vocação para seguir nenhuma dessas carreiras. Então fui, com uma turma de colegas que terminaram o curso científico no Colégio Dom Bosco para o Rio de Janeiro em 1952, pra tentar entrar na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, que hoje é a Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando estávamos lá no Rio um dia chegou um número do jornal Folha de Goiás, eu creio que de dezembro de 1952, informando que os engenheiros daqui de Goiânia haviam criado uma escola de Engenharia.

F: E vocês lá no Rio?

O: É, nós recebemos o jornal no Rio e vimos a notícia. Uma escola de Engenharia em Goiânia que já se chamava Escola de Engenharia do Brasil Central. E esse nome, Escola de Engenharia do Brasil Central, tem um significado bastante grande porque em 1945 o engenheiro Jerônimo Coimbra Bueno, que foi o construtor de Goiânia na parte de engenharia, foi eleito governador do Estado e havia uma campanha para se criar uma universidade em Goiás. Essa campanha teve um incremento muito grande em 1948 com a realização de um Congresso Eucarístico Nacional aqui em Goiânia – eu tenho todas as datas anotadas aqui, mas não sei de cor, de modo que se te interessar a gente pode pesquisar e dar todas as datas. No ultimo dia desse congresso, com a presença dos cardeais mais importantes do Brasil e arcebispos, como o Cardeal de São Paulo, Dom Carlos C. Mota, e do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, foi incentivada a criação de uma universidade em Goiás. Aproveitando o ensejo, o governador Coimbra Bueno criou a Universidade do Brasil Central, de caráter estadual. E para instalar esta universidade ele destinou a venda das terras aqui do Setor Aeroporto, que naquele tempo era chamado Campo de Aviação de Goiânia. Então, com a venda desses terrenos aqui ele pretendia instalar a Universidade do Brasil Central.

E porque Universidade do Brasil Central? É porque a Constituição da República, desde 1891, determinava que a capital federal seria transferida para o “Brasil Central” e o pessoal do Triângulo Mineiro queria que a capital fosse para lá, de preferência para Uberlândia, assim eles incluíam aquela região como sendo a região do “Brasil Central”. E houve uma disputa muito acirrada aí entre as populações do sul do Estado de Goiás, que hoje é o Estado de Goiás, não envolvia o norte que hoje é o Estado do Tocantins, e o Triângulo Mineiro. Diversas instituições receberam o nome de Brasil Central, tanto aqui como lá, para reforçar a convicção de que cada região era o Brasil Central. Por isso que aqui foi dado esse nome de Universidade do Brasil Central. Além disso, foi criada também a Rádio Brasil Central e um pouco mais tarde a Televisão Brasil Central que funcionam até hoje. Outras empresas e instituições também receberam esse nome. Em Uberlândia foi criado um Colégio Brasil Central e eu creio que um Hospital Brasil Central também. Então esse nome teve um grande

significado em relação à transferência da capital federal para o Brasil Central. Por isso a Escola de Engenharia recebeu o nome de Escola de Engenharia do Brasil Central. Ela foi planejada para integrar a então Universidade do Brasil Central criada por uma lei – eu tenho o número e a data dela aqui – mas que não foi instalada porque a oposição fez um trabalho muito cerrado contra o governador Coimbra Bueno.

Então, nós estávamos no Rio quando vimos essa notícia e falamos: “- Bom, se criaram uma escola de Engenharia em Goiânia, o que nós vamos fazer no Rio?” A vida no Rio exigia grandes despesas, os nossos pais nos sustentavam lá com muita dificuldade. E decidimos: “- Vamos pra Goiânia porque aí as coisas facilitam.” E viemos no fim de 52.

O Clube de Engenharia foi a instituição que criou a Escola. Criou, mas não tomou as providências necessárias para instalá-la. Pediram uma inspeção, mas não prepararam a documentação conforme as leis da época que eram de um decreto do Presidente Getúlio Vargas de 1931 e elaboradas pelo ministro de educação da época, o primeiro ministro de educação que o Brasil teve que foi o Francisco Campos, cognominado de Chico Ciência, porque foi um dos camaradas mais cultos que o Brasil já teve até hoje. O pessoal não preparou a documentação e em 1953 a escola não pôde funcionar, e nós ficamos muito frustrados porque perdemos o ano. Mas reunimos a turma do cursinho e perguntamos: “- Como é que a gente faz? Volta pro Rio, vai pra Ouro Preto? Vai para São Paulo? Vai para onde?” E alguém deu a idéia: “- Vamos trabalhar pela criação da Escola de Engenharia.” Então os alunos trabalharam. Fizemos uma comissão que hoje tem o epíteto de “Comissão dos Cinco”. Eram cinco alunos: Azulino Ferreira do Amaral, Júlio Cesário de Sousa, Hélio Naves, Brás Ludovico e eu. Nós todos somos vivos até hoje embora o Júlio esteja adoentado e não possa dar depoimentos. Trabalhamos intensamente, arranjamos recursos, pegamos a legislação, procurei o secretário da Faculdade de Filosofia, que era o senhor Odilon Rocha e perguntamos a ele como é que devia fazer porque ele tinha feito a documentação para a Faculdade de Filosofia. Ele nos deu uma orientação geral, nós partimos para aquilo e conseguimos a documentação. E foi um trabalho imenso. A história dessa fase eu já tenho escrita num livrinho. O caso é que a Escola de Engenharia foi criada. E nós nos matriculamos no curso de Engenharia.

Bom, aí eu precisava arranjar emprego. Arrumar alguma coisa para poder ajudar nas despesas da família. Em 1949, quando eu terminei o Ginásio no Dom Bosco, eu conversei com o padre diretor da época e ele me deixou dar aula no curso primário. Naquele tempo as coisas eram assim, não tinha exigências porque se tivesse não havia como cumpri-las e nem pessoal capacitado. Quem aparecia com condição de fazer qualquer coisa, fazia. Fui dar aula e gostei muito de dar aula.

F: Aulas de?

O: No curso primário. Era tudo: Português, Matemática, Geografia, História, Caligrafia, as disciplinas da época. E quando eu entrei na Escola de Engenharia, fazia pouco tempo que o professor Venerando<sup>28</sup> era prefeito de Goiânia e tinham criado aqui uma instituição chamada: Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, que manteve um Ginásio durante vários anos e que eu reputo que foi, provavelmente, um dos melhores colégios que Goiânia possuiu até hoje, chamava-se Ginásio Professor Ferreira. Era gratuito e bom. Então me indicaram, e professor não ganhava praticamente nada. Lecionava gratuitamente: quem quisesse podia ir lecionar lá. Eu estava no primeiro ano de Engenharia e queria uma ascensão a qualquer custo e fui dar aula de Matemática no Ginásio. Seguiu a série de livros muito famosos e bons – até

---

<sup>28</sup> Venerando de Freitas Borges.

hoje eu creio que insuperáveis na época – os quatro livros do Curso de Matemática do Professor Jácomo Stávale.

F: Acho que o professor Egídio Turchi já falou desse autor pra mim.

O: Ele também seguia o mesmo livro. Nós nos entrosamos muito bem e até hoje nos damos muito bem. Mas eu não tinha documento nenhum e veio um inspetor federal do Rio de Janeiro. Aliás, o colégio era inspecionado por um fiscal federal que me viu lá dando aula e perguntou: “- Qual é o seu registro, professor?” Eu falei: “- Eu não tenho registro.” Ele: “- Então precisa arranjar um.” O registro podia tirar se fizesse o Curso de Matemática na Faculdade de Filosofia do Rio, na de São Paulo ou na de Belo Horizonte, mas isto estava totalmente fora de cogitação. Então como é que faz? O Ministério da Educação para resolver este problema, que era muito sério na época, instituiu uns cursinhos rápidos seguido de um exame escrito, oral e prático que se chamava: Curso de Suficiência. E existia uma instituição do Ministério da Educação que se chamava Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de... Curso Secundário

F: Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário<sup>29</sup>?

O: CADES! Depois veio a Capes que era do Ensino Superior. E essa CADES era encarregada de fazer isso. Então nós, aqui em Goiânia – eu não sei quantos professores –, todos matriculamos e fizemos o tal exame de suficiência e pegamos o registro de professor de Matemática. E, no ano seguinte, em 1955, eu já estava no segundo ano de Engenharia, eu fui lecionar Física no Liceu e, modéstia à parte, institui uma evolução grande no ensino de Física na época porque, no curso secundário de Goiânia da época, os professores eram daqui mesmo, então não é necessário explicar muito que não havia condição de dar um curso muito eficiente como o do cursinho para o curso de Engenharia que nós havíamos feito no Rio de Janeiro, um curso excepcionalmente bom. Então, eu cheguei com todo o entusiasmo e com um cabedal relativamente bom. Fui lecionar Física no Liceu e foi necessário fazer um exame de suficiência de Física também. No exame de suficiência de Matemática, os examinadores foram o professor Egídio, o professor Fritz e o professor Genesco Ferreira Bretas.

F: Esse professor Fritz o senhor lembra do nome completo?

O: Fritz Koeller. É uma pessoa que precisa ser devidamente valorizada aqui em Goiânia. Foi meu professor de Física, de Química e de Inglês, durante os três anos do curso Científico, durante o segundo ano da Escola de Engenharia e era um senhor alemão...

F: Era esse que estava na Cidade de Goiás?

O: Exatamente esse.

F: E que teve aula com o Einstein?

O: Ele não teve aula com o Einstein. Ele teve aula com o Planck<sup>30</sup>. Com o Planck, porque o Einstein tinha emigrado. Ele teve relacionamento com o Einstein, mas não aulas, cursos etc. Ele assistiu conferências, mas cursos não. Era muito capacitado.

<sup>29</sup> Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

<sup>30</sup> Max Karl Ernst L. Planck (1858 – 1947), contemporâneo de Albert Einstein (1879 – 1955).

Para o Liceu o exame de suficiência teve como examinadores o próprio professor Fritz, o professor Jorge Felix de Sousa e o professor Edimar Fleury que era o professor de Física do Liceu e da Escola Técnica. Também um ótimo professor que passou por aqui aquelas épocas. Então, no Liceu, eu fui dar aula no primeiro ano e aconteceram até alguns episódios engraçados que eu acho interessante contar: eu deduzi no primeiro ano aquela fórmula de Física: “espaço é igual a um meio de alfa T 2...” com muito cuidado, demonstrando devagarzinho, passo a passo. Quando acabei de demonstrar a fórmula, aqui era uma novidade porque os cursos de Física eram quase todos descritivos, entendeu? E acabei de deduzir a fórmula e falei: “- Agora nós vamos resolver um problema.” Um aluno levantou lá atrás e falou: “- O que o senhor falou?”. “- Eu falei que nós vamos resolver um problema de Física.” E ele falou: “- Pô, eu acho que daqui uns tempos, não demora muito, o povo aqui desse Liceu vai querer dar até problema de Geografia.” (Risos) E foi uma profecia porque uns três anos depois, o professor Orestes Gomes chegou também todo embalado e foi dar aula de Geografia no Liceu – um dos melhores professores que Goiás já teve também na área – e um dia ele deu um problema de estatística populacional e no final ele disse: “- Agora vamos resolver um problema de Geografia.” E não deu outra, o aluno lá do fundo disse: “- Eu não tô falando? Quem é que entende esse povo do Liceu? Resolver problema até de Geografia!?” Assim, os professores conseguiram os certificados definitivos para lecionar Matemática. O professor Egídio, ele era religioso, ele era clérigo...

F: Seminarista.

O: Seminarista salesiano, e foi pra São Paulo como seminarista, e lá, ele fez exame de suficiência para professor de muita coisa. Eu creio que Matemática, Latim, Português, Italiano, Filologia, Italiano... uma porção de coisas. Quando ele saiu do seminário e decidiu morar aqui em Goiânia ele já veio totalmente armado para isso e foi um dos professores mais solicitados em todos os colégios daqui e era um dos mais estimados, e considerado dos mais competentes em Matemática. Ele dava cursos nos diversos Ginásios e, para diversas turmas, e no fim do ano ele era convidado pra ser o paraninfo de formandos. Por aí você pode imaginar. Quando foi em 59, nós fizemos a campanha pela criação da Universidade Federal de Goiás. No dia 23 de abril de 59 eu convidei uma turma dos estudantes entusiasmados que falavam no assunto, nós nos reunimos na sede da União Estadual dos Estudantes que ficava na Avenida Anhanguera esquina com Rua 9 – onde hoje tem uma sapataria – no segundo andar. Você pode passar lá, e se você fica na Rua 9, em frente aquele prédio e olha, você vê no andar do meio, eu creio que duas janelas. Ali era um salão muito grande. Aquele salão é a maternidade da Universidade Federal de Goiás, lá que ela nasceu. Então, a partir do dia 23 de abril de 1959, fundamos uma instituição, eu fui eleito presidente, tenho até o livro de atas aqui. Eu não falei o nome, chamava Frente Universitária Pró Ensino Federal. E não foi fácil a campanha! A campanha foi violenta. O arcebispo que em 48, (portanto 11 anos antes) havia dado a idéia de criar uma universidade, queria criar a Universidade Católica, e nós queríamos a criação de uma Universidade Federal.

F: A essa altura, em 59, a Universidade de Goiás, que foi o início da Católica, já estava começando a funcionar, né?

O: É. Aí a campanha, a briga etc, foi violenta, tanto entre os estudantes quanto entre os professores. Com professores, os debates eram de alto nível, mas entre os estudantes era no pau! (Risos) Bom, no dia 17 de outubro de 59 foi criada a Universidade Católica com o nome de Universidade de Goiás. Aí nós ficamos decepcionados com aquilo porque no meio da nossa campanha o deputado federal Gerson de Castro Costa apresentou, eu creio que no dia

13 de junho de 59 – essa data precisa ser confirmada, eu tenho documentos –, apresentou um projeto na Câmara dos Deputados criando a Universidade de Goiás que era pra ser Universidade Federal de Goiás. Mas esse nome, “Federal”, ainda não tinha pegado em lugar nenhum do Brasil. O primeiro lugar que se falou em Universidade Federal foi na nossa reunião de estudantes, desde a primeira reunião em 23 de abril de 59: “- Vamos criar a Universidade Federal de Goiás.” Não se falava nisso em outros lugares. Nós estudantes assessoramos bastante o projeto de Castro Costa, mas nós falhamos na assessoria quanto ao nome da universidade. E o projeto tinha simplesmente o nome Universidade de Goiás. O pessoal da Católica (do lado de lá, do outro lado) falava em Universidade Católica de Goiás. Quando saiu a Universidade, no dia 17 ou 19 de outubro de 59 – precisa confirmar –, saiu com o nome Universidade de Goiás. Aí nós nos revoltamos: “- Eles puseram esse nome porque querem pegar as verbas do projeto do Castro Costa!” Por causa disso e de outras coisas a turma fez o enterro do arcebispo e isso aí foi uma “revoada” aqui em Goiânia.

Eu estava me formando em Engenharia e tive que deixar a presidência da Frente. Eu me formei exatamente em 59 e indiquei para meu substituto o mais entusiasmado dos nossos colegas da época que se chamava Sebastião Balduino de Sousa. Eu atribuí ao Sebastião um lugar, dos primeiros lugares, como criador da Universidade Federal de Goiás.

Eu tenho uma hierarquia nesse aspecto aí, não documentada, é opinião pessoal, mas embasada nos fatos que ocorreram na época: no primeiro lugar dos criadores coloco o presidente Juscelino Kubitschek, em segundo lugar o professor Colemar, terceiro lugar o Sebastião Balduino de Sousa e depois a nossa instituição, Frente Universitária Pró Ensino Federal.

Foi criada a Universidade e um dos problemas que existiam para sua criação era a exigência de, no mínimo, seis unidades, entre as quais uma Faculdade de Filosofia e que de acordo com aquela lei de Francisco de Campos de 1931, seria o centro formador da universidade. Lá se estudaria tudo quanto era disciplina básica, o que hoje é feito nos institutos que surgiram daí. As disciplinas básicas eram feitas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e, depois, as disciplinas profissionais nas faculdades e escolas devidas. Então precisávamos de uma Faculdade de Filosofia porque aqui em Goiânia a que tinha foi pra Universidade Católica. Então, nós, na assessoria do Castro Costa, incluímos a criação de uma Faculdade de Filosofia pra resolver este problema, mas ainda faltavam duas. Aí o doutor Francisco Ludovico estava criando a Faculdade de Medicina que nós incluímos, e nós criamos a Escola de Belas Artes e que hoje é a Faculdade de Artes Visuais da Federal.

Os nossos colegas fizeram uma enorme movimentação que precisa ser escrita ainda com muitos detalhes – eu pretendo escrever, mas acho que vou morrer antes, porque é muito grande e eu já tenho quase oitenta anos. Os estudantes procuravam os políticos em Brasília, que estava sendo construída em 1959 e 1960. Vinham comissões de deputados e senadores e ministros e outras autoridades pra visitar as obras, e a gente aqui em Goiânia ficava sabendo: “- Vai chegar dia tal uma comissão de deputados lá em Brasília pra visitar as obras.” A turma enchia um ou dois ônibus aqui e batia lá. Quando o avião aterrissava a gente já cercava o avião e era aquela movimentação.

Um dia houve um congresso de estudantes de Direito, eu não me lembro onde, em que os representantes da nossa Frente, estudantes da Faculdade de Direito, foram, e lá o presidente Juscelino fez discurso inflamado e antes dele subir ao palanque o Sebastião Balduino e os outros o cercaram: “- Ó presidente, a Universidade Federal de Goiás!” E a gente desconfia, mas não tem documento, que ele já tinha a intenção de se candidatar a senador por Goiás (e agradar aos estudantes era uma forma muito inteligente de captar a simpatia do povo goiano). Então ele se comprometeu lá com a turma. Quando anunciaram a palavra dele houve uma grande vaia, porque estudante gosta de vaiar, não é? Aí, ele saiu com aquela célebre frase que depois se tornou histórica: “- Feliz a nação cujos estudantes podem vaiar o presidente da república.” A vaia transformou-se num dos maiores aplausos que se tem notícia na história. E

no discurso ele prometeu criar a Universidade Federal de Goiás. E isso a gente não tem documento nenhum, o Sebastião Balduino, o João Neder e o Alfredo Abinagem e não sei quem mais. O Sebastião Balduino já morreu, mas o João Neder pode contar essa história com mais detalhes. O Heldório Pedrosa e o Luís Pedrosa, dois irmãos que brigam muito por isso aí. Um tal Almiro Cruz, que já faleceu, Olavo Bilac que também já faleceu e outros eram a representação da Faculdade de Direito de Goiás. O Orimar Bastos está vivo até hoje, tem um escritório na Rua 24 aqui no Centro, conta essa história com detalhes também.

A turma fez outras viagens a Brasília até que em outubro de 1960 ele enviou para o Congresso Nacional uma mensagem criando a Universidade - e aí já saiu o nome correto – Federal de Goiás. Aí ocorreu um fato que eu não sabia e errei na gravação que eu tenho a lei foi aprovada no Congresso no dia 14 de dezembro de 1960, mas com aquela convicção “Federal de Goiás”. Os deputados do Ceará apresentaram um projeto de lei depois, mas que foi aprovado antes, foi aprovado no dia 13 de dezembro, com o nome Universidade Federal do Ceará, de modo que eles aproveitaram o embalo da nossa nomenclatura.

Bom, era necessário então instalar a Faculdade de Filosofia. E o que faltava ainda em Goiás? Faltavam os cursos de Química, de Física, de Matemática... Ciências Exatas. E os cursos de Línguas, História e Geografia que a Universidade Católica já possuía, mas se fez uma pesquisa e viu-se que havia demanda suficiente pra atender as duas. Então o professor Colemar Natal e Silva, que foi o primeiro reitor, baixou uma portaria nomeando uma comissão de professores para promover a instalação da Faculdade de Filosofia e o presidente dessa comissão foi o professor Egídio. Então, eram o professor Egídio, o professor Bretas, a professora Moema (filha do professor Colemar), a professora Floraci Amaral Rebouças, eu e o professor Ático Frota Vilas Boas Mota que era do Departamento de Cultura da Reitoria. A gente se reunia sempre no consultório do doutor Samir Helau que tinha sido colega nosso de Científico e formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, fez psiquiatria, neuropsicologia, essa coisa toda, e nós nos dávamos muito e ele franqueou o consultório dele para funcionar a comissão. Esse consultório fica no Edifício Inhumas na Avenida Anhanguera, esquina com a Rua 6 onde hoje existe uma grande loja de roupas. Se você ficar na esquina, do outro lado da Avenida Anhanguera, e olhar para as janelas do último andar daquele edifício, ali era o consultório do doutor Samir onde nós nos reuníamos e estruturamos a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.

E que cursos colocar? Como eu estava no meio, sugeri: “- Vamos colocar os cursos de Matemática e Física...” Química não deu no início. Aí, foram instituídos os departamentos: Departamento de Línguas, de Geografia e História e o Departamento de Ciências Exatas. E foi feita uma divisão do pessoal na própria comissão para cada um organizar o seu departamento. Isso não tem em atas, tem só fotografias, foi uma grande falha nossa. Eu fui encarregado de ser o chefe do Departamento de Matemática e Física. Enquanto isso a Escola de Engenharia estava passando por uma reformulação. Eu lecionava na Escola de Engenharia, apoiava o diretor, o excepcional Gabriel Roriz que deu um impulso na Escola, pouca gente tem condição de reconhecer isso. Ele não estava satisfeito com o andamento de algumas disciplinas. Não que os professores fossem ruins, eles eram excepcionalmente bons, de Física e de Matemática, porém eles eram engenheiros que tinham grandes empresas aqui em Goiânia e iam dar aula na hora que tinham uma folga na empresa.

O professor Gabriel achava que precisava mudar aquilo ali. O professor Fritz apareceu lá com qualquer notícia que haveria, eu creio que no Rio de Janeiro, um congresso de professores de Física ou Matemática, Física e Matemática, uma coisa assim – eu tenho essa documentação aí: os recortes e relatórios, tudo isso e a gente pode detalhar tudo.

F: Ele me contou que mandou o professor pra lá.

O: Mandou o professor Fritz. E o professor Fritz trouxe uma porção de papéis dos quais eu tenho alguns aqui.

F: Ah, é?

O: Tenho. Eu tenho alguns desses papéis, pouquinho, mas tenho. A minha intenção é um dia transcrever. Se você quiser transcrever na frente, não tem importância. Eu não dou os originais, a gente tira xérox e é a mesma coisa. Então, o professor Fritz veio com as idéias daquele congresso em que a turma pregou intensamente que os cursos de Matemática deveriam ser lecionados por matemáticos, e os cursos de Física por físicos. E a USP, a Nacional do Rio de Janeiro já formavam físicos e já tinham físicos de renome naquela época. Já estavam criando o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e outras instituições por aí, então já existiam físicos e nas escolas de São Paulo, e do interior, Rio Claro principalmente, o ITA e não-sei-mais-o-quê eram físicos e matemáticos que lecionavam as respectivas disciplinas. Bom, houve aqui em Goiânia uma primeira e única Semana de Planejamento da Universidade Federal de Goiás, que funcionou, se não me engano, do dia 20 até 30 de janeiro de 1962 em que se fez muita conferência etc. Veio aqui um professor, Ernesto de Oliveira Júnior, que era um grande renome na época e pregou a criação dos Institutos.

F: Institutos básicos?

O: Dos institutos básicos. E ao mesmo tempo, o Darci Ribeiro, que era o reitor da Universidade de Brasília, instalou lá, se não me engano, os Institutos Centrais da Universidade de Brasília. Aqui, durante as discussões, um dia se chamava instituto central, outro dia instituto básico etc. Esse nome variou aí até que não ficou sendo nem um dos dois: simplesmente instituto. Pois o professor Gabriel, baseado nas muitas informações que esse professor Oliveira Júnior prestou, foi ao ITA, conversou lá com o Cecchini<sup>31</sup> que era o reitor, e com o professor Lacaz Neto<sup>32</sup> que era o diretor do Instituto Tecnológico.

O professor Cecchini era brasileiro descendente de italianos. O Centro Tecnológico da Aeronáutica era constituído pelo ITA, que era a escola, e pelo CTA para fabricação de Aviões que hoje é a Embraer. E veio uma turma do ITA aqui. Houve um entrosamento. Uma vez eu, que trabalhava muito entusiasmado, por conta própria, fui lá no ITA. Achei que o negócio estava demorando e o professor Gabriel nem tem conhecimento disso, porque nos papéis dele não fala. E conversei com o professor Lacaz, ele falou: “- Vou te indicar a pessoa exata.” Que foi o professor Willie Maurer, que era o diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Mackenzie. Então sai do ITA e bati lá. E a gente tinha um discurso grande e decorado dos planos, como eram, o entusiasmo, como é que deveria ser. E o professor Maurer se entusiasmou pelo negócio: “- Ó, eu vou lá!” Aí, cheguei aqui e falei para o professor Gabriel e ele mandou o professor Marcelo e depois ele pessoalmente foi. Mas não foi fácil. Depois essa turma veio e já trouxe do ITA o laboratório de Física. E não se dava prática Física em um laboratório por aqui. Eles mandaram um professor aqui, chamado Nicolau Janusi, que era professor de laboratório de Física lá do ITA. E esse camarada veio aqui, trouxe um laboratório básico – aquilo que sobrava no ITA. E o professor Colemar mandou duas Combis em São Paulo e chegaram carregadas. O Janusi veio e instalou aquilo, nós fizemos as mesas e ele foi ensinar duas pessoas: o René Ayres de Carvalho e eu a dar aula de Física. Ele passou um mês ensinando e fazendo uma apostila de Física, porque a gente não sabia nada, nem que existia laboratório de Física. Mas não éramos só nós, era todo mundo em Goiânia. Isso foi um passo importante.

<sup>31</sup> Marco Antônio Guglielmo Cecchini, reitor do ITA de 1960 a 1965.

<sup>32</sup> Francisco A. Lacaz Neto.

Depois que estava tudo pronto marcou as aulas práticas de Física: o René, eu e o Janusi. Ele trouxe um laboratorista, que era goiano de Jataí, chamado Ecilo Vilela, que sabia tudo de montar laboratório, ele trabalhou uns vinte anos no ITA e tinha vontade de voltar pra Goiás, terra dele. O Ecilo veio, nós fomos dar aula e o Janusi foi embora. Ficamos eu e o René tocando o laboratório. Quando foi no início de 63 as coisas já estavam mais ou menos controladas, chegou a turma de São Paulo. O professor Willie catou a dedo um por um e trouxe os melhores. Isso foi no início de 1963.

É, a gente tem os documentos todos aí, mas eu não sei bem a data de cor. Então, esse pessoal foi contratado em nome da Escola de Engenharia, porque não existia ainda o Instituto de Matemática e nem o de Física, mas já estava funcionando em 1963 um curso de Matemática e Física...

F: Pela Faculdade de Filosofia?

O: Pela Faculdade de Filosofia e eu era o chefe do Departamento de Matemática. Antes de eu saber que viria esse pessoal, eu convidei para lecionar as disciplinas do curso de Física e Matemática os professores da Escola de Engenharia que davam Física e Matemática. Foram estes: Saleh Jorge Daher, um professor excepcionalmente bom, dava Cálculo I e II; o professor Jaime Marcos Cohen, que era engenheiro formado em Ouro Preto, e lá ele foi monitor ou assistente de um professor muito famoso de Matemática no Brasil que se chamava Altamiro Tibiriçá Dias; o professor Fritz para dar Física; o Irapuan Costa Júnior para dar Física, eu dava uma parte de Cálculo Vetorial; e o professor Hermógenes Coelho Júnior para lecionar Geometria Descritiva. O Saleh lecionava uma Geometria Descritiva muito teórica, baseada num livro famoso, um tal FIC<sup>33</sup>. Se você quiser ver o que é um curso pesado de Descritiva pega isso. Depois ele evoluiu pra um tal Reaubody, que é um livro de Geometria Descritiva altamente teórico e ele dava era isso. E foram lecionar essas disciplinas.

Aí, eu mais o professor Egídio tivemos um desententimentozinho, e hoje a gente acha isso muito bom: ele reunia com muita frequência os departamentos, o Departamento de Geografia e História, o Departamento de Línguas... e queria que eu reunisse o Departamento de Matemática e Física também. Eu não queria reunir e não reuni. Por quê? Porque os professores que eu tinha convidado eram aqueles da Escola de Engenharia que o professor Gabriel Roriz estava substituindo pelos professores que vieram de São Paulo, com o objetivo de criar um instituto com o pessoal de dedicação exclusiva. Mas eles, como eu já disse no início, eram engenheiros que não podiam ter dedicação exclusiva, então eram contra a criação do Instituto de Matemática. Por causa disso eu não podia reunir o Departamento, porque se não eles votariam contra este instituto. Esse era o meu raciocínio. Na Escola de Engenharia e nas reuniões de Congregação eles se posicionavam contra a criação dos institutos.

Para dirigir o Instituto de Física, o professor Lacaz mandou aqui o professor João Martins. E esse professor começou a trabalhar com o professor Gabriel Roriz, na estruturação do Instituto de Física. E um dia o João Martins anoiteceu e não amanheceu. Ele ficava no Hotel Glória, na esquina da Avenida Araguaia com a Avenida Anhanguera – que existe lá até hoje. E a gente estava lá esperando o professor João Martins para continuar e ele não apareceu. Quando chegamos lá, no outro dia, falaram: “- Ele viajou de noite.”

F: O pessoal estava pressionando, né?

O: Pressão!

---

<sup>33</sup> Frères de l’Instruction Chrétienng.



F: Foi um tempo pesado, né?

O: É, foi pesado. Bom, com isto o ITA ficou de mandar um tal de Leônidas Hengeberg que era autoridade brasileira número um em Lógica Simbólica e de renome internacional que se correspondia com o doutor Simão Carneiro, médico aqui de Goiânia e também grande autoridade em Lógica Matemática. Mas o professor Hengeberg se atrapalhou por lá, teve outras oportunidades e não veio. Então, ficou a idéia de fazer um instituto só que foi criado, eu creio, oficialmente pelo Conselho Universitário, no dia 23 de outubro de 63. Aqueles professores que vieram do ITA, de São Carlos, de Rio Claro e de São Paulo já estavam lecionando aquelas disciplinas, mas em nome da Escola de Engenharia. E o Instituto foi instalado no início de março de 64, no dia que se inaugurou o período letivo de 64, inaugurou-se o Instituto de Matemática e Física. Aí as cadeiras da Filosofia foram transferidas para lá.

F: Essa era a maior dúvida que eu tinha: a Faculdade de Filosofia começou a cuidar de um curso de Matemática, mas depois quem tomou a frente disso foi o IMF?

O: Funcionou em 63 na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e eu era o chefe do Departamento de Matemática e Física.

F: Mas com a criação do IMF...

O: Isso aí nós ajudamos, o professor Gabriel foi o líder, mas nós ajudamos, eu dava programa na Faculdade, incluía a disciplina nossa que deveria ir para lá, com os programas etc, mas aquele pessoal de fora não lecionava essas disciplinas. Em 64 eles assumiram essas disciplinas também.

Bom, e eu não fui do Instituto de Matemática e Física porque não podia acumular cargos e eu dava aula na Escola de Engenharia.

Como já falei, foi necessário criar a Escola de Artes e eu via que ela estava com dificuldades e, de fato, é a história mais heróica que existe dentro da UFG, porque muita gente quis fechar e não se descreve como não fechou. Então fui pra lá pra ajudar aquele grupo. Então essa é a história... Com isso eu não fui pro IMF, mas ele foi suprido por gente do melhor gabarito que se podia imaginar. Eu sei de cor porque trabalhei muito com aqueles professores enquanto eu estava na Filosofia e eles na Engenharia. A gente trabalhava junto, eu fazendo a minha partezinha me entrosei muito com eles e umas três ou quatro vezes eu promovi aqui em casa, aqui nesta sala, almoço com eles. Eles eram, eu creio, uns nove. Eles e as esposas em terra estranha... Isso aqui era meio mato, a gente não tinha isso não, não tinha asfalto, tinha nada disso. Era terra, poeira, tinha uns trilheiros aqui. E a gente conversava etc. Lá de Rio Claro vieram o professor Gerson Muccilo, que foi o encarregado da parte de Mecânica do laboratório de Física; professor Odécio Sanches, que dava Física Teórica para o curso de Filosofia e laboratório na parte de Eletricidade; o professor Juarez Milano, que é o único que mora aqui até hoje, e é o guru dos professores de Matemática daqui.

F: Eu já entrevistei ele.

O: E ele tem história do “arco da velha”, como dizem, para contar. E depois, veio, eu creio, da Unicamp, o professor Germano Braga Rego, pra lecionar Mecânica Racional e que foi uma grande autoridade brasileira nessa disciplina posteriormente, de renome nacional. Tinha o professor Guy Andrade e o professor Schneider...

É, eu creio que são esses que vieram de fora. E o professor Maurer que foi o diretor e nós nos entrosamos muito bem. Mas aí veio a tal história: em 64, quando foi instalado o Instituto, com

todo o entusiasmo, a Escola de Engenharia atingiu um dos níveis mais altos do país, porque aquele pessoal chegou com o “espírito de ITA” e aqueles que já davam as disciplinas profissionais se entusiasmaram também, e o professor Gabriel contratou professor de fora, uma meia dúzia também pra área profissional. A Escola se tornou uma das mais prestigiadas no país em de 62, 63 e 64. Atingiu um nível que quase a gente pode dizer que da Politécnica de São Paulo, porque os professores eram os de lá.

Então, em 64, quando houve a revolução, aquela turma que era contra o instituto se reagrupou e tomou o poder na Universidade e o Instituto. Eu tenho a impressão, não tenho documento nem nada, mas eu acho que era pra destruir tudo aquilo: acabar com os institutos e voltar ao que era. Mas o efeito foi tal e o renome e a repercussão de um instituto que começou assim e era tema de imprensa e de jornais que eles acabaram por tomar o Instituto também e o tocaram mais ou menos. Mas em meados de 64, mandaram embora todos aqueles professores que vieram de São Paulo, não tinha mais nenhum, com exceção do professor Milano. Os outros que eu citei os nomes foram todos embora e todos já são aposentados. De vez em quando a gente tem uma notícia rara, mas foram professores de grande renome, cada um na sua área.

E eu não sei se em 64, a Universidade Católica também criou o curso de Matemática. A gente tem uma históriazinha lá, porque eu fui lecionar Física para primeira turma do curso de Matemática da Católica. No primeiro ano e eu creio que foi em 64. E quando foi em 65 era uma dificuldade: tudo quanto era dificuldade que você pode imaginar. Eles me tocaram em Mecânica Racional que eu tinha feito no curso de Engenharia, mas não fiz com profundidade pra um curso de Física. E eu peguei um livro, um tal Smith Galle. Na Escola de Engenharia nós fizemos Mecânica Racional com um autor português chamado Pacheco de Amorin que era excepcionalmente teórico e subjetivo, não tinha nada aplicado, eu creio que foi um péssimo curso quanto ao seu objetivo. A qualidade no campo dele é muito boa, mas na Engenharia não. Então juntei tudo isso e dei Mecânica Racional por um ano e depois queriam que eu desse Mecânica Celeste, mas aí a gente deu um jeitinho porque isso era uma disciplina do curso de Física e eu não sabia nada daquilo. Falaram: “- Mas você sabe Matemática, dá alguma coisa de Lei de Gravidade.” Mas não dei. Eu acho que extinguiram essa disciplina. E também eu ia fazer pós-graduação em 1966, deixei o curso e eles arrumaram outros professores.

F: Daí pra frente o senhor se dedicou mais à Engenharia?

O: À Engenharia e Artes. Fiquei em duas. Aposentei na Engenharia primeiro e agora, há uns anos atrás, pelo Instituto de Artes, atual Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás.

F: E esse quadro aí, foi o senhor que pintou? O Juarez Milano também pinta uns quadros...

O: Ele pinta! Ele é arquiteto e pinta também, mas esse aqui foi minha esposa que pintou.

F: Mas eu posso pedir mais uma coisa para o senhor? Eu queria tirar uma foto sua.

O: Ah, pode tirar, não tem problema! Pode sim.

## 2.4 DEPOIMENTO 4

### Gabriel Roriz



**Professor Gabriel Roriz (Fonte Acervo nosso, 17/11/2006)**

Fernando: O senhor pode começar falando um pouco da sua vida. De onde o senhor vem? Como que aconteceu sua formação profissional e acadêmica? Qual foi seu envolvimento com o IMF?

Gabriel: Eu sou natural de Minas Gerais, de São João del Rei. Meu pai era oficial do exército e servia lá no 11º Regimento de Infantaria. Mas aos meus seis anos ele foi transferido pro Rio, depois, na Revolução de 32, ele acabou se reformando e foi ser fazendeiro e tal... Eu tinha uma avó que morava em Juiz de Fora (MG) e que se queixava que só tinha um filho e estava longe do filho e dos netos, então meu pai me mandou pra estudar em Juiz de Fora, no Instituto Granbery<sup>34</sup> – tá ali a flâmula dele na parede. É um colégio muito bom, sabe? E está fazendo aí acho que 107 ou 108 anos e foi criado pela Igreja Metodista Americana. Eu fui interno lá três anos, depois passei por externados e fiz o curso de Engenharia lá em Juiz de Fora mesmo.

F: Na Universidade Federal de Juiz de Fora?

G: Não existia ainda a Universidade Federal. A de lá foi criada juntamente com a daqui: a mesma lei que criou a daqui, criou a de Juiz de Fora e outras mais. E quando eu me formei, a proposta que eu tive foi de trabalhar na Estrada de Ferro Goiás<sup>35</sup>, que tinha a sede em Araguari, Minas. Embora fosse “Estrada de Ferro Goiás”, era federal e tinha sede em Araguari, no triângulo mineiro.

F: Só pra me situar, que ano foi isso?

---

<sup>34</sup> Instituto Metodista Granbery.

<sup>35</sup> Companhia Estrada de Ferro Goiás, criada em 3 de março de 1906, tinha caráter privado e era apoiada pelo governo federal pelo decreto nº 5.949 do então presidente Rodrigues Alves.

G: Eu me formei em 1947 e no princípio de 48 fui pra Araguari. Mas era uma estrada de ferro que precisava de muito dinheiro pra consertar suas falhas, que eram muitas. E eu não gostei e tive a proposta de vir trabalhar aqui no projeto de construção do prolongamento da estrada de ferro, de Goiânia pra o Mato Grosso e mudei pra Goiânia em outubro de 49, tem 57 anos que eu moro aqui. Então, eu fiz o projeto todo e começamos a construção: construí a estação de Goiânia e cheguei a viajar de trem daqui até o Rio de Janeiro. Construímos a estação de Campinas<sup>36</sup>, armazéns de cargas, casas de funcionários... Aí eu fui nomeado diretor da Escola de Engenharia. A Escola de Engenharia tinha sido criada pelo Clube de Engenharia de Goiás com uma autorização provisória do Ministério da Educação. Então, nós funcionávamos inicialmente em três salas cedidas pelo Liceu. Depois foi crescendo e tivemos que mudar. A Universidade Católica procurou chamar a gente – na época da constituição da Universidade Católica – pra englobar também a Escola de Engenharia. Mas nós lutávamos era pela Federal. E afinal saiu a Federal e eu fui o primeiro diretor da Engenharia da Federal. Muito a contragosto, mas havia uma briga de dois grupos lá e acabaram concordando que se eu aceitasse cessaria a briga.

Uma vez eu ouvi uma conversa de alunos, contando que nós éramos engenheiros improvisados em professores. O Curso de Engenharia era de dois anos de mais Matemática e mais Física. O aluno quando entrava tinha até uma certa decepção, porque ele pensava que ia ver alguma coisa de Engenharia mas não via. É mais Matemática, é mais Física pra ter condições de ele poder acompanhar realmente as carreiras profissionais. Mas eu ouvi uma conversa de alunos, contando que um professor, quer dizer, um desses engenheiros que tinha sua empresa construtora, estava conversando com os amigos, olhou o relógio e falou: “- Quinze pras dez! Às dez horas eu tenho uma aula na Escola de Engenharia.” E correu pra lá. Como não tinha preparado a aula, abriu o livro e disse: “- Vamos resolver este exercício.” Colocou os dados no quadro-negro, mas não conseguiu resolver. “- Este nós vamos deixar pra próxima aula. Vamos ver este outro aqui.” Aí não conseguiu também. Quando eu soube isso eu fiquei desesperado. Eu falei: “- Que tipo de engenheiro nós vamos formar aqui?” Fiquei desesperado com isso. Mas eu tenho um anjo da guarda maravilhoso: logo em seguida apareceu aqui em Goiânia o professor Oliveira Júnior<sup>37</sup>, que era presidente da COCUPI<sup>38</sup>, um órgão do Ministério da Cultura que tinha três funcionários: ele (que era o presidente), uma secretária e um motorista. E eles viajavam pelo Brasil a fora procurando vender a idéia dos Institutos Básicos: professores especializados naquelas disciplinas, com dedicação exclusiva, e tempo integral. Ele apareceu aqui, pediu pra fazer uma palestra e a palestra me encantou, porque eu achei ali a solução que eu precisava. Um parêntese: esse professor Oliveira Júnior foi quem idealizou o ITA, lá de São José dos Campos, que hoje é uma referencia até internacional, é uma maravilha aquilo lá. Ele que idealizou e que criou e que botou aquilo pra funcionar. Então, terminada a palestra eu falei: “- Professor Oliveira Júnior, eu aprovei cem por cento as suas idéias, como eu faço pra botar isso pra funcionar?” Aí ele tirou do bolso um cartãozinho e me fez uma apresentação ao professor Paulus Pompéia<sup>39</sup> que era chefe do Departamento de Física lá do ITA de São José dos Campos. Aí eu peguei meu carro por minha conta, a Universidade não me ajudou em nada, hotel e restaurante... e fui lá, bati em São José dos Campos, procurei esse professor Paulus Pompéia. A idéia inicial era um Instituto de Física e um Instituto de Matemática. Então, o professor Paulus Pompéia Indicou um

<sup>36</sup> Bairro de Goiânia.

<sup>37</sup> Ernesto Luiz de Oliveira Júnior.

<sup>38</sup> Comissão Supervisora do Plano dos Institutos, criada pelo decreto número 49.355 de 28 de novembro de 1960, do então Presidente da República Juscelino Kubitschek, com o objetivo de modificar mediante a difusão de idéias, as estruturas das universidades brasileiras e das escolas superiores de tecnologia, visando promover reformulações profundas em relação às cátedras e a carreira docente das universidades e apoiando a formação de técnicos.

<sup>39</sup> Paulus Aulus Pompéia.

professor pra Física e outro pra Matemática e nós convidamos eles para virem aqui trocar idéias conosco.

F: O senhor se lembra o nome deles?

G: Um era o João Martins. O outro no momento eu tenho dificuldade de lembrar o nome do outro. O outro tem um nome mais raro...

F: Não é o Willie Maurer?

G: Esse aí é depois! Bom, esses dois vieram aqui, conversamos e tal. Eu tinha a ilusão de botar pra funcionar esses institutos ainda no ano de 63. Mas houve tanta briga, contrariava tanto alguns interesses, dificultaram tanto as coisas... Esses professores ficaram de nos mandar uma proposta sobre as condições que eles viriam pra cá, mas ficamos aguardando e as propostas nunca chegavam. Como naquela época era muito difícil conseguir uma ligação interurbana, era preciso ir lá na companhia telefônica e pedir uma ligação, esperar horas, às vezes mais de um dia, então eu mandei meu vice-diretor lá. Quando na Universidade, souberam que ele tinha ido, aí o reitor me telefonou dizendo: “- Meu caro diretor, hoje a gente não pode confiar mais nos funcionários... imagine o senhor, que isso que o senhor está aguardando aí com ansiedade há tanto tempo já chegou e um funcionário colocou na pasta errada.” Conversa fiada porque o grupinho que era contra estava manejando a coisa para nos atrapalhar. Eu falei: “- Agora passou da hora, o professor Marcelo já está voltando com as propostas que a gente deseja.” Mas com essa demora aí, um dos professores, esse que eu não me lembrei o nome, que seria pra Matemática, não pôde esperar porque recebeu outra proposta e foi pra outro lugar. Ficou só o João Martins, o da Física. Por sinal, ele ficou aqui algum tempo e eu assisti a primeira aula dele. Foi uma aula brilhante, gostei muito. Ele tinha até escrito um livro de Física, tinha feito curso nos Estados Unidos, uma pessoa, digamos, de alto nível aí na Física. Mas aquele grupo do contra, pressionou tanto esse João Martins que ele saiu daqui quase que fugido. Diziam: “- Vem gente de fora, tomar o lugar do pessoal daqui.”. Ele fez uma carta pra mim e deixou a carta pra ser entregue.

F: O pessoal estava contra porque achava que iam tomar o lugar deles?

G: Tudo isso aí, visando evitar a criação do Instituto de Matemática e Física. Tinha até um engenheiro que toda semana, parece que era aos domingos, fazia um artigo num jornal aí, sempre “metendo a ripa” no grupo que estava querendo criar os institutos. Defendia a idéia de que pra ensinar Matemática pra engenheiro tinha que ser engenheiro, uma bobagem desse tipo aí, sabe? Enfim, toda sorte de sabotagem e outros.

Havia um grande engenheiro aqui, uma pessoa muito respeitada e era até meu amigo, o Otto Nascimento. E tudo que era importante e que tinha certa relação com a engenharia ele estava envolvido: “- Vamos criar o Clube de Engenharia!” Ele tinha que ser presidente; “- Vamos criar a CELG!” – Centrais Elétricas de Goiás –, ele que era o presidente. “- Vamos criar a Escola de Engenharia!” (risos) Tinha que ser ele... Ainda na fase antes da federalização, não é? Aí, esse grupo quando viu que ia ser criado mesmo, que ia ganhando corpo a idéia no Conselho Universitário, propuseram o Otto Nascimento para ser o diretor. Bom, nesse momento, eu já tinha ido ao reitor e vendo que estava difícil sair os dois institutos, fui propor que inicialmente nós começássemos com um único de Matemática e Física...

E com relação à indicação do Otto Nascimento, nós fomos contra porque ele era um grande empresário da engenharia e estava fora daquilo que a gente desejava que era o professor especialista com dedicação exclusiva. Aí, começaram a levantar a questão que nós não

queríamos o Otto porque ele era anticomunista, conseqüentemente (risos)... Se a gente é contra um anticomunista, a conclusão é que nós éramos comunistas. E justamente quando estourou a revolução, não é? Aí foi uma campanha medonha, eu participei de três comissões de inquérito, um IPM que durou três dias e meio.

F: IPM? Que é IPM?

G: É Inquérito Policial Militar. Um oficial do exército é que tomava os depoimentos. Esse IPM durou três dias e meio. As perguntas mais idiotas eles me faziam lá. Logo no início, quando eu fui chamado, eu estava até no meu escritório preparando uma aula, eu tinha uma casa aqui no Setor Oeste, quando eu vi chegar a motocicleta com o sargento trazendo a notificação: “Às oito horas comparecer...” Compareci. Primeira conversa do capitão lá: “- O senhor tem olho de gato, o senhor tem cara de gato, o senhor tem rabo de gato. O senhor deve ser gato, né?” Querendo dizer que eu era comunista. E durante esse tempo eles foram me fazendo as perguntas mais idiotas do mundo: se era verdade que eu favorecia a aprovação dos alunos comunistas e que perseguia os democratas autênticos, e coisas por aí a fora. Mas, mais uma vez, o meu anjo da guarda me apoiou, me deu a solução certinha... De fato, o grupo de professores que veio lá de Rio Claro era excelente. Vieram também alguns lá de Campinas, mas a maioria veio de lá de Rio Claro. Professores excelentes.

F: O senhor lembra do nome de alguns deles?

G: Não lembro, não lembro. É que já faz tempo e eu tenho 84 anos, quase 85, a memória anda falhando muito, né? Até eu relatar essas coisas, às vezes vou colocando alguma coisa fora da cronologia correta.

F: Eu posso ir tentando ajudar, tem alguns nomes que eu já ouvi, por exemplo, o do Willie Maurer, Juarez Milano...

G: O Juarez Milano ainda mora aqui em Goiânia, né? O Juarez Milano veio, ele foi diretor do IMF. Não foi o primeiro, o primeiro foi o Willie Maurer, mas quando esses dois professores que a gente tinha pensado inicialmente não puderam vir, não quiseram e tal, eu voltei a São José dos Campos e fui procurar o professor Paulus Pompéia de novo. Ele queria obrigar o João Martins a voltar pra cá. Eu falei: “- Assim eu não quero. Obrigado eu não quero”. Aí ele falou: “- Tem uma pessoa que é o ideal para o senhor. É aquilo que o senhor está querendo., mas eu acho muito difícil de ele aceitar ir pra Goiás.” Eu falei pra ele: “- O senhor me dê o nome e o endereço que eu vou atrás dele.” Ele era o professor Willie Maurer, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Mackenzie em São Paulo. E eu bati atrás dele. Ele me recebeu no gabinete dele muito bem, fumando aquele cachimbão dele. Ele gostava muito de cachimbo. E expliquei a ele o que a gente desejava, criar um instituto com professores especializados em Matemática e em Física, em tempo integral, dedicação exclusiva, mas ele não apoiou essa idéia. A idéia dele era que a Filosofia era uma *mather* universidade, tudo deve partir dela. Esse Instituto Básico estava fora do esquema que ele considerava correto. Aí, conversamos, conversamos, conversamos e num certo ponto eu comecei a sentir nele que ele não era tão contra assim aos institutos. Aí eu falei pra ele: “- Professor Willie, o senhor conhece Goiânia?” Ele disse: “- Não.” “O senhor quer conhecer sem compromisso algum?” E ele: “- É, vou.” Na mesma hora eu fui lá na VASP<sup>40</sup> e comprei uma passagem do meu bolso e viemos...

---

<sup>40</sup> Companhia de transporte aéreo.

Durante a viagem eu já vim doutrinando ele... (risos) Uma certa hora ele tirou o cachimbo e a aeromoça veio reclamar que não podia fumar o cachimbo no avião, mas trouxe cigarro – naquela época o cigarro ainda era permitido, tinha a área própria lá e tal – mas ele disse: “- Não, eu só fumo meu cachimbo, obrigado.” Aí, viemos a Goiânia, nos reunimos com o grupinho que nos apoiava. E conversamos e conversamos e tal, e ele ficou interessado na idéia. Eu falei: “- Professor Willie, agora o senhor volta pra São Paulo conversa lá com sua esposa, seus amigos e nos mande aí uma proposta: em que condições o senhor viria, caso se disponha a vir.” E ficamos aguardando essa resposta dele

Passada uma semana, eu recebo um telegrama do secretário da Faculdade de Filosofia do Mackenzie dizendo que, na volta de Goiânia pra São Paulo, ele teve uma hemorragia de uma úlcera e que se encontrava internado no hospital. Eu falei: “- Meu Deus do céu, depois de tanta luta, tanta briga a gente parte agora do zero de novo?” Fiquei desanimado, né? Quando se passaram mais uns dias, recebo uma carta ou telegrama dele dizendo que se a gente ainda estivesse interessado, ele estaria disposto a vir e pedia até pra reservar um apartamento no Hotel Dom Bosco, onde ele já tinha ficado da outra vez, pra ele e a esposa dele. Dona Póvoa a esposa dele. A esposa dele era polonesa. Ele era americano de nascimento, filho de pais suíços, mas veio pro Brasil pequeno ainda. Uma pessoa notável, um grande educador, com uma cultura muito ampla, sabe? Uma pessoa extraordinária.

E naquela luta pra escolher o diretor, até a Assembléia Legislativa mandou pro Conselho Universitário um apoio à indicação do Otto Nascimento, a Associação dos Moradores da Vila Nova<sup>41</sup> (risos) também mandou. Eles procuraram toda sorte de apoios e tudo mais. Mas aí, eu usei mais uma coisa: o Otto Nascimento que foi o primeiro diretor da Escola de Engenharia antes da federalização, com a criação de Brasília, abriu-se um campo muito vasto para os engenheiros e ele e o vice-diretor abandonaram a Escola – que estava em fase precária de funcionamento – e foram pra Brasília. Justamente isso que me levou à Escola de Engenharia, porque o vice-diretor é que lecionava Mecânica Racional – que era o nome da época, mas depois mudou pra Mecânica Geral. Quando ele saiu, deixou uma carta. Ele era formado em Ouro Preto e tinham uma fama muito grande os engenheiros formados lá. Ele deixou uma carta dizendo que ele pretendia fazer aqui nessa Escola o mesmo que se fizeram em Ouro Preto na formação dos Engenheiros, mas viu que o meio aqui era muito atrasado e não tinha possibilidade. Não sei exatamente, mas mais ou menos nesses termos. (risos) Aí, o que eu fiz? Eu tirei várias cópias dessa carta e distribuí, quer dizer, era essa pessoa que eles queriam botar...

Mas apesar disso, ele nunca teve raiva de mim, ele é meu amigo. Na época em que ele era o diretor, ele me convidou pra ser professor e tal... Depois quando ele trabalhou em Brasília com serviços de engenharia, ele tinha muitas obras lá e me convidou pra ser o encarregado das obras dele. Ele tinha muita confiança em mim. Não se aborreceu comigo por causa disso. Era verdade, um documento assinado por ele, era uma arma que eu tinha pra usar, né?

E quando eu vi que ia ser aprovado mesmo o nome do Otto Nascimento, mais uma vez um anjo da guarda... eu vi num jornal que estava sendo realizado no Rio de Janeiro um congresso patrocinado pela OEA (Organização dos Estados Americanos), um congresso sobre o estudo de Matemática e Física. A coisa veio sob medida. Um congresso sobre esses assuntos, relacionado com Matemática e Física. Aí, então, na reunião do Conselho Universitário, em que se pretendia votar o nome do Otto Nascimento, eu, então, propus que se sustasse essa votação e que se mandasse um observador nosso a esse congresso no Rio para trazer de lá o que fosse recomendado lá para o ensino da Matemática e da Física. Então, nós tínhamos na Escola de Engenharia, um alemão, professor Fritz Keller e por sinal, foi aluno do Einstein, lá na Alemanha. Ele era muito velho, era nosso professor de Física. Aí tem um parêntese

---

<sup>41</sup> Bairro da Capital, próximo ao Setor Universitário.

interessante: Na I Grande Guerra ele viu tanta desgraça na Europa, muita mortandade. E ele veio aqui pro Brasil, pra Ilha do Bananal<sup>42</sup> viver no meio dos índios Carajás. Ele disse que a verdadeira civilização estava lá no meio dos índios. Viveu lá um bocado de tempo, até que lá em Goiás Velho – aquela velha capital aqui do Estado de Goiás – descobriram que tinha um alemão muito inteligente e acabaram carregando ele pra trabalhar na prefeitura pra fazer serviços de urbanização, coisas que exigissem um pouco mais de técnica e tal.

Então nós mandamos que esse professor Fritz fosse ao Rio e ele trouxe as recomendações que calhavam exatamente com aquilo que a gente queria e que era o que recomendava o Oliveira Júnior. (risos) Quando então, nós propusemos o nome do professor Willie Maurer, matemático formado lá pela Universidade de São Paulo, e que foi aprovado, pra estruturar e dirigir o Instituto de Matemática e Física.

Depois ele foi a Rio Claro e trouxe aquele grupo de professores...

Mas a sabotagem ainda continuou. O Conselho Universitário aprovou o nome dele no final do ano de 63. Até me lembro que sai de uma reunião do Conselho Universitário e tive notícia do assassinato do Bob Kennedy. Eu acho que foi 30 de novembro, uma coisa assim. Mas a sabotagem continuou: não tomaram nenhuma providência. Eu, por outro lado, já vinha tomando algumas providências: com uma verba que a COSUPI tinha conseguido pra Escola de Engenharia, eu construí o segundo prédio da Escola, mas com o objetivo de abrigar o IMF. E comprei 100 carteiras pra ter o início e o que nós tínhamos lá no laboratório de Física nós já transferimos criando um mínimo de condições pra funcionar. Mas na parte da reitoria nenhuma providência tomaram. E eu fiquei desesperado: começa o ano e como é que faz? Aí me deu um estalo de novo, eu cheguei lá na Escola de Engenharia e mandei a secretária fazer uma relação de todos os alunos que dependiam de cursar essas matérias de Matemática e Física e encaminhei como ofício ao reitor: “De acordo com a resolução número tal do Conselho Universitário de tal data, assim, assim, os alunos abaixo fazem parte do Instituto de Matemática e Física. Então (risos) estamos transferindo da Escola de Engenharia pra o Instituto de Matemática e Física esses alunos. E pra fazer Física I, os alunos tais e tais. Pra fazer Física II... Pra fazer Mecânica...” E assim mandamos pro reitor. O reitor ficou desesperado. (risos) Como é que ia fazer? Aí ele favoreceu a contratação dos professores. Porque esse que era o problema, nós não tínhamos o grupo de professores. Aí então, ele facilitou tudo pra vinda dos professores.

Aí, começou a funcionar em março de 64. Por azar, foi o ano que arreventou a revolução. E mais uma vez, o grupinho veio com aquela história de que nós éramos comunistas, que trouxemos os comunistas... Coisa que já contei no início aí, né? A idéia era mesmo fazer a divisão. Com a criação do Instituto, nós estabelecemos a Resolução no Conselho Universitário – até fui eu que redigi essa resolução – que os professores da Escola de Engenharia que lecionavam essas matérias poderiam lecionar na mesma Escola de Engenharia ou nas matérias caso houvesse vaga. Eles não seriam obrigados a ir pro Instituto de Matemática e Física. E no meu caso particular, que trabalhava em estradas, então muito ligado à Topografia e a cadeira de Topografia estava vaga porque o professor tinha pedido demissão, pedi, então, pra eu ser aproveitado em Topografia. E assim, no ano de 64, eu lecionei Topografia, antes eu lecionava Mecânica Racional. Até que venceu meu mandato de diretor. O outro diretor que entrou me forçou a ir pro Instituto de Matemática e Física com a Mecânica, alegando que eu fui nomeado pra cadeira de Mecânica e que eu tinha que ir pro Instituto. E assim, eu fui pro Instituto. E os professores, esses excelentes professores que vieram, com a revolução, com essa campanha contra os comunistas, essa subversão, essa coisa toda, quase todos foram embora. Daquele grupo mesmo, acho que só o Milano que ficou. E depois que o Willie foi embora, o Milano é que foi diretor. Por sinal foi um bom

---

<sup>42</sup> Localizada no Rio Araguaia, na divisa de Goiás com Mato Grosso..



diretor. Sofreu um acidente muito sério de carro, perdeu a esposa e se abalou muito ele. Foi diretor duas vezes.

F: O senhor ficou lecionando no Instituto quanto tempo?

G: Em 64 eu lecionei Topografia na Escola de Engenharia e em 65 eu já fui lecionar Mecânica no Instituto. E fui aposentado em junho de 78, mas aí, me convidaram pra voltar como professor visitante e eu fiquei mais três anos. E no tempo que eu estava ainda lecionado a Mecânica, eu comecei a fazer alguns cursos, por exemplo, Matemática para os Físicos e Estrutura da Matéria e umas outras matérias lá que eu fiz curso. Cheguei a lecionar a Estrutura da Matéria. Fiz o curso justamente com o professor Willie de Matemática pra Física. Mas eu fiquei esses três anos como professor visitante, eu já estava aposentado e fui contratado no mesmo nível. Porque eu fui aposentado no pico da carreira, era Professor Titular IV – hoje não sei mais como é que está isso – e aí fizeram uma reestruturação nas universidades e me enquadraram como Professor Auxiliar. Até não entendi isso: como é que eu aposentado como Professor Titular IV, no pico da carreira, seria contratado como professor auxiliar, que é no início da carreira?

F: Isso foi mais ou menos quando? O senhor lembra?

G: Isso aí deve ter sido no início de 82, por aí, mais ou menos. Aí eu fiz um ofício dizendo que certamente houve algum engano, como é que um professor aposentado como Titular IV ia começar como soldado raso? (risos) Como auxiliar de ensino? E pedi que tivesse uma retificação disso. Me responderam dizendo que se eu quisesse ser contratado como Titular IV que eu apresentasse o título de doutor e que fizesse o concurso.

Naquela fase da minha vida, já tinha terminado no pico da carreira, eu ia, naquela idade, naquela fase da minha vida, fazer mestrado e doutorado? Não tinha cabimento. Aí eu pedi demissão, rescisão do contrato. Isso foi no início de 82. E agora no ano passado, o Instituto de Matemática e Física completou quarenta anos e fizeram lá uma cerimônia, me prestaram uma homenagem com uma placa. E ele foi desmembrado em três institutos: Matemática e Estatística, o de Física e de Informática. Entre parênteses, também, tem uma coisa curiosa: nesta cerimônia, na formação da mesa de diretores dos Institutos, a diretora do Instituto de Informática era Ana Paula Laboissière Ambrósio. Esse nome Laboissière bateu aqui... Quando terminou ali a cerimônia eu abordei essa moça e falei: “- Escuta, você é o que do Genésio Roriz?” Ela: “- É meu avô.” Porque ele era Laboissière Roriz. Então o Laboissière me despertou a atenção. Eu falei pra ela: “- Pois a mãe dele, a Tia Julieta, era irmã do meu avô.” Uma coincidência danada. E mais ainda: “- Você é filha de quem?” “- Da Jana.” E eu: “- Pois a sua mãe e o seu pai foram meus alunos na Escola de Engenharia.” (Risos) Essas coincidências que a gente vê numa novela, parece que só em novela que acontecem, né?

Mas o Instituto praticamente fui eu que criei. Eu tive muita gente que me ajudou, mas eu que tomei todas as iniciativas. Completou os quarenta anos e lá aparece uma parenta, embora distante, mas uma parenta e que os pais foram meus alunos. A mãe dela que é minha prima e o marido que foi meu aluno e por sinal um excelente aluno. Então, um parêntese aí que me chamou a atenção. Que não tem nada a ver com seu trabalho, mas...

F: O que o senhor acha que nesse tipo de pesquisa a gente deve falar? O que é importante pra ser ressaltado? O que o senhor acha que seria relevante que fosse exposto?

G: A verdade é que, a formação dos engenheiros, depois da criação do Instituto subiu muito de nível. Nós tínhamos um caso muito sério, aliás, quando que eu assumi a diretoria da

Escola, ela estava em greve pra colocar na rua dois professores lá. Os professores Gerson Guimarães e Rodolfo José da Costa e Silva. Excelentes professores, muito competentes, mas havia um número de reprovação violento nas disciplinas deles, justamente pela falta de base dos alunos em Matemática e Física. E aí, mais uma vez um anjo da guarda... O Gerson Guimarães, antes da federalização, era o diretor e ele era formado em Belo Horizonte. Lá eles tinham uma organização que eles chamavam de Comissão de Ensino. Todos os problemas entre professor e aluno e coisa e discussão sobre uma matéria, se deve ser assim ou assado, coisas relacionadas ao ensino eram discutidas nessa comissão. E ela tinha um número de alunos igual ao número de professores na sua composição. Então, os nossos alunos pediram que aqui se criasse também uma Comissão de Ensino, pra resolver todas as pendências que houvessem aqui entre alunos e professores. O Gerson foi contra isso, ele era diretor e foi contra e engavetou a coisa. E quando eu assumi, os alunos estavam em greve pra botar esses dois professores da escola na rua, afastar da Escola. Mas eram excelentes professores, muito competentes, muitos dedicados, e eu não podia me conformar com isso. O que eu fiz? Propus a criação da Comissão de Ensino pra estudar o assunto. Na Congregação eu propus e foi aprovado e com isso a coisa foi esfriando e a greve cessou. Terminou o ano e no início do ano seguinte, pra prestar uma homenagem ao Gerson, que era um grande professor, era uma injustiça muito grande botar ele na rua, o número de reprovações não era culpa dele, era culpa da falta de base dos alunos e culpa dos professores que não eram adequados. Então eu convidei o Gerson pra dar a aula inaugural da Escola de Engenharia. Prestando uma homenagem a ele. E no primeiro ano da Universidade Federal, o reitor deu um banquete para os professores e diretores ali no Hotel Bandeirantes e cada diretor fez um discurso. Uma é que eu não sou de fazer discurso, não sei falar e outra é que eu quis prestar uma homenagem ao outro professor também. Ele era muito falador e muito inteligente, com uma cultura muito boa, eu pedi que o professor Rodolfo falasse em nome da Escola de Engenharia. Eu procurei então prestar uma homenagem aos dois, que era uma injustiça o que estavam fazendo. A Comissão de Ensino até que nos ajudou muito. Vários problemas que surgiram eram debatidos na Comissão de Ensino que não tinha poder de decisão, mas a conclusão a que se chegasse era levava pra Congregação e que ia analisar e conceder dependendo do caso. Era de lá que saíria a decisão.

F: De onde vinham os alunos? O que eles pretendiam com aqueles cursos? O que o senhor se lembra das aulas?

G: Nós tínhamos um pessoal destinado à Engenharia e um destinado à Matemática e Física que tinham os mesmo cursos básicos, né? A grande maioria dos alunos era constituída de alunos destinados à Engenharia, o número pra Física e Matemática era reduzido. Então, havia uma maior ênfase para os alunos destinados à Engenharia, nas disciplinas e os alunos da Física não gostavam muito disso e com razão, né? Mas não havia assim, grandes diferenças não. Quando foi criado o Instituto de Matemática e Física dando oportunidade de formação para matemáticos e físicos, o Genésio... você chegou a conhecer o Genésio? O Genésio fez comigo na Escola de Engenharia a Mecânica Racional e depois quando eu lecionei topografia no terceiro ano ele fez a Topografia. Depois com a criação do Instituto ele logo se candidatou a fazer pra Matemática. Foi o primeiro, o Genésio, por sinal um ótimo rapaz. Uma pessoa de temperamento nobre, gosto muito dele.

F: O senhor se lembra de mais algum outro aluno que fez esse caminho da Engenharia pra Matemática?

G: Não, só me ocorre o nome dele. Acho que, realmente, que começou a fazer a Engenharia, chegou a fazer o terceiro ano e que pulou pra Matemática, foi só ele. Acho que os outros da Física fizeram vestibular pra Física mesmo. Assim, na minha memória, não posso garantir.

F: O senhor estava contando que alguns professores da Escola de Engenharia davam aula no IMF, né?

G: Inicialmente era, mas o ambiente não estava muito bom com esse negócio da revolução e subversão e não-sei-o-que, vários foram voltando e as vagas foram preenchidas por engenheiros mesmo até a coisa se normalizar.

F: Depois que o Instituto se consolidou, aquele grupo que pensava em emperrar ainda pressionava? Ainda tentava atrapalhar de alguma forma?

G: Não, depois de criado e que começou a funcionar, eles se deram mesmo por derrotados. Devido àquela fase quente da história, isso gerou uma certa inimizade entre alguns. Mas, nada mais sério.

F: O senhor acha que a preocupação deles maior era com relação à perda de vagas pra outros professores? Ou qual seria a preocupação deles?

G: Era não perder a vaga de professor, o salário, né? Eles tinham as suas empresas de engenharia e como bico tinham duas ou três cadeiras lá. Com a criação do Instituto perderam essa coisa. Isso é que foi o que aconteceu. Porque mexeu no bolso do homem, ele fica bravo, e esperneia de toda maneira.

É, até hoje eu tenho meu sistema nervoso meio abalado porque foi um período muito difícil...

F: Muita pressão?

G: Muita pressão. Eu morava no Setor Oeste e, na época, tinha poucas casas lá no meio do cerrado e passava um carro preto lá, sem placa com uns homens mal-encarados devagarzinho... Um dia minha mulher estava no jardim molhando as plantas e um lá comentou com o outro: “- Aquela ali que é mulher dele...” E a minha mulher ficava desesperada. Recebia umas ligações telefônicas me ameaçando e tal, pra eu ter cuidado, essas coisas, né? E quando veio a Comissão do Ministério da Educação e Cultura, o Conselho Federal de Educação, e que eu fui chamado pra prestar um depoimento, eu fui lá no exército e pedi uma garantia, porque as coisas que eu ia dizer iam contrariar de forma muito séria até os vendedores dos produtos de laboratório pra Faculdade de Medicina. Eu pedi que eles me garantissem a ida lá pra eu fazer esses depoimentos.

F: Na época da Comissão do MEC que veio verificar o que?

G: A denúncia que eu fiz contra o reitor, porque ele estava me perseguindo de toda a maneira e aí eu entrei na briga mesmo e fui à Brasília e entrei com uma representação ao ministro que na mesma hora encaminhou para o Conselho Federal de Educação.

F: Então o reitor, na época, não era favorável à criação do Instituto?

G: O reitor, na minha apreciação, ele era um grande oportunista. Antes da revolução, havia uma predominância do esquerdismo, então ele procurava se mostrar meio esquerdista.

Quando veio a revolução, ele se apavorou e procurou logo mostrar que estava combatendo os comunistas.

Eu estava operado de uma hérnia que estrangulou, tinha três, estava no hospital e ouvi pelo radinho de pilha a notícia da revolução. E pelos ideais e tal eu bati palmas, pra acabar com a bagunça que tinha aí. Mas no dia seguinte fiquei sabendo que meu vice-diretor que estava em exercício, foi preso, estava na penitenciária. Aí pra não deixar a Escola nas mãos dessa cambada que estava nos combatendo, eu quis sair do hospital pra reassumir a diretoria. A minha mulher brigou comigo, não quis deixar: “- Você está se matando por causa desta Escola.” O médico não quis deixar eu ir. Eu falei: “- Olha, se eu for pode me fazer mal, mas se eu não for, vai fazer mais mal ainda. Então eu vou. A minha mulher guia o carro e me leva até lá.” Eu liguei pra minha secretária botar no térreo uma mesinha com uma cadeira pra eu não ter que subir escadas, botar uns processos lá pra eu despachar. E dessa forma ultrapassamos esse dia. Prenderam sumariamente meu vice-diretor.

F: Como era o nome dele mesmo?

G: Marcelo da Cunha Moraes. Hoje parece que ele é professor ou diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade Brasília. Ele era ligado ao cálculo de estrutura de concreto armado e tal. E por sinal é meu compadre: eu sou padrinho de uma filha dele... Olha, eu não faço café normal, só café solúvel. Você aceita um café?

## 2.5 DEPOIMENTO 5

**Prof. José Miguel e Profa. Kazue Yamagushi.**

Dagmar: Bom, professor, a primeira questão é... Como numa pesquisa você tem uma metodologia pra entrevista...

José Miguel: Certo, certo.

D: Eu vou voltar algumas questões... Eu vou voltar, onde o senhor nasceu e quando?

J: Nasci na Paraíba do Norte... João Pessoa. Nasci em João Pessoa, na Paraíba do Norte, em 15 de março de 1922.

D: Nome completo?

J: Nome completo: José Miguel Pereira de Souza.

D: Onde o senhor fez o Curso de Graduação? Onde o senhor fez e quando?

J: Eu... Graduação é...

D: É, a primeira faculdade.

Kazue: É foi...

J: Calma, deixa eu lembrar. No Rio de Janeiro... No Rio de Janeiro.

K: Qual Universidade?

J: Calma, deixa eu acabar de falar. Primeiro foi numa Escola Militar, no Realengo.

D: Que curso o senhor...

J: Curso Militar. Da Escola Militar do Realengo, o Curso se chamava Escola Militar do Realengo.

Quando terminou, então é que eu fui fazer... Eu queria fazer outros Cursos. Tinha que adaptar. Porque naquela época tinha que adaptar os cursos da Escola Militar do Realengo. Tinha que adaptar no currículo civil, que eu queria fazer outros Cursos. Naquela época eram cinco anos de Ginásio, depois fazia o complementar, dois anos. Então eu fui fazer... Acabei o Curso da Companhia Militar e fui fazer o complementar no Colégio Pedro II, que era o colégio padrão.

D: O melhor Colégio do Rio. Do Brasil.

J: É. depois que eu fiz a complementação, que eu fui fazer Faculdade. Entrei na Faculdade de Filosofia lá no Rio. Que era do Lafaiete. O Instituto Lafaiete que formou a Faculdade Lafaiete. Fiz o Curso de Física. Fiz o Curso de Química. Porque eu comecei a me dedicar à parte de Física Nuclear, porque estava fazendo o Curso no Centro Nacional de Pesquisas Físicas, que era na Praia Vermelha.

D: CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas). Ficava na Praia Vermelha?

J: Na Praia Vermelha.

D: Que ano?

K: Ah, foi em quarenta e poucos...

J: Então, como eu estava fazendo um Curso que me dedicava... Queria me dedicar à pesquisa física, foi na época da [...] aí eu fiz o Curso lá também, no Estado, um curso de aperfeiçoamento. Parte de pesquisa [...] nuclear. Foi na época do César Lattes. Então, depois de lá é que vim pra Goiânia.

D: Não, mas depois você foi dar aula em vários colégios lá...

J: Dei aula no Colégio Militar, no Rio. No Colégio Militar do Rio de Janeiro. Dei aula no Colégio Militar do Rio, no Colégio D. Pedro II. Na Faculdade de Filosofia, dei lá o Curso de Física.

D: Acho que o senhor criou o Curso de Física lá?

J: De lá. Eu dei [...] me parece que era o [...] que é até meu compadre. E...

K: Isso foi na Universidade... da Guanabara. Estadual da Guanabara.

J: É, foi. Guanabara? Estou no Rio de Janeiro.

K: Não.

J: Guanabara foi depois.

K: Foi depois... Hoje é Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

J: Mas já mudou, de lá foi Universidade do Rio de Janeiro, foi da Guanabara, depois passou... Aí foi quando eu vim dar Curso da CADES. Vim pra cá e o Mauro não deixou eu voltar.

D: Onde o senhor conheceu o Mauro Borges?

J: Na escola Militar do Realengo. Eu era aluno do primeiro ano, ele era do terceiro ano.

D: Certo. E aí o senhor veio pra Goiânia pra quê, antes de entrar em contato com ele?

J: Eu vim pra Goiânia dar o Curso da CADES. Por causa do Curso da CADES, o Curso de Formação de Professor de Faculdade, que antes não tinha, né?

D: E que disciplina que o senhor ministrou então?

J: Foi o Curso de Matemática.

D: E aí, fala pra nós um pouco, então, como que foi esse contato com o Mauro Borges.

J: Ah, o Mauro Borges foi ser Governador, e ele queria que eu fosse atrás dele fazer discurso político. Mas eu falei: “- Não, não. Não vou atrás de você fazer isso, não.” Então que eu entrei na Católica.

D: Ele que apresentou o senhor? Como que foi o seu contato com a Católica? Como que o senhor entrou em contato com o pessoal da Católica?

J: É, eu perguntei onde é que tinha Faculdade aqui... onde é que tinha Faculdade... era Faculdade daqui... Eu que entrei em contato com a Faculdade. Já tinha a Faculdade com outros cursos, né? Era na Católica... Eu entrei em contato lá com o pessoal lá, eles me chamaram: “- Ah, a gente tá precisando fazer um Curso de Matemática.” Aí eu formei o Curso de Matemática, não é?

D: Certo.

J: Então, formei o Curso de Matemática. Na Faculdade de Filosofia, eu formei o Curso de Matemática. Formei os primeiros professores da Faculdade de Filosofia da Católica.

K: A primeira turma foi a do Afonso?

J: A primeira turma. Então, a primeira turma foi a do Prof. Afonso, Prof. Rosenval...

K: Não senhor. Afonso, o César, Zé Áires...

J: O Zé Áires, isso, é... Foram esses. E depois, eu peguei esses primeiros alunos pra ser professor de lá. Dorival...

K: Não, Dorival não.

J: Não, não, não.

K: Dorival é depois de mim. Depois de mim.

J: Não, Dorival fez [...].

K: Fez [...], mas depois de mim.

J: Essa coisa aqui também. Falar que eu virei analfabeto também.

K: Antes também do Dorival tem muita gente aí.

J: Não, eu não lembro, não.

Maurides: Professor, agora uma pergunta que eu acho assim, que talvez o senhor pudesse nos ajudar, que nós temos dificuldade... Por que que foi criado o Curso de Matemática? Por que eles queriam criar o Curso de Matemática?

J: Porque eu vim pra cá com formação do Curso de Filosofia que tinha no Rio. E de Matemática, que tinha Curso de Matemática. Aí, eles falaram, então vamos formar um Curso de Matemática. Eles fizeram um Curso de Matemática.

M: Para formar professores?

J: Para formar professor, na Católica.

K: Porque o Estado não tinha nenhuma Faculdade de...

J: Nenhuma.

K: Filosofia com um Curso de Matemática não tinha.

M: E qual a relação que o senhor vê do Curso de Matemática com o Curso de Engenharia? Eu to perguntando isso, Kazue, por que quando a Engenharia começa no Brasil, em 1808, com a criação da Academia Militar, os Cursos de Engenharia ficaram muito ligados à Academia Militar em razão dos Cursos de Engenharia e Matemática Superior, não é?

K: Sei.

M: Como é que o senhor vê isso aqui na Católica, em Goiás?

J: Na Católica aconteceu o seguinte: ela criou o seu Curso de Matemática, né?

M: Sei.

J: De Matemática. Então, eles resolveram na Federal... Aí eu fui pra Federal também. Eles criaram na Federal, e eu fui dar aula na Federal. Aí, eles criaram o Curso de Engenharia. Até foi como Wilmar, lá do Rio.

M: Grimaldi.

K: Grimaldi.

J: É. Aí ele criou o Curso de Engenharia. E eu fui...

K: Tinha também o Prof. Fritz.

J: Ah, o Fritz foi o primeiro professor de Física da Federal. Mas quem criou o Curso de Engenharia mesmo...

K: Prof. Gabriel.

J: O Gabriel foi o primeiro Diretor da Engenharia. Mas o Grimaldi é que criou o Curso de Engenharia.

M: Mas não tinha o curso de Física e de Matemática na Federal não.

J: Não, não.



M: Era de Engenharia?

J: Só de Engenharia.

M: Tá. Mas o primeiro Curso de Matemática...

J: Foi na Católica.

M: Foi na Católica. De formação de professores.

J: Isso, de formação de professores.

M: E a Engenharia na Católica, é quando?

J: A Engenharia foi depois.

K: Muito depois.

J: Depois, depois. Tanto que os professores que fizeram Matemática na Católica, o Dorival, o César... no Curso de Engenharia os alunos aproveitam... Filosofia não dá dinheiro. Professor [...] negócio de estudar. O que dá dinheiro é Engenharia. Aí eles foram pra Engenharia. Foram... Fizeram o Curso de Engenharia logo depois.

K: Foi bem depois.

J: É, foi bem depois, mas não foi coisa de quinhentos anos depois não.

K: Não, não é quinhentos anos, mas também...

M: E lá na Federal, quando é que foi criado o Curso de Matemática?

J: Ah, o Curso de Matemática... Aí foi logo depois. Eu fiquei fora, que eles quiseram que eu ficasse em tempo integral, e eu não podia ficar integral por causa da COSUP. Que eu tinha... A COSUP era do Ministério da Educação. Que eu tinha vindo pra cá, do Rio pra desenvolver o ensino, e não podia ficar em tempo integral porque não tinha como acumular duas funções. Tinha aquele negócio da acumulação, de modo que eu não quis ficar porque não podia ficar em tempo integral. Tá escrito aí.... Pois bem, aí então... Aquela coisa esquisita com a [...]

D: Ela foi de qual turma? O senhor lembra?

J: Da primeira ou segunda...

K: Foi segunda turma.

J: Foi da segunda turma.

K: Sessenta e três.

J: É, ela ficou... É, depois, depois...

K: A minha turma era grande, sabe? Na época. todos que não passavam na Engenharia e na Medicina, faziam vestibular na Católica, e para Matemática, para eles poderem adquirir base. Então a [...].

M: Kazue, antes de mais nada, você me anota o seu nome...

K: Kazue Yamagushi Ferreira de Souza. Nasci em São Paulo, em 26 de outubro de 43. mas vim muito nova pra Anápolis. E em Anápolis eu fiz minha formação primária e secundária. Depois, eu vim pra Goiânia porque queria fazer Faculdade, e em Anápolis não tinha Faculdade. E procurei a Católica, que era a Faculdade que tinha mais nome na época. E chegando lá, eu conheci o Diretor, que era o Padre Tomás, aí ele me apresentou o José Miguel, que era o Coordenador e Diretor do Curso de Matemática e Física da Católica. Aí me incentivaram muito a fazer Curso de Informática eu: “- Tudo bem, então vou me preparar pra fazer o vestibular.” Eu fiz o vestibular, mas na época era prova de Português, específica de Português. Uma redação e uma parte gramatical. E a prova de Matemática era assim, Matemática, Física, Química... Tinha uma porção de matérias que constituíam uma única prova. E tudo prova escrita. No canetão, não tinha cartão, não tinha nada disso. Aí, eu me lembro que na redação eu tirei, acho que foi a segunda nota do pessoal do vestibular da época. E em Matemática, eu passei... Tirei assim, na base de um sete, sete e pouco. Eu sei que eu passei no vestibular. E comigo entraram várias pessoas... na sala acho que tinha umas trinta e poucas pessoas, e a maioria eram os alunos que tinham feito vestibular na Medicina e na Engenharia e não tinham passado. Aí eles fizeram vestibular pra Curso de Matemática, pois no ano seguinte, com a base de Matemática boa, iam tentar novamente a Engenharia ou a Medicina.

D: E tentaram?

K: Tentaram, e muitos passaram.

M: Aí a turma esvaziou?

K: Esvaziou. E esvaziou de tal forma que no meu Curso éramos quatro... Três alunos de Matemática e dois de Física, só. Na minha turma. A segunda turma.

M: E esses outros?

K: A Faculdade de Filosofia toda. De todos os Cursos. Letras, Português, Inglês, Geografia, História, Matemática, Física... Eram todos os Cursos juntos. Esse pessoal que tá aí.

M: E ainda a característica de optar pelos Cursos da Faculdade de Filosofia, porque não passaram. Você acha que era só na Matemática, ou dos outros Cursos?

K: Mais Matemática. Mais Matemática pro pessoal adquirir base. Agora, a maioria desses alunos, quando entravam na Faculdade, no primeiro ano de Matemática, há tinha emprego de dar aula nos colégios particulares e estaduais. Porque o Instituto de Educação, o Lyceu, o Pedro Gomes, eram escolas que estavam assim, cheios de professores que tinham entrado na Faculdade pra fazer Curso de Matemática. E esses alunos que passaram pra Medicina e pra Engenharia, também todos eles já tinham emprego através da Faculdade de Filosofia. Então, eles achavam bom porque já saíam com emprego e passavam no vestibular, no ano seguinte,

para os cursos que eles queriam, alguns até faziam assim, segundo ano, até terceiro ano às vezes. Mas a maioria deixava por causa do curso específico... o Curso era anual.

D: Anual?

K: Anual. A gente começava assim, em março, e ia terminar em dezembro.

D: Eram...

K: Quatro anos. Quatro anos.

J: Depois que fizeram...

K: É, o crédito, né. Era mesmo...

M: Em 71. Que a reforma de é de 68, foi implantada em 72...

K: Eu sei que quando eu terminei não era... Era anual. O sistema era anual.

D: Lindo professor, lindo. Isso é documento.

J: O curso era importante, tanto é que [...], né?

D: É.

J: (risos)

K: Através de um colega meu, que trabalhava numa... Aquela confecção de quadros, e que foi meu colega na Matemática, até no segundo ano, mais ou menos, e que aí ele passou na Medicina. Aí, ele abandonou a Matemática. Aí, ele fazia como bico, oferecendo quadros de formatura pro pessoal que formava. Aí, ele terminou a Medicina. Hoje eu não sei nem a onde ele anda. Mas, que foi...

D: Quem é ele?

K: É Rui. É um ortopedista. Eu sei que ele fez a especialização em ortopedia, mas não sei onde é que ele está, e nem como é que ele anda. Agora, tem muitos que foram pra Engenharia.

M: A senhora tem conhecimento de alguém...

K: Alguém?

M: É.

K: Que foi pra Engenharia. Ah, o Sérgio [...] esse trabalhou no Estado muito tempo. Foi meu colega, ele fez Matemática até o segundo ano, mais ou menos, depois ele prestou pra Engenharia, passou e... foi pra Engenharia. Não voltou mais. Deixe-me ver. Assim por nome é difícil da gente lembrar. Deixa eu ver quem mais... Tinha também um outro colega que se chamava Vilmar [...]. ele também fez o primeiro ano de Matemática, depois passou pra

Medicina, terminou a Faculdade e foi pra terra dele, Paraúna. E hoje, dizem que ele tem um hospital lá em Paraúna. Não sei também como é que está.

M: É, e os alunos que saíam, como você ta falando. Eles já no Curso lecionavam...

K: Já.

M: E aqueles que terminavam a graduação da Matemática, continuavam lecionando? Onde?

K: Ah, na própria Faculdade, como eu fiquei. Outro colega também ficou... Eu dei aula no Instituto de Educação durante doze anos. Passei do primeiro ano ginásial, até o terceiro ano da escola normal. Terceiro ano da escola normal. Passei assim, todas as etapas dando aula de Matemática. Hoje eu encontro assim, de vez em quando, com ex-alunos, do Instituto de Educação que foram minhas alunas no primeiro ano do ginásial, ou se não, do Curso de Normalista. Até hoje, sabe? Algumas eu me lembro, e algumas falam comigo até hoje.

M: Quando que você foi pra Federal?

K: Eu fui pra Federal?

M: E por quê?

K: Ah, pra melhorar meu salário! Porque na Católica era muito... se bem que era certinho. No dia certo x, não sei que dia que era, sempre a gente recebia. Mas muito pouco. No Estado então, nem se falava. Porque eu dava aula no Instituto, mas era muito pouco. E ainda, como não era formada...

[Kazue deixa a sala]

M: Eu tenho que perguntar uma coisa pro senhor, que eu acho muito importante...

J: [...] eu tenho uma filha, do meu primeiro casamento, que já tá tudo formado...

D: Como que ela chama?

J: Maria Tereza.

D: Em qual área? Em qual Curso? Ela é formada em quê?

J: Ela é formada... Em quê que ela é formada?

D: Ela é professora do Externato São José.

J: É, sim.

M: Ah, sim a Irmã Laura me falou.

J: Ah, a Irmã Laura foi minha colega... Irmã Laura...

D: É, sim, é amiga minha.

J: Irmã Laura foi minha [...] na Faculdade. Até uma época teve lá um problema qualquer. Aí até eu salvei, porque eu fui lá, eu era militar naquela época, e ela me deu a mão. (risos)

M: Professor, tem uma coisa que eu gostaria de perguntar pro senhor, depois pra Profa. Kazue também, que é o seguinte: primeiro, quem dava aula no Curso de Matemática? Tudo bem, o senhor veio criou o Curso, o senhor tinha uma formação. Uma formação sólida do Rio e tal. Quem mais dava aula, e de quê? Quais eram as disciplinas, o conteúdo? Quem dava aula? Quem são os outros professores que deram aula nas primeiras turmas, sem ser o senhor? Vou reformular a pergunta por que... Então é, quem eram os primeiros... Quem foram os primeiros professores do Curso de Matemática, junto com o senhor? Qual era a formação deles?

J: Bom, eu tinha a Matemática e a Física. Naquela época não tinha nem o Curso de Estatística, depois foi criado. Eu também era registrado em Estatística. E o Ary...

[Mudança de fita]

M: Então vamos lá, professor, eu vou reformular a pergunta. Então, quem eram, quem foram os primeiros professores do Curso de Matemática junto com o senhor? E qual a formação deles?

J: Tinha eu, tinha matemático, tinha físico, naquela época não tinha nem o curso de estatística. E eu também era registrado na estatística e o Ary também.

K: Ary Pereira da Silva. Ele era também Militar?

J: Foi militar.

K: É da Aeronáutica? Era de Porto Nacional.

J: Da Aeronáutica.

K: Ele era esposo da [...].

K: Mas como ele era militar, tinha base em Matemática, então ele deu aula na faculdade. Foi professor lá. Tinha o professor Orlando, Orlando... Era, era professor de engenharia, ou engenheiro. Professor Orlando... esqueci.

M: Ele era formando onde?

K: Ele era engenheiro. Puxa, acho que daqui mesmo, não sei.

M: Onde ele fez curso de engenharia mesmo?

D: Em Belo Horizonte?

K: É, não sei. Não sei de onde ele é.

M: Quem mais?

K: Era o professor Orlando, o professor Ary, deixa eu ver quem mais. O professor... um que era muito, muito, gostava muito de pesquisa... professor...

J: A hora que você quiser interromper...

D: Lembrou Kazue?

K: Não... Ah! Hermógenes Coelho.

M: Hermógenes!

K: Hermógenes Coelho. Ele era engenheiro também de formação?

M: Ele era de onde?

K: De Minas, Minas.

M: Dava aula de quê?

K: Ele dava aula de desenho. De Desenho, Descritiva, Geometria Descritiva e Desenho.

M: E o professor Orlando, dava aula de quê?

K: Ele dava aula de Física. Uma parte da Física: Mecânica.

D: E o professor Willie Maurer?

K: O Willie Maurer não chegou a dar aula na Católica.

J: Ele dava aula na Federal.

K: É, na Federal. Agora, o professor Ary, dava Geometria Analítica.

M: E o senhor?

K: Ele dava Física Geral, dava Química, dava Estatística, Fundamentos de Matemática, tudo ele dava.

M: Na época, quem era o diretor da Faculdade, quando o senhor veio para cá?

J: Era o Tomazzi.

K: Luiz Tomazzi.

M: Pelo que você disse, bem antes do Cristóbal, né? O Cristóbal é nos anos 70.

K: O Cristóbal é bem depois. Depois do Tomazzi, veio o padre Correia. É, Correia, padre Correia. Eu não sei o nome dele completo, também não me lembro. Depois do padre Correia, quando ele morreu, veio o padre Cristóbal Alvarez Garcia. Depois do Padre Cristóbal, veio o Padre José Carlos de Lima Vaz..

M: Dario Nunes Silva, Ivo Mauri, Pedro Wilson, Clélia Brandão Alvarenga Craverio...<sup>43</sup>

K: Isso, e depois, eu não sei mais, porque foi muita gente. Pedro Wilson foi também, né?

M: Professor, o senhor foi diretor do Curso de Matemática, então?

J: Era.

M: Criador e diretor.

J: Criador e diretor.

M: Quantos anos o senhor ficou lá na Católica? Como professor e como diretor?

J: Fui convocado para dar aulas na Escola Técnica.

K: 62 até... Quando ele se aposentou, porque ele sofreu um acidente, um acidente muito feio. Ele saiu de lá acho que em 79.

J: 79.

D: E durante esse tempo todo, ele foi diretor?

K: Foi diretor. Chefe do Departamento. Lá ele era chefe. Chefe do Departamento.

M: Quando é que a Matemática sai lá da Faculdade de Filosofia? É com a reforma de 68? Quando é que o curso desmembra e é criado o MAF?

K: Foi mais ou menos em 70.

M: Depois da reforma?

K: Eu acho que foi.

M: Porque até então, era tudo ali na Faculdade?

J: Era no FIT<sup>44</sup>. Depois...

K: Naquele prédio.

J: Naquele prédio antigo.

K: Era cor de rosa. Era o único da Católica. Depois fizeram um anexo lá no fundo.

M: O básico.

---

<sup>43</sup> Estes nomes, citados pela professora Marrúdes, referem-se a reitores da UCG.

<sup>44</sup> Departamento de Filosofia e Teologia.

K: Básico. Depois fizeram lá a engenharia, na parte de baixo, ali na avenida. E depois, foi crescendo, crescendo e hoje está o que é...

M: 24 mil alunos.

K: 24 mil!

M: De graduação.

K: Que coisa! O Luiz Gonzaga foi nosso aluno.

M: Ah é? Quando?

J: Foi logo no início.

K: Mais ou menos. Deve ter sido.

M: E o Hélio?

K: O Hélio não fez na Católica. Ele fez na Federal.

D: E a Gumercina? Foi antes do Luiz ou depois?

K: Antes.

D: Agda?

K: Agda também.

D: E o Pedrão? Foi antes do Luiz?

K: Antes do Luiz. Talvez, assim, um ano de diferença.

J: O Pedrão era um aluno alto, era da polícia militar.

D: Exatamente. Ele está lá até hoje.

K: O José Afonso foi da primeira turma.

J: Foi da primeira turma.

K: O José Afonso, o César e o José Aires

K: Da primeira turma. Depois daquele, o Demerval Sena Aires foi da 4ª turma.

J: Você olhando nesses papéis, você vai ver um número de datas que vai justamente colocando...

K: Que a data...



J: Foi quando eu fui chamado para a Faculdade. Foi quando eu fui pra lá. Em 79 eu já saí. Depois, eu fui professor da Economia. Dei meu nome para registrar o curso de Economia, eu tive que dar o registro no Ministério da Educação, para ser aprovado na Faculdade de lá. Fui de Direito, a Faculdade de Direito de Anápolis, depois eu fiz Direito aqui.

M: Eu vi aqui, os diplomas de Economia e Direito. O senhor fez Direito onde?

J: Direito eu fiz na Católica.

K: Ele saía da Matemática, corria pra assistir aula lá no Direito, depois corria pra outra aula na Matemática.

J: Porque o meu problema era Física Nuclear. Fiz até o curso na escola técnica do Rio. Aí passei pro quadro de professor, ser promovido depois de 5 anos, entendeu? Mas não era do quadro. Pois bem, o tempo passa [...] é isso aí.

M: Professor, as primeiras turmas tinham muitos alunos ou não? A turma da Kazue ela falou. A primeira turma foram, começou com quantos?

J: A turma era: José Afonso, César e José Aires

M: Começaram quantos?

D: Foram só eles que terminaram, ninguém mais terminou.

K: Não, teve mais alunos... teve também o Niso Prego.

M: Ah, o Niso Prego?

K: É ele fez Faculdade lá na Universidade Católica.

M: De Matemática?

K: Matemática, curso de Matemática, eu não sei se ele terminou, porque ele foi [...].

J: Ele não ficou lá até o fim não.

K: O irmão dele também, foi até meu aluno.

J: O Luiz foi...

K: É o Luiz, o Armando...

M: O Armando também foi aluno da Católica?

D: Foi..

J: Foi aluno da Católica.

K: Você tem notícia do Armando?

J: Foi meu aluno. Ele estava bem doente.

D: Ficou doente professor, ficou muito mal, está tratando, já operou pela segunda vez, ele é um herói.

J: O Armando foi meu aluno.

K: Era aluno nosso e depois

J: Ele era da turma do Luiz.

D: Desde quando vocês criaram o curso de Matemática, já tinha as áreas que o EDU<sup>45</sup> ministrava as didáticas, as práticas de ensino?

K: Ah sim, eu fiz com a Floraci...

M: Rebouças, Floraci Rebouças.

D: O que você lembra de lá?

K: Da professora Ofélia, acho que era Filosofia, e a Floraci era...

D: Já tinha Didática

K: Era Didática... acho que era Didática Geral e Psicologia, acho que sim, eu fiz com ela acho foi Psicologia e Didática Geral.

D: Quem mais você lembra lá do EDU, tinha mais gente?

K: A Floraci já é falecida, Ela já faleceu tem uns dois ou três anos, por aí, mas a professora Ofélia, professora Gilca...

M: Ah, a Dona Gilca foi minha orientadora,

K: Foi? Pois então, ela também dava aula lá, e tinha também...

D: Engraçado, José Afonso fala da Laci, você se lembra quem era essa Laci?

K: Laci foi minha colega que era professora de Cálculo Numérico.

D: Não, outra.

K: Outra Laci?

D: É.

K: Não lembro. Não sei quem é.

---

<sup>45</sup> Departamento de Educação

D: Você também não lembra sobrenome. O professor Dario, o que ajudou vocês, como que ele chama?

K: Dario não.

J: Aquele que dava aula no Liceu.

K: Ari.

D: Ari, Ari.

J: Morreu.

K: Esse morreu já tem vários anos.

M: Professor, foi fácil a implantação do curso, como é que foi essa relação com os padres lá, com o Diretor da época, como é que foi pra implantar? Tinha demanda, como é que é?

J: Foi uma relação muito fácil. Porque eles viram que eu vim do Rio, né, porque eu já tinha esses cursos, já tinha condição de organizar os cursos, e eu assumia, naquela época assumia mesmo. Então os padres lá acolheram com muita facilidade, inclusive o padre que morreu, Padre Tomazzi.

D: Professor, mesmo tendo poucos alunos eles não questionavam?

J: Não, não questionavam. E as turmas de Matemática nunca foram grandes mesmo não. Depois cresceu mais, mas tudo pequeno, turma de Matemática era muito pequena. Eles queriam justamente pra completar os cursos, tudo o que fosse pra Faculdade Católica pegar todo mundo. Nunca tiveram uma idéia de fazer um relacionamento dos cursos, o que você está fazendo agora, coisa inteligente: por que a pessoa numa Universidade fez curso tal? Quando veio? Quando formou? Quem trabalhou desde o início?

M: Então, na opinião do senhor, era pra formar professores?

J: É, inicialmente era, o Ministério mandava a gente aqui pra formar professores pela CADES eles não queriam mais fazer curso CADES, resolveram fazer os professores eles mesmos. Já tinha a Faculdade de Filosofia, pra evitar vir um professor de fora, dar um curso aqui de dois meses... Vinha no fim do ano, dava em dois meses o curso.

D: Na Federal, você trabalhou no de Matemática, ou só no de Engenharia?

J: Trabalhei na Matemática, na Engenharia não trabalhei, trabalhei na Matemática, com Análise.

D: Você aposentou na mesma época na Federal e na Católica, ou você continuou em algum lugar?

J: Não, depois eu passei a ser do Ministério da Educação, fui trabalhar no Ministério da Educação como assessor de um militar. Trabalhava no Rio, na Escola Técnica do Exército,

mas tinha um quadro especial e eu era do ensino, e eu ajudava tanto que o Mauro queria que eu fosse fazer política. E aí eu disse: “- Atrás de você eu não vou. Meu negócio é estudar. Vou pra escola.” Fiz o que eu queria fazer. Fiz bem. Depois que eu me aposentei trabalhei em Brasília com o Garrastazu<sup>46</sup>, que era coronel. Aí eu trabalhei na área de Economia, ajudei a formar o curso da Economia

M: Lá da...

J: Da Economia. Até meu nome foi pro registro lá, foi para o Diário Oficial quando dei aula na de Direito de Anápolis também, Direito, Direito Internacional...

M: Professor, eu vi sua tese aqui de livre docência, fale um pouquinho sobre a sua livre docência pra nós.

J: Essa livre docência do Rio. Era ainda quando... na época que eu desenvolvi uma parte foi com a ajuda do César Lattes. Aí eu fui pra lá fazer esse curso, e fiz essa tese.

M: A tese é basicamente sobre o que? Fala do quê?

J: Estudo dos elementos. O que era problema era esse aqui. César Lattes era moço e descobriu uns elementos químicos. Ele e mais outro que veio pra cá como ele. Veio com muito nome... Aí ele foi pra Niterói, formou um centro de pesquisa em Niterói: ele era doido pelo Brasil, e era metido a político também.

M: Eu tô perguntando isso, até porque foi em 51 a livre-docência... Posso olhar aqui, parece que foi em 51, né? 55! Quer dizer, então, que o senhor veio pra Goiânia, criar o curso de Matemática, e o senhor já veio com a qualificação em pesquisa?

J: É.

M: E aí, o curso de Matemática, tanto da Católica quanto o da Federal, como é que o senhor vê essa relação com a pesquisa, que parece que formava mais professor do que bacharel, como é que era isso, a licenciatura e o bacharelado?

J: Não, naquela época não tinha bacharel, só depois que criaram o bacharelado. Era o livre-docente, o catedrático. Você fazia o concurso ia ser catedrático, não tinha doutor, phd, não tinha isso.

M: Não, os alunos do curso, quando eles terminavam o curso lá na graduação...

J: Bom, era um bacharel.

K: Onde você colocou?

J: O quê?

K: A sua tese.

---

<sup>46</sup> Emílio Garrastazu Médice, presidente do Brasil de 1969 a 1974.

J: Ah, tá no armário, dentro do armário, lá dentro de um envelope.

J: Depois eu comecei a me dedicar à lógica.

M: Professor, o senhor se sente mais da Física ou da Matemática?

J: Meu objetivo era mais Física, mas Física dependia de Matemática e dependia de Química, por isso que eu fiz esses cursos, desenvolvi esses cursos para dar Física e [...].

M: Kazue, como você vê essa questão do bacharelado e da licenciatura? Era bacharel ou licenciada?

K: Quando eu fiz era assim, bacharelado e licenciatura...

M: Tinha as duas coisas?

K: As duas coisas. Então no bacharelado a gente fazia todas as disciplinas do curso mesmo específico de Matemática. Então não tinha a Didática, não tinha a Psicologia, não tinha a Filosofia não tinha nada dessas disciplinas. Depois que a gente terminava, aí sim vinha a licenciatura, as disciplinas pedagógicas: Psicologia, Inspeção Escolar, História da Educação.

D: Kazue, quer dizer que desde que você fez já era licenciatura e bacharelado?

K: É. Na minha época sim.

M: Mas o bacharel ia atuar onde, tinha mercado?

K: Não tinha, só tinha comissões.

J: Eu desenvolvi este quadro aqui para criar novos elementos. Foi daqui pra cá [...] olha generalização dessa área aqui [...].

M: Então vocês faziam bacharelado, mas acabava optando pela licenciatura?

J: Pelo meu tempo não tinha esse negócio nem de bacharelado, nem de licenciatura. Era livre docência e catedrático.

K: O que importava pra gente era a licenciatura. Porque se não, não tinha mercado de trabalho. Porque a pesquisa era muito... assim... era pouca coisa e não tinha mesmo assim quem orientasse quem se interessasse. Era mais pra dar aula mesmo, sabe?

M: Agora, Kazue, lá na Federal, você é da época da criação do Mestrado?

K: Mestrado. Eu estava lá.

M: Como é que... quem criou?

K: Lá a orientação, a direção sempre foi do professor Milano, Juarez Milano. Ele é que contatava os professores pra lá, abria concurso para os professores, tudo. Genésio foi bem depois. Assim como a Shirlei Serconec foi. A Shirley, aliás, foi antes do que o Genésio.

D: Antes do Genésio?

K: Bem antes? Porque ela foi trazida pelo professor Milano.

M: E a Zaíra?

K: Zaíra foi da Católica.

M: Ela fez graduação na Católica?

K: Não. Ela foi como professora. Ela foi minha professora de Didática Especial de Matemática. Na época ela era recém-casada, estava esperando até o primeiro filho, e o marido dela era professor também na Católica.

M: Na Arquitetura?

K: Não, no curso de Matemática.

M: Ah é?

K: É. Ele dava Geometria Descritiva. Deu Descritiva pra mim. Pra minha turma também.

J: Ele era coronel.

[...]

## 2.6 DEPOIMENTO 6

### José Afonso Rodrigues Alves



Professor José Afonso Rodrigues (Fonte: Acervo nosso, 07/08/2006)

Fernando: A primeira questão nossa seria uma apresentação de como o senhor quer ser mostrado no nosso trabalho. Nesse primeiro momento o senhor poderia falar do senhor: de onde veio? Como começou a estudar e como que chegou a participar do início dos primeiros cursos de formação de professores de Matemática do Estado de Goiás. O senhor pode ficar a vontade.

José Afonso: Bem, eu poderia começar com o porquê, o porquê de se fazer um curso de Matemática, né? E como isso aconteceu. A vocação para o magistério surgiu influenciada por professores da gente. Eu tive dois professores que exerceram uma influência muito grande no início da minha vida. Um era um juiz de direito na cidade e a gente tinha como a pessoa mais importante da cidade porque era juiz e professor, numa cidadezinha no interior do Tocantins, Dianópolis. E por fim uma professora de Matemática que era uma freira espanhola, de um rígido regime disciplinar. Daí eu ter herdado dela essa qualidade também, de muita disciplina e muita tenacidade para as coisas. A gente tinha o hábito, assim, de ter dois cadernos de Matemática: um que você levava para a aula e ela passava a tarefa pra casa e ficava com o outro. Ela levava e corrigia e no outro dia... Todas as aulas de Matemática eram assim, fazendo as trocas de cadernos. Então, isso, desde cedo, me motivou. E como as meninas, as moças, tinham mais dificuldade em Matemática eu, desde cedo começava a dar aulas pra elas, né? E isso me despertou o jeito para professor de Matemática. Eu sai lá da minha terra em 1958... era Dianópolis, hoje no Estado do Tocantins... e fui fazer o segundo grau em Minas Gerais. Eu tinha um tio que tinha influência nos colégios e resolveu me mandar estudar em Araxá (MG). Fiz o segundo grau lá e em 61 vim para Goiânia. Foi quando eu fiz o exame vestibular. Quando eu estava já na faculdade, as pessoas perguntavam: "Que curso você faz?" Como antigamente os cursos de licenciatura eram na Faculdade de Filosofia, a gente falava que fazia Filosofia. E eu lembro que as pessoas falavam: "Ah, mas porque você não faz outro curso? Nesse curso você não vai passar de um simples professor..." Falavam isso pra gente:

“Você não vai passar de um simples professor!” Então o chique era fazer Engenharia, Medicina, né? Ainda uma vez alguém falou assim: ”Isso é curso de mulher!” Falei: “Pois é, mas o engraçado é que só tem uma mulher lá no curso, os outros todos são homens.” (risos). Então diziam que era curso de mulher por causa da Filosofia. Ingressei no curso de Matemática justamente no ano que foi criado o primeiro curso de Matemática aqui em Goiás. E foi criado primeiro na Universidade Católica, em 1961. A criação do curso na Universidade Federal foi bem depois, né? Então, exatamente no início da criação da Universidade Católica, porque essa Universidade foi criada em 59, 1959. Em 61 criou-se o curso de Matemática. Matemática e Física, de modo que a gente foi da primeira turma. Agora, quem fez? Quem ingressou no início desse curso aí? Boa parte era das pessoas que queriam fazer a engenharia. Como não passaram no vestibular – fizeram dois: para Engenharia na Federal e para Matemática na Católica. Não passaram na engenharia que só tinha na Federal. Começou até uma turma grande, mas dessa turma ficaram muito poucos, de modo que, no final, formamos apenas dois em matemática e um em física. Os outros foram abandonando, fazendo outros cursos. Outros acharam que não davam conta, que era difícil... e nós formamos apenas três. O curso era conjunto, então dois: de Matemática e um de Física.

F: O senhor lembra do nome dos três?

J: Eu e o José Aires Leal de Matemática (ele inclusive morreu mês passado). José Aires Leal. Ele era professor na Escola Técnica<sup>47</sup>, e o de Física que é o Augusto César, que foi professor na UCG até pouco tempo também. Já parou de dar aula, né? Só estes. E então, o curso aqui em Goiás não tinha professores formados em Matemática, tanto é que no nosso curso a maioria dos professores eram engenheiros. Formado em Matemática mesmo, só tinha um: o professor Ary Pereira da Silva. O coordenador, José Miguel Pereira de Sousa que foi o criador do curso era formado em Física e Química. Faleceu recentemente. O professor Ary<sup>48</sup> também faleceu. Os outros que davam aulas de Matemática eram todos engenheiros, fora as disciplinas das outras áreas que tinham as pessoas com formação específica. No Estado de Goiás – naquela época o norte não tinha separado do estado<sup>49</sup> –, a gente só tinha notícia de existir apenas três professores com formação em Matemática, que eram o professor Ary, que lecionava pra gente, o professor Edésio (não sei o sobrenome dele) que morava e dava aula em Anápolis<sup>50</sup>) e um outro conterrâneo meu que se formou no Rio e voltou pra lá, né? Foi o Osvaldo Pova que dava aula no colégio que eu fiz o ginásio (naquela época a segunda fase do ensino fundamental chamava-se ginásio. Era primário, ginásio depois científico...) e então ele já estava dando aula lá, só que ele dava aula de Geografia, não dava aula de Matemática (risos).

Então só existiam esses professores formados em Matemática. Mesmo depois quando surgiu o Curso na Federal, também a maioria dos professores eram engenheiros, não é? Os engenheiros que trabalhavam como professores... E ficou durante muitos anos somente essas duas instituições tendo curso de Matemática. Quer dizer, foi-se criar outros cursos de Matemática só depois dessa “mercantilização do ensino”, o ensino superior virou puro comércio. Aqui em Goiânia virou comércio. Então com esse comércio e a exigência do MEC que agora todo professor tem que ter formação superior, essas outras faculdades começaram a oferecer cursos, inclusive procurando fazer concorrência de mensalidades: baixando preços... De modo que hoje eu nem sei quantas tem, já têm muitas, oferecendo o curso de Matemática.

<sup>47</sup> Antiga Escola Técnica Federal, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

<sup>48</sup> Ary Pereira de Souza.

<sup>49</sup> A divisão do Estado de Goiás criando o Estado do Tocantins ocorreu em 1988 com a promulgação da nova Constituição Federal.

<sup>50</sup> Cidade Goiana a 50 Km da capital.



Mas durante anos e anos ficaram apenas essas duas instituições de ensino superior: só a Universidade Católica de Goiás e a Universidade Federal de Goiás. Mesmo... já tinha assim... um início do que seria a Universidade do Estado de Goiás, né? Porque ela é recente. Da década de 90. Foi no governo Marconi Perillo<sup>51</sup> que foi criada a Universidade.<sup>52</sup> Mas antes tinha as faculdades cuja base era em Anápolis, na Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis. Mas nem lá, quando era faculdade, tinha curso de licenciatura.. Foram surgindo as faculdades isoladas e depois criou-se a Universidade.

E de modo que a origem está aí. E no nosso caso específico passou por muitas mudanças e transformações, o que é natural, porque reformas sempre há, não é? Então a gente quando fez o curso, ele era chamado assim: “curso de três mais um”. Então o “três mais um” o que era? Três anos depois mais um ano. Já era o contrário que na época que você (apontando para mim, que cursei entre 2000 e 2003) fez. O que é três mais um? Você fazia três anos só de disciplinas específicas do curso, então na área de Matemática e, depois, por um ano, ia fazer as disciplinas pedagógicas, tudo no último ano. Até que eles chamavam os primeiros três anos de bacharelado, você recebia um certificado que era de bacharel e depois o de licenciatura. Hoje quase sempre é o contrário. Você faz licenciatura e se quiser o bacharelado vai estudar mais disciplinas específicas. Isso vigorou até a reforma de 71, não é? Reforma universitária de 1971 que inclusive mudou toda estrutura organizacional das universidades. Adotaram o modelo americano no sentido de racionalizar custos. Porque antes você tinha as faculdades e cada uma tinha seus professores... a matemática tinha seus professores lá. Na Faculdade de Economia, você tinha professor de Matemática lá na faculdade de Economia. Aí criou-se a estrutura departamental onde você tinha: o professor de Matemática passou a ficar no Departamento de Matemática – ou, às vezes outras denominações. Como é o caso da Federal – e dando aulas em todas as outras faculdades que integram ou que integravam aquelas universidades. E é o que vigora até então, e a Universidade Católica de Goiás está querendo fazer agora uma outra mudança. Está querendo criar agora, eu acho que são centros de departamentos afins, mas há uma discussão porque muita gente não concorda com isso, não sei como vai ficar. Está em discussão esse processo. Então, de modo que, hoje, a gente tem um grande número de estudantes fazendo o curso, mas eu acho, assim, que não é muito por opção, não. Estão fazendo mais é por uma exigência, já que exigiram que o professor tivesse formação específica. Então está buscando se fazer de qualquer forma: tem aqueles cursos só de final de semana.

F: Acho que a UEG oferece este curso.

J: Ah... já não tava bom. A gente fazendo ali o curso presencial a formação não era boa, não é? Agora com esses cursos assim, é só mesmo, acho, que por uma questão só de cumprir uma legislação e também para cumprir a dinâmica da política educacional. Hoje, a gente percebe claro que o problema é você formar muita gente. Como o Lula mesmo disse: “- É preferível você ter um mecânico com diploma de direito do que ter um cara na penitenciária”. Então o negócio é formar. Não importa muito a qualidade.

F: Ah, outro dia ele falou que o Brasil tem que ter um governante sem curso superior mesmo, para resolver os problemas da educação.

J: É, ele enaltece muito o fato dele não ter curso. Parece que faz uma apologia disso, que a pessoa não precisa ter formação superior, mas por outro lado há uma incoerência: pois já fala

<sup>51</sup> Foi governador do Estado de Goiás de 1998 a 2006.

<sup>52</sup> UEG – Universidade Estadual de Goiás, criada em de abril de 1999.

que é preciso ter muita gente formada, ter faculdade. Eu não sei... tenho minhas dúvidas. Porque a qualidade cai, possivelmente, né?

F: E no início, quem buscava o curso?

J: Quem buscava? Toda vida, toda vida não eram, digamos assim, as pessoas de classe socioeconômica mais privilegiada que buscavam os cursos de licenciatura, não é só Matemática não, todos os cursos de licenciatura, porque sempre o argumento era de que se ganhava pouco. Ganhava pouco, não tinha muito *status* social. Apesar de que eu não concorde muito com isso. Na época que a gente estava terminando o curso, já dava aula no Liceu e a gente tinha *status*. Você ser professor no Liceu você tinha muito mais *status* do que ser professor na universidade hoje. Então, onde você ia, se você falasse que era professor no Liceu aquilo te dava um... causava uma boa impressão, tinha prestígio, não é? Mas a sociedade sempre achava assim: que o curso de valor era Engenharia, Medicina, Odontologia. Esses cursos que rendiam... davam uma renda maior pra quem se habilitasse, não é?

Então, de modo que não foram os segmentos de renda alta que buscaram fazer o curso de Matemática. E vigora até hoje. Muito embora eu fale (é, eu sempre falo): “- Olha, preste atenção no seguinte, que essas outras profissões têm o problema que às vezes nem emprego você encontra. Você forma em Engenharia e não acha nem emprego. Quando não tinha essas exigências fazia engenharia e ia dar aula, né? Ia ser professor. E professor, mesmo ganhando mal, tem emprego, né? Emprego garantido.” Ante aquela história do aluno falar “- Ah professor, pra que estudar? Agente forma e não...”, eu sempre tenho dizia: pior é não estudar! Pior é não saber! Se tiver competência é difícil, se não tiver é muito mais difícil ainda de você concorrer no mercado de trabalho. Então, o perfil do aluno que buscava o curso de Matemática, era sempre daquelas pessoas que não se situavam no *status* socioeconômico mais alto. Eram sempre pessoas de renda mais baixa. Aliás, tem alguns pesquisadores da área de formação de professores que admitem que uma das causas da má formação e deficiência dos licenciados é que essas pessoas vêm de uma classe que já não tem aquele meio onde..., o tipo de comunicação deixa a desejar, já que vêm com uma série de vícios, assim, que não tem lá, até um ambiente familiar adequado ao nível de formação pretendido. Não têm, assim, um vocabulário mais adequado. Tudo isso eles falam que tem prejudicado. Só que naquela época, quando a gente iniciou o curso, no caso do professor primário, por exemplo, quem eram professores primários eram geralmente pessoas da elite, as mulheres. Então sempre iam fazer o chamado Curso Normal para serem professoras. Os críticos da educação dizem que aquilo era para manter o poder dominante, a classe dominante se manter através da educação. Eu não concordo nada com isso, mas os argumentos deles eram esses, que, então, a elite, para manter o seu poder, então, elas é que iam ser professoras para poder se manter o então *status* social. A transmissão de todos aqueles valores, aqueles valores de... Mas fora isso aí, eram realmente as pessoas menos favorecidas que buscavam o curso... e hoje ainda é, não é? Você percebe que, ainda hoje, com raras exceções, não são as pessoas de classe econômica mais alta que buscam os cursos de Matemática. E você pergunta: e se comparar quem sai antes e hoje? Eu diria assim: que hoje os cursos são melhores. Os cursos são melhores no sentido que tem mais conteúdo, né? Você tem professores que são professores formados em Matemática. Na época que a gente fez, a gente não tinha. Você tinha os engenheiros que davam as aulas.

F: Como eram as aulas?

J: Era assim: você estudava muito só. Você não dependia muito do professor. Eu, inclusive reputo uma importância muito grande na minha formação a este aspecto de que em algumas disciplinas a gente não tinha professor. O coordenador que nos determinava tarefas, sabe?

Você estudava e fazia apresentação pros outros alunos, né? E a gente fazia assim, estudava era sozinho. E ele, o coordenador do curso, depois fazia as avaliações. Esse procedimento era motivo até de críticas. Naquela época existia o chamado CADES<sup>53</sup>, era: “Centro...” Não sei a constituição desta sigla não. Aqueles professores que não tinham curso eram “preparados” mediante cursos ministrados pelo MEC. Era uma licença temporária para as pessoas poderem lecionar, não é? Chegava, naquela época, e: “- Sou licenciado da CADES”, né? E eles criticavam muito nosso curso de Matemática. Falavam: “- É um curso em que os alunos dão aula para si mesmos”. E era um fato que eu achei até que foi importante, pra gente, porque criou na gente o quê? O hábito de estudo. Os professores do curso falavam assim pros alunos: “- Vocês não podem ficar dependendo só do professor, vocês estão na universidade. O Professor não tem que ficar ‘massetando’ tudo para vocês não. Vocês têm que se virar, buscar, estudar!”. E a gente se acostumou desde... Quer ver outra coisa importante na nossa formação? Você, para se formar, tinha que fazer um trabalho. Hoje eles chamam de monografia, mas tinha que ter um trabalho. E eu, desde aquela época, já tinha pendor pela área que eu trabalhava, de Álgebra Linear. Então o trabalho que eu fiz foi de Cálculo Vetorial. Fiz uma espécie de apostila, um negócio assim, de Cálculo Vetorial. Então era muito... te cobravam muito. Até mais do que se cobra ultimamente. Agora eles estão querendo exigir novamente, um trabalho de final de curso. Nos projetos mais novos de licenciaturas, constam – o último currículo da Católica já tem – o trabalho de final curso. Eu acho isso importante. É ali onde ela começa a adquirir o hábito de pesquisar, de ler, estudar e de fazer análise de textos, criticar textos.

F: Como era distribuído o currículo se alguns professores eram engenheiros? Quais eram as disciplinas dadas? E já emendando, qual era a estrutura que a universidade dava em relação à laboratório, biblioteca, o que tinha? Livros? O que era oferecido a vocês?

J: Não, no início era muito pobre, biblioteca não tinha, quer dizer, a faculdade tinha biblioteca, mas a parte de Matemática não existia, né? Tinha quase nada. A gente se virava era buscando a biblioteca da Faculdade de Engenharia da Federal que tinha os livros de Matemática. E boa parte, quando nós ficamos só os três, estudávamos nos livros que o coordenador e o professor Ary emprestavam pra gente. Esses livros eram aqueles voltados mais para a Licenciatura em Matemática, a exemplo da parte de Álgebra, essas coisas que o curso de Engenharia não tinha. Então, era precária esta questão de biblioteca. Mas isso não era impedimento para você não ir atrás e os professores ajudavam fornecendo material de estudo. E as aulas eu já falei antes: você havia disciplinas que não tinham professor, então era o coordenador que era o “titular”, digamos assim. E ele fazia o que? Mandava você estudar, dava os livros, você estudava e fazia apresentação para os colegas, né? Isso fazia com que você criasse esse hábito de estudar só, não depender muito de professor. Agora, os currículos eram, assim, a coisa era muito personalizada na pessoa do coordenador, ele é que mudava a seu bel prazer. Não tinha um colegiado, essas coisas não existiam. Tinha ali o que eles chamavam de currículo mínimo. Colocava disciplinas com o nome de Análise Matemática e nela punha o que ele queria: Cálculo Um, Cálculo Dois, Cálculo Vetorial, Cálculo “não-sei-das-quantas”. Se você pegar o histórico escolar, lá vem assim: *Análise Matemática I*, *Análise Matemática II*, né? E então havia mudanças assim de acordo com..., até que veio a reforma universitária em 71 e se criou esta estrutura do Básico, ou Primeiro Ciclo de Estudos Gerais, onde as pessoas de todos os cursos faziam as primeiras disciplinas, que era uma das maneiras de você fazer economia de recursos. Nessa época chegou-se a ter sala com 120 alunos. Hoje são todas divididas. Antes não, era numa sala só. Anfiteatro: você enchia aquilo de gente e

<sup>53</sup> Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, criada em 1953 com a intenção de qualificar professores, sem formação específica, para atuar no ensino secundário da época.

dava aula com o microfone. Era um absurdo. Mas antes dessa reforma, quando você não tinha um conteúdo mais bem definido, era o coordenador que fazia as mudanças que ele achava que eram necessárias. Então, se você pergunta, comparando o curso daquela época com o curso que você fez, o curso que você fez tinha tudo para ser um curso muito melhor do que o que a gente fez, porque você já tinha um currículo bem estruturado, não é? Já tinha uma certa estrutura, não ficava mudando, assim, sem mais nem menos. Tinha professores, né? Bem ou mal, mas já tinha os professores com formação específica, o que na época da gente não tinha. Você não tinha... Mas por outro lado a gente estudava muito mais! A gente estudava mais do que os de hoje. Acho que hoje em qualquer curso estuda-se menos que em anos atrás. Se você comparar a sua época (apontando para mim) com o aluno de hoje você também já vai sentir diferença, né? Hoje é a pressa. Hoje se tem muita pressa. O aluno hoje chega na universidade já pensando em sair. Ele já entra pensando: “Não, eu quero é formar logo! Sair disso aqui, quero é sair disso aqui!”, diferentemente da época que inclusive era seriado. Então os alunos falavam: “É, são quatro anos que a gente tem que ficar aqui. Não tinha esse negócio de querer sair antes.” O sistema de créditos, inclusive, favoreceu esse modo de pensar, não é? Que tem que fazer rápido, não importa a qualidade. Tem que fazer rápido...

Então hoje eu acho que houve um avanço muito grande nessa área de formação de professores porque já tem muitos cursos de pós-graduação voltados a formação *de* professor, não é? Porque antes, tinham muitos, mas eram mais voltados ao bacharelado. Era assim: pro sujeito aprender Matemática. Aprender Matemática e não para aprender trabalhar como profissional de ensino de Matemática. Hoje você já tem, já têm muitos... Você talvez não conheceu, mas nós tivemos dois professores<sup>54</sup> que foram os primeiros a sair pra... acho que foi para a Unicamp e outro acho que foi para Rio Claro. Fizeram o mestrado deles na área de Ensino da Matemática e não voltado para conteúdo matemático, mas mais para Ensino da Matemática o que eu acho que é muito importante. Eu sempre falo lá na universidade: “- Nós somos incompetentes mesmo!” Aí algum colega estranha e eu digo: “- Somos! Somos porque a gente não consegue fazer com que os alunos aprendam! Você não consegue fazer com que ele queira aprender! Então isso é o quê? Incompetência da gente, né?” Porque a gente está lá é pra fazer isso!

F: Lá no ensino superior tanto quanto ...?

J: É, aí vai! É de todos. Desde o iniciozinho até o final. Você vê, a choradeira da maioria dos professores é assim: “- Aluno não quer, não quer saber de nada”. E realmente não quer, a maioria não quer. Aí eu digo que é incompetência da gente dentro do sistema todo, né? Porque a gente não consegue, você não consegue mudar. É incompetência. Tem que fazer alguma coisa para mudar essa mentalidade. E depois, é tanta coisa que concorre com a escola hoje. Tem tantas e tantas atividades que concorrem. Para você ter uma idéia, na época em que eu estudei, aqui em Goiânia, quem não tinha dinheiro, não tinha muitas opções para ocupar o tempo, não. Pra gente que não tinha dinheiro para freqüentar o clube, essas coisas, o que era...? O que você tinha de lazer aqui? Era jogar futebol, aquela praça lá, a Praça Universitária<sup>10</sup>, era campo de futebol. Era jogar futebol, era ir ao cinema nos fins de semana. Depois tinha o DCE<sup>55</sup>, nos finais de semana tinha uns bailes lá e só isso. Agora hoje é barzinho em todo lado, é isso, é aquilo, é tanta opção de lazer que tem e tudo concorrendo com a escola, né? E além de tudo, a gente, assim, quem veio de um segmento não privilegiado do ponto de vista econômico, tinha sempre em mente que você só sairia daquela situação de pobreza estudando. A gente tinha isso na cabeça, que era estudando. Hoje, a maioria das pessoas já não pensa mais assim, né? Acham que conseguem as coisas de maneira muito fácil,

<sup>54</sup> Os nomes deles serão citados a diante.

<sup>55</sup> Diretório Central dos Estudantes.

não é? Pelo menos querem que seja de uma maneira bem fácil e da maneira mais rápida possível, né? E naquela época você tinha aquela gama de estudantes que vinha do interior. Estudante que vinha do interior, que vinha para a capital, ele vinha com essa mentalidade: vou estudar e conseguir um lugar ao sol, não é? Então, tinha-se muito mais garra do que hoje. Não tinha, como eu disse, muita ocupação para ocupar o tempo. Então era trabalhar, trabalhar e estudar. Trabalhar e estudar. Agora, desde aquela época, já era chamado, o estudante, de “trabalhador-estudante”. A maioria dos alunos trabalhava, trabalhava e estudava.

F: Muitos alunos vinham de uma classe menos privilegiada e ainda hoje ainda tem isso, né? O aluno estuda e trabalha, trabalha pra estudar.

J: Agora, hoje, até outros cursos aí, às vezes as pessoas pegam no trabalho, não em função até da necessidade, hoje eu já vejo muitos rapazes e moças indo trabalhar, porque já querem ter o dinheiro deles e fazer as farras deles as coisas deles sem precisar pedir dinheiro pros pais. Querem ter a independência deles rápido, então já... ou até por necessidade mesmo, né? Porque, você vê hoje, dificilmente, a pessoa é rica de modo que não precise trabalhar. Porque hoje se você tem uma família com três ou quatro filhos não é fácil de se manter. Pagar escola... Antes você não tinha muito com que gastar, já hoje, em compensação, não te falta jeito de você gastar. Basta sair de casa, basta por o pé fora de casa...

F: É. Tá gastando...

J: Tá gastando. Então, criaram-se muitas necessidades, não é? As necessidades foram criadas. Foram criando e tal... Primeiro falam: “-Ah, microondas, não-sei-o-quê...” Que microondas? Microondas não é necessidade! Mas hoje a dona-de-casa já acha que aquilo ali é indispensável. “- Ah, tem que ter um microondas em casa!” Agora, você vê: daqui uns dias já vira necessidade que tem que ter TV de plasma, e essas TV’s atuais já não servem mais. Tem que ter aquela outra. E assim as pessoas têm que trabalhar e ter poder de compra de todas essas coisas de todos esses bens que o mercado está aí te jogando todos os dias e fazendo (eu to falando da propaganda, né?) que aquilo se torne um artigo indispensável. Então é o que eu chamo de se criar uma necessidade. Você cria a necessidade. Mas também, tudo tem os aspectos positivos e negativos. Você tem uns apertos por uns lados mas ganha por outros. Eu sempre gosto de analisar assim, os dois aspectos, não de uma forma unilateral, não. Se tem aspectos negativos, você tem também os aspectos positivos, não é? Hoje tem mais gente fazendo os cursos e, pós graduação. Antes era difícil o professor sair... Na época que eu estudei o professor não tinha bolsa, não tinha nada para sair e fazer curso de pós-graduação, hoje já se favorece bastante. Incentiva, dá bastante incentivo pro professor fazer... E, aliás, porque há a necessidade também: agora quem não faz pós-graduação não... Vai ver aí no mercado. De modo geral, no mercado, antes, ter um curso superior era o diferencial, se você tinha o curso superior era um diferencial para você ingressar no mercado de trabalho. Hoje já não é mais diferencial, é condição necessária. Tem que ter um curso superior pra poder... Daí incentivar todo mundo a fazer. Porque vai fazer concurso pra gari, precisa do curso superior (risos). Era ter curso superior, falar uma língua, mais uma língua. Agora isso hoje já não basta mais. Já é indispensável. O diferencial é ter cursos avançados, pós-graduação, essas coisas. Falar só uma língua [estrangeira], hoje já não é diferencial: você hoje já tem ser pelo menos bilíngüe. Mercosul, não-sei-o-quê, você tem que falar pelo menos o Inglês e o Espanhol e entrar no mercado de trabalho. Então, tem aspectos positivos: abriu-se mais o leque para as pessoas, é assim hoje, um dinamismo das cidades, integração, porque antes era isolado. Aqui em Goiás mesmo tinha uns locais, assim, isolados, e hoje tudo está mais interligado. Na minha época você saía e ficava anos e anos longe da família porque não tinha jeito de ficar...

F: ...se locomovendo...

J: Hoje não. No fim de semana vai, vai para casa dos pais. O que é um outro motivo para não estudar também, porque antes não tinha jeito de ir então você ia estudar. Agora todo fim de semana é assim: “- Amanhã vamos embora pra Jussara<sup>56</sup>!” e fim de semana vai pra Jussara. Naquela época não tinha esses deslocamentos. Por um lado faz bem, por outro, né?

F: E sobre o “três mais um”, eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais desse “um” que era “acrescentado”. Como eram essas disciplinas pedagógicas? Quem que dava essas disciplinas?

J: Eram os professores da área deles mesmos lá. Os pedagogos. Então essas, eu não me lembro quais eram os professores não. Tinham duas didáticas, chamadas Didática Geral, Didática Especial; tinha Filosofia da Educação, Sociologia ... Um negócio de Sociologia da Educação... Tinha... eu não me lembro do nome das outras não, mas eu sei que a não ser a Didática Especial, que era ministrada pela professora Zaira<sup>12</sup>, as outras eram ministradas por professores da área de Pedagogia. Ela já era formada em Matemática, você a conheceu? Ela veio pra cá na época da revolução, o pai dela era militar, e veio servir aqui. Então ela foi dar aula, inicialmente, lá na Católica. Ela dava aula de disciplinas específicas e de didática, chamada Didática Especial que, hoje, é chamada de estágio. Hoje é esse Estágio Supervisionado.

As outras eram os professores da área de Pedagogia mesmo. Então você ficava um ano estudando só as chamadas disciplinas pedagógicas e que eu acho que hoje é muito mais interessante, mesmo porque o aluno começa a dar aula cedo. Não espera formar pra poder dar aula. Então é bom que ele já vá lecionando e estudando as disciplinas da área mesmo da formação de professor. Muito embora eu sempre ache, assim, que mesmo professor de conteúdo específico da Matemática nunca deve esquecer que ele está formando é professor, não é? Então eu acho, assim, que ele tem que trabalhar as aulas dele, pensando – no caso específico do curso de licenciatura – que ali estão pessoas que vão tê-lo como espelho, que vão levar alguma coisa dele. Então ele tem que ser didático. Então eu acho que ele, no exercício de sua profissão, tem que estar atento a isso. Eu vivo discutindo com os colegas lá e eu digo: “- Olha, a gente tem que procurar dar valor no conteúdo, mas não é o mais importante.” Porque o conteúdo você adquire. Se não adquiriu, na hora que precisar, você adquire, né? Agora, essa questão de formação você não adquire tão fácil, é uma questão de exercer, é um hábito etc. é mais difícil do que você pegar e aprender um conteúdo. Porque você vai fazer. É o fazer, como é que eu vou fazer? É mais difícil de você tirar os vícios que a gente tem, do que você aprender um conteúdo matemático. Daí os alunos acabam se espelhando nos seus professores, carregando suas qualidades e seus defeitos também.

F: E ali, nas décadas de 60 e 70, como era a preocupação em relação a essas, questões? Ou esta parte ficava só pro pessoal da pedagogia?

J: Não, não. Não tinha preocupação com isso, não. Acontecia assim, às vezes você falava: “- É isso e isso! Faz três anos aqui e faz um ano lá!” (risos). E desde aquela época já existia esta idiossincrasia do pessoal da Pedagogia com o pessoal da Matemática. Até hoje tem, até lá nas reuniões. Nas reuniões de congregação, se for para tocar nesse assunto, você precisa ver como é que o pessoal... Cada um descendo o cacete no outro. E acho que tem que trabalhar em

---

<sup>56</sup> Cidade do Oeste goiano a 215 Km de Goiânia.

conjunto. Seria bom que o professor de pedagogia conhecesse um pouco de Matemática, mas a gente não pode exigir isso, né? Mas também o professor de Matemática tem que ter na cabeça que o mundo não é só Matemática. Não há nada no mundo sem Matemática, mas o mundo não é só Matemática. Ninguém vive só de Matemática. A convivência com outras áreas está aí e então você tem que ter outros conhecimentos. Não é só Matemática que vai salvar o mundo não... Mas não tinha essa preocupação. Começou a partir de quando se criaram os departamentos... por que aí, o que aconteceu? Começou a ter mais entrosamento, sabe? Mais entrosamento entre o pessoal do EDU (Departamento de Educação) com os outros departamentos, por exemplo, da área específica de acompanhamento dessas aulas práticas de...

F: De estágio?

J: Não lembro como é que era o nome, não. Mas não era Estágio que eles chamavam. Era outro nome que tinha. Inclusive, ultimamente, era um professor da Matemática que ficava lá no Departamento de Educação porque a disciplina era do EDU. Mas era um professor de Matemática que tava lá. Era a professora Heloísa Simon que dava essas... Ela e o professor Olney Freire foram os primeiros que fizeram curso de pós-graduação em Ensino da Matemática. Foram eles que ficaram encarregados dessas disciplinas.

F: Ah, eu acho que a Vanda já tinha até comentado o nome dela.

J: A professora Heloísa Sírio Simon e o professor Olney Freire de Queiroz foram os primeiros professores de UCG que fizeram pós-graduação em Ensino de Matemática. Quando eles saíram teve um outro professor que fez pela Federal. Depois ele deu aula na Católica também: Luís... Luís... Não me lembro mais do nome completo dele. Ele eu acho que está dando aula na Federal até hoje. E então foram os primeiros professores a fazer curso de pós-graduação em Ensino da Matemática.

F: Isso mais ou menos em que época?

J: Ah, eu não sei precisar para você, não. Isso foi depois da década de... acho que foi na década de 80, de 70 pra 80. Por que já tinha ocorrido uma reforma universitária. A reforma universitária foi em 71. De 71, 72. Deve ter sido na década de 70, ou início da década de 80.

F: E o senhor tem contato com estas outras pessoas? Como esses aqui, né? Professora Heloísa, professor Luís...

J: Bom, da Universidade Católica, seriam mesmo essas pessoas aí, mas, hoje, por exemplo, tem a professora Dagmar<sup>57</sup>, que fez seu curso de graduação já depois da reforma universitária. Mas a Heloísa, por exemplo, ela fez curso no sistema antigo, lá no qual eu fiz. Depois logo já passou e ser professora lá também. Quanto ao professor Luis, eu não sei se ele ainda mora aqui em Goiânia, era professor lá na Federal...

F: Eu tenho aqui alguns: Orlando Ferreira de Castro...

J: Foi professor nosso lá na Católica.

---

<sup>57</sup> Dagmar Junqueira da Silva, professora da UCG.

F: O senhor sabe se ele ainda tá vivo?

J: O Orlando está. Quer ver, eu ainda vou lembrar quem eram outros: o Orlando, tinha o Hermógenes, Hermógenes Coelho Júnior que também deu aula pra gente lá. Era professor de Desenho, Geometria Descritiva, Hermógenes Coelho Júnior. Teve outro que já não deve ser vivo e que deu aula de Física pra gente. Era o professor Fritz. Era um alemão, ele era do curso de Engenharia lá da Federal também. Professor Fritz, o primeiro nome dele eu não sei qual era, não. Estou tentando ver se eu me lembro do nome do professor que criou o curso de Matemática lá da Federal. Estou tentando lembrar...

F: Eu tenho essa revistinha que o professor Egídio Turchi me passou. Tem alguns nomes que o senhor pode ver aqui.

J: ...(Silêncio) Essa aqui (apontando para o papel) foi professora lá na Católica: Floracy Amaral Rebouças. Aqui tem o professor Hermógenes... Esses aqui, ó. Esse aqui que foi o criador do curso lá na Federal: Saleh Jorge Daher. Esse que criou o curso de Matemática de lá. ... O professor Walter Brokes. Era meio doidão esse Brokes.

F: E o professor Genésio, o senhor conhece?

J: Conheço, ele está lá ainda.

F: Sim, ele ainda está dando aula lá.

J: Agora, o Genésio é um dos primeiros formados lá na Federal.

F: E o que o senhor acha que a gente deveria abordar? O que deve se mencionar, que seria interessante pesquisar?

J: Eu acho, que primeiro deve-se procurar investigar o que foi que levou à criação dos primeiros cursos. O que motivou criar esses cursos de Matemática aqui em Goiás, né? E também verificar se houve mudança significativa no perfil do estudante, daquela época para hoje. Ver se teve mudança significativa. Eu acho que são aspectos interessantes de se ver. E esta correlação, relação de conteúdo específico de Matemática e formação, e formação pedagógica. Ver como é que se dava isso e como é que se dá ainda hoje, porque eu acho que é uma dos aspectos que deixa a desejar. Nos cursos de Matemática (nos outros eu não sei), mas no de Matemática, deixa muito a desejar. Existe uma certa dicotomia entre os professores, da área pedagógica e da área específica do curso. Explorar, ver como é que se deu isso no decorrer do... Porque na minha visão não houve muita... Houve um avanço, mas muito, muito débil. Eu acho que ainda existe muita, muita separação, até disputa mesmo. Disputa: cada um achando que é mais importante.

F: O senhor acha que isso vem...?

J: É histórico. Isso é histórico e desde o fato de ter criado já com essas modalidades da separação. Estuda-se isso tantos anos e depois estuda aquilo. Eu acho que isso contribuiu, serviu muito para ficar acentuado esse embate, que não deve existir, não é?

F: E sobre o porquê de se estar criando um curso de Matemática aqui.



J: Olha, aqui, talvez se você ler o trabalho da Dagmar, porque ela entrevistou o professor José Miguel que estava vivo ainda e que foi quem criou o curso. Então ele veio, ele veio aqui inicialmente, a convite do então governador Mauro Borges<sup>58</sup>. Eles se conheceram lá nas forças armadas. Ele era da Aeronáutica e o Mauro Borges era do exército. E se conheceram por lá. E ele também trabalhava na estrada de ferro e o Mauro Borges o convidou para vir a Goiás. E ele falou, assim, que viria, mas não queria vir só pra trabalhar em repartição pública e burocrática de governo. Ele não queria nada com o negócio da política. Queria fazer aquilo que ele gostava, mexer com escola. Aí, então, quer dizer, nem sei porque... acho que porque ele buscou o que foi contemporâneo dele... o professor Ary. Era da matemática e ele da física. De certo isso aí levou a criar o curso... Vê isso na tese da Dagmar. Porque não foi, assim, não foi a instituição que achou que tinha que ter o curso, foi uma iniciativa pessoal do José Miguel. E talvez não... talvez, assim, não para atender a uma região, mas até por uma realização pessoal. Porque ele gostava daquilo, era aquilo que gostava de fazer, então vamos criar um negócio aqui e ele gostava mesmo de trabalhar nessa área de ensino... Mas na minha visão foi algo motivado mais por algo pessoal do que institucional. Não foi institucional.

F: E aí depois veio a Federal.

J: E aí... com isso aí a Federal.... Porque sempre existe, quando tem duas escolas assim, aquela emulação de uma com a outra. “A Católica tem um curso de Matemática, porque aqui não vai ter também?” E criaram o curso. E que bom que criaram porque formou mais gente e deu mais chance às pessoas que não poderiam pagar a Católica. Mas eu lembro até que se pagava muito pouco no começo. O governo subsidiava...

E se você quiser falar sobre algo mais específico, entre em contato comigo porque se eu tiver condição de te ajudar... se eu lembrar... (risos)

F: Bom, assim que eu transcrever a entrevista e tiver um material legal pra trazer pro senhor, eu venho e o senhor poderá ler com calma a entrevista e aí acrescenta o que não se lembrou agora. Tá bom?

---

<sup>58</sup> Mauro Borges Teixeira, filho de Pedro Ludovico Teixeira (fundador de Goiânia), foi governador do Estado de Goiás de 1961 a 1964.

## 2.7 DEPOIMENTO 7

### Heloísa Sírio Simon



Heloísa Sírio Simon (Fonte: Acervo nosso, 29/09/2006)

Fernando: Poderíamos começar com uma apresentação.

Heloísa: Certo. Meu nome é Heloísa Sírio Simon, trabalho hoje na Universidade Católica, mas já estou aposentada pela Universidade Federal: trabalhei muito tempo no Colégio de Aplicação. Eu nasci aqui em Goiânia. Em toda minha vida só tive uma profissão: fui professora. Comecei a trabalhar na escola primária. Eu fiz o curso Normal, depois, quando eu estava terminando a faculdade, eu comecei a trabalhar no ensino, naquela época chamava-se ensino... Primeiro Grau, de quinta série em diante. Um ano antes de formar eu comecei a trabalhar no primeiro grau. E depois eu fui trabalhar na Universidade. Um ano depois de formada eu fui convidada pra trabalhar na Universidade Católica. Então, a minha trajetória de professora universitária começou na Universidade Católica onde eu tinha feito meu curso. Eu entrei na Católica como aluna do curso de Pedagogia. Na época eu nem sabia que existia curso de Matemática aqui em Goiânia. A minha intenção era fazer um curso de Engenharia.

F: Isso foi em que ano?

H: 1965. Eu queria fazer um curso de Engenharia e na Federal tinha um curso de Engenharia. Mas como eu havia feito um curso Normal, e o Normal não me dava base para eu fazer um curso de Engenharia porque eu tinha visto nada de Física, nada de Química, e nada de Matemática de Segundo Grau. A gente estudava no curso Normal, naquela época, o que se chamava de Aritmética. Era só aquele conteúdo que se trabalhava da primeira à quarta série. Então eu me sentia, assim, sem condições de ir pra um curso de Engenharia. Aí, comecei Pedagogia por influência de colegas: “- Vamos fazer Pedagogia para não ficar paradas.” Falei: “- É!” e fui. Dois meses depois que eu estava no curso de Pedagogia – aliás, não tinha dois meses ainda – eu vi que não era aquilo que eu queria, eu queria era a área de Matemática. A Universidade (Católica), naquela época, consistia só da Área I com os cursos de Administração e Economia, na Área III o prédio do curso de Direito e na Área II daquele prédio onde hoje tem o Departamento de Educação e funcionava lá a Reitoria, a Biblioteca, os

Departamentos de Português, Matemática e Pedagogia, História, Psicologia etc. E o Padre Thomazzi<sup>59</sup> que era o nosso professor de Psicologia e era diretor da Faculdade de Educação.

F: Padre...?

H: Padre Thomazzi. Aí eu falei para ele que eu ia deixar o curso de Pedagogia. Ele falou: ”- Não! Deixar o curso de Pedagogia, por quê?” Falei: “- Não estou gostando. Não é isso que eu quero.”

Como tudo funcionava naquele bloco, Reitoria, Biblioteca, os Departamentos, então era muito fácil pra gente conversar com as pessoas. O reitor estava no meio da gente, o vice-reitor, né? Ele falou assim: ”- Quando terminar a sua aula você passa na minha sala que eu quero conversar com você.” Ele queria saber porque eu queria sair da Pedagogia. Eu falei pra ele que eu queria fazer o curso de Engenharia, que eu gostava muito de Matemática e eu queria trabalhar mais com a Matemática, com as Exatas. Daí ele falou: “- Então, porque você não transfere pro curso de Matemática?” Eu perguntei: “- Onde?” Ele falou: “- Aqui tem curso de Matemática. Tem um curso de Matemática no andar de cima que funciona há uns dois ou três anos.” – não me lembro bem – “- Você pede a transferência pra lá.” Eu falei: ”- Mas eu não estudei, não me preparei, não fiz segundo grau no Liceu, não fiz Científico.” Quando a gente falava científico se entendia que tinha feito o segundo grau específico para as Ciências Exatas, né? Curso de Ciências Exatas.

F: Certo.

H: Aí ele falou: “- Vai pra lá, você não perde. Você vai aprendendo lá. A medida que você for estudando você vai aprendendo. Se você não aprender você repete o ano e ano que vem você continua.” Eu queria até parar com o curso de Pedagogia para fazer um cursinho e ingressar na Engenharia, mas eu fui pro curso de Matemática.

O curso de Matemática era todo separado dos outros cursos da Faculdade. Era no mesmo bloco, mas tinha um biombo que separava o corredor assim... E tinha um papel na porta escrito assim: “Matemática... Ciências Puras e Aplicadas...” – eu não me lembro muito bem, mas era bem assim, fechado. Eram umas salas grandes que foram subdividida em várias salinhas.

Aí eu fui. Depois de quase dois meses de aula eu entrei no curso de Matemática, por isso fiquei perdidinha quando eu cheguei porque eu não tinha conhecimento nenhum. A Matemática pra mim era toda novidade, não é? Tinha uma disciplina que chamava Fundamentos de Matemática onde a gente estudava Teoria de Conjuntos, Trigonometria... era Trigonometria. Tinha quatro disciplinas, eram quatro conteúdos. Geometria e... agora não me lembro mais, tem que olhar. Eu sei que era um professor só e ele dava essas todas e se chamava fundamentos de Matemática. Nós éramos 38 alunos do curso de Matemática e Física. Logo que eu cheguei já estava no período de prova, porque a provas eram bimestrais. E aí, eu falei: “- Mas como que eu vou fazer prova?” Eu tinha assistido só umas duas semanas de aula, mais ou menos. Fizemos a prova, eu fiz a prova. O professor disse: “- Você faz se você quiser. Mas vai ficando aí até você pegar o ritmo.” Dos 38, dois alunos tiraram nota acima de cinco. Uma tirou nove o outro tirou oito. Três tiraram dois e o resto tirou zero. Zero, zerinho mesmo. E eu tirei dois. Aí eu fiquei muito entusiasmada porque eles já tinham tido dois meses de aula, né? E a maioria tinha tirado zero. Então o coordenador do curso, o professor José Miguel me falou: ”- Ê menina, você tá de parabéns, você conseguiu!” Aí eu animei. Falei: “- Bom, se eu dei conta disso aqui, na primeira prova eu fiquei na média” –

---

<sup>59</sup> Luiz Thomazzi.

como se pode dizer – “então eu vou enfiar a cara mesmo, pra valer.” E foi assim, um tempão lá no curso de Matemática, né? Eles me receberam muito bem. Eram poucos professores, mas era um grupo muito bom da gente trabalhar. Na época quem era o diretor lá era o professor José Miguel que faleceu já tem uns dois anos. E ele era muito interessado no curso, ele trabalhava muito pelo curso. Tinha os próprios alunos que iam ficando como professores, assim: no terceiro ano, quarto ano do curso de Matemática já passavam a dar aula pro primeiro e pro segundo ano, sabe? Porque era pouca gente, mas era um grupo muito bom de se trabalhar. No primeiro ano eu consegui deixar só duas disciplinas, passei nas outras todas, fiquei só com duas. Eu podia fazer de segunda época ou deixar de dependência. Fiz a opção de estudar uma de segunda época e deixar a outra de dependência. E quando foi no outro ano eu fiz a dependência e segui normal com a turma. E eu consegui formar junto com todos. Dos 38 que nós éramos, formamos oito. Porque eram quatro de Matemática e quatro de Física. Então sem nenhuma reprovação ou dependência, né? Porque foi só uma dependência e uma de segunda época. Terminado o curso, um ano depois eu fui convidada a dar aula na Universidade. Eu comecei a trabalhar com Cálculo, né? Tinha as disciplinas de Cálculo e eu dava as aulas pro Cálculo II. Não foi nem Cálculo I que eu comecei, comecei com o Cálculo II. Dei aula muito tempo lá: 17 anos, mais ou menos que eu trabalhei com Cálculo I, II, III, IV. Depois eu fui para a Federal, fiz concurso e passei lá. Mas aí, eu fui pro Colégio de Aplicação que trabalhava com o Segundo Grau. Que mais que eu posso falar aqui pra você? Você quer falar sobre a implantação da Universidade Católica?

F: É. A senhora chegou lá no começo do curso, né?

H: É no começo do curso.

F: A senhora falou que eram salas grandes que foram divididas em salas pequenas. Por quê? Não eram 38 alunos... não ficava muito apertado?

H: A nossa turma começou com 38, mas quando eu cheguei lá, já não tinha mais 38. Devia ter uns vinte e poucos só, certo? Ia diminuindo, diminuindo, diminuindo... e quando nós chegamos ao terceiro ano já eram só uns dez e terminamos com oito alunos que eram quatro de Física e quatro de Matemática. A sala era mais ou menos desse tamanho aqui<sup>60</sup>, as cadeiras eram todas emendadinhas umas às outras. Eram umas carteirinhas com mesinhas, não eram aquelas carteiras de braço. Mas na chamada constavam 38 alunos.

F: Quem eram esses outros alunos? De onde eles vinham?

H: Daqui de Goiânia mesmo, né? Que haviam feito o curso no Liceu e ficaram sabendo do curso. Eu me lembro bem de quem terminou comigo. Duas foram pro curso de Medicina.

F: Depois de ter formado em Matemática?

H: Não. Saíram antes de terminar para prestar vestibular para Medicina. Uma é a doutora Heloísa Reis e hoje ela trabalha lá onde era aquele JK<sup>61</sup>. E a outra se chama Magda e acho que ela foi para o Mato Grosso ou para Brasília depois de formada e nunca mais tive contato com ela. Outros pediram transferência e foram pro curso de Engenharia e a maioria simplesmente

<sup>60</sup> Esta entrevista foi realizada numa sala de aproximadamente 20 m<sup>2</sup>.

<sup>61</sup> Hospital JK, em Goiânia, que hoje trabalha com Medicina alternativa.

foi abandonando pelo caminho. Os que terminaram foram: a Regina Célia Castro Quinta e que hoje é professora na Universidade Federal, mas nunca trabalhou com Matemática, ela fazia Piano e fazia Matemática. Ela queria dar aula de harmonia. que tem muito a ver com Matemática. Então ela foi fazer o curso de Matemática. Uma excelente professora de Matemática também. Tinha uma facilidade... Muito inteligente, mas nunca deu aula de Matemática.

F: E lá na Federal ela está onde?

H: Ela dá aula de piano no conservatório. E outro que era meu colega também é o José Zica dos Santos, trabalha lá no MAF até hoje. Dos outros, um chamado Pedro foi para Brasília e nunca mais tive notícia dele, outro é o professor Maurício Ferreira que trabalhou na Escola Técnica muito tempo. Aliás, eu tô fazendo a conta errada, porque fomos eu, o José Zica, José Pereira Pinto, Regina e o Maurício. O Pedro era de Física. Quem que era o outro...? Eu não me lembro, mas dois eram de Brasília. Eles eram militares e vinham de Brasília fazer o curso aqui. Eram todos da parte de Física. Tinha ainda o Nélio e o outro... eu não lembro o nome dele também. Já tem muito tempo, né? Mas eram professores que já trabalhavam, todos nós, assim, no primeiro ano mesmo já começamos a trabalhar na área de Matemática. Só a Regina que eu não me lembro dela trabalhando. E os outros foram abandonando o curso. Mas era uma ambiente bom, todo mundo era amigo, eram conhecidos porque éramos poucos colegas. Eu, pelo menos, sentia dessa forma, não sei se os outros sentiram diferente. O professor Afonso, na época, era recém-formado e foi dar aula pra gente de Cálculo Vetorial e pra mim, ele era o melhor professor que tinha, porque ele chegava lá e escrevia tudo no quadro, eu entendia muito bem as aulas dele. Mas tinha uns outros assim: o de Física, por exemplo, era meio... podia saber muito, na época a gente não tinha muita opção para fazer a avaliação direito, né? Mas ele era muito... assim, o quadro dele era muito desordenado, começava uma coisa e passava para outra. E a gente ficava mais perdida ainda, né? Tinha Equação Diferencial, também, quem dava era o professor que dá aula na Escola Técnica, ele era ex-aluno lá, Gontijo. Tinha a Kazue – não sei direito se você conhece ela... É aposentada da Federal.

F: Sei..

H: A Kazue foi aluna lá também, né? Ela era aluna do quarto ano, então era ela que dava aula pra gente também. Geralmente eram os próprios alunos que iam pegando as aulas. Quem era um bom professor que nós tivemos lá era o tio da Maria de Jesus<sup>62</sup>, o professor... como se chama, gente? A Maria de Jesus é Maria de Jesus o quê? A professora de Didática e Prática de Ensino de Matemática e Física.

F: Eu não lembro.

H: Você não a conhece?

F: Eu tive aula com ela, de Didática, mas eu não lembro do último nome dela.

H: Depois a gente pode procurar o nome dela e o dele, sabe? Porque era muito bom professor. Ele dava Geometria. Era excelente professor. Ele dava Geometria, Geometria Analítica, ele trabalhava com essa parte.

---

<sup>62</sup> Maria de Jesus Pereira, professora de Didática e Prática de Ensino de Matemática e Física da UCG.

As aulas. Como eram as aulas lá? Eram aulas expositivas, não tinha um material, assim, não. Só no laboratório de Física que a gente tinha material, mas a maioria das aulas era expositiva. Nós adquiriríamos os livros. Não tinha essa modalidade que hoje é a “xerox” que todo mundo vai lá e tiara sua xerox. Era copiar do quadro e o livro. Tanto é que eu comprei muitos livros na época. Era o Granville que tinha Cálculo.

F: E era fácil achar livros?

H: Era. Os livros adotados a gente tinha aqui. Eu conseguia todos aqui. Tinha aquela Coleção Schaum que a gente estudava neles e naquela época tinha de Análise Vetorial, tinha Cálculo Diferencial e Integral, tinha Geometria Analítica, tinha Estatística, tudo daquela coleção. E era muito boa. Tinha os livros do professor Willie Maurer também e a gente trabalhava com eles.

F: O professor Willie Maurer tinha uma coleção de Cálculo, né?

H: É de Cálculo. Quatro volumes. Eu usei muito eles depois quando eu fui dar aula, sabe? Porque enquanto aluna, pra estudar mesmo, eu estudava nos livros da Coleção Schaum – não sei se você conhece essa coleção aí, Cálculo de George B. Thomas Jr., volumes I e II.

F: Conheço. Eu acho que tenho um livro de Álgebra Linear dessa coleção.

H: É. Álgebra Linear também.

F: Eu também tenho os livros do professor Willie Maurer.

H: Você tem, né?

F: Eu ganhei num bingo na Unesp, na Semana da Matemática

H: Eu achava o livro dele muito interessante e muito bom porque eu tinha muita dificuldade, eu não estudei aquele logaritmo que todo mundo começa a estudar lá: “o que é o logaritmo?” e faz os exercícios e segue até chegar à função, o gráfico e tudo mais. Eu não fiz. Eu precisava do gráfico eu aprendia a fazer o gráfico. Precisava tirar o logaritmo eu aprendia. Eu não tinha uma seqüência, tinha hora que faltava alguma coisa pra mim, tanto em logaritmo quanto em trigonometria e outros porque eu pulei algumas etapas, né? E o livro dele me dava tudo isso porque quando ele fazia qualquer coisa – não sei se você já abriu o livro e deu uma olhada – ele coloca entre parênteses o quê que é que fez. Isso me facilitou muito quando eu fui dar aula. Quando eu fui dar aula e tinha alguma dúvida era só eu pegar o livro dele que eu não tinha problema, era bem didático mesmo.

F: Então era tudo ali onde hoje é o que eles chamam de Básico?

H: É, da Área II<sup>63</sup>, mas na Área II só existia, na época, aquele prédio da frente ali, junto da igreja. Sabe onde é aquele...? Era só aquele bloco ali. Só tinha aquele prédio. E atrás, onde hoje está aquela parte da pós-graduação, naquele estacionamento, tinha um prédio. Lá era a casa onde moravam os padres que coordenavam e administravam a Universidade. Mais tarde é que criou aquele bloco lá. Aquele bloco mais antigo ficou sendo o Bloco A. fizeram o B e

---

<sup>63</sup> Atualmente a Universidade Católica está dividida em quatro cinco áreas nas proximidades da Praça Universitária, em Goiânia.

aquele outro ficou sendo o C (onde está o auditório do Básico), construído depois para comportar o curso Básico. A Universidade mudou a estrutura, então aquele seria um Centro de Tecnologia, de Ciências Humanas e ali funcionava o Curso Básico. O Básico reunia todos os alunos da área de Ciências Humanas, Todos os alunos da área de Ciências Exatas...

F: Essa mudança estrutural veio quando?

H: Ah... foi na década de 70..

F: Não seria por conta daquela... não teve uma reforma?

H: Foi. Foi por conta das reformas. Foi por conta das reformas que eles foram obrigados a fazer, a criar os centros. Porque tinha os centros de Humanas e de Ciências Exatas, por isso construíram o prédio do Básico e mudaram o Departamento de Matemática. A Área II, onde funciona hoje o Departamento de Matemática, era uma área, se não me engano, da Universidade Federal ou área que era do Estado – eu não tenho certeza. Eu sei que essa área foi doada para a Universidade Católica se expandir, porque o Estado sentia necessidade de formar professores de Matemática. Não tinha professores de Matemática formados no Estado. Os que tinham eram de fora ou aqueles que davam Matemática que eram da Engenharia, eram de outras áreas, mas não eram formados em Matemática. Pouquíssimos eram. Alguns professores da Pedagogia é que eram habilitados a dar aula de primeira à quarta, quinta e sexta série. Então, era difícil. Aí o Estado, com essa necessidade, eu acho que ele doou para a Universidade Católica pra mudar, né? Expandir, fazer o curso de formação de Matemática. Se você pesquisar, há pouco tempo teve um processo aí, pra devolver essa área. A Universidade Católica estava em litígio com a Federal por conta de umas áreas. Aí surgiu a história do Departamento de Matemática quando ele foi pra lá. Se você pesquisar lá na reitoria, na parte jurídica, lá, você vai encontrar o porquê da Matemática ter mudado pra lá. Porque lá fala que foi por conta da necessidade de professor de Matemática, então aquela área foi doada para abrir um Departamento de Matemática e funcionar um curso de Matemática, ou seja, melhorar o curso de Física e Matemática.

F: Aquela parte toda da Área III?

H: Da Área III. É, foi da área III todinha. Eu não sei se foi toda aquela área. Primeiro fizeram um barracãozinho grandão lá. Funcionou num barracão o recém criado curso de Arquitetura e o de Matemática e Física. Mais tarde é que concluíram aquele prédio.

F: Lá na reitoria eles têm essas informações?

H: Eles têm, porque deve estar em processo de litígio essa parte. A Universidade Católica e a Federal estão brigando por causa de umas áreas aí. E aí aquela que deveria ser uma área a ser devolvida para a Universidade Federal. Então eles vão ter qualquer coisa nesse sentido lá, se você pesquisar. Lá fala o motivo. Eu lembro que eu descobri foi agora. Porque na época não tinha professor de Física, não tinha professor de Química nem de Biologia formado aqui em Goiânia. Quem dava essas disciplinas era quem fazia Farmácia ou os médicos. A maioria era estudante que passava em Medicina e ia dar aula de Biologia, que passava em Engenharia e ia dar aula de Física. Porque saia o quê? Um ou dois professores de Física, quando formava. O número de pessoas com acesso à escola foi aumentando e a necessidade de professores dessas disciplinas do I e II graus foi ampliando.

F: Que comparação poderia ser feita em relação ao perfil do aluno daquela época com os de hoje? E eu queria que a senhora falasse também da sua saída pra poder fazer pós-graduação.

H: A oportunidade que eu tive não foi pela Católica, quem me deu a oportunidade foi a Universidade Federal e na época, em 1977 (eu fiz meu curso em 78), 76, 77, o professor Ubiratan D'Ambrósio, que era membro – não sei se era presidente – da OEA (Organização dos Estados Americanos), conseguiu trazer um curso pro Brasil de Educação Matemática, ensino de Matemática. E a proposta dele no curso é que tivessem brasileiros e hispano-americanos. Então eram 32 vagas, 16 brasileiros e 16 hispano-americanos, sendo que dos 16 brasileiros era um de cada estado, catava um de cada estado.

O convênio foi firmado entre OEA, MEC, PREMEN e Unicamp e propunha um curso de mestrado em ensino de Matemática e Ciências durante quatro anos e com aulas presenciais de 1976 a 1978, sendo uma turma diferente a cada ano. Após as disciplinas vinham a pesquisa de campo e a redação da dissertação, mas isso era feito na cidade de cada aluno. Eles eram acompanhados pelos orientadores que eram geralmente professores da Unicamp ou de outras universidades, que tinham ministrado algum curso para nós ou que simplesmente eram estudiosos ou pesquisadores que se preocupavam com a integração das Ciências: Matemática, Biologia e Física. Esse convênio começou em 1976 e terminou em 84. Eu mesma defendi minha dissertação em 82. Eu fui indicada por um colega que tinha participado da primeira turma, o professor Luiz Macedo. Ele me indicou junto com a professora Anatália, de Ciências.

Então, não teve seleção, não teve nada, era por indicação que nós íamos. Dentre as condições pra fazer o curso estava: ser professor de Matemática ou de Biologia (Ciências), naquela época se pensava muito mais na integração da Matemática com Ciências, e este curso de pós-graduação dava oportunidade para você fazer isso, pois constava de uma parte que era um geral para Matemática, Física e Biologia e depois no final você optar ou por Biologia, Física ou Matemática. Então era integrado isso aí. Outra condição era que o candidato tivesse experiência com sala de aula.

F: Qual o nome da Anatália?

H: A Anatália Borges de Azevedo. Ela é professora até hoje na Universidade Federal. Ainda não se aposentou. Aliás, aposentou e voltou a dar aula lá.

O curso era o seguinte: um ano nós ficamos lá, com bolsa da OEA, estudando. Nessa época eu também era professora na Católica. Então eu pedi licença da Católica. Tive a licença e meu vencimento continuei recebendo, tanto da Católica quanto da Federal, mais a bolsa da OEA. A bolsa era pequena, mas dava pra gente se manter lá.

F: Onde foi o curso mesmo?

H: Em Campinas, São Paulo. Na Unicamp.

O professor Dante fez esse curso, ele era de uma turma um ano antes da minha. Foi de 76 ou 77 e o curso era assim: um ano a gente ficava lá tendo aulas o dia inteiro. Aulas expositivas. A gente tinha aula de metodologia de pesquisa, das novas tecnologias que vinham aparecendo. Naquela época ninguém falava em curso à distância. No Maranhão é que tinha uma proposta de curso à distância pela televisão. Então, falar em usar a televisão, o computador era novidade (nem tinha computador naquela época, a faculdade tinha um computador lá, começou a era dos computadores lá, né?). Mas... que mais que a gente tinha aula lá? Tinha aula de Inglês, tinha aula de Português. Leituras, nós tínhamos uma bibliografia muito grande para trabalhar e debater: a gente lia e depois discutia, Vinham os professores lá do



Departamento de Matemática e Educação. Tinha professores de fora, eles traziam professores dos Estados Unidos pra dar aula pra gente. Na verdade, eram umas aulas assim, de duas semanas, de quatro semanas, mas foram aulas boas, coisas que a gente não tinha oportunidade de ver por aqui. Tinha um professor, ele era bem idoso, bem velhinho, chamava Whitney, ele trabalhava com ensino de Matemática utilizando material concreto e ele levou os materiais lá pra gente trabalhar, sabe? Eram muito interessantes as palestras dele. Ele ficou uma semana trabalhando com a gente lá todo o ensino de Matemática com o material concreto, que era uma coisa que a gente quase não via. Tinha um outro programa que funcionava no outro bloco, um outro barracão onde a gente tinha aulas, era um projeto também de Geometria desenvolvido pela Unicamp todo com material concreto. Então, foi muito interessante o curso. Agora, nós passávamos um ano tendo essas aulas, depois tinha dois anos para fazer a pesquisa e fazer a dissertação. Acho que mudaram para a gente porque depois de um ano cada um voltava pro lugar de origem e com o projeto pronto. O meu orientador morava em Campinas e eu aqui. Qualquer coisa que a gente precisava tinha que ir lá em Campinas pra poder ver, trabalhar com ele. Não era tão fácil assim porque eu voltei e comecei a trabalhar tanto na Federal quanto na Católica, pois acabou a minha licença de ficar só por conta do estudo, mas quando foi na época de finalizar a tese, eu tive direito a mais três meses de licença para terminar o trabalho de escrita. Mas a pesquisa, o desenvolvimento foi feito tudo trabalhando. Nós não tivemos a licença para isso. Mas eu fui uma das primeiras da UCG que saiu. Só que eu fui, voltei, comecei a trabalhar e me envolvi com o Colégio Aplicação. Aí, em 1984 eu pedi demissão da Católica porque o curso era de ensino de Matemática, de Primeiro e Segundo Grau, mais aplicado mesmo pro Primeiro Grau. E por isso fiquei lá no Colégio de Aplicação. Depois é que eu voltei para a Católica; depois que eu aposentei é que eu voltei para a Católica. Então, o professor Ubiratan D'Ambrósio era o coordenador do nosso curso lá, o diretor. Um coordenador que pôs os alunos lá também foi o Palmeron<sup>64</sup>. – não sei se você conhece ele. O Palmeron foi para Minas. Depois que acabou o curso sumiram todos, cada um voltou para sua terra. Aqui em Goiânia nós éramos quatro: o Olney<sup>65</sup> – não sei se você conhece ele...

F: Já ouvi falar o nome.

H: Olney, Luis José de Macedo, eu e a Anatólia. A Anatólia de Biologia e nós três de Matemática que estivemos lá. Mas foi muito bom esse curso. Deu oportunidade para muita gente. No último ano, em 79, não teve ninguém daqui.

O professor Ubiratan conseguiu esse convênio com a Unicamp e o MEC e tava sempre lá, dava palestras, ele conversava com a gente, trazia gente de fora. Ele foi muito atuante no curso e muito interessado. Participou de muitas bancas, mas da minha não participou. Meu orientador foi o Alejandro<sup>66</sup>, ele é um chileno que dava aula lá. Na época a Unicamp ainda tinha muita gente de fora. Mas o professor Ubiratan também orientou alguns dos nossos colegas.

Quanto ao perfil dos alunos, eu não tenho acompanhado de perto para falar a você dos alunos do curso de Matemática, porque eu estou trabalhando no Departamento de Educação com alunos da Pedagogia. Mas eu não sei se é por causa mesmo da mudança do tempo, hoje as pessoas são diferentes, os jovens são diferentes, isso aí vai mudando com o tempo, é natural, mas eu penso que a gente encarava o curso, naquela época, como uma coisa mais séria, era um trabalho que você estava fazendo mesmo. Parece que hoje é mais *light*, o povo tá mais tranqüilo, sabe? Não preocupa muito ou se preocupa a gente não percebe a preocupação deles.

---

<sup>64</sup> Palmeron Mendes.

<sup>65</sup> Olney Freire.

<sup>66</sup> Alejandro Engel Bratter.

Eu acho que na época todos trabalhavam, certo? Quase todos os meus colegas trabalhavam, já davam aula, mas eu vejo que era de uma maneira diferente também. Eu estudava de manhã e trabalhava à tarde, eu tinha a noite para estudar. E tinha colegas que também podiam estudar à noite porque também estavam folgados. Hoje eu vejo, lá no Departamento de Pedagogia, muitos trabalham de dia e vão para lá só para assistir aula. Mas parece que o pessoal era mais preocupado, mais estudioso, a maneira de estudar era diferente, você tinha que pegar no livro mesmo para estudar, para aprender. Porque a metodologia era diferente, você prestava atenção na aula e tinha que repetir, fazer de novo. E você tinha que dar conta daquilo no final do mês para passar na prova. Hoje tem trabalho em grupo, trabalho de pesquisa, exercício, você faz um material e tudo vale para nota. Agora do curso de Matemática eu não posso falar nada porque faz muito tempo que eu não tô lá no curso de Matemática, né?

F: O que leva a senhora a crer no porquê da criação do curso de Matemática na Universidade Católica? Seria mesmo essa necessidade de formar profissionais? O que mais a gente podia colocar como motivos para criação desse curso?

H: Olha, honestamente eu vou falar a você que o porquê eu não sei. Eu penso que era a necessidade mesmo. E pela imposição da Lei também, porque começaram os cursos de licenciatura e o professor tinha que ser habilitado. Quando eu fui fazer o curso de Pedagogia, eu ainda optei por Pedagogia, porque isso me dava oportunidade para dar aula de Matemática até a sexta série, mas quando eu cheguei lá, vi que a mudança da Lei não ia permitir mais que eu fosse professora de Matemática. Então eu acho que foi mais por imposição de alguma lei a criação do curso de Matemática, pela necessidade de formar o pessoal habilitado para trabalhar com a Matemática. Agora, isso aí, honestamente, a gente tem que pesquisar mais para poder falar com certeza. Pesquisar as leis que mudaram, as propostas curriculares do curso de Pedagogia e as que criaram o curso de Matemática.

O professor que veio do Rio de Janeiro, veio para montar o curso aqui: o professor José Miguel Pereira. Ele que foi o criador do curso. Ele trabalhou muito, batalhou para criar o curso. Tanto é que ele era o coordenador, ele era o diretor do Departamento, ele que dava as aulas de Física I, Física II, Física III. Ele fazia tudo lá, né? Ele treinava o pessoal para trabalhar nas aulas de laboratório com a gente... Ele deu a vida por aquilo. Foi uma pena ele ter morrido sem ter deixado uma história gravada daquilo, sabe? Porque ele foi o “mão de ferro” ali.

Ele foi casado com a professora Kazue, que foi aluna do curso. Ela terminou o curso antes de mim. Ela aposentou na Federal. No ano passado – acho que tem um ano agora – foi feito um encontro de egressos em que o professor José Miguel foi homenageado. Mas ele tinha morrido uns dois meses antes da homenagem.

F: E o que levou a senhora a gostar tanto de Matemática e se tornar professora? Teve algum professor que marcou mais...?

H: Eu não decidi ser professora, eu fui levada a ser professora. Toda vida eu gostei muito de Matemática. Eu sempre tive muita facilidade com Matemática e para escrever eu nunca tive muita facilidade. Então, meu drama todo era Português. Para mim, eu não tinha criatividade para fazer uma redação e o povo cobrava da gente. Aquele sofrimento na quinta série para escrever... E Matemática eu sabia tudo, qualquer coisa... e eu era a primeira nas outras disciplinas também, mas em Português nada! Então, eu falava assim: “- Bom, então eu vou ser engenheira.” Nem pensava em ser professora. “- Eu vou trabalhar com Engenharia, vou mexer com Matemática.”, naquela época falava em Matemática lembrava de Engenharia. Quando eu terminei o Primeiro Grau queira ir pro Liceu, mas a gente morava muito distante

da cidade e era difícil a condução. A condução chegava até ali no Instituto<sup>67</sup> e depois pra ir pro Liceu era uma dificuldade... Aí minha mãe falou: “- Olha, fica junto com as suas irmãs, pra ficar mais fácil a condução. Você faz o curso Normal. O curso Normal é que é bom. Depois você casa e aí o marido não deixa ir trabalhar. Onde já se viu ir para a estrada, fazer ponte, fazer estradas? Não... Você vai é pro Curso Normal. O curso Normal é que é curso de mulher.” Na época era essa a conversa. Aí eu fui fazer o curso Normal por obediência, né? Quando terminei o curso normal, eu falei: “- Bom, agora eu vou fazer o meu curso de Engenharia. Agora eu vou fazer o Científico.” Mas, de novo, fui na onda: para não ficar parada, todo mundo ia para a faculdade, porque eu também não ia entrar lá? E fiz, prestei o vestibular e passei sem nenhuma complicação, porque naquela época o vestibular tinha menos concorrência. E daí, depois daquela conversa com o Padre Thomazzi, em que ele disse: “- Vai fazer o curso de Matemática. Depois você faz sua Engenharia.” e depois eu gostei e fiquei por lá. A minha decisão pela profissão de professora de Matemática foi assim. Fui sendo levada, mas não me arrependo. Acho que já estava tudo determinado que eu deveria seguir esses passos, eu é que não tive clareza na época do que eu deveria fazer. Mas fiz o curso e depois quando eu fui fazer o mestrado eu tive certeza do que eu queria, que era aquilo mesmo: o ensino de Matemática. Tanto é que quando eu voltei do mestrado eu não quis voltar para dar aula de Cálculo, desde quando eu dava aula de Cálculo eu pensava assim: “Pra quê?” Eu dava aula de Cálculo para a turma de Arquitetura, Administração, Matemática, Física, em todos os cursos que tinha Cálculo eu tinha aula de Cálculo. E eu falava: “- Mas tá errado isso aqui.” Porque ficamos estudando esse Cálculo sem saber onde vai aplicar. Por exemplo, para o pessoal da Economia, eu ensinava como se fazia a integral, como se derivava, aquelas integrais todas, eu derivava, mas eu não fazia uma aplicação. E eu ia procurar na biblioteca, pegava alguns livros, achei alguns livros que tinham alguma aplicação com os cursos, mas eu não me sentia bem, achava o ensino meio fora do lugar. O Cálculo tinha que ser atrelado a alguma coisa pros cursos de Economia, pros cursos de Arquitetura etc. Mas eu não tinha nenhuma experiência com Arquitetura, ou com Administração, Economia, nada disso. Então eu pesquisava, eu tinha uns livrinhos<sup>68</sup> que eu trabalhava com eles que eu sempre usava e tirava alguns exercícios e exemplos que eu trabalhava. E quando surgiu a oportunidade de eu ir fazer um curso em ensino de Matemática eu tive clareza, eu tive certeza de que a gente tinha que montar um ensino diferenciado para os cursos. Não podia ser aquele Cálculo igual para todo mundo...

F: Tá ótimo, professora, eu agradeço muito.

H: Pois é, se serviu para alguma coisa... (risos)

F: Nossa! Demais!

---

<sup>67</sup> Instituto de Educação de Goiás.

<sup>68</sup> Matemática para Economistas, de T. Bonini; Análise Matemática para Economistas, de R. G. D. Allen; e Elementos de Cálculo diferencial e Integral, de W. A. Granville, P. F. Smith, e W. C. Longley.

## 2.8 DEPOIMENTO 8

### Juarez Milano



**Professor Juarez Milano, ao fundo um quadro pintado por ele (Fonte: Acervo nosso, 07/08/2006)**

Fernando: Aqui tem um roteiro. Ele é só para dirigir a nossa conversa e agora o senhor pode falar à vontade, não precisa seguir esta ordem das questões aí. E então, a nossa intenção é construir uma história, certo?

Juarez Milano: Muito bem! Aliás, está faltando uma história completa, porque ela está truncada. Mandeí até meu filho ir tirar uma cópia de um trabalhinho que tem dois depoimentos: um do professor Willie Maurer que estava aqui em 63, e outro meu, que foi do vigésimo terceiro aniversário do instituto<sup>69</sup>. Eu queria fazer uma história de lá, mas não tive tempo para fazer. Eu só tenho este exemplar. Na verdade é “A criação do IMF: 40 anos”. Então foi feito em março de 2004. Aqui você tem a bibliografia do professor Willie Maurer e também uma apresentação do IMF, um pouco da história dos primeiros momentos do IMF. Isso aqui vai falar melhor do que eu porque fala de 63. Depois vem o capítulo “Os 23 anos do IMF”, palavras minhas, e como eu disse, é pouca coisa porque tem muita coisa para contar. Se for para contar tudo a gente vai ficar aqui um tempão. Então aqui está! (entregando a cópia da revista) Mesmo que eu não siga a ordem aqui, eu vou conversando com você.

F: Certo.

J: Então vamos começar. Você prefere que eu comece aqui? Como é? Que eu lembre da minha escola? (risos)

F: Pode ser.

J: Então, só por curiosidade, eu tive um professor de Matemática no ginásio, na época era ginásio, aliás, até... só para ilustrar as coisas, não é? Ele tinha o apelido de “Tubinho”. Era um

<sup>69</sup> Instituto de Matemática e Física que foi desdobrado em setembro de 1996 criando os Institutos de Matemática e Estatística (IME) e Instituto de Física (IF) e o Instituto de informática (INF).

professor que andava pela sala assim, e ia seguindo e, em determinado momento, metia a mão no bolso dos alunos, né? (risos) Com ele eu aprendi algumas coisas de Matemática e decorei até o que era o metro, porque ele queria decorado: “O metro é a distância... entre duas, das paralelas... de um bloco de irídio, que está num museu”. Eu sabia de cor e salteado. E gostei de Matemática. Então, a Matemática naquela época, 40, 50 anos atrás era uma coisa, assim, que todo mundo achava meio doida, mas não era. Os professores que eu tive não eram maus. Depois do ginásio eu fiz o curso médio que naquela época chamava-se Científico ou Clássico, né? O Científico era aquele que ia preparar para Medicina, Engenharia; e o Clássico era para quem se dirigia para o Direito, Letras, coisas deste tipo. Então eu tive sorte... eu vou falar para você o seguinte: naquela época, eu me lembro que era 1950, 52, o curso superior era elitista, como eu falo mais ou menos aqui na revista. Poucos entravam no curso superior. Só os filhos daqueles que já eram graduados. Os da classe média tinham condições de alçar o curso superior. Mesmo da minha família, família do meu pai, família da minha mãe, eu fui um dos primeiros que entrou. E eu devo isso a duas coisas principais: primeiro ao meu pai, porque ele tinha uma biblioteca enorme em casa. E eu aprendi a ler logo quando criança. E isto é muito importante, a leitura, que o sujeito lia. Enquanto hoje você vê às vezes, na escola, o aluno não lê, não é? Às vezes para ele ler o resumo de alguma coisa já é difícil. São uns poucos que lêem. A leitura abre a cabeça, você começa a ver o mundo realmente como ele é e então você começa também a tomar alguns certos paradigmas para você fazer sua vida e tudo mais. E, então, primeiramente, eu credito a meu pai e a esse fato de que não tinha nem completado curso primário, mas tinha uma biblioteca!

Ele lia muito, era culto... não tinha aquela formação de ensino superior, sabe? Mas era um sujeito muito capaz. E ele então me introduziu nos estudos porque deixou os livros lá e eu então ia lendo, e lendo... Assim, naquela altura, eu já lia um monte de coisa, né? Tanto de Português, da Língua Portuguesa, quanto de outras línguas como coisas, assim, do Thomas Hardy, por exemplo, aqueles em Francês e tudo mais, e isso foi um fator que eu acho que me ajudou a fazer o curso superior. Outro foi, justamente, ter feito o curso Científico num colégio muito bom de São Paulo, chamava-se Colégio Paulistano, que era dirigido pelos Irmãos Pascuale, que eram educadores e que tinham no corpo docente professores da universidade. Tinha um que era da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Tinha o Castrucci<sup>70</sup>, não sei se é um nome que você conhece.

F: Conheço.

J: O Castrucci foi professor lá e foi professor na Politécnica, né? Então, eu tive uma boa formação no curso médio. Depois, é claro, precisei fazer cursinho e entrei na Escola Politécnica. E fiquei lá. Fiz a primeira série, depois passei para a segunda, depois a coisa começou a apertar. Apertar porque, naquela altura, na Politécnica era de manhã e a tarde, né? Então você tinha que fazer bicos para ganhar alguma coisa. E aí eu tive que fazer uma coisa aqui, arrumar um dinheiro lá, o negócio tava ficando apertado porque tinha que comprar apostila, comprar livro, ficar lá o dia todo, pagar refeição, pagar condução, quer dizer, eu tava precisando arrumar um emprego.

É interessante contar, você pode não colocar, mas são coisas interessantes de contar. Portanto, assim, eu tava procurando fazer bicos, fazia cartãozinho de desenho, gostava de desenho e eu desenhava, eu oferecia pros lojistas, perguntava se queriam cartãozinho. Isso não dava dinheiro nenhum, né? Dava pouco dinheiro. Então eu fui pensando, pensando e ouvi falar que havia um curso para agentes de polícia. E que o Adhemar de Barros<sup>71</sup> ia contratar logo que

<sup>70</sup> Benedito Castrucci.

<sup>71</sup> Governou São Paulo durante 12 anos: quatro como interventor – de 1938 a 1941 – e oito como governador – de 1947 a 1951 e de 1963 a 1966.

entrasse no curso com bolsa e tudo mais. Então eu fui. Era um trabalho que eu podia fazer, era mais à tardinha. Mas logo eu vi que aquele curso não dava certo comigo, sabe? Primeiro porque o cara ensinava assim: “- Olha, aquele que mais chorar, aquele que mais disser que é inocente, aquele, pode mandar um pau nele porque ele é o culpado!” (risos) Já começava por aí. Depois tinha um sujeito que ia lá e ficava falando sobre anticomunismo. “- Eu sou contra o comunismo”, sabe? Como pegar o comunista, como... E como eu era mais da esquerda, eu disse, depois de um ou dois meses: “- Esse troço não é para mim!” (risos) Aí saí de lá e fui andando lá pela Rua do Lavapés – você conhece São Paulo?

F: Um pouquinho só.

J: A Rua do Lavapés, lá em São Paulo, no Cambuci. E eu fui indo, passando assim, e vi lá: “Liceu Siqueira Campos”, sabe? E eu já tinha dado umas aulas particulares. E tinha uma pessoa lá na porta, assim, e eu perguntei se ele não estava precisando de um professor de Matemática. Ele era o diretor e eu ouvi uma barulhada lá de cima. Era um prédio de dois, três andares. Uma barulhada lá em cima de umas cadeiras, os alunos lá. Ele olhou para cima, olhou para mim, porque estava sem professor de Matemática e ele disse então: “- Vai lá! Vai lá pra sala!” Naquela noite eu dei quatro aulas e quando terminei não tinha mais fôlego para falar, porque a timidez me fez falar, falar, falar, sabe? E aí foi indo e fui ficando... Depois comecei a namorar e fui casar e isso atrapalhou a minha vida porque tive que trabalhar mais. Vieram filhos e tudo mais. Então eu fiquei lá. Fiz até um... isso é até importante porque é da História: a professora Marina Cintra, era inspetora geral do MEC lá em São Paulo e queria organizar a coisa do professor leigo. Porque tinha muita gente leiga que dava aula – tô falando isso pra você ver como é que era o ensino. Então ela queria arrumar aquilo: ela impôs que quem quisesse dar aula e era leigo – eu era leigo no sentido de que eu não tinha feito faculdade de Filosofia, especificamente em Matemática – devia fazer um exame de suficiência com banca da Faculdade de Ciências e Letras de São Paulo, da USP. E eu fui, fui lá e passei muito bem e recebi um certificado, só que neste certificado estava escrito assim: “Autorizado a dar aula no bairro do Cambuci.”

F: Só no bairro?

J: Só no bairro do Cambuci. Ou eu sou professor para qualquer lugar ou eu sou para lugar nenhum! E naquela altura eu já tinha me desligado da Politécnica e eu disse: “- Bom, agora eu vou fazer o curso de Matemática!” Como eu dava aula de manhã e à noite e só sobrava tempo à tarde, eu entrei na PUC<sup>72</sup>, que tinha curso de Matemática, lá em São Paulo e era à tarde, né? E fiz o curso. Entramos em 15 e no final tinha só três: Eu, o Peter e o Roberto, só três alunos chegaram ao final do curso após três anos. Uns saíram, outros foram embora, outros foram reprovados e quando eu estava fazendo era assim: primeiro você fazia o Bacharelado em três anos, depois você fazia mais um ano e completava com Licenciatura.

F: Aquele esquema do “três mais um”?

J: “Três mais um”. Hoje em dia isso já mudou, lá e aqui também, né? E isso me serviu porque quando eu estava no último ano de bacharelado, em 1960, o professor Callioli tinha conversado com o professor Leônidas Hegenberg que era professor do ITA. Ele era professor de Matemática e o Departamento de Matemática estava precisando de um professor. O Callioli ia escolher um dos três. Tinha um que era meu rival acadêmico, era o Peter. Mas ele

---

<sup>72</sup> Pontifícia Universidade Católica.

escolheu foi a mim e me indicou para falar com o professor Hegenberg, que era lá do ITA. Então fui à casa dele e conversamos e tudo mais, e ele disse assim: “- Bom, você faz assim: Você vai lá em São José dos Campos e fala com o professor Murnaghan. O professor Murnaghan não sei, acho que era escocês. Ele dava aula na Hopkins<sup>73</sup>, lá nos Estados Unidos, e organizou a Matemática lá no ITA. Então fui para São José dos Campos uma tarde e ele me chamou, fez algumas perguntas para mim, né? Se eu fazia isso, como é que eu pensava aquilo, se eu fazia aquilo outro. E eu penso que eu me saí regularmente bem. E depois passei por outro professor pra mais uma entrevista e tudo mais. E no final eu passei em tudo e fui nomeado Professor Auxiliar I. Por que lá, não era igual a aqui (em referência à Universidade Federal de Goiás), era Professor Auxiliar I, depois o II, depois vinha Professor Assistente I, Professor Assistente II, Depois Associado depois Professor Titular. No ITA não tinha cátedra. Eram departamentos, todos os professores tinham que saber dar aula. Não tinha esse negócio de catedrático de Cálculo, catedrático de Geometria, não tinha isso e foi igual ao que fizemos aqui também.

O ITA, para mim, foi a melhor coisa que me aconteceu. Porque lá eu aprendi a ser profissional. Aprendi que não era só dar aula, tinha que estudar. Tinha que estudar e fazer pós-graduação. Então no primeiro ano eu estudei bastante para preparar as aulas. Lá havia um código de ética. Esse código de ética era rigidamente seguido pelos alunos e pelos professores, e até os funcionários. Tanto que no fim do primeiro ano que eu trabalhava, tinha um professor novo e logo os alunos enguiçaram com ele. Porque no primeiro dia que ele foi dar prova ele falou: ”- Agora, vocês tragam todos os livros aqui para a frente.” Quando falou isso, todo mundo... Porque lá não tinha isso, lá era uma situação em que era honesto, o sujeito tinha que ser honesto. Isso é meio utópico. Por isso também atrasou muita coisa minha porque eu - ficando lá um ano, dois anos, e tinha gente que estava lá dez – acreditava que o mundo lá fora era igual, e não é! O mundo real é real. Aquilo é um pouco utopia. Mas lá dentro funcionava. E esse professor advertido pelos alunos. Porque tinha cometido um “crime”, né? E eu sei que é, porque eu estava lá, a família estava ainda em São Paulo e eu ficava no alojamento dos estudantes, preparava minhas aulas e tudo mais, e lá eu vi como é que era mesmo. Quer dizer, tinha o professor Lacaz, por exemplo, que era adorado pelos alunos. Ele ficava na sala de aula na hora da prova - quase ninguém ficava, eu saía e ia pro meu escritório lá e “- Depois que vocês terminarem entreguem a prova lá.” Ele não, ele ficava para “ensinar” os alunos. Ele falava: “- Isso aqui não tá certo, não. Apaga isso aí e faça de novo!” Então quando o aluno saía mal, ele dizia: “- Você saiu mal demais! Você vai lá pro seu apartamento, faça isso de novo sem olhar o livro, sem nada, sem consulta e com duas horas de prazo” E eu vi: o aluno ia lá, colocava o relógio, fazia a prova sem consulta nenhuma e levava de novo pra ele. Era assim: isso que era o código de ética.

E eu aprendi lá, assim, que se você não pode dar uma aula é porque alguma coisa aconteceu com você. Então, era um sistema muito profissional.

“Cinco minutos antes de tocar o sinal, o professor tem que estar na porta da sala de aula”. Tinha que ser sério, e era aquela aula de 50 minutos e tudo mais. E no primeiro ano eu não fiz, mas no segundo ano eu já fiz duas disciplinas de pós-graduação, no mestrado, né? E já tinha passado de Auxiliar I para Auxiliar II. E nessa altura, chegou o Nelson Onuchic que era esposo da Lourdes e ele chegou lá procurando um professor e indicaram a mim. Ele disse: “- Olha, é o seguinte, eu vou fazer um pós-doutorado nos Estados Unidos de um ano” – ele dava aula era de Análise Matemática – “e estou procurando alguém que me substitua este período. Certamente depois poderá ficar lá. Vai lá, faz uma visita pra gente, se você gostar você fica.” E então eu fui, sabe? Até é interessante porque quando eu ia, tinha um militar que era aviador,

---

<sup>73</sup> Universidade Johns Hopkins.

fazia engenharia, então ele disse: “- Ah, você vai pra lá? Então eu levo o senhor de avião.” Lá em Rio Claro tem um aeroclube.

Ele disse: “- Eu preciso fazer horas de vôo, eu preciso ir, não tô fazendo favor.” (risos) Nós fomos naqueles aviões de dois lugares, sabe? Fomos lá e eu fiquei o dia todo conversando com o pessoal e tudo mais, e eu senti do Nelson Onuchic e dos outros que tinham espírito do ITA, o jeito do ITA. Então eu me animei. Não sei se você conhece a história, mas eram institutos isolados: Marília, Araraquara, São José do Rio Preto, né? Eram institutos de ensino superior, divorciados da USP, não era USP, era separado.

E então eu fiquei lá. Eu já tinha feito duas disciplinas de mestrado. O Nelson Onuchic ficou um ano fora e eu fiquei lecionando. Quando ele voltou no segundo ano, que era 1963, ele deu dois cursos de pós-graduação: Topologia e Equações Diferenciais porque ele estava envolvido nisso. Eu fiz os dois cursos com ele que eram reconhecidos pelo Instituto de Matemática de USP. Então eu fiz e tenho também os créditos destes dois cursos. Aí então é que começa a história do IMF, né? Porque nós ganhávamos muito pouco: eu tinha que mandar a minha filha pro dentista e não tinha dinheiro. E constituiu-se até uma associação dos professores, dos docentes dos institutos isolados e eu era um dos diretores e os professores resolveram fazer uma greve para exigir uma solução do governo, porque a gente solicitava, solicitava, solicitava e nada acontecia.

F: Solicitavam aumento?

J: Não, não era aumento de salário, queríamos que fosse unificado aquilo lá, né? E que fosse equiparado à USP. Agora aquilo é a Unesp. E então eu era um dos diretores da associação e nós ficávamos naquela luta e no final fizemos até uma greve. O Adhemar de Barros, não sei se você conhece de nome, mas o Adhemar de Barros era o tipo do populista. Era aquele que falava: “- Fé em Deus e pé na tábua!” (risos) Populista! Seu secretário de Educação era o Zeferino Vaz, que era um sujeito muito bacana, foi um dos organizadores da UnB e também da Unicamp. Eu acho que ele conversava com o Ademar e tudo mais, sobre isso. Em novembro de 63 – quando nós estávamos em greve –, o Adhemar resolveu nos receber. E fomos lá, a associação dos professores, fomos lá onde era o palácio do governo. Chegamos umas cinco horas da tarde, ele chegou com um pouco de demora, parece que desceu de helicóptero. E nós fomos expondo pra ele tudo, ele ouviu e sabe o que ele falava? “- Ah, mas tem muito ‘rosa’ por aí...”

F: Tem muito...?

J: “Rosa!” “- Tem muito ‘rosa’ por aí, e o ‘pau vai quebrar’! O ‘pau vai comer’!” (risos) Então, o rosa que ele queria dizer eram os comunistas, mas aqueles que não eram nem muito vermelhos nem muito brancos (risos). Ele começou com essa conversa mole. Então nos ficamos lá às 19 horas e ele não assinou e nós fomos embora e desiludidos. O Zeferino lá na rua, lá na calçada dizia: “- Não, ele vai... ele cumpre” – porque nós estávamos em greve, né? – “Ele vai fazer, ele vai fazer...” Mas a gente viu que ele não ia fazer. E ele, o Adhemar de Barros, tinha razão, porque quando foi em março de 64, o “pau comeu”! E os “rosas...” (risos) Ele estava por dentro do golpe de 1964, certo? Então ele viu isso, né? E quando foi feita a greve eu sabia muito bem a minha posição: eu era um Assistente. Tinha os catedráticos e eu sabia a minha posição. Mas eu era um dos diretores da associação. Quando a associação sugeriu fazer a greve, eu fiquei num rolo: eu tinha que colocar Rio Claro em greve. Tentei, com toda aquela timidez de quem era assistente, pedir pro catedrático fazer greve. Mas com toda aquela timidez eu não consegui nada, ninguém entrou em greve. Ao verem que eu tinha



falhado mandaram vir lá de São José do Rio Preto um sujeito muito dialético – aquele devia ser mais vermelho que branco –, que reuniu o pessoal e todo mundo entrou em greve, sabe? E eu aprendi muito ficando em Rio Claro: fiz dois cursos de pós-graduação, conheci o Jaci Monteiro, do Espírito Santo – não sei se você o conhece, de um livrão assim, de Álgebra.

F: Não me lembro.

J: Grande, azul. Aquele livrão assim, antes era uma apostila. Eu tenho aí ainda uma, que foi feita em 63. Eu pedia sempre uma opinião pra ele que era da USP. Ele ia dar umas aulas aos sábados e eu sentava com ele lá nos jardins de Rio Claro e mostrava o que tinha feito durante a semana, ele lia tudo e: “- Não, aqui não tá bom...” e saiu então uma apostila, a primeira apostila no Brasil que tratava de Álgebra Moderna. A do Leopoldo Nachbin saiu em 1970 e essa aqui saiu em 1963. Eu tirei só 100 exemplares que foram logo absorvidos. Só fiquei com um exemplar pra mim.<sup>74</sup> Todo mundo pegou e foi pro Paraná, foi pra lá, foi pra cá... Eu falei pra ele: “- Olha, você me orientou... você faça o que quiser com ela, certo?” Ele fez um livrinho assim, branco, deste tamanho e que na introdução fala sobre mim. Ajudei ele fazer e tudo mais. Depois daquele livrinho, ele fez a “bíblia”, né? Nessa nem aparece meu nome, e nem merecia porque ele fez muito mais.

Até que um dia surgiu um convite de um ex-aluno de Rio Claro para que eu viesse para Goiânia.

F: Como era o nome dele?

J: Agenor Cortarelli, ele era de Jaboticabal (SP). Ele estava lecionando aqui, dava aulas de Matemática e era assistente do professor Willie. Ele conversava comigo e me enchia a paciência pra eu vir pra cá, sabe? Eu dizia: “- O que eu vou fazer lá em Goiás?” Mas em novembro de 63 o conselho universitário daqui criou o IMF. Isso em meio a lutas, intrigas, você vai ver aqui na revista na carta do professor Willie. Vai ver o que ele chama de “idealistas” e “oportunistas”. O professor Gabriel Roriz – não sei se você conhece de nome – era um dos idealistas.

F: Sim conheço.

J: Professor Marcelo Cunha Moraes e outros que eram da engenharia e que estavam querendo fazer aqui um negócio como era no ITA. Por isso que eu falei do ITA. O espírito do ITA, eles queriam trazer aquilo pra cá. Apesar de haver um grupo dos “oportunistas” que queriam as coisas só pra eles, eu vi que o professor Willie queria montar esse curso e nós poderíamos fazer uma coisa muito boa e nova. No estado não havia um professor de Matemática formado. Só havia aqui um professor formado no Rio em Física, que era o Miguel<sup>75</sup>, e estava aqui em Goiânia, mas não havia um professor de Matemática. O pessoal que dava aula eram os engenheiros, que não sabiam Matemática nem pra eles. E então, um grupo de pessoas veio pra cá. Grande parte veio da Física de Rio Claro e um só da Matemática que era eu. O Germano Braga do Rego<sup>76</sup> era de Rio Claro, todos os outros eram de Rio Claro. Aí, chegamos e conversamos com o professor Willie pra saber como é que ele queria que fosse feito. Primeiro, quem quisesse ficar trabalhando no IMF deveria estar em tempo integral e com dedicação exclusiva. Algo muito raro e era uma das coisas que os “oportunistas” não queriam.

---

<sup>74</sup> Ver anexo C.

<sup>75</sup> José Miguel

<sup>76</sup> Germano Braga Rego

E eles queriam era ficar com uma cadeira lá, outra cadeira aqui, outra acolá. Mas não era esse o nosso lema.

M: E eu acho que ainda continua esse mesmo espírito lá no IMF. Nós é que colocamos isso. Pois não queríamos o professor catedrático, e sim um Departamento de Matemática e neste departamento haveria uma seqüência: Auxiliar I, Auxiliar II... Por isso, nós estávamos, mais ou menos, fora do contexto, porque o contexto da Universidade era aquele contexto tradicional, de catedrático, assistente. E nós fizemos tudo diferente, meio “ilegal”, depois quando veio a reforma universitária tudo que nós estávamos fazendo foi encampado por ela. O curso foi reconhecido depois, em 68. Então, quando nós chegamos, em 1º de março de 1964 fomos contratados e em 16 de março o Darci Ribeiro fez uma aula inaugural no Conservatório de Música ali na Avenida Goiás com a Rua 1. A aula inaugural foi colocada lá. O Darci era um indivíduo que realmente sabia de Educação, foi pra Brasília e tudo mais, depois foi preso, né?

E quando chegou o dia 31 de março estourou o golpe. E era aquilo que o Adhemar de Barros falava: que o “pau ia comer” e tá, tá, tá, não é? E aí, foi aquele negócio, não se sabia o que ia acontecer.

Com o tempo, realmente fizeram uma intervenção aqui na universidade e o Colemar Natal e Silva, que era o reitor, saiu, afastaram-no e veio o professor Martins<sup>77</sup> do Ceará.

Nós continuamos, começamos a ajeitar as coisas, mas não sabíamos certamente se íamos ficar ou não íamos ficar, ficou uma incerteza total, não é? Incerteza total. Eu deixei a família lá em Rio Claro. Eu ia uma vez por mês ou a cada vinte dias, eu e o Sérgio Schneider<sup>78</sup>, que dava aula aqui também e tinha um Fusca, né? Então nós íamos pra lá. E saíamos, ele também tinha esposa lá em São Paulo.

Quando chegou no fim de 1964, o professor Willie achava que o Germano deveria ser o novo diretor já que ele iria sair e achava que o Germano podia ser o diretor, certo? O Germano era físico e na hora, também não quis ficar, queria ir embora, então o Willie olhou pra mim e falou: “- Olha, então você vai ficar.” Ele falou com o Jerônimo Geraldo de Queiroz, que era o Reitor naquela altura e o reitor prometeu a ele que eu ficaria, então, como diretor. Mas depois, chegou na hora, o Saleh Jorge Daher, que era um dos “oportunistas”, que dava “nó em fumaça”, sempre estava querendo as coisas pra ele, fez, fez, fez, que fez o reitor nomeá-lo diretor administrativo e eu diretor acadêmico.

Isso foi no início de 65. Neste ano eu procurei a Universidade de Brasília, de onde eu penso que recebíamos muita influência, porque eu tinha que formar pessoas, porque não tinha ninguém de Matemática: só tinha ficado eu e o Agenor Cortareli e o Sérgio Schneider, então eu tinha que formar pessoas daqui. Por isso, logo no início, eu peguei dez monitores<sup>79</sup>. Pra começar, um deles eu tirei da Engenharia, que era o Genésio Lima dos Reis.

F: Eu vou falar com ele amanhã.

J: Então, ele era da Engenharia, e eu o trouxe para a Matemática. E ele ficou como um dos monitores de Matemática. Assim eu comecei a formar um grupo, mas aquilo iria demorar ainda, né? Então eu fui a São Paulo, fui a São Carlos, fui a Rio Claro, Presidente Prudente fui a vários lugares e trouxe muitos recém-formados porque os outros não queriam saber de Goiás. Nem sabiam onde estava Goiás, né? E tinham uns bons alunos graduandos que eu

<sup>77</sup> José Martins d'Álvarez.

<sup>78</sup> Sérgio Pedro Schneider.

<sup>79</sup> Os monitores indicados na revista eram: Dickram Berberian, Genésio Lima dos Reis, Gesner do Espírito Santo, Ilton Divino Martins, Marcos da Rocha Lima, Marcos Duarte Mais, Nazareno Ferreira da Silva, Nestor Guimarães Souza, Otaciro Rangel Nascimento e Sebastião Miniz Granja.

falava com o professor, ele indicava, eu chegava pro aluno e dizia: “- Olha, você quer ir pra lá?” – sempre aquela história – “Você vai conhece a cidade, se quiser ficar você fica, se não quiser ficar não fica...”. E eles chegavam aqui e eu mostrava pra eles especialmente as mulheres bonitas. (risos)

F: Pra ajudar a convencer, né?

J: Pra convencer. E com isso eu ia formando o pessoal. Mas sabia que isso é uma coisa que você faz pra formar outra coisa que vai surgir: aquele pessoal daqui. Eu chegava pro aluno e dizia assim: “- Você vai pra lá, você fica pelo menos dois anos, trabalhando, depois de dois anos você vai fazer mestrado e volta, é claro.” Eu sabia que mesmo que assinasse um papel, não valia nada, ele podia voltar ou podia não, mas eu queria que ficasse aqui pelo menos dois anos e fosse fazer o mestrado. “- Você vai com bolsa e vai com salário, pro mestrado.” E arrumava bolsa do CNPq e o salário continuava. E comecei a formar os mestres. Alguns deles foram estudar fora do país, um foi para o Chile, o Genésio foi pro IMPA<sup>80</sup>, um outro foi lá pra Inglaterra, quer dizer, eu procurei ir formando o corpo daqui.

Quando chegou em meados de 65 eu disse: “- Bom, agora está na hora de eu continuar meu mestrado”, pois já tinha ficado um ano e meio trabalhando aqui. E fui lá em Brasília e me inscrevi no curso de mestrado. E até comecei o curso, foi até com o Silvio Machado, que tava vendo sobre a teoria do Lebesgue, tudo isso. Aí convidei o Élon Lages pra vir aqui fazer uma palestra, na época ele era o secretário executivo lá do Departamento de Matemática. O coordenador da Matemática era o Leopoldo Nachbin, o “Papa” da Matemática naquela época no Brasil. O Leopoldo coordenava, mas quem dirigia mesmo era o Élon Lages que veio e fez uma palestra aqui.

Quando chegou setembro houve uma crise lá na Universidade de Brasília. Os professores ameaçaram se demitir porque a ditadura tinha colocado como reitor o Laerte Ramos de Carvalho que era um professor da USP, entre outras coisas que desagradavam os professores, e com justiça, porque a Universidade de Brasília era realmente um exemplo e deturpar aquilo não convinha, então eles fizeram um movimento e todos ameaçaram pedir demissão e ir embora.

Veja bem, eu lutava pra que eles ficassem, que não fossem embora, porque tinha interesse no IMF, então conversei com o Élon Lages, conversei com o Laerte Ramos de Carvalho que era o reitor e ficamos nessa conversa o dia inteiro. Quando chegou as sete horas da noite conseguimos chegar a um acordo, dos professores com o Élon e dissemos pro Laerte: “- Está aí uma proposta...” ele falou: “- Bem, agora precisam falar com o General Golbery<sup>81</sup>!” O Golbery era a “eminência parda” da ditadura, né? Era um sujeito muito esperto, muito inteligente. E fomos lá pra vila militar, sete da noite conversar com o Golbery. Chegamos na casa dele e eu tentei expor pra ele que era uma perda tremenda pro Brasil fechar a Universidade de Brasília, porque ela era reconhecida no mundo todo como ambiente científico, uma coisa boa, e que não devia terminar assim, sem mais nem menos, uma universidade deste tipo. Ele foi simples, foi direto, disse: “- Olha professor, se for pra acabar com os comunistas, nós acabamos com a Universidade de Brasília. Tem nada não. Pronto acabou.”

Fomos embora. Eu, de madrugada, voltei e os professores da UnB foram saindo, foram embora. Deu-se aquela crise na Universidade de Brasília: não tinha professor, não tinha mais nada. Aí eles começaram a procurar e como nós estávamos mais próximos logo vieram em cima da gente pra pegar os do curso de Matemática e de Física, mas eu era assim: um olho cá

<sup>80</sup> Instituto de Matemática Pura e Aplicada, no Rio de Janeiro.

<sup>81</sup> Golbery do Colto e Silva.

e o outro lá. Eu não vou fazer um troço desses, ir lá e servir a ditadura e vou ficar queimado pra todos na comunidade científica. Mas me pressionaram, pressionaram, pressionaram! E falei: “- O que eu vou fazer?” Aí eu telefonei pro Nelson Onuchic, lá de Rio Claro. Eu disse: “- Nelson, o que eu faço? Eu não sei o que fazer porque eles estão me pressionando e eu não posso...”

F: Eles queriam levar os professores daqui pra lá?

J: É, daqui pra lá. Mas não era só levar daqui pra lá, quer dizer, era entregar pra ditadura as coisas e isto seria um desastre. Eu seria “o cara que fez aquela coisa”. Então liguei pro Nelson Onuchic e ele falou: “- Olha Juarez, você não faça nada sem conversar com o Leopoldo Nachbin!” Então eu voltei lá pro Laerte: “- Olha Laerte, eu vou conversar com o coordenador...” – que era o professor Leopoldo Nachbin e estava no Rio – e ele disse: “- Não, não tem problema, não”.

“- Então eu quero duas passagens, uma pra mim e outra pra outro que eu vou levar junto.” Eu levava uma testemunha minha que era o Hermógenes Coelho que era muito meu amigo, ele era simpatizante da ditadura, mas ele era um sujeito muito bacana em termos pessoais. As idéias é que eram insufladas pelo Saleh. Aí eu peguei o Hermógenes e fomos lá para o Rio de Janeiro, encontramos o Leopoldo Nachbin junto com o coordenador do IMPA, Lindolfo de Carvalho. Então lá ficamos conversando com ele a tarde toda.

E ele expôs: “- Olha Juarez, a coisa é a seguinte, Educação...” – isso eu aprendi com ele – “... Educação se faz em vinte anos, não se faz de hoje pra amanhã. Então isso vai passar uma hora, vai passar” tal e coisa, tal e coisa, tal e coisa... quer dizer, no fim de muita conversa ele deu, vamos dizer assim, o caminho aberto pra eu ir. Agora eu tinha o respaldo dele, né? Que ele era o “Papa” da Matemática no Brasil: os caras iam entender o que eu estava fazendo. Fui pra lá e fiquei como secretário executivo do Departamento de Matemática e o Saleh ficou pro lado da Física. Eu disse. “- Nós vamos, então, fazer um convênio. Um convênio entre a Universidade Federal de Goiás e a Universidade de Brasília”. E nesse convênio estavam coisas como a contratação de mais professores, que a gente precisava porque tinha que ir pra lá. Olha, eles nos tratavam assim. [Mãos juntas espalmadas para cima como se segurasse algo] E eu fui um dos caras mais simples, porque o pessoal pegava avião lá em São Paulo pra dar uma aula e depois voltava, gastando um dinheirão Eu pegava o meu Fusca e ia, saía daqui na quarta-feira com o pessoal do curso e ficávamos num hotel perto do lago. Procurava gastar o menos possível. Ficávamos de quarta-feira até no domingo. Dávamos aula de Matemática, a Física ficava por conta de outros. Isso não era muito da nossa conta. Ficamos só com o bonde da Matemática lá em Brasília. O Leopoldo também me disse: “- Olha, existem dois professores, um é o Renzo Picinini e o outro é o Alberto Azevedo que estão fazendo doutorado nos Estados Unidos e quando voltarem poderão ficar lá.”

Depois de dois anos, quando esses dois professores chegaram, eu disse pra eles:: “- Olha, agora eu vou entregar pra vocês o Departamento virgem: vou retirar todo o meu pessoal e vocês façam o que vocês quiserem aqui, certo?”, porque muita gente foi oportunista, né? Se aproveitou como o Saleh que recebeu até uma bolsa pra fazer o doutorado no MIT<sup>82</sup>, lá nos Estado Unidos em Matemática mesmo sendo professor de Física. E ele queria me levar junto. Eu disse: “- Não, eu não vou, não! O meu lugar é aqui, no IMF. Não vou abandonar o IMF.” Eu era o esteio daqui naquela altura, né? Então: “- Não vou pra lá.” Mas ele foi e voltou dos Estados Unidos, não do MIT, dos Estados Unidos (com um título de doutor com o tal de Teorema do Ponto Fixo, de Topologia, orientado pelo Flávio Botelho que tinha sido professor do ITA e estava em Boston). Ele voltou com esse título de doutor e só falava nisso: “Teorema

<sup>82</sup> Sigla, em Inglês, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA).

do Ponto Fixo, Teorema do Ponto Fixo...” não falava outra coisa, só sabia do Teorema do Ponto Fixo lá de Topologia.

Aliás, depois de uns dois ou três anos do fim deste convênio em Brasília, a reitoria daqui me chamou e disse assim: “- Você tem aqui ainda um dinheiro do convênio de Brasília, o que nós vamos fazer com esse dinheiro?” Eu Reuni o pessoal, porque aqui o esquema do IMF era deste jeito, reuni o pessoal e discuti o que iria ser feito. Nós compramos um aparelho de Raio X pra o pessoal da Física trabalhar com diamantes. Foi importado da Holanda.

Outro caso semelhante aconteceu com a Evangélica<sup>83</sup> de Anápolis que queria implantar o curso de Matemática e o MEC disse que eles só colocariam o curso de Matemática se tivessem assistência de Brasília ou nossa. Como estávamos mais perto, vieram aqui e eu fiz um outro convênio e nós criamos o curso de Matemática lá na Evangélica. Ficamos lá cerca de dois anos, mas também já havia alguns de lá que estavam achando chato para eles aquele negócio, e eu disse: “- Olha, nós vamos sair daqui e vocês podem fazer como vocês quiserem.” Também peguei o pessoal e vim embora.

Quando chegou mais ou menos em setembro de 71 voltou o nosso amigo Saleh com o título de doutor e ficou lá no cargo dele no IMF, como professor.

Infelizmente, em 72 eu sofri um acidente: eu vinha lá de Itapaci num Fusca, eu minha esposa e o meu filho de uns doze anos, e quando chegou lá entre Petrolina e São Francisco, saiu de uma estrada do mato um cara com uma DKV que vinha de Inhumas<sup>84</sup>, e eu só ouvi: “Pá!” Quando eu acordei estava no chão, a minha mulher tinha sido atingida pelo carro, meu filho estava chorando pra lá e eu olhei pra minha perna que estava assim (sinalizando com as mãos).

Nesta época, nós já éramos um curso respeitado..Não um centro de pesquisa – a gente queria ser – mas era respeitado no ensino e na formação de pessoas. Mas não estava na hora, de jeito nenhum, de criar o mestrado porque não tinha um número crítico de doutores. Mas o Saleh queria, então eu falei: “- Tá bom, eu vou pensar.” E fui lá, conversei com o Nelson Onuchic e depois com outros sobre isso pra começar a pensar o que iria ser, como é que eu poderia fazer um curso, primeiramente de Especialização, não o mestrado.

Mas como eu sofri aquele acidente, fiquei entrevado por dois anos, fizeram um curso de mestrado. O cara trouxe dois indianos, não sei de onde, sabe como é? O que eles queriam era só receber dinheiro, mas não tinha aquele espírito, sabe? Então, foi um desastre porque não se conseguia uma bolsa pra o aluno daqui. E ficou aquilo lá, aquela bagunça lá de mestrado que não era mestrado, que não tinha nada de mestrado, que não tinha bolsa, que não tinha nada. Aí eu reuni o pessoal e disse: “- Olha, nós temos que fazer aqui o seguinte: vamos nos preocupar em formar doutores. Quando tiver um número crítico de doutores, dez, no mínimo, se pensa em fazer um mestrado.” E foi assim, dez anos depois surgiu o curso de mestrado. Esse foi estruturado, direitinho, mas antes eu estava entrevado, não podia fazer nada.

Bem, o início do IMF foi entrecortado por todas essas coisas. Teve gente que chegou no IMF e: “- Eu quero ficar de professor aqui.” E eu dizia: “- Você vai ficar, então em tempo integral e dedicação exclusiva” Aí ia embora. Um deles foi o Irapuan Costa Júnior, não é? Que foi governador aqui de Goiás, outro foi o Jaime Cohen<sup>85</sup>. Eles queriam, mas queriam só ficar dando aula lá e ir embora. Não era assim... Então nós fomos colocando o que eu chamo de o “espírito do ITA”.

Se você quiser dar uma olhada, tem uma enciclopédia, chamada Enciclopédia Mirador. E lá tem o verbete “A Matemática no Brasil”. E a Matemática no Brasil que está lá fala exatamente isso, fala do espírito do ITA, fala até no meu nome, tá lá, como o cara que veio

<sup>83</sup> Antiga Faculdade Evangélica, hoje UniEvangélica.

<sup>84</sup> Assim como as cidades mencionadas anteriormente, Inhumas localizada a Noroeste de Goiânia, distante cerca de 35 Km da capital.

<sup>85</sup> Jaime Marcos Cohen.

aqui pra Goiás. Porque quando eu fui embora do ITA, eu fui conversar com o Reitor: “- Olha, eu vou sair por isso, por isso, por isso...” E ele falou: “- Não tem problema nenhum. O nosso espírito aqui é formar gente e mandar pra todo canto.”

F: Pra formar outros centros?

J: Pra formar outros em todo Brasil. E realmente fizeram isso, porque se você pegar um aluno do ITA, ele tinha casa, comida, biblioteca, cinema, esporte e até o aeroclube. Mas ele tinha que estudar. Se ele não estudasse, eles o jubilavam. Mas eu vi muito aluno com depressão lá no ITA porque não podia ver a família se fosse de muito longe, por exemplo. Só podia ver a família quem tinha em São Paulo ou no Rio de Janeiro porque estava lá a Via Dutra, ou pegava um ônibus pra cá ou pra lá. Mas se ele vinha do Pará, vinha do Amazonas, vinha da Bahia, era difícil de se locomover, porque também não tinha dinheiro. Então, o ITA tinha isso que eu chamava daquela utopiazinha que pra gente dava certo, mas tinha esses casos.

F: Então, parece mesmo que a intenção do IMF era de criar pesquisadores.

J: De ser um centro de pesquisa de Matemática. de chegar até o doutorado que ainda não tem. Já tem o mestrado bem estruturado.

Eu tinha plena consciência de que se eu saísse de lá ia acontecer nada. Porque queria manter todo aquele esquema do ITA. Se você pegar os professores de agora, muitos não me conhecem, mas dos professores antigos, você vai ver que todos eles tinham encarnado esse espírito. O espírito de doação, o espírito de luta pelo IMF. Os alunos também, todos os alunos se orgulhavam de ser alunos do IMF.

O primeiro vestibular que nós fizemos aqui foi em 64, e nós fizemos a coisa, da seguinte maneira: nos primeiros dois anos o aluno entrava sem saber pra que curso ia. (Isso era utopia) E nós abrimos 100 vagas. Pegamos alguns alunos que estavam na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e fizeram provas e nota mínima e tal. Mas não sabíamos como é que seriam as coisas, pois se fossem observados aqueles critérios de nota mínima e corte, não entrava nem trinta por cento dos cem. (risos) Mas pensamos: “Nós temos que dar esse curso, esse curso tem que sair. Então fizemos um fator de correção e deixamos entrar os alunos seguindo a ordem. Entraram cem, sem saber pra que curso iam, apenas no segundo ano que se escolhia: Engenharia, Agronomia, Matemática, Física, o que tivesse. E o que você acha que eles escolhiam? Foi tudo pra Engenharia. (risos) Idealistas? Não, realistas! Todo mundo queria fazer era Engenharia. Um ou outro optava por fazer Física ou Matemática. Depois nós modificamos e houve um vestibular para Engenharia, outro pra Matemática, outro pra Física... Agora vamos pular pra 1988, certo? A UFG, a partir desses anos 86, 87, criou pólos avançados, o primeiro foi em Jataí<sup>86</sup> e nós fomos lá, estruturamos o curso de Matemática. Contratamos pessoas para trabalhar lá e tudo mais, tudo direitinho. E depois fomos a Catalão e São Luís dos Montes Belos<sup>87</sup>, mais ou menos em 87. O interessante era o seguinte: o prefeito de Catalão. Harley Margon Vaz veio aqui conversar com a gente e nós expusemos a ele o nosso plano que era baseado num tripé: Universidade, Prefeitura e Secretaria de Educação, cada um com suas especificações do que deveria fazer. A Universidade se encarregaria da parte acadêmica, dos professores, das aulas, do currículo, de tudo isso. A Secretaria de Educação se encarregaria de deixar os professores que estavam lecionando em 40 horas: 20 horas para lecionar e 20 horas para se dedicar aos cursos. E a Prefeitura forneceria os materiais como cadeiras, giz, máquinas, laboratórios... Mas nós pedimos que o

<sup>86</sup> No Sudoeste goiano a 290 Km de Goiânia.

<sup>87</sup> Localizadas, respectivamente, a 280 Km e 116 Km de Goiânia, no sudeste e no centro goiano.

primeiro vestibular não fosse para os estudantes da cidade, mas para os professores que estavam lecionando Matemática e outros.

F: Os que não tinham curso superior?

J: Que não tinham o curso. Isso eu também falei pro prefeito de São Luís dos Montes Belos. Bom, mas o Haley Margon Vaz (da cidade de Catalão), por motivos sempre políticos, disse assim: “- Isso eu não posso fazer. Esse primeiro vestibular tem que ser pra todos. Se é pra ter, tem que ter pra todos. Pra atender, claro, a comunidade.” Mas se explicassem à comunidade, eu acho que eles entenderiam, porque a nossa idéia era a seguinte: pegar os professores que são leigos e durante um ano vão tendo curso, no outro ano faríamos vestibular pra todo mundo. E esses professores já estariam dando aula,

Mas ele: “- Não, tem que ser pra todos!” Então, foi feito pra todos lá. E ele disse mais: “- É comigo e com vocês, nada com a Secretaria de Educação!” (risos) Porque ele era inimigo político do Santilo<sup>88</sup>. E ele satisfaz todas as nossas exigências, fora essas que eu falei. Então, em Catalão ficou deste jeito, nós e ele. E deu certo porque ele foi um sujeito que se dedicou e fez, queria fazer Hoje, Catalão é florescente com vários cursos lá, deu certo. Em São Luis de Montes Belos, o prefeito, era o Xerife. Eu imaginei que ele fosse ter visão das coisas. Mas ele não agüentou a parada. Era 1988 e havia uma inflação avassaladora.

Então ele primeiramente procurou fazer as coisas que eu tinha pedido (eu fui coordenador lá). Nós tínhamos requerido um vestibular só pra professores, pra 60 pessoas. Eu ficava lá a semana toda, mas tinha uns professores como o Hilário, o Plínio, a Jaqueline que me ajudavam, davam aula, só que eles iam lá e voltavam. Mas chegou num momento que eu vi que não ia sair nada por parte da Secretaria de Educação: eu ia lá toda semana pra pedir uma máquina de escrever, naquela época tinha uma específica pra símbolos de Matemática. Mas eu só fui conseguir a máquina com o França<sup>89</sup> que foi aluno nosso e era funcionário na Secretaria de Educação. Eu coloquei o caso pra ele e ele falou: “- Olha professor, vamos fazer o seguinte: eu vou pegar a minha máquina e emprestar pro senhor ter uma máquina lá.” E foi assim que eu peguei a máquina emprestada do França que depois eu devolvi. E comecei lá. Falei pro prefeito: “- Olha, você não precisa pegar gente de fora pra eu ter funcionário. Eu só preciso de uma secretária, uma que cuide lá do laboratório, preciso de um jardineiro e de alguém pra fazer a limpeza. Você pega no seu quadro de funcionários gente boa e manda pra mim que eu ensino eles. Não precisa contratar nada.” Mas ele abriu um concurso pra contratar...

Então as coisas são assim: você pensa de um jeito e o outro pensa de outro. Porque tem que atender a comunidade, dar emprego pra um, dar emprego pra outro... Ele disse que tinha que ser assim Então as coisas foram assim.

E no meio do primeiro ano eu mandei uma carta pro Departamento de Matemática dizendo que num município onde o cara pensa primeiro em arroz e feijão, só depois vai pensar na Educação. Isso é o básico. Aquele era um município rico, no sentido de que havia muitos fazendeiros, mas que colocavam o dinheiro aqui, em Goiânia, não botavam o dinheiro lá. Então, aconteceu que começou a atrasar o pagamento e quando chegou no fim do ano, tínhamos já 60 alunos assistindo as aula, e queríamos fazer um outro vestibular, agora pra todo mundo. Mas as coisas começaram a enguiçar porque a prefeitura já não estava pagando os salários, né? Fomos fazer o vestibular e eu falei: “- Olha, vamos fazer um vestibular especificamente para o pessoal de São Luis de Montes Belos, porque aqui não tem professor de Física, nem de Matemática.”

<sup>88</sup> Henrique Santilo era Governador de Goiás àquela época.

<sup>89</sup> Sebastião França.

Lá era assim: chega no início do ano e dizem assim: “- Olha, você vai dar aula de Matemática!”, “- Eu?”, e o sujeito sumia! No interior a coisa é assim: “- Você vai dar aula de Matemática, o outro vai dar de Física!”. E o cara tinha que dar aula de Física sem saber. Eu fui fazer palestra nas escolas pra mostrar como era, contando as coisas e vi que tinha gente que sabia nada. Então tínhamos que fazer um vestibular especificamente pra São Luís de Montes Belos. Mas: “- Não, não pode, isso não é democrático”, não-sei-o-que-lá... Fizemos o vestibular com as questões usadas no vestibular daqui de Goiânia, pois queriam qualidade no ensino, etc.

Olha, eu vou falar uma coisa pra você: em Física, todos tiraram zero. Ninguém entrou no curso. Por quê? Porque o sujeito “usa uma viseira” e não sabe reconhecer o mundo real. Tem um mundo fantasioso na cabeça de idealista. Fazer um troço desses, eu fico até envergonhado porque todo mundo tirou zero em Física. Em Matemática um ou outro tirou alguma coisa. Mas em Física... Não tinha professor de Física lá! Nunca ouviram falar em Física. Tinha que começar do zero. Pelo menos tentar fazer alguma coisa.

Então, não se pode fazer um negócio desses. Isso pra mim foi um descalabro: fazer um vestibular que aqui é dado pra quem vai fazer Medicina, Engenharia, quem se aprimorou, estudou aqui em cursinho e tudo mais. Então o cara lá desistiu. Não tinha mais aluno pra dar aula, tava lá aquela turma de professores.

Eu tentei fazer alguma coisa em Firminópolis<sup>90</sup>, o prefeito queria ajudar, mas também não se deu ao trabalho, acabou melancolicamente.

Quando eu estava lá no conselho universitário no início do IME eu pedia verbas pra mandar gente pra se aperfeiçoar. Houve um professor (não vou falar o nome) que se levantou e disse assim: “- Olha, eu não compreendo, como é que alguém que está no curso superior, dando aula, tenha que se aperfeiçoar. Ele deve saber tudo.” Então você tem que lutar contra mentalidades desse tipo. Mostrar pra eles que não, não é assim, que você tem que estar sempre aprendendo, que o sujeito tem que evoluir, estar sempre evoluindo. Não é que porque está dando aula no curso superior que sabe tudo.

F: E como era a relação do pessoal do IMF com aquele um ano a mais da Educação?

J: Era assim, levava até o terceiro ano, como fazia antes, depois, com a reforma universitária isso foi modificado. Porque desde o primeiro ano deveria começar com Didática, disciplinas assim, né? Agora, quem quer fazer bacharelado, então dispensa essas, faz só o curso de bacharelado, ele vai se dedicar à pesquisa e então ele não teria direito a dar aula no ensino secundário. Quando eu fiz o meu bacharelado eu só entrei no ITA porque eu tinha bacharelado. E só podia lecionar no curso superior. Só tirei esse meu certificado em 84.

Em 1964 estava aquela confusão e o Sergio Schneider falou: “- Olha, vamos lá pra São Paulo que vai ter um concurso: a gente se garante se isso aqui não der certo.” Aí eu fui, fui com ele. Eu fui com ele e durante todo o caminho, eu fui explicando pra ele a questão dos conjuntos numéricos. Um pouco de Álgebra Moderna. E não foi que caiu isso! (risos) E ele se saiu melhor do que eu. Eu só fiquei em sexto lugar porque eu não levei nenhum documento de título. Mas eu não estava muito interessado em ir pra lá. Mas acabei ficando e pedi uma cadeira no colégio de Guarulhos e eu fiquei então catedrático de lá. Eu falei com a diretora: “- Olha, eu sou professor lá em Goiás e vai ser difícil sair agora pra ficar aqui.” E ela: “- Não, você fica lá, e vem uma vez por mês aqui.” Porque ela também tinha certamente interesse de pegar um outro e colocar no meu lugar lá, né? Mas até o Jaci me telefonou e disse: “- Olha, deixa isso pra lá!”

<sup>90</sup> Está a 12 Km de São Luís de Montes Belos.



Quando chegou em 80 nós fizemos uma greve de todos os professores no Brasil. A universidade tem sempre um negócio assim, “onda”. Ora você tá lá em baixo, você faz a greve e a onda sobe um pouquinho lá pra cima. Eu telefonei para associação dos professores e falei pra eles: “- Olha, aqui a situação não está boa. A associação tem que tomar uma atitude porque os salários estão péssimos.” Havia uma insatisfação total, especialmente no IMF. Então pediram que eu convocasse os professores pra uma reunião. Então eu convoquei todos pra uma reunião, porque o que difere a coisa pública da coisa privada é o seguinte: na coisa pública, você não é dono. Você está lá porque alguém te escolheu, você está lá pra cumprir sua obrigação. Eu não fui dono do IMF, fui o Diretor, coisa que as pessoas não queriam ser. São poucos os que se interessam pela administração no meio acadêmico. Você chama todos e: ”- Nós temos esses problemas, vocês podem pôr os problemas e vamos tentar resolver os problemas porque isso aqui é nosso, do povo e nós temos que resolver, ponto.” Essa é a coisa pública. A coisa privada reúne todos os professores, chega um cara lá e diz: “- Olha, vai ser assim!” e acabou. Entendeu? É interesse dele e não interessa mais nada. Então nós reunimos todos: os conselhos de departamentos e reunimos todos os professores e fizemos uma assembléia e todo mundo queria ir pra greve. Então chegou no final e: “- Bom, se todos concordam com a greve, então nós vamos entrar em greve, mas eu vou pedir minha demissão e entro em greve como professor.” Isso eu falei lá na reunião. Eles disseram: “- Não, não pode, porque você como diretor não-sei-o-que-lá, vai dar um respaldo pra gente.”

“- Então, nós vamos sair daqui” – eu falei – “nós vamos sair dessa sala e vamos lá no Cruciano<sup>91</sup>” – que era o reitor – “vamos explicar pra ele porque que nós estamos em greve. Se ele quiser me tirar ele faça o que quiser. “, mas não tirava porque naquele tempo era escolhido pelo governo, ele não podia me tirar. E fomos lá. Peguei o pessoal e fomos em caravana. Eu fiz um, discurso pro Cruciano explicando porque nós estávamos em greve e que eu iria, se fosse o caso, sair da direção e ficar só como professor... Então, foi IMF que saiu o movimento. Uma semana depois, toda Universidade estava em greve e quinze dias depois todo o Brasil estava em greve. Coisa que nunca tinha acontecido o ensino superior em greve. Saiu do IMF. Pra você ver como era combativo. Como realmente o pessoal queria fazer alguma coisa.

Era o tempo da ditadura ainda firme. E fomos lá no congresso conversar com o Jarbas Passarinho<sup>92</sup>. Ele era um sujeito inteligente. E ele disse: “- Olha, realmente, na minha época, o professor universitário ganhava como Ministro de Estado.” Ele concordou com a gente. O governo procurou agir lá do jeito dele, tanto que fez até demais, coisa que não precisava, por exemplo, efetivou tudo quanto era professor substituto. O cara tava tapando buraco lá, ele efetivou. No IMF a gente tinha critérios pra escolher. Mas em outros lugares não havia critérios pra escolher. Eu tô falando que ele efetivou muita gente que não tinha condições de estar na universidade. E essas coisas acontecem, né?

Em 84 houve outra greve e então nessa greve, eu pensei: “Bom, dessa vez eu acho que eu vou ser despedido e se eu for despedido eu vou ter que pensar na minha vida, então eu vou tirar o meu certificado de professor secundário, com ele eu posso dar aula até no Pará, no Amazonas.” E fui no MEC, levei meus documentos e tirei meu registro de professor secundário. Mas eu quero dizer pra você que eu fiquei comovido de receber aquilo. Porque eu era professor.

Eu nasci numa família que tinha professores: Miguel Milano, Esmeralda, minha madrinha que morava em Birigui (SP) onde tinha uma escola com seu nome. Então, eu sempre achei que me dei melhor como professor que se fosse engenheiro, eu me dei muito bem como professor. Com 75 anos deu pra fazer um patrimôniozinho, mas se você souber fazer, né? Eu falo pro sujeito: “- Olha, você compra um lote. Nesse lote você constrói uma casinha lá no fundo. E

<sup>91</sup> José Cruciano de Araújo.

<sup>92</sup> Foi ministro do Trabalho (1967-1969) e da Educação e Saúde (1969-1974).

vai ficar morando lá. Porque lá você tem um lugar, é a casa onde você vai quando chove, e se você não tiver isso em primeiro lugar, você fica na rua...”

A gente podia fazer isso, ainda mais num estado como era Goiás, onde você tinha muitas oportunidades. Era assim: você queria comprar as coisas e o sujeito vinha pedir “por favor” pra você comprar. E era um preço barato. Eu já tinha uma casinha lá em Rio Claro quando eu vim pra cá. Eu construí uma casa lá no Setor Marista (em Goiânia), só tinha mato. Aí o sujeito disse: “- Ah, mas você vai fazer uma casa lá no mato?” “- Amigo, se eu tivesse dinheiro, eu fazia no Setor Sul”, né? (risos) Porque eu não tinha dinheiro, então eu faço lá no mato, depois... Olha o mato que tá lá... virou o Setor Marista.

O que mais eu posso te falar? Quando eu e o Sérgio Schneider estávamos lá na Rua 24 e íamos pegar um táxi pra ir à Praça Universitária, o IMF nem era conhecido e tinha dois blocos lá que eram da Engenharia e um bloco deles ficou pro IMF.

F: Era lá na Praça Universitária?

J: É, era lá na Praça Universitária, depois mudou pro prédio onde está o Direito hoje. Depois foi lá, pro Campus II, no Jardim Itatiaia, mais ou menos em 72, 74, por aí.. Aí pegávamos o táxi e dizíamos assim: “- Vamos pro IMF! Pro IMF!” (risos) Mas era pra eles aprenderem que o IMF era lá, tá entendendo? Essas coisas a gente faz assim, pra forçar a barra, né? Pra ficar conhecido. E:funcionou.

Quando chegou em 91 eu tinha todas as condições necessárias e suficientes pra me aposentar. Aí entra o Collor<sup>93</sup> e começa: “- Os aposentados estão ganhando demais e não-sei-o-que, não-sei-o-que-lá, pá, pá, pá, pá... Ah, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo...” Eu ainda tinha saúde, estava com 62 anos, 61 pra 62 anos. Eu já tinha trabalhado no ITA, na Unesp, no IMF, tinha tempo, tinha idade, tinha tudo pra aposentar, então eu disse: “- Eu vou me aposentar!” Eu saí e outro ocupou o meu lugar. Acho que foi até o Venício<sup>94</sup>.

Até tentei retomar o curso de arquitetura, a primeira vez eu cheguei no terceiro ano, faltava um ano e meio pra me formar, quando aconteceu a greve dos professores de 1980, tranquei a matrícula. Quando me aposentei tive um convite pra trabalhar lá em Barra do Garça onde existe uma extensão de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso, e eu disse: “- Eu vou pra lá.” Mas todas as universidades estavam em greve. Aliás, chegou uma época em que fazer greve estava na moda.

E eu estava em dúvida se ia ou não ia pra Mato Grosso, porque ia ficar novamente longe da família, então resolvi voltar a fazer o curso mesmo de arquitetura e desistir de ir para o Mato Grosso. Mas o diretor do curso me disse “- Olha, agora mudou o currículo, e o senhor tem que fazer mais dois anos e meio.” (risos) Eu fui começar a fazer, sabe? Aí entrou em greve a UCG. E novamente faltava um ano e meio pra formar de novo... Aí depois eu fiquei pensando: pra que eu vou querer mais um diploma? Só pra ficar botando na parede um diploma a mais? É besteira. Eu sou é professor.

Depois de um certo tempo, fiquei com depressão por ficar parado: a gente sente falta, sabe? Aí o Eduardo Reed que era diretor da Faculdade Objetivo me convidou: “- O senhor está aí, parado, porque não vem dar aula com a gente?” Então em 95 dei aulas lá. No final do ano de 2005 me deu uma dor terrível e eu não conseguia andar, quase me arrastava. O ortopedista me disse: “- É, o senhor está com hérnia de disco, o senhor está com ‘bico de papagaio’, com artrose, está com...” (risos) com tudo que tinha direito aos 75 anos. Aí fui pedir auxílio doença no INSS, fiz uma perícia e o cara disse: “- Olha, o senhor não pode mais trabalhar.” Me aposentaram desde o ano passado. Fiz fisioterapia, fiz hidroterapia, mas eu não posso pegar peso, andar muito, né?

<sup>93</sup> Fernando Collor de Melo foi presidente de 1990 a 1992.

<sup>94</sup> Venício Veloso Borges, já aposentado pela UFG.

O que estou fazendo agora é encaixotar todas as minhas coisas de Matemática do meu escritório. Eu vou telefonar pra biblioteca da Federal e doar tudo. Tenho uns livros muito bons que merecem ser guardados. Agora, tem uma coisa, eu gostaria que eles da biblioteca cuidassem bem dos livros.

Nós fizemos a biblioteca do IMF, eu até pedi dinheiro pro Jerônimo<sup>95</sup>, que era o reitor na época, e dizia assim para os outros: “- Olha, sabe o que esse professor pediu pra ficar aqui em Goiás? Uma biblioteca.” Foi isso que eu pedi pra ele, uma biblioteca. E ele me deu recursos, comprei os livros, fui lá e arranjei uma bibliotecária, depois outra.

Fiz a biblioteca que depois foi pra Biblioteca Central e eu doei muitos livros. Mas uma vez, fui buscar um livro que eu queria ver, um livro italiano pra curso médio. E eu gosto tanto deles que pensei em levar de volta. Pedi emprestado – eram uns quatro ou cinco –, depois cheguei lá e disse assim: “- Olha, eu deixei os livros no carro, sumiram, mas eu tenho aqui 10 volumes pra compensar os que eu levei, certo?” Porque eram coisas que eu comprei quando tinha vinte anos lá em São Paulo. Procurava nas livrarias e naquela época não havia livros em Português de Matemática. Essas coisas eu me orgulho de ter, de ter feito: uma biblioteca, todo mundo gosta da minha biblioteca.

Eu freqüentei aulas na Faculdade de Artes por um tempo. O pessoal lá ficava meio encantado comigo, mas eu gosto de desenhar. Desenhava com a Veiga Jardim e com outros. E meu nome é conhecido, às vezes, por isso, né? Por ter feito isso ou aquilo...

F: Tá ótimo. Eu só queria pedir mais uma coisa: uma foto do senhor.

---

<sup>95</sup> Jerônimo Geraldo de Queiroz, reitor da UFG de 1965 a 1968.

## 2.9 DEPOIMENTO 9

### Genésio Lima dos Reis



**Professor Genésio Lima dos Reis em sua sala na UFG. (Fonte: Acervo nosso, 09/08/2006)**

Fernando: O senhor pode começar com uma auto-apresentação. Quem é? De onde veio? Como que se envolveu com o IMF?

Genésio: Tá. Naturalmente eu vou falar muitas coisas e depois você mesmo veja o que é mais relevante para o seu trabalho, não é verdade?

F: Mas o senhor pode ficar á vontade.

G: Bom, eu nasci em Floriano (PI) e eu fiz o Ginásio em Inhumas (GO) – antigamente falava-se Ginásio o que corresponde ao que vai até a oitava série hoje, e naquele tempo a gente fazia depois o Científico ou Colegial – correspondendo hoje ao Ensino Médio. A gente tinha que se deslocar pra Goiânia ou Anápolis para fazer esse curso. Em Goiânia tinha apenas duas escolas que tinham o Científico: o Ateneu de Goiânia e o Liceu de Goiânia e naturalmente a competição era grande. Para o Ateneu eu não poderia ir porque teria que pagar, então eu tive que fazer uma seleção lá no Liceu e felizmente tive sucesso. Portanto, fiz todo o Científico no Liceu de Goiânia. Logo depois de ter feito o Científico, eu cheguei a lecionar no Ginásio de Inhumas onde eu havia estudado. Naquele tempo havia uma carência muito grande de professores e qualquer pessoa se improvisava como professor. Mas eu já tinha um gosto especial pela Matemática, revelado nas minhas primeiras séries do Científico, de maneira que eu fui lecionar Matemática lá. Naquele tempo quem queria estudar Matemática, ia estudar Engenharia, porque a gente não sabia nem que existia essa coisa chamada matemático. Assim, entrei pra Escola de Engenharia. Já era da Universidade Federal. Naquele tempo tinha sido federalizado há cerca de dois anos ou três.

F: Que ano era?

G: 1962 quando eu entrei. Fiz o vestibular que era mais específico naquele tempo, não tinha aquelas disciplinas de hoje: Ciências, Geografia, História, não-sei-o-que-mais. Era praticamente só a área de Ciências Exatas mesmo, Matemática, Física, Geometria Descritiva, certo? De modo que por ser assim era muito exigente nessas disciplinas. Entrei, portanto, para a Escola de Engenharia.

Naquele tempo não havia cursos de Matemática aqui em Goiânia, nem Licenciatura nem Bacharelado. Mas quando eu já estava no terceiro ano na Escola de Engenharia foi criado o curso de graduação em Matemática. Era um curso de Licenciatura. O Instituto havia sido criado um ano antes (Instituto de Matemática e Física) e que, aliás, foi um dos primeiros a entrar nessa nova reforma que pretendia criar institutos. A maioria das universidades nessa época tinha departamentos, eram dentro de cada uma das faculdades. Mas para o curso de Licenciatura em Matemática eram oferecidas as disciplinas de Matemática pelo Instituto de Matemática e Física e as disciplinas pedagógicas pela Faculdade de Filosofia que havia sido criada um pouco antes e que dava o título. O Instituto não tinha, mas hoje já tem, competência para emitir o certificado, não era autorizado pra isso.

Enfim, quando eu entrei no meu terceiro ano do curso de Engenharia eu decidi entrar para o curso de Matemática. Essa foi uma opção difícil naquela época. Na verdade eu tenho conhecimento de só dois casos da minha turma e de todo aquele tempo de pessoas que deixaram a Engenharia. Porque esta era uma carreira muito atraente, havia realmente perspectivas boas de trabalho para os formados em Engenharia. Diferentemente do que acontece hoje, né? Aliás, hoje, em qualquer área, não é fácil a pessoa já terminar e ir para o mercado de trabalho... Mas o outro caso era de um colega que foi fazer Física. Ele foi pra UnB, mas eu fiquei aqui. Eu comecei a entrar em contato mais com a área e vi que o meu gosto era esse realmente. Eu achei que me sentiria melhor fazendo Matemática. E foi o que eu fiz.

Eu já era monitor quando estava no segundo ano de Engenharia, já era monitor de Cálculo do primeiro ano. Quando fui pro terceiro ano fui monitor de Cálculo do segundo ano e quando eu fui pro Instituto eu continuei sendo monitor. Quando estava no quarto ano cheguei até a assumir uma turma, mas informalmente, né? Sob a responsabilidade de um professor. Bom, então eu concluí a Licenciatura.

A nossa turma, quer dizer, os que concluíram nessa época, não eram mais do que quatro. Eu lembro que três concluíram Matemática: éramos eu, o Héilton e o Domingos. Acho que éramos só nós três mesmo. E tinha um da Física, que já estava fazendo Física e terminou nesse mesmo ano. Eu sou, portanto da primeira turma, com esse número reduzido de alunos.

Terminada a Licenciatura, eu fui para o IMPA fazer o mestrado em Matemática. Fiz o mestrado lá sob a orientação do professor Leopoldo Nachbin que era um matemático de proeminência no Brasil e tinha até cargo numa universidade no exterior, de modo que ele ficava um semestre nos Estados Unidos e outro no IMPA. Depois fiz o doutorado lá no IMPA mesmo, na área de Sistemas Dinâmicos, com Equações Diferenciais num âmbito mais abstrato, em variedades diferenciáveis. E nesse meio tempo aí, entrei aqui como professor: fui contratado pela Universidade. Aí, voltei pra cá, fiquei lecionando e em seguida eu fiz o pós-doutorado: passei dois anos na Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA) num programa que eles chamam de pós-doutorado. Continuei aqui, desde essa época sou professor aqui.

Na Matemática, o chefe do Departamento era o Professor Milano. Foi o primeiro chefe do Departamento, enquanto que o diretor do Instituto era o professor Willie Maurer, que era professor da Faculdade Mackenzie, em São Paulo. Ele veio aqui e dirigiu o Instituto por algum tempo. Os professores do Instituto de Matemática e Estatística daquela época, além dos poucos que estavam aqui e eram da Escola de Engenharia, vieram do Estado de São Paulo. Deveriam trabalhar em tempo integral, mas não tinham nenhuma formação de pós-graduação.

Alguns deles eram professores de colégios lá em São Paulo e vieram pra cá, mas uma vantagem que existia é que eram professores em dedicação exclusiva e, portanto, faziam um esforço pra se concentrar nas disciplinas. De modo que, naquele tempo, o nível do professorado era muito inferior ao que existe hoje. Isso é compreensível. Eu só tive um professor na graduação que era um mestre, era o Professor Patrocínio, que fez o mestrado na UnB naquela época e veio pra cá. E depois ele foi pra Unicamp e foi professor lá até aposentar. Antônio Carlos Patrocínio.

F: O senhor sentia uma diferença por se matricular num curso de Matemática depois de ter iniciado um curso de Engenharia?

G: De fato, os dois primeiros anos eram, mais ou menos, comuns nas disciplinas, de maneira que eu aproveitei os dois primeiros anos. Já os terceiro e quarto anos realmente eram diferentes. Bom, naquele tempo, eu comecei sendo professor no Ateneu, à noite. Morava na Casa do Estudante Universitário que era vizinha da Escola de Engenharia, lá na Praça Universitária. E lecionava à noite no Ateneu no primeiro ano, depois eu consegui, fiz concurso e entrei no Liceu de Goiânia. Portanto enquanto eu fui aluno da graduação eu fui professor no Liceu de Goiânia, ensinando Matemática para o curso Científico. Ao mesmo tempo, eu também tinha atividades de política estudantil, fui presidente do Diretório Acadêmico (naquele tempo era chamado de Diretório Acadêmico, hoje Centro Acadêmico).

E quando fui para o Instituto, pela minha experiência nessa área, também fui presidente do Centro Acadêmico lá. Isso aí aconteceu numa época muito difícil da política estudantil, porque a revolução militar acontecia em 1964 e eu era o presidente do Diretório Acadêmico. Havia uma reação de grande parte dos Diretórios Acadêmicos, enfim, do movimento estudantil, contra o movimento militar. De modo que os Diretórios Acadêmicos não se adequaram à nova legislação, teriam que se cadastrar novamente etc, etc, etc, e o nosso Diretório Acadêmico, junto com grande parte dos outros, ficou funcionando na clandestinidade, no sentido de que não estavam enquadrados àquela formalização que previa a legislação.

Eu me lembro que muitos professores lá da Escola de Engenharia, até por questões políticas, foram denunciados... Não que eles tivessem feito alguma coisa que pudesse ser considerada como subversiva – algo que se taxava muito naquela época –, mas porque contrariavam alguns interesses, da própria formação do Instituto, interesses de alguns grupos da Escola de Engenharia. E algumas pessoas sofreram inquéritos e tiveram que se deslocar lá pra Juiz de Fora... enfim, foi uma coisa difícil para certos professores e, afinal de contas, eles conseguiram se desvencilhar dessas coisas, até mesmo desses inquéritos. Alguns alunos foram detidos também, porque eram mais radicais e estavam envolvidos com outros movimentos de pura contestação, até armada...

Mas felizmente a gente conseguiu sobreviver a esta época, mas essa é uma parte do movimento estudantil que a gente viveu e foi difícil. Quando eu era presidente do Diretório, eu me lembro de ter ido com um grupo de pessoas lá pra Praça Cívica, que estava lotada, quando o interventor... foi declarada a intervenção na...

F: Na Universidade?

G: O interventor no Governo do Estado, do Estado de Goiás, o Meira Matos, coronel do exército, e foi um movimento muito grande lá na Praça Cívica. O governador Mauro Borges estava lá no palanque e os aviões circulando lá em cima, digamos assim, isso faz parte da estratégia militar pra dar um clima pra, de fato, tirar da idéia qualquer reação, né? Mas o

governador Mauro Borges acabou por ceder pra não criar problemas maiores. E eu estava lá este dia e foi muito emocionante.

Mas, passou esse tempo, as coisas se acalmaram um pouco embora houve uma época em que a repressão tenha sido maior depois dos Atos Institucionais<sup>96</sup>. Nessa época eu já estava fazendo mestrado no Rio.

F: Então uma parte desse período militar o senhor já estava lá, né?

G: É, porque a revolução foi em 64 e em 66 eu fiz o curso de Matemática, terminei a graduação e aí em 67 eu já estava no Rio, fazendo Mestrado.

F: O senhor acha que houve alguma influência direta da repressão, na sala de aula? Ou no funcionamento do Instituto?

G: Não, não. Eu não cheguei a perceber isso não. Na verdade, na Escola de Engenharia não houve muitos traumas. Na verdade, o movimento foi tão forte que as pessoas acabaram por não ter a possibilidade de reação, se conformaram com a situação e começaram a agir, embora de maneira discordante, mas não poderiam fazer nada mais agressivo. Assim, as aulas continuaram normais, só o movimento estudantil é que arrefeceu. E até uma política deste momento foi deslocar os *campi* universitários para a periferia das cidades para reduzir o movimento estudantil, as passeatas, os movimentos com as pessoas. O *compus* começou a ser construído um pouco depois de 64. Era lá na Praça Universitária e o Instituto se mudou pra cá em 1973, se não me engano. Essas datas você não pode confiar muito, certo? Foi quando essa parte aqui do *campus* ficou pronta, esses prédios. Então, a parte do ensino que a gente chama de básico, no caso da Engenharia, o primeiro e o segundo anos, caso da Medicina, também primeiro e segundo anos, caso da Biologia, ficava aqui, enquanto a parte profissionalizante permaneceu no campus da Praça Universitária.

F: E com relação ao curso de Matemática, o que o senhor pode falar sobre o “espírito do IMF”, da intenção de se criar um curso de Matemática aqui no interior do Brasil? Essa empreitada do Willie Maurer, do Juarez Milano, como é que o senhor viu isso aí?

G: A contribuição especialmente dos dois que estavam dirigindo, do professor Willie Maurer e do professor Milano, além dos outros professores, foi determinante para os princípios que deveriam reger o ensino de Matemática. Realmente eles deram a tônica de não parar a Matemática e o ensino da Matemática dando o devido valor a ele, e aquele espírito de dedicação exclusiva em que o professor pode se dedicar a uma coisa que era estranha a nós aqui naquele momento. Os professores da Engenharia eram profissionais e se limitavam a dar as aulas. Não tinha nem salas ou gabinetes para eles. Davam as aulas e cuidavam dos seus afazeres profissionais, a preocupação era só com as aulas e nada mais. Não tinham a preocupação de estudar, de continuar estudando muito menos de fazer pesquisa. Essa orientação era nova, pra mim em particular, que era aluno e pude perceber isso, professores se dedicando ao ensino e ao estudo de Matemática. A gente pensava que o professor já era formado e não precisava fazer mais nada, né? Ensinava o que sabia. Esse pessoal que veio de lá, especialmente o professor Willie Maurer e o Milano da Matemática e os da Física também (que tinha algumas pessoas boas), é que vieram mostrar pra gente que aquela era realmente uma área de ocupação, que merecia um tempo dedicado exclusivamente a ela e que tinha

---

<sup>96</sup> Decretos emitidos anos após o Golpe Militar de 1964 que serviram como mecanismos de legitimação e legalização das ações políticas dos militares estabelecendo para eles próprios diversos poderes extra-constitucionais.

sentido essa coisa de se continuar estudando. Tanto é que eles estimularam muito a gente ir pra fora fazer o mestrado, como foi o meu caso. Algumas pessoas, poucas, também saíram – naquele tempo se formavam poucas pessoas na área. Essa política foi implantada naquela época e, até por força da reforma universitária que veio, mais ou menos, ao mesmo tempo, dando essa idéia diferente de universidade, com pessoas dedicadas à universidade como um lugar de profissionais que usavam do seu conhecimento e experiência para formar outros profissionais, com essa preocupação de formar gente.

Foi um movimento geral na universidade brasileira. Antes a carreira era muito diferente, a gente tinha o Catedrático, depois o Assistente... O cidadão era dono da cátedra da disciplina e era nomeado pelo presidente da república. Essa cátedra dava toda uma autonomia, mas isso acabou. Acabou com esse negócio de dono da disciplina que fazia e desfazia e a idéia de departamento onde as políticas de ensino e de pesquisa eram tomadas por um conselho maior e por pessoas preocupadas com isso. Aqui no Estado de Goiás, segundo eu entendo, aconteceu nessa época. Também foi uma reviravolta nesse sentido. Tanto é que, depois disso, a gente e outras pessoas começaram a pensar em pós-graduação, em fazer mestrado, doutorado. Eu também fui o primeiro a me doutorar, mas fruto desse incentivo, dessas idéias: a Matemática como uma profissão à qual as pessoas podiam se dedicar.

F: E será que esta incerteza também passava pela cabeça dos alunos que não chegaram a concluir o curso? Havia muitas desistências, né? Como será que eles encaravam a Matemática?

G: Bom, eu imagino que na cabeça deles, eles iriam formar pra ser professor de Matemática nos colégios. Somente aqui é que eles passavam a compreender que a pessoa poderia fazer carreira matemática. Mas a maioria das pessoas realmente se dirigia para o ensino da Matemática. Os mais interessados é que faziam carreira na Matemática propriamente dita. Agora, acontece que esta carreira sempre foi pouco atrativa, mesmo assim, o que temos hoje é que você tem muito mais gente que procura a universidade e, portanto, há espaços, há demanda para os cursos de Licenciatura também. Hoje nós já formamos, chegamos a formar 50 alunos por ano, né? Coisa que a gente não sonhava com isso durante anos e anos.

F: O professor Valdir me contou que, nos vinte anos do Instituto (em 84) eles fizeram um levantamento para uma aula inaugural e tinham, nestes vinte anos, só 36 ou 39 alunos formados. Quer dizer, poucos alunos por ano, né?

G: Claro.

F: E as pessoas procuravam pensando nisso, tornarem-se professores de Matemática e viam que tinha essa outra oportunidade.

G: O próprio caso do Valdir. Ele fez carreira em Matemática: fez mestrado, né? Mas eu não sei o que ele pensava antes de entrar na universidade. E o Valdir é bem mais recente do que eu.

F: Acho que ele entrou aqui em 68...

G: Pois é.

F: Sobre as disciplinas, o senhor pode fazer uma comparação das disciplinas daquele tempo – como eram ministradas, ementas etc – com as de hoje? Que tipo de “evolução” aconteceu?



G: Bom, houve sim uma evolução, porque algumas disciplinas mais novas, mais modernas, acabaram sendo introduzidas. Por exemplo, o caso da Álgebra Linear. Hoje ela é comum aos alunos de Engenharia, inclusive, desde os primeiros semestres do curso. Naquele tempo, eu já estava no terceiro ano de Engenharia e nunca tinha ouvido falar nessa disciplina. E agora, o que aconteceu também é que o professorado foi se qualificando, quer dizer, à medida que pessoas mais qualificadas, que fizeram mestrado depois fizeram doutorado, ocupavam o lugar aqui, essa formação melhor permitia a introdução de disciplinas com características mais avançadas e com outras características diferentes do foco que era dado anteriormente. Geralmente, o foco era muito mais procedimental, a gente aprendia muito mais procedimentos: calcular integrais, derivadas, por exemplo, e com menos preocupação com os aspectos conceituais. E a diferença pra hoje é muito grande. Pelo fato de hoje nós termos na nossa categoria docente uma maioria de doutores, tem-se um visão, uma perspectiva da Matemática muito mais profunda, e esse aspecto permite dar conotações diferentes para os diversos cursos. De modo que a diferença do aluno que faz o Bacharelado hoje – antes nem havia Bacharelado, né? – e de quem fazia o Bacharelado, digamos, há quinze anos atrás, é muito significativa. A gente tem um Bacharelado que dá uma formação muito boa, exatamente porque o fato das pessoas entenderem mais Matemática permite escolher as disciplinas que são mais pertinentes e dar uma formação mais adequada para o bacharel. O mesmo acontece com a Licenciatura. Na parte de Matemática, a Licenciatura é muito boa. O pessoal que trabalha na Licenciatura tem uma formação melhor hoje em relação às disciplinas de ensino. Naquele tempo não tinha essa formação de pós-graduação nessa área, os professores das disciplinas pedagógicas tinham apenas o título da graduação.

F: Os professores que ministravam as disciplinas de ensino?

G: As ditas “pedagógicas”. Tanto na Faculdade de Educação, quanto aqui mesmo. Hoje nós já temos mestres já há algum tempo e já temos doutores e pessoal em formação nessa área. E hoje as pessoas dizem: “- Ah, mas piorou o ensino!” Não, no nosso caso melhorou. Embora os alunos que a gente recebe não mudem muito, vêm com as mesmas deficiências que vinham anteriormente, agora a gente pode levá-los mais longe. Exatamente porque temos um corpo docente e um espírito de compreensão, tanto da parte de conteúdo como da parte pedagógica, muito maior. Por isso eu digo que melhorou muito em relação a alguns anos atrás.

F: Certo. Seguindo esta linha, quais as maiores diferenças entre os discentes dessa década de 60 e 70 e os de hoje? Com o passar dos anos, como foi mudando o corpo discente em relação às essas alterações do corpo docente, da profissionalização dos professores?

G: Bom, o fato desses alunos terem contato com pessoas que têm uma compreensão melhor da sua área, no caso, a Matemática e da própria área de Educação Matemática, cria um certo ambiente que favorece a eles (alunos) direcionar os interessados em fazer carreira numa área ou na outra. Permite que eles, caso queiram, já sejam direcionados. Hoje, temos aqui, especializações aqui em Matemática propriamente dita, em ensino de Matemática e temos o mestrado em Matemática. E estimulamos alguns alunos a fazer fora o seu curso de pós-graduação, para conhecerem outros ambientes. Mas os que não podem, ou não se interessam, já podem fazer o seu mestrado aqui mesmo em Matemática. O nosso mestrado já funciona desde 1973 provavelmente. Não tenho certeza... acho que em 73 ou 72 que foi criado. Embora eu ache que ele tenha sido criado muito prematuramente. Nós não tínhamos ainda um quadro de professores capazes de dar sustentabilidade a este curso. A gente contava com professores visitantes, alguns estrangeiros e que estavam temporariamente aqui, de modo que o curso

demorou para se consolidar. Mas hoje como há um pessoal daqui mesmo, permanente e com qualificação adequada ele já está consolidado. Tanto é que aqui se fala em ter um curso de doutorado e assim que as condições estiverem prontas pra isso ele será criado.

F: O que o senhor acha que está faltando pra implantar esse curso de doutorado?

G: O curso de doutorado depende de uma massa crítica que esteja produzindo Matemática, criando e publicando Matemática. E a gente está começando a ter essa massa crítica. Um dos critérios mais importantes é esse. O foco é diferente, é de formar pessoas que vão criar Matemática. Assim, que acredito que não vai demorar muito para que isso aconteça. Aqui nós já temos gente suficiente, com interesse, disposição e qualidade para fazer o intercâmbio com outras instituições – o que é importante para uma universidade que é da periferia e está longe dos grandes centros. Nós temos recursos provenientes de convênios tais como CNPq, Capes, enfim, com outras instituições que permitem esse intercâmbio. Professores daqui têm intercâmbio com a Espanha, por exemplo, os convênios dão muitos recursos de maneira que os professores de lá vêm pra cá, os daqui vão pra lá. Com outras universidades brasileiras como a própria USP, a Universidade de Brasília (pela proximidade). Então a gente já tem os recursos pra sustentar o pagamento de passagens e diárias para esse intercâmbio. E a gente sabe que isso é fundamental, esse intercâmbio para a criação da ciência em si.

F: Certo.

G: Para tornar o ambiente de pesquisa ativo e, portanto, ter uma produção, de certa maneira, estável, para que haja a produção e que se crie um ambiente adequado para o curso de doutorado. Precisamos fazer esses intercâmbios.

F: Entendi. Isso vem mostrar que o IMF está aberto a dialogar com outras instituições contribuindo com profissionais (como foi o caso do convênio com a Faculdade Evangélica, no passado) ou com pesquisa. Isso tem um pouco daquele espírito de estar buscando a dedicação?

G: É, que veio desde aquela época do Milano e do Willie Maurer, que foi criado e mantido com certas coisas, esse espírito. A gente faz um esforço grande para que os professores estejam todos com dedicação exclusiva, então é um princípio que a gente procura cumprir.

F: O senhor sabe qual é o quadro de professores aqui? Quantos são?

G: De cabeça, não. Mas isso é um dado que você pode pegar com a secretária ali.<sup>97</sup>

F: O que o senhor acha que seria interessante ou essencial, que se abordasse numa pesquisa como esta que pretende contar uma história sobre a formação do professor de Matemática no Estado de Goiás? Que questões deveriam ser respondidas?

G: Bom, eu acho que são duas coisas distintas: uma é a formação de matemáticos e a outra é a formação de professores de Matemática para as escolas. Elas são muito juntas, mas têm objetivos diferentes, não é?

No caso da Matemática em si, a gente já tem uma massa maior de pessoas, de cursos de pós-graduação então uma procura maior de pessoas para se adentrar a universidade, de modo que

---

<sup>97</sup> Atual quadro de professores do IME da UFG.

hoje, em Matemática, há muitos mestres, quer dizer, quando se abre um concurso, aparecem muitos mestres em Matemática. Era uma coisa que há um tempo atrás não acontecia, a gente tinha que abrir concurso pra professor auxiliar que só exige a graduação. Hoje, já se pode abrir pra assistente e até pra adjunto que exige um título de doutorado. Então, está começando a haver uma massa crítica que vai, naturalmente, levantar este nível. A formação de pessoal para a universidade já ganha com isso porque, ao contrário do que acontecia, quando a gente contratava professor só com a graduação. A gente tinha que investir nele uns cinco anos pra completar sua formação no nível de doutorado, não é? Hoje esse período já está se encurtando. A gente contrata o professor com o doutorado. Agora, no caso de formação de pessoal pra as escolas, os licenciados para ensinar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, aí já há questões políticas de outra natureza que a gente precisava superar para, de fato, a gente começar a formar mais gente e com mais qualidade. Dar uma formação melhor para eles ficarem mais preparados para ensinar nas escolas por aí.

F: Que tipo de questões?

G: Por exemplo, hoje o curso de Licenciatura tem uma formação de conteúdo e uma formação pedagógica. Se a gente pudesse contar com alunos que tivessem uma perspectiva de trabalho – depois de formados – seria melhor, ele teria uma motivação maior para se dedicar ao seu curso e, portanto, a gente teria uma melhor formação dessas pessoas. Essas pessoas não ficariam só por aí, pensariam numa perspectiva de se aprimorar mais, dado que só a graduação é pouco pra se ensinar, mesmo no nível Fundamental e Médio. A gente sabe o quanto uma pessoa melhor formada pode contribuir mais, porque ela tem uma outra maneira de ver a sua própria ciência, ver a Educação e isso vai influir melhor. Então eu diria que essa é uma questão política que precisava ser resolvida. A gente faz o que pode, mas não é suficiente. A gente precisaria abrir perspectivas de trabalho para esses jovens alunos que entram, de maneira que eles possam ver a sua profissão como uma profissão realmente atrativa e que eles possam realizar um trabalho que lhes dê prazer, trabalhem com gosto e dedicação. Ao contrário, hoje o professor que trabalha nos Ensinos Fundamental e Médio tem que dar aula em diversas escolas, em condições muito precárias.

F: E o senhor acha que problemas como esse vêm se agravando de 30 ou 40 anos pra cá, ou eles podem estar sendo amenizados por alguma medida, ou ainda, estagnado?

G: Há uma diferença daquela época pra cá. Eu mesmo sou um exemplo. Eu fui improvisado como professor. Terminei o Científico e a pessoa achou que eu sabia Matemática e estava pronto pra ser professor. E hoje eu percebo que isso é uma ilusão. A pessoa pra ser professor, principalmente nos Ensino Médio e fundamental, precisa uma preparação muito maior, porque é uma atividade muito complexa cuidar de pessoas. A quantidade de conteúdos já é grande, mas acrescentada da dificuldade de se tratar com pessoas. E essa formação da parte psicológica, didática, pedagogia enfim, é indispensável. Naquele tempo, os professores que eu tive no Ginásio eram professores improvisados assim. O professor que terminava o Ginásio ia acabar dando aula pro Ginásio. Hoje, pelo menos isso já mudou. Hoje já encontramos muitos professores licenciados e que podem lecionar com muito mais propriedade, de forma muito mais adequada, né? Mas o que falta ainda são condições de trabalho que só podem ser propiciadas depois de decisões políticas que devem atacar essas questões.

F: Permitindo que o pessoal possa se especializar, né?

G: Não só especializar, mas realizar o seu trabalho lá com gosto, porque ele sabe que terá todas as condições pra isso, né?

F: Certo.

G: Um salário adequado é a primeira coisa. Não adianta muita conversa bonita por aí. Primeira coisa: tem que ter um salário adequado!

F: E os professores precisam trabalhar 60 horas por semana, é difícil, né?

G: Acho que teria que trabalhar numa escola só, em tempo integral. Mas pra isso ele precisa de um salário que justifique isso.

F: E as disciplinas de formação pedagógica como o senhor as encara hoje em relação a 30 ou 40 anos atrás? Que tipo de alteração houve?

G: Olha, eu fiz as disciplinas de Psicologia, Didática Geral, Didática Especial – como era chamado naquele tempo, né? – dedicada à Matemática. E eu imagino, por apenas ouvir falar e conversar com os colegas, pois não sou da área, que isso deve ter melhorado também. As pessoas que faziam a Licenciatura naquela época eram raras. A gente contava nos dedos aqui os professores do Liceu que tinham Licenciatura em Matemática. Eu me lembro do professor Ary (que era professor na Católica), talvez um dos poucos que tinha a Licenciatura.

F: O senhor tem contato com ele ainda?

G: Eu não sei nem se ele está vivo ainda? Você sabe disso? Você conheceu ele?

F: Não. Não.

G: Aliás, quando eu estava lecionado no Ginásio lá em Inhumas a CADES (do ensino secundário) exigia que se fizesse um cursinho e uma prova, que eles chamavam de suficiência, pra garantir que o professor podia lecionar. E isso era dado no mês de janeiro, fevereiro, e eu fiz um desses cursos e o professor Ary foi um dos professores, quer dizer, era um dos poucos aqui que tinha a Licenciatura e podia dar esse curso. E todos os professores que eu via, os colegas meus que ensinavam, eram professores que tinham essa formação aí, muito precária. E tinham dificuldade até de fazer um curso desses que era bem orientado, sabe? Mesmo com conteúdo do colégio e tal. Então eu acredito que isso hoje melhorou, porque a gente tem professores, hoje, tanto nessa área da Educação, da Faculdade de Educação, que têm uma formação muito melhor. Então eu imagino que hoje está muito melhor. O pessoal costuma dizer: “- No meu tempo era melhor!” Eu não acredito nisso. Acredito que hoje é melhor nesse sentido. Tanto numa área quanto na outra...

F: Tá jóia. Acho que vamos parando por aqui. Sobre meus procedimentos agora, eu vou Agora eu vou transcrever a entrevista e vou textualizá-la. Textualizar é fazer uma ediçãozinha pra o texto ficar mais fluente para a leitura, mas tentando preservar, ao máximo, o que foi dito aqui. Eu trago pro senhor uma cópia desses dois textos...

G: Você pode mandar por e-mail se quiser.

F: Tá certo, mas eu posso trazer pro senhor porque eu vou estar por aqui mesmo. Eu vou trazer uma cópia da gravação também e vou pedir pra o senhor conferir porque eu precisarei de uma carta autorizando o uso da entrevista na minha dissertação.

G: Tá bom.

F: Eu queria agradecer muito a sua colaboração e pedir mais uma coisa: eu queria tirar uma foto sua. Pode:

G: Tá bom. Pode.

## 2.10 DEPOIMENTO 10

**Valdir Vilmar Silva**



**Professor Valdir Vilmar da Silva. (Fonte: Acervo nosso, 09/08/2006)**

Valdir: Você conseguiu falar com o Milano?

Fernando: Sim, falei com ele ontem pela manhã.

V: O Milano é a História viva da Matemática aqui em Goiás. O Milano é a pessoa que mais conhece da história da Matemática aqui em Goiás, porque quando ele veio pra cá realmente não existia o curso de Matemática ainda na UFG. Ele deve ter te falado que veio de Rio Claro (SP).

F: Pois é!

V: Agora, no meu caso, eu entrei na UFG em 68 pra fazer Engenharia. No ano de 1968 eu fiz o primeiro ano do curso de Engenharia. Na época, a gente fazia dois anos de Engenharia depois optava se queria Civil ou Elétrica (que eram as únicas modalidades que tinha). Esses dois primeiros anos eram chamados “o básico” e eles eram oferecidos pelo Instituto de Matemática e Física que estava ainda em formação. Como ele te falou, o Instituto foi criado em 64.

F: Sim.

V: E como foi reconhecido em 1968, estava se formando nessa época. E lá eram oferecidos o primeiro e o segundo anos de Engenharia. O primeiro ano foi muito bom. Eu gostei muito de fazer o primeiro ano de Engenharia. No segundo, também foi bom. Como eu não trabalhava na época e o curso era oferecido só de manhã, no período da tarde eu comecei a fazer uma disciplina do curso de Matemática que era Álgebra. Quem ministrava essa disciplina era uma japonesa, Titosa era o nome dela. Depois ela foi pra Federal do Rio de Janeiro. Mas o fato é

que eu era como um “ouvinte”, não tinha matrícula, não tinha nada e estava lá porque tinha a tarde meio livre, então comecei a fazer o curso de Álgebra com ela. Só que todos os alunos dela desistiram, exceto eu que era “ouvinte”.

Parece-me que o Pedrão<sup>98</sup>, da Católica, era um dos alunos oficiais dela e depois ele foi fazer o curso na UCG, mas não tenho certeza. Assim, ficou uma situação meio atípica, né? Só eu que não era do curso de Matemática fiquei. Aí no final do ano de 69 o professor Milano me convidou pra fazer o curso de Matemática. Na época você podia ter duas matrículas “paralelas” e eu já tinha matrícula em Engenharia, né? Aí me ofereceram uma matrícula no curso de Matemática pra ser um aluno formal do curso de Matemática.

Fui ser Monitor do professor Milano e em 1970 eu optei por trancar o curso de Engenharia – que seria o terceiro ano – e continuar o curso de Matemática que estava me parecendo mais interessante. E continuei como monitor do professor Milano.

Em 1970 a UFG fez uma experiência que não sei se outras universidades fizeram, mas o Instituto de Matemática fez e não deu muito certo: eram cursos trimestrais. Você dividia o ano em quatro períodos, então foi uma loucura o ano de 71, aliás, de 70, na UFG.

F: As disciplinas eram feitas em três meses?

V: É. Você matriculava de três em três meses. Mal estava começando a fazer a disciplina já estava terminando o trimestre e já tinha que fazer outra. Isso foi só aplicado em 70 e não deu muito certo. Em 71 retornou-se aos períodos semestrais e o Milano me convidou pra dar aula lá em Anápolis. Ele deve ter te falado do curso de Filosofia...

F: Da Evangélica?

V: Curso da então Faculdade de Filosofia Bernardo Saião que se iniciou por volta de 69 e me parece que também foi o Milano que estava na frente porque eles tinham um convênio... O fato é que eles findaram o curso lá e o Ministério da Educação falou: “- Vocês não têm como funcionar a menos que façam um convenio com a UFG” que era mais próxima. Aí eu fui dar aula lá, mas ainda não havia terminado o curso. Dava aula pelo professor Milano, ele que era o responsável.

V: Em 71 eu terminei o curso de Bacharelado. Fui o primeiro Bacharel da UFG. Até então existia o curso de Bacharelado, mas ninguém tinha feito. Eu fui o primeiro a terminar o Bacharelado na UFG.

Nos anos 70, 71, era muito complicado: quase não tinha professor. Os professores que o Milano buscava em São Paulo ficavam aqui um semestre e voltavam. Era uma coisa complicada. E eram sempre recém-graduados. Praticamente não tinha nenhum mestre aqui em Goiás. A maioria, a maioria não, muitas das disciplinas que eu fiz, em 70 e 71. Foram feitas em outras universidades: na USP, no IMPA. Eu fazia nos cursos de verão ou mesmo no período normal e eram reconhecidas aqui. Fiz também disciplinas como aluno único. Também fui monitor do professor Willie, que na época andava por aqui.

F: Sim.

V: Variáveis Complexas, por exemplo, eu fiz com ele. Mas assim, como orientação: a gente estudava e não havia aula propriamente. Era complicado esse negócio de professor naquela época. Pra dar as disciplinas do Bacharelado, praticamente não tinha nenhum professor,

---

<sup>98</sup> Pedro César Coimbra

porque as pessoas que se propunham a vir dar aula aqui eram recém-graduados. Então, não tinham a experiência pra dar uma disciplina, por exemplo, como Variáveis Complexas ou Cálculo Avançado. A pessoa mais indicada que tinha aqui era o Milano, que era apenas graduado, né?

Bom, essa é a história. Em 71 eu terminei o curso e em 72 eu prestei o concurso aí. E fiquei lá na UFG de 72 até 2002, como professor. Daí, em 72 mesmo já houve um salto: na época, no início de 70, o instituto que mal conseguia oferecer disciplinas de graduação, já havia mandado alguns professores pra fazer pós-graduação que começavam a voltar.

O Genésio, que já era contratado, aliás, um dos primeiros que se graduaram na UFG, tem uma trajetória parecida com a minha: ele também era aluno de Engenharia e depois foi fazer o curso de Matemática. Nessa época o Genésio já tinha o Mestrado, mas ele não estava aqui, estava fazendo o doutorado no IMPA. Entretanto, chegaram dois mestres: um era do Instituto, que o professor Milano trouxe lá de Rio Claro e que foi fazer o mestrado no Chile e que, quando ele veio, trouxe mais um amigo. Foram os dois primeiros mestres que começaram a dar aula efetivamente no Instituto de Matemática.

F: O senhor lembra o nome deles?

V: Evaristo Bianchini e Ruben Nelson Valverde Meira. O Genésio já era mestre, mas continuava no IMPA, né? Quem de fato foram os primeiros mestres que deram aula no Instituto foram esses, que eram lá do interior paulista.

F: Os outros professores eram só graduados?

V: Licenciados, em geral, Licenciados.

F: Tinha, nessa época, algum da Engenharia que ainda dava aula?

V: Tinha vários, né? Tinha muitos professores que eram engenheiros. Um deles que marcou, desde a fundação, foi o Hermógenes Coelho Júnior. Tinha o professor Armando que também era engenheiro. Tinha o Professor Gabriel Roriz...

F: Esse Armando, qual o sobrenome dele? Não era um que estava dando aula na Católica?

V: Não, desse eu não consigo lembrar o nome. O Gabriel era mais da Física, mas também teve um papel fundamental na consolidação do curso de Matemática. O Professor Gabriel lecionava Mecânica. O Armando era do Departamento, e o Hermógenes geralmente dava Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, coisas assim.

F: E o que mais o senhor se lembra das aulas? Em termos de estrutura, o que a Universidade oferecia? A preocupação maior era a de formar *professores* de Matemática?

V: Essa era a grande preocupação do professor Milano. O professor Milano só pensava nesses termos: em formar professores de Matemática *daqui*. Pessoas que se formassem aqui, saíssem, fizessem mestrado ou fizessem o mestrado aqui e que ficassem por aqui mesmo, né? Esse era, então, um objetivo claro dele, bem definido. Agora, as aulas eram estritamente expositivas. Nessa época e como é até hoje: não mudaram muito, porque a universidade não evolui, não é? A universidade melhora a qualificação acadêmica dos professores: hoje se você for lá no Instituto, a qualificação do pessoal é muito boa, quase todos são doutores, um pessoal novo que não pensa em sair da UFG, por exemplo. Isso vale pra Católica também, né? Mas a



qualidade das aulas não é muito diferente. Você foi aluno lá na Católica, você sabe que são aulas expositivas, são aulas como as que eram dadas nas décadas de 50, 60, 70, quer dizer, a Universidade está, a meu ver, estacionada já há um bocado de décadas, não tem melhorado nada. Então, a gente estudava mais do que hoje, os alunos estudavam muito. Essa questão de reprovação... Não havia essa preocupação que hoje já está começando a existir. Por exemplo, lá no Instituto, durante o longo período em que eu trabalhei lá, ninguém se preocupava com isso. O índice de aprovação lá era de 25, 30 por cento. Ninguém questionava isso. O Instituto era assim. E isso continua até hoje: eu acho que eles não têm um índice melhor que 50 por cento. As primeiras disciplinas – Cálculo, Geometria Analítica, essas coisas assim, tanto para os alunos de Engenharia quanto para os alunos de Matemática – eram mais ou menos deste jeito. O que mudou um pouco foi a concepção sobre o curso de Matemática. Na década de 70, o importante era fazer Engenharia. Todos os alunos queriam fazer Engenharia. Engenharia era curso de elite. Matemática, ninguém sabia o que era. Aqui em Goiás, não. Depois, ali pelo início da década de 80, veio o curso de Computação e a UFG foi a primeira Universidade que colocou o curso de computação no estado. Isso desbancou o curso de Engenharia. Os melhores alunos de Engenharia queriam ir para o curso de Computação. Hoje essa coisa anda meio equilibrada, não é? A preferência em vestibulares entre Engenharia, Computação e Matemática já se equilibrou bastante. Antes, as vagas no curso de Matemática eram, quase todas, ociosas: não tô te falando que eles me ofereceram uma vaga lá? Não tinha aluno de Matemática, pois poucas pessoas optavam pelo curso de Matemática. Havia alguns preconceitos sobre o curso de Matemática, principalmente o curso de Matemática da Federal: os alunos eram tidos como uns caras meio desequilibrados. Esses preconceitos. Na Católica, e parece que lá o curso é mais velho, não era assim. Na Católica era um curso mais voltado pra Filosofia. Ele tinha características diferentes do curso da Federal. Depois surgiu o curso de Anápolis que deve ter sido o terceiro curso aqui de Goiás e que inicialmente tinha características mais voltadas para o curso da Federal, mas a partir de 75, ficou um curso mais parecido com o curso da Católica. Esses foram os dois modelos que a gente tinha aqui..Depois, deve ter surgido o curso de Matemática lá de Rio Verde<sup>99</sup> que deve ter sido o quarto curso aqui de Goiás.

F: Daquela Faculdade ligada à prefeitura?

V: Deve ter sido o quarto curso. Daí vieram os cursos da UEG antes dela existir propriamente, mas naqueles pólos. Tinha em Porangatu<sup>100</sup>, tinha em uns quatro ou cinco lugares. Mas não eram cursos de Matemática, propriamente ditos, eram cursos de Licenciatura em Ciências, daquela reforma que teve em 69, que acabou com a Licenciatura em Matemática e criou a Licenciatura em Ciência com as diversas modalidades. Aí, se formaram vários cursos de Licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática. O Estado tinha esses cursos em Anápolis, tinha em Porangatu, tinha em Morrinhos, tinha em... aqui no sudeste tinha numa cidade... E aí, depois virou uma febre, né?

F: Só aqui em Goiânia tem vários.

V: Tem pra todo lado. É, hoje, o curso que mais oferece vagas no ensino superior em Goiás é o curso de Matemática. Você já fez um levantamento pra ver quantos...?

F: Não.

<sup>99</sup> Cidade do Sudoeste goiano, a 220 Km de Goiânia

<sup>100</sup> No Noroeste, a 450 Km da capital

V: Se você fizer um levantamento hoje, deve estar oferecendo bem mais de mil vagas. Esse levantamento eu fiz em torno do ano 2000, foi para um encontro de Matemática que teve lá em Jataí. A idéia era mais ou menos essa: conversar sobre o curso de Matemática, aí por volta do ano 2000, Goiás estava oferecendo, eu acho, que 1200 vagas por ano em vestibulares. Um despropósito, né?

F: Muito interessante isso aí.

V: Tô falando pra você, não era menos de 1200. Nessa época tinha outros complicadores que aumentavam esse número: nós computamos também os famosos cursos que o Estado ofereceu de ...

F: Que eles chamam de “parceladas”<sup>101</sup>?

V: Parceladas. E só nessa chamada Licenciatura Parcelada eles ofereceram umas quatrocentas vagas pra Matemática. Então, essas coisas todas contribuíram para o nível da Matemática aqui em Goiás descer um pouco. Muito. Primeiramente, as pessoas que saíam daqui de Goiás eram bem aceitas para cursos de pós-graduação. Na UnB, por exemplo: o aluno saia com vaga certa na UnB. No IMPA, na USP também. Os cursos de Matemática aqui de Goiás eram bons, até ali pro final da década de 70, eram muito bons. Hoje, se o sujeito fala que fez Matemática aqui em Goiás, não quer dizer nada, né? Porque pode ter sido numa parcelada, pode ter sido na Universo<sup>102</sup>. Então, esse curso da UEG, não sei se em 2003 ou em 2004, teve mais duas unidades e a maioria deles funciona sem a mínima condição. Não tem professor, não tem um departamento bem estruturado, não tem biblioteca, não tem aluno com vontade de fazer o curso – tem aluno fazendo o curso, mas não tem entusiasmo, não tem nada. Você já foi nessas unidades aí?

F: Não.

V: Elas são terríveis.

F: O senhor já começou a fazer uma comparação e o professor José Afonso também falou: “- A gente estudava mais do que se estuda hoje.” Que fatores o senhor acha que influenciam nessa diferença?

V: Eu acho que o principal fator foi exatamente a massificação. Aí no início da época do Zé Afonso, eu não o conheço bem, mas ele é...

F: Ele é da primeira turma da Católica.

V: Pois é! As pessoas que optavam por fazer Matemática nessa época faziam isso por vocação mesmo, porque a perspectiva pra quem estava fazendo Matemática eram pequenas. Quando eu deixei de fazer meu curso de Engenharia pra fazer Matemática, meu pai me falava assim: “Engenharia eu sei o que é, mas Matemática eu não sei o que é isso?” Era assim. Então as pessoas que realmente optavam por fazer o curso de Matemática queriam mesmo fazer aquele curso e não tinha professores qualificados. Então, o cara tinha que produzir por ele mesmo.

---

<sup>101</sup> Licenciatura Plena Parcelada. Eram cursos dirigidos a professores que já estavam lecionando na rede estadual e não tinham curso específico e as disciplinas eram dadas em módulos durante as férias escolares.

<sup>102</sup> Universidade Salgado de Oliveira

Nos cursos de verão ele tinha que sair e ir conhecer outras universidades. Se ele quisesse progredir... E se ele não se mexesse, ele era reprovado. O que tinha de gente jubilada, principalmente na Federal... Porque a Federal tinha um sistema de “jubramento” e não sei como está ainda hoje, mas o sujeito que entrava lá, se fosse reprovado umas três vezes na mesma disciplina, ele já saía. Era aquele negócio: existiam 40 vagas, 30 vagas por semestre lá na Federal, só que os caras entravam e saíam também. Então eu tô te falando: só ficavam aqueles que, de fato, se identificavam. Isso não existe mais, né? Hoje, é fácil fazer um curso de Matemática, não é? Você fez na Católica, não é fácil fazer um curso de Matemática? É! Você acha que na Universo, o cara não entra lá e faz o curso? Você acha que na UEG, as pessoas não entram e fazem? Tem curso noturno... O cara trabalha o dia todo, chega lá a noite... Quando fundaram o curso noturno na UFG eu fui um dos primeiros a dar aula à noite. O pessoal trabalhava o dia todo, ia lá assistir aula cansado, essas coisas. Foram muitos, já formaram umas duas turmas. Nesse período que o Zé Afonso estava se referindo, na década de 60, nem pensar! Quem fazia o curso era quem tinha bolsa de iniciação científica, que era fácil ter. Pra você conseguir uma bolsa era só ter um orientador. É que havia poucas pessoas realmente interessadas em fazer o curso e hoje não é assim mais: tudo quanto é curso aí está cheio de pessoas. Hoje é muito diferente, mas pra você ter uma idéia, uma coisa interessante: eu acho que foi em 86 ou em 88 – foi o período em que eu estava no colegiado – eu fui fazer um levantamento pra gente ter idéia de onde estavam os ex-alunos. A idéia era a seguinte: no início do ano letivo, a gente queria fazer uma palestra pra os alunos da Matemática. Acho que foi em 84. Até 84, a Universidade Federal praticamente não formou ninguém. Aí em 84, a professora Zaíra<sup>103</sup> – que você deve conhecer – foi lá pro Departamento de Matemática, fez-se uma reforma na grade curricular: acabou a famosa Licenciatura em Ciências e voltamos pra Licenciatura “clássica”, o que deu uma mexida geral no curso. A idéia era começar a formar professores de Matemática. Então, a gente queria contar para os calouros a história da Matemática da UFG. Primeiro: quantas pessoas já se formaram? Em 84 o curso tinha formado 36 pessoas. Só!

F: Com o curso funcionando desde 64, certo?

V: O que essas 36 pessoas estão fazendo? Fomos atrás dessas pessoas pra saber o que elas estavam fazendo, pra ter uma história pra contar. Quem fez esse levantamento foi a Marina que é secretária lá até hoje. Nós colocamos ela pra procurar esse pessoal todo. (risos) Desses 36, apenas um estava no ensino médio, os outros eram professores universitários, estavam nos departamentos de universidades, estavam nos CPD<sup>104</sup> da Caixa Econômica por aí, sabe? Somente um era realmente professor de ensino médio. E esse um que era professor de ensino médio, essa uma, era a diretora do Pedro Gomes<sup>105</sup>, quer dizer, na sala de aula, não tinha ninguém. (risos) A gente concluiu que até 84, a contribuição da UFG para os ensinos médio e fundamental aqui em Goiás foi zero. Praticamente desprezível. Quem sustentava o ensino fundamental e médio era a Católica e também já havia uma contribuição lá de Anápolis, mas da UFG... Nesse período é que, com essa reforma toda, com esse novo foco, o Departamento começou a formar professores. Em 87, já formou uma turma de nove alunos: isso foi uma coisa que ninguém pensava. Formar nove alunos! Daí pra cá, essa história tá contada lá nas paredes daquele Instituto. Se você for lá, você vai ver as placas.

F: Eu já vi algumas placas com pouquíssimos nomes, né?

<sup>103</sup> Zaíra Melo da Cunha Varizo.

<sup>104</sup> Centro de Processamento de Dados.

<sup>105</sup> Colégio Estadual Pedro Gomes.

V: De 87 até 2002, todas as placas estão lá. Esse negócio de formar nove alunos foi uma coisa espetacular! Nós fizemos festa. Fizemos muitas festas. Aí, já no ano seguinte já não deu nove. A turma caiu porque havia um certo “represamento”: esses nove foram obtidos porque alguns eram da turma anterior e foram encaixados na nova grade, por isso deu nove. Depois esse número caiu pra seis, sete, depois foi subindo, pra 14, pra 20. Já houve caso de formar 30 alunos lá num ano. Então foi uma coisa que nem em sonho (risos) estava em nossos propósitos. Hoje, lá deve formar em média uns 30 por ano, né?

F: E esse contingente foi pro ensino médio ou continuou como antes?

V: Não, desses de 87, poucos ficaram no ensino médio. Eram uns bons alunos, quase todos foram direto pro mestrado. Aí a gente já não tem mais esses dados, mas dos que estou me lembrando, tem um que está na Federal do Rio, é professor lá. Tem um que é professor aqui. Então devem ter ficado poucos. Das turmas seguintes é que hoje tem muita gente no ensino médio.

F: Mas o curso tinha esse caráter de bacharelado e licenciatura. Como funcionava isso?

V: Primeiro você entrava na UFG pra fazer Engenharia, aí depois é que você ia optar qual engenharia você ia fazer. Da mesma forma você entrava pra fazer Matemática e depois é que você fazia a opção entre bacharelado e licenciatura. No início era assim. Essa coisa mudou em 79 e no vestibular de 80. Como acabou o curso de Licenciatura, quem entrava era, automaticamente, pra fazer Bacharelado. Quem entrava pra fazer Ciências depois optava pra fazer a Licenciatura que quisesse, com a habilitação que quisesse. Isso não funcionou. Não só aqui na UFG, mas no Brasil inteiro. Ficamos com uma situação complicada, porque a Sociedade Brasileira de Matemática sugeriu que as Universidades voltassem para as Licenciaturas “clássicas”, mesmo que legalmente não existissem. E assim foi feito. Então, a Universidade voltou a oferecer um vestibular pra Licenciatura em Matemática e aí sim, de 84 pra cá, há a Licenciatura em Matemática e o Bacharelado. E você tinha que fazer a opção na hora do vestibular, tinha que definir mesmo que a Licenciatura não existisse. Continuou assim por um período grande, e aí, com as reformas de 89 e agora, posteriormente, com a LDB de 96, eles fizeram uma nova reforma, que é essa que estava sendo implementada aí em 2001 e 2002.

F: Certo. E o que o senhor acha que pode ter levado a criação do curso da UFG? O que senhor acha que motivou as pessoas a construir um curso aqui? O que o senhor acha que mais levou as pessoas que estiveram envolvidas nisso aí?

V: Olha, eu acho que isso teve uma influência muito forte do professor Milano. O professor Milano veio e eu não sei porque cargas d’água ele veio parar aqui em Goiás, vindo de São Paulo onde já estava organizado um departamento. Quando ele veio para cá a Universidade era organizada em Escolas. Tinha a Escola de Engenharia e lá na Escola de Engenharia tinha professor de Cálculo, professores de todas as disciplinas lá dentro. Tinha a Escola de Farmácia com o seu próprio professor de Matemática, porque o curso de Farmácia tinha uma disciplina de Matemática. A Escola de Agronomia tinha os professores de Cálculo, era assim. O professor Milano foi uma das pessoas que vieram pra cá com uma visão nova, uma visão de reestruturar a Universidade não em Escolas...

F: Em departamentos?

V: E isso já vinha acontecendo na USP. Então, ele teve uma influência muito grande por isso que eu falo que ele foi uma das pessoas fundamentais. Ele foi quem defendeu a criação do Instituto de Matemática e Física, que foi fundado em 64. Período difícil de golpe militar, essa coisa toda que foi uma complicação pra ele. Mas foi ele quem lançou a idéia desse modelo que foi aprovado. Agora, uma vez tendo um Instituto de Matemática e Física, não havia como não haver um curso de Matemática e outro de Física. Porque primeiro era um Instituto só, então, a criação desse Instituto é que ensejou a criação do curso de Matemática. Eu penso que, naquela época, se a Universidade continuasse com o modelo de Escolas, ninguém ia pensar em criar um curso de Matemática. Até porque não teria o mínimo sucesso. Como eu tô te falando, naquela época a gente não entendia direito o papel da Matemática, era muito difícil entender. Aqui em Goiás não existia nenhuma tradição, não tinha ninguém que tivesse influência. Então o curso de Matemática da UFG, eu não tenho a menor dúvida, é um subproduto do modelo de departamentos. Com toda certeza! O departamento sobrevivía não era do seu próprio curso, por exemplo, o Departamento de Física não sobrevivía do curso de Física, o Departamento de Matemática também não sobrevivía do curso de Matemática. Os departamentos, a razão da existência deles era oferecer disciplinas para os outros cursos. Para o curso de Engenharia, Agronomia, Farmácia, todos os outros, né? Essa é que era a função dos departamentos. Mas, no interior deles, começaram a trabalhar esses cursos de Matemática, de Física. Você entendeu?

F: Entendi. O que o senhor se lembra do seu tempo de escola? É de lá que veio o interesse pela Matemática? Porque o senhor optou primeiro pela Engenharia? E de onde o senhor é mesmo?

V: Eu sou do interior. Sou de uma cidade chamada Cumari<sup>106</sup>. Essa história é assim: saí lá do interior, como no meu caso, após terminar o que na época a gente chamava de primeiro grau, que hoje é o ensino fundamental. E eram raras as cidades do interior (na década de 60) que tivessem o segundo grau, ou ensino médio. Lá perto da minha cidade, ali pelo Sul, só tinha em Catalão<sup>107</sup>. Era só em Catalão, Anápolis, Goiânia. Não era assim como hoje que em tudo quanto é lugar que você vai, tem, né? Era muito diferente. Aí você terminava o ensino médio lá e vinha pra cá. Quando eu cheguei aqui eu não conhecia colégio eu não conhecia nada, mas eu já tinha ouvido falar que tinha um colégio chamado Ateneu Dom Bosco que era muito bom. Localizei esse colégio, com dificuldade, mas achei. Cheguei lá com os papezinhos pra fazer matrícula no segundo grau e o sujeito me pergunta assim: “- Pra Engenharia ou pra Medicina?” Uma pergunta inesperada. É, eu nunca imaginei que tivesse isso. Mas eu sabia que não seria pra Medicina, porque esse negócio de Medicina... O que me restou? “- Pra Engenharia.” Chamava Científico. Tinha algumas modalidades: tinha pro segundo grau as opções: Científico ou Comércio. Tinha um curso chamado Comércio. Então, se você optasse pelo Científico, tinha duas modalidades: pra Engenharia ou pra Medicina. Essa era a maneira de falar que você queria fazer Ciências Exatas ou Ciências Biológicas, mas não se falava assim. Então, como eu sabia que não era Medicina, Ciências Biológicas, eu optei por Engenharia. Aí você já começa com aquilo na cabeça, quer dizer, fui fazer o Científico pra Engenharia. O Ateneu era um colégio muito conceituado em Goiânia, mas pra você ter uma idéia, eles só ofereciam o primeiro e o segundo ano. O Ateneu! Uma das escolas mais tradicionais de Goiás, em 65 e 66, quando eu estudei lá, só tinha as duas primeiras séries. A terceira série, aqui em Goiânia, era oferecida no Liceu, no Pedro Gomes – só pra você ter uma idéia de como era o ensino nessa época – e num curso que a UFG criou que se chamava “Pré-universitário” e que era um cursinho em tempo integral (de manhã e à tarde). Tínhamos aula

<sup>106</sup> Localizada a 264 Km de Goiânia.

<sup>107</sup> Localizada a 250 Km de Goiânia.

de manhã e à tarde. A Universidade criou esse curso pra preparar seus próprios alunos, pra melhorar o nível dela própria. A UFG mantinha esse curso que funcionou só até 69, eu fui da penúltima turma dele. Eu fiz esse curso em 67. Agora, eu fiz o primeiro e o segundo ano do Científico pra Engenharia lá no Ateneu. E os alunos do Ateneu eram todos recebidos lá porque já sabiam que era o melhor colégio daqui, então tinha facilidade de ser aceito no Pré-universitário. Fomos todos pra lá, né? Lá falava-se mais em Ciências Exatas e Ciências Biológicas. E continuava aquela idéia de Engenharia... e o que você acha que eu vou prestar vestibular pra quê? Automático, né? Já estava na nossa cabeça, é lógico que fui prestar vestibular pra Engenharia. O pessoal não sabia bem o que era Engenharia também, mas Engenharia era uma coisa mais comum. Eu conhecia alguns engenheiros e matemático eu não conhecia nenhum. Engenheiro... todo mundo conhece um ou outro engenheiro, né? Comecei a fazer um curso de Engenharia, dois anos lá dentro, como eu te falei, e no segundo ano eu já comecei a fazer algumas opcionais lá e tal. Mas constatei que, realmente, aquele negócio de Engenharia tinha nada a ver. O que estava me agradando ali era a parte de Matemática... Certo?

F: Certo. Bom então, como passamos por todas as questões aqui, o senhor tem alguma coisa que gostaria de contar que não falamos agora, sobre o tempo que o senhor esteve lá na UFG?

V: Você conversou com o Genésio?

F: Não, vou falar com ele hoje à tarde. Já falei com o professor Juarez. Fui lá na casa dele. Ele me recebeu muito bem. Falou bastante...

V: O milano é uma pessoa muito interessante...

## 2.11 DEPOIMENTO 11

### Zaira Melo da Cunha Varizo



Professora Zaira Melo da Cunha Varizo. (Fonte: Acervo nosso, 15/11/2006)

Fernando: Eu queria que a senhora fizesse uma auto-apresentação: contasse de onde veio, como se envolveu com a Matemática, com o ensino da Matemática, com a formação de professores, com a UFG... A senhora pode ficar à vontade, pode falar da maneira que preferir.

Zaira: Bem, eu estudei na Universidade do Brasil, na Faculdade Nacional de Filosofia. E lá, então, eu fiz a Licenciatura em Matemática e o Bacharelado. E nós tínhamos três anos de Matemática, no último ano a gente escolhia duas disciplinas da área de Matemática pra completar o Bacharelado e fazia também a licenciatura. Podia fazer concomitantemente ou separado. Eu fiz junto. Na Licenciatura a gente tinha disciplinas que, eu acho, foram muito importantes pra minha formação, eram: Sociologia da Educação, Filosofia Educacional, Administração Escolar, Psicologia, Didática Geral e a Didática Específica. E a gente ficava no Colégio de Aplicação três manhãs onde tinha as disciplinas Didática Especial, e a Didática Geral. Eu penso que eu fui privilegiada, porque eu tive grande professores como o Anísio Teixeira, e outros professores dessas áreas de Sociologia, de Filosofia também. Mas eu sempre quis ser professora de Matemática, era um sonho desde criança...

Quando casei, os pais do meu marido moravam aqui, e como nós não queríamos morar no Rio, estávamos entre Belo Horizonte e Goiânia e acabou que nós achamos melhor vir pra Goiânia, porque aqui eu tinha meu sogro, minha sogra... Meu marido é filho único, e eu também. Viemos pra Goiânia, também, achando que aqui era uma cidade promissora, né? Estava tudo começando, era perto de Brasília...

F: Quando vocês vieram pra cá?

Z: Em mil novecentos... em dezembro de 1962.

F: E a senhora é natural do Rio de Janeiro mesmo?

Z: Não, não. Eu sou minera (risos). Eu sou de São João del Rei<sup>108</sup>, mas meu pai era Militar e então eu viajava muito. Mas as famílias dos meus pais eram todos do Rio. E a família dos pais do Silas (meu marido) também era do Rio. Nós nos conhecemos em Juiz de Fora. (risos) Nós estudamos no Colégio Granbery, em Juiz de Fora. É um colégio famoso, quem também estudou lá foi o... Aquele presidente da república...

F: O Itamar?

Z: Itamar Franco. E tinha várias pessoas do Granbery que moravam aqui, que casaram e vieram pra cá. Eu vim conhecê-los depois, né? E aí, em 63, começou o curso de Licenciatura em Matemática na Católica e eu comecei a dar aula lá. Dei aula de Didática Especial, Didática Geral e também dei aula em disciplinas de Matemática, dei Geometria Analítica, aquelas disciplinas iniciais. Depois eu dei mais uma outra... Cálculo! Eu sei que eu comecei na Católica, fiquei um tempo lá e depois a Federal fez seleção pra área de Educação.

F: Na Faculdade de Educação?

Z: É, e assim que eu cheguei aqui eu também comecei a dar aula no Liceu. Só tinham dois professores formados, com Licenciatura em Matemática.

F: Lá no Liceu?

Z: Não, em Goiânia. (risos) Em Goiás. Tinha eu aqui e tinha um outro professor que morava no que hoje é Tocantins, não me lembro mais a cidade que ele morava.

F: Por acaso não seria Dianópolis?

Z: Não sei.

F: Acho que o professor José Afonso me falou que tinha um professor formado lá

Z: É, o José Afonso foi meu aluno. Foi da primeira turma da Licenciatura. (risos) Mas aí eu saí da Católica. Eu dava aula no Liceu, dava aula na Católica, e eu gostava muito de dar aula no Ensino Médio e aí eu fiquei só com o Ensino Médio. Depois eu fiz seleção pra Federal e comecei a dar aula lá. Também dei aula pra primeira turma da Licenciatura em Matemática da Federal, porque a Federal começou um pouco depois da Católica. E fiquei na Federal até aposentar, né?

Primeiro eu fui pra Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, depois Faculdade de Educação e no final de 80 houve um movimento muito grande da Universidade Federal sobre a questão da parte Pedagógica, né? Os Institutos Básicos começaram a reivindicar que as disciplinas pedagógicas também ficassem nos Institutos Básicos. E nesse meio mudou, eliminou-se a Didática Geral, né? Teve aquele movimento, que depois se criou a Anfope<sup>109</sup>, da profissionalização de professores etc, começou aqui em Goiânia. Aí as Didáticas foram pros institutos, né?

Houve também aquela discussão que sempre tem muito forte e que nessa época foi mais acirrada: o pessoal da pura com o da parte pedagógica. Então, a Didática e a Prática de Ensino

<sup>108</sup> Localizada a 185 Km de Belo Horizonte, ao Sul de Minas Gerais.

<sup>109</sup> Associação Nacional para Formação de Professores da Educação.



ficaram com esse nome de Didática e Prática de Ensino, embora a parte de recomendações de como deveria ser desenvolvida a disciplina para o Instituto... a professora de Didática não poderia ir às escolas; tinha que fazer tudo em sala de aula, a parte de estágio supervisionado era da disciplina Metodologia e Conteúdos do Ensino de Matemática, que seria desenvolvida durante todo o ano, Isso na mesma época que o curso passou a ser anual – era por créditos, depois passou pra anual – e a disciplina ficou com o nome de Metodologia e Conteúdos de Matemática. E dentro dessa Metodologia e Conteúdos tinha uma parte que era a parte na escola e uma parte de tópicos de conteúdos de Matemática de Ensino Médio.

F: A senhora lembra quando houve a mudança para sistema serial?

Z: Acho que foi em 92.

F: Depois, em 2005 voltou a ser serial, né?

Z: É, 92, 93... ou então foi em 91... Porque em 94 que eu dei a Didática. Entrou a disciplina Educação Brasileira, Estrutura, Psicologia, mas incluiu a disciplina Educação Brasileira, que falava sobre questões políticas, as questões gerais sobre História da Educação Brasileira.

F: A senhora acha que com esse passar dos anos a formação do professor de Matemática tem melhorado? Hoje não é mais aquele esquema “três mais um”. Como a senhora vê essa “evolução”?

Z: No final ficou “dois mais dois”. Porque aqui, no terceiro ano, se faz uma opção, não é? Então ficou “dois mais dois”. Eu acho que continua não existindo uma integração entre a Matemática ensinada na universidade e a parte pedagógica. Elas ficam mais ou menos paralelas. Eu acho que já tem bastante professores da área que são mais sensíveis, né? Então, de uns tempos bem recentes pra cá, vamos dizer, de 2000 pra cá, eu acho que tem alguns professores que começaram a ter um certo respeito pela parte pedagógica, pelo menos eu senti isso de algumas pessoas.

F: Era um pouco desprezada antes?

Z: É, alguns desprezam totalmente, mas tem outras que acham que é menos... Inclusive tem até embate de alunos: esse ano teve, eu tô te dizendo que esse ano teve.

F: Ah, é?

Z: É, de um aluno falando pro outro: “- Pra que você tá aí nessa Licenciatura? Isso aí é só pra gente que é menos...” Ele não falou que era menos inteligente, mas virou uma confusão, um bate-boca, sabe? E o professor teve que intervir. Então, existe muito isso.

Do grupo de professores que iniciou essa Licenciatura, entre eles tinha um grupo de ex-alunos meus e realmente eles estavam preocupados com a Educação no Instituto também. Então, eles punham os melhores, assim, os considerados melhores professores pra dar aula nos anos iniciais, preocupados com o ensino, com a aprendizagem do aluno lá no IME. Isso no começo, né? Quando começou o curso tinha alguns professores lá que estavam mais preocupados com isso e eles incentivavam os alunos a fazer a Licenciatura. Não desprezando o aluno que é da Licenciatura, dizendo que é o aluno que sabe menos, que é inferior, que é menos inteligente, aquelas coisas... Então teve um fenômeno, vamos dizer assim, até 99, teve um ano que nós tivemos uns 40 licenciados. E o Bacharelado, tinha um, dois. Mas muitos

daqueles professores no caminho foram se aposentando e chegando novos professores. E agora, eles já chegaram a ir à casa dos alunos pra dizer que a Licenciatura não era bom pra alunos que eles achavam inteligentes e que estavam fazendo Licenciatura. Diziam que lá eles iam perder essa capacidade (risos) da inteligência, que eles tinham que fazer Bacharelado. Por isso parece que agora o negócio acirrou outra vez. Aquela questão: o matemático é mais inteligente, é melhor, é isso, é aquilo, e aquele que é licenciando é um aluno que tem menos capacidade intelectual, essas coisas.

Então, foram 40, né? Eram 30, 40 alunos, quarenta e poucos alunos formados. Depois de dois mil e pouco que começou, principalmente agora de 2005, 2004 pra cá, que eles começaram a fazer um trabalho grande porque eles estavam perdendo alunos. (risos) É assim: quando o aluno é muito bom, se sair muito bem na Licenciatura, aí eles ficam em cima do aluno, pressionam.

Nós chegamos a ter a especialização em Educação Matemática e se eu não me engano, acho que foi em 2003 que acabou. A gente tinha duas disciplinas de Matemática: Álgebra e Geometria, que são disciplinas básicas, e tínhamos Tecnologia Educacional, Metodologia de Pesquisa... Foi um curso muito bom. Quase todos esses alunos que fizeram esse curso têm conseguido passar em mestrados em vários lugares do Brasil. Eles mandam recados pra mim: “- Professora, passei no mestrado!” (risos)

Aí eles acabaram com essa especialização e fizeram a especialização em Matemática do Ensino Básico. Parece que foi uma recomendação do Élon Lages, é o que corria lá. Mas eu realmente não sei. Alguns professores que eu perguntei me confirmaram, mas eu não tenho certeza porque eu mesma não vi. Mas nessa especialização, da primeira turma, acho que entraram 60 e que dois ou três concluíram.

F: A senhora acha que tem uma pressão do pessoal da Matemática Pura?

Z: Logo no início eles desistem porque eles são professores do Ensino Médio, eles vão ali pra aprender, pra discutir a questão da Educação e vêm nada de Educação. Inclusive pra aprovar na Universidade o curso, eles tiveram que pôr monografia porque não tinha. Eu até orientei alguns, pra puxar pra Educação, né? (risos) Mas é muito difícil porque esses alunos não sabem sobre pesquisa. E você tem que fazer ele começar a estudar alguma coisa sobre pesquisa e é aquela luta pra você conseguir que ele entenda, né? Mas foram poucos que concluíram.

Tem um rapaz que concluiu e ele tá no Mato Grosso fazendo mestrado com o Otte. Eu até orientei a monografia dele e ele fez na área de História da Matemática.

F: Agora no fim do ano vai ter um encontro de Educação Matemática na Federal, certo?

Z: Você fala da Jornada?

F: É a Jornada.

Z: Ah, bom. A Jornada eu organizei por dez anos. Tinha por objetivo sair de dentro da Universidade Porque tem aqueles seminários, mas só lá pra dentro mesmo, para os alunos, e pros professores do IME, né? E aí, quando eu cheguei lá no IME, em 92, transferida da Faculdade de Educação eu fiquei pensando: “Gente, fazer um encontro pra nós mesmos? A gente precisa é abrir a Universidade.” Aí eu pensei na Jornada. A primeira eu já fiz junto com um professor de Física, porque era IMF (Instituto de Matemática e Física). Aliás, oficialmente ainda é IMF. Essa divisão de IME, de Informática, de Física, ainda não é oficial. É mais aqui dentro. Pro MEC é IMF.

Nessa época, nós brigamos muito lá. Eu fiz um ofício quando eu sai da Faculdade de Educação contra a mudança dos professores de Didática pra o Departamento de Matemática. Acho que fui a única que fiz ofício contra e fui a única que continuou. (risos) Eu acho que os outros todos acabaram pedindo pra aposentar, pra ir pra outras universidades. Nisso foi só o professor de Didática pro Departamento de Matemática. E eu sou mais adepta do Centro de Educação, sabe? Eu acho que o professor de Matemática deve ensinar Matemática, mas dentro de uma outra perspectiva. porque a maneira que o pessoal dá aula de Matemática nos cursos de Licenciatura é muito dentro de procedimentos, e o professor de Matemática tem que conhecer os conceitos. Tanto é que quando eu chegava lá no quarto ano e perguntava: “- O que é função?” o pessoal não sabia ver que era a relação de duas variáveis, isso eles nunca diziam. Eles davam aquela definição de conjuntos, mas o que significa isso eles não sabiam e o pessoal ia assim em muitos outros conceitos.

Então eu acho que a Matemática deve ser ensinada de uma maneira distinta da que o pessoal ensina. Não em forma de procedimentos, as fórmulas, aquelas coisas, assim você coloca a fórmula e pergunta: “- O que quer dizer isso? O que quer dizer esse  $x$ ? Porque isso é assim?” e o pessoal não sabe dizer o porquê. Eles sabem pegar a fórmula e aplicar. Então, eu sempre fui adepta de que se fizesse assim, um professor de Matemática de um Centro, porque o professor de um Centro vai realmente dar aula de Matemática voltada pra o professor, vai aprofundar a Matemática.

O Darci Ribeiro também foi meu professor e era uma idéia dele. Pela Lei de Diretrizes e Bases você pode formar esses Centros. Então, eu achava que na Universidade a gente poderia formar alguma coisa assim. Eu acho a Matemática importante, você tem que fazer pesquisa na área da Matemática, mas a Matemática para o professor deve ser ensinada de forma diferente. Mesmo assim, eu fui muito bem recebida lá, tanto é que as pessoas deram oportunidade e eu comecei com a Jornada que também queria mostrar para as pessoas o que era pesquisa em Educação.

Na primeira Jornada que fizemos convidamos professores das redes particular e pública, mas só ficaram os alunos da graduação. Só foi aparecer o professor de um colégio. Aí, na segunda Jornada nós melhoramos a comunicação e apareceu mais. No final, a gente tinha em média uns 500 professores de Ensino Médio. Vindos do Tocantins, Mato Grosso. Vinham os professores com os Estudantes de Licenciatura de Cáceres aqui no Mato Grosso. Aí começou a vir gente de Patrocínio<sup>110</sup> de Minas Gerais, porque lá perto tem Quirinópolis<sup>111</sup> com um curso de Licenciatura.

F: Da UFG?

Z: É, e vem muita gente de Patrocínio, ali em Minas, pra participar. A Secretaria de Educação pagava a inscrição dos seus professores, a Prefeitura também, então nós tínhamos todo um grupo, mas eu acho que até hoje tem muito pouca gente formada com mestrado aqui em Goiás. A gente começou fazendo oficinas e incentivando os professores a apresentarem as suas experiências, trazíamos professores de fora. A gente sempre trazia uns três ou quatro pra dar palestra, pra fazer oficinas e cada ano a gente procurava trazer professores de locais diferentes, com idéias diferentes e foi numa dessas ocasiões que o professor José Pedro<sup>112</sup>, teve contato com o professor Eduardo Sebastiani, que é da Etnomatemática. Aí a gente ia conversando com os professores do meio pra conquistá-los e Zé Pedro foi fazer doutorado com o professor D’Ambrósio, um outro professor que está em Catalão fez doutorado também,

<sup>110</sup> Cidade Mineira a 475 Km de Quirinópolis

<sup>111</sup> No Sul do Estado de Goiás, a 280 Km de Goiânia

<sup>112</sup> José Pedro Machado Ribeiro

é o Rogério<sup>113</sup>. Ele fez doutorado em Educação Matemática com a Maria do Carmo<sup>114</sup>... eu acho que é a Maria do Carmo... eu faço uma confusão de nomes.

F: Maria do Carmo de onde?

Z: Da USP, que é da área de Etnomatemática. Um outro ex-aluno fez mestrado na USP com o Oriosvaldo<sup>115</sup> da USP. Ele fez mestrado e agora já tá fazendo doutorado lá também, mas eu não sei direito com quem ele tá fazendo.

Eu estava saindo da Faculdade de Educação em 94 e tinha um projeto pra fazer o Laboratório de Educação Matemática. Eu fiz esse projeto para Faculdade de Educação e como eu sai e vim pro IME, aí nós combinamos: “- Eu vou deixar o projeto aí, uma parte do dinheiro vai ficar pra vocês e a outra pra montar o Laboratório de Educação Matemática.” Aí nós começamos a montar em agosto de 94 o laboratório. Dentro do laboratório nós fizemos vários projetos, um deles era esse de disseminar o conhecimento na área de Educação Matemática. A Jornada tem esse espírito. Esse ano quem está organizando é esse ex-aluno que foi do tempo do IME que fazia só pra dentro e ele resolveu fazer só pra dentro, mas acontece que o pessoal já estava acostumado a vir, porque por dez anos eu organizei daquele jeito.

No último ano foi muito difícil, eu não tive apoio, nem da direção. Não sei o que aconteceu porque nem a direção (e eles sempre me apoiavam) me apoiou. E ainda porque você ganhava o dinheiro da Jornada e falava: “-Ah, ano que vem a gente não vai sofrer tanto.” Aí chegava no outro ano, o IME precisava do dinheiro e usava o dinheiro. Quando chegava a hora não tinha o dinheiro. Sei que esse último ano foi difícil, foi muito difícil, sabe? Eu acho que muitas pessoas ficavam enchendo a cabeça da diretora: que era bobagem aquilo que eu estava fazendo. Só que eles usavam o dinheiro. Todos os anos a partir do terceiro evento eu tive um financiamento do CNPq pra fazer. Geralmente eu usava a verba pra trazer os professores de fora, pra estadia, pra essas coisas, mas toda vida o que eu pedia eles davam. Agora, esse ano a Jornada teve um certo retrocesso, mas o pessoal, como ficou sabendo, está querendo vir. Até eu queria apresentar alguma coisa, porque eu nunca apresentei, estava organizando, né? (risos) Mas quando eu vi o prazo já tinha acabado porque ele fez os prazos pra entrega de trabalhos bem adiantado, e botou o evento em dezembro. Eu sempre fazia em novembro, na primeira semana de novembro, pra criar aquela tradição. E ainda sempre tinha um feriado e porque na primeira vez que eu fiz em dezembro, uma das coisas que eu verifiquei é que dezembro é mês de fechar notas, por isso era difícil deles participarem. Aumentou mesmo quando eu passei pra novembro. E tem gente que já telefona pra saber se vai ter, né? Esse ano vai ser durante três dias, como a gente sempre fazia também. Mas a idéia do professor era fazer para os alunos apresentarem os seus trabalhos, porque na primeira vez os alunos apresentaram os seus trabalhos e ele achou muito bom. Aí, então ele quis fazer igual.

F: E idéias como essa, a senhora acha que têm um efeito pro futuro?

Z: Eu acho que sim porque depois das nossas Jornadas veio a UEG e lá tem ex-alunos meus, sabe? (risos) E eles começaram a fazer também, a chamar gente de fora de Goiás. Alguns chamam o pessoal de Brasília, outros chamam do Rio. Aí cada um tem suas idéias e vão, e fazem essas jornadas com oficinas, comunicações, palestras, então é um monte de jornadas.

F: A senhora então diria que a formação do professor de Matemática hoje é boa no Estado de Goiás? Se não é, o que está faltando?

---

<sup>113</sup> Rogério Ferreira.

<sup>114</sup> Maria do Carmo Santos Domite.

<sup>115</sup> Manoel Oriosvaldo de Moura.

Z: Olha, eu não posso dizer que ela é boa. Eu tô fazendo uma pesquisa da avaliação do nosso curso. Aliás, a pesquisa já foi feita e eu estou escrevendo. A maior parte dos nossos alunos estão na Prefeitura que paga mais também que no Estado. Então uma grande maioria está na Prefeitura. E tem alguns grupos que estão espalhados nas UEG's. E muitos daqueles alunos que vieram fazer aquela especialização disseram que usam. Agora mesmo eu estava nessa Bienal<sup>116</sup> e veio uma professora que ela está numa universidade de São Carlos (SP), ela me cumprimentou: “- Professora, eu tô usando aquelas coisas que a senhora... Eu vim aqui e a senhora não me conheceu.” (risos) Eu não a reconheci. Aí ela disse assim: “- Mas eu queria dizer pra senhora que eu estou usando.” E os ex-alunos que estão dando aula no Ensino Médio e no Fundamental declararam que estão usando. E eu acho interessante que eles usem mais aquilo que eu trabalhei no primeiro semestre do curso. Então, eu acho que está mudando, eles querem mudar e se você olhar em outros lugares, às vezes não consegue mudar porque a pessoa não tem condição, não tem conhecimento básico pra mudar, então você pode até criticar o que ele está fazendo, mas ele está se esforçando pra fazer alguma coisa diferente pra melhorar o ensino. Eu sinto essa preocupação.

Eu defendi o meu mestrado, em 90, de título “A História de Vida e o Cotidiano do Professor de Matemática”. Então você via aí nas escolas e não achava um aluno de Licenciatura da Universidade.

F: Da Universidade Federal, né?

Z: Da Universidade Federal. Você achava muitos de Anápolis<sup>117</sup> e outros que eram leigos, né?

F: Da Católica também tinha algum?

Z: Muito pouco da Católica. Pouquíssimos. Eu acho que eu encontrei dois da Católica, uns três de Anápolis, porque eu fiz o acompanhamento de sete professores, mas eu acho que tá mudando. E aqui agora teve aquele Multicurso<sup>118</sup> que envolve os professores. É um projeto do Roberto Marinho – não sei se você conhece – do Ensino Médio. O professor Pitombera<sup>119</sup> participou. E é muito interessante a proposta deles. E eles envolveram os professores do IME. Então, tinha um professor lá que vivia mexendo comigo sobre esse negócio de didática. Aí ele disse: “- Professora, eu mudei...” (risos) “- Não dou mais aquelas aulas. Meu quadro era horroroso mesmo, professora, era horrível! Mas eu mudei.” (risos) Ele mudou assim, da água pro vinho. E vários outros que participaram estão dando muito valor, estão vendo que quem faz a Educação também tem que estudar, tem que pensar, tem que analisar, não é só quem faz outro tipo de raciocínio, outro tipo de trabalho. Ele disse: “- Vocês da Educação trabalham demais, porque ficam aí até de noite planejando, discutindo conteúdos...” Então eu acho que até esse Multicurso fez bem. E tem muitos fatores que estão ajudando as pessoas a melhorarem, a quererem fazer, ensinar diferente, não mais aquele negócio de “reprovar que é o melhor”. É como na Reforma Protestante, muitos anos antes tinha sicrano, beltrano, que iam presos pela inquisição, até que formou um grupo grande de pessoas que pensavam diferente e que fazem a mudança. Agora, em Educação isso é muito lento, né?

<sup>116</sup> Bienal da Sociedade Brasileira de Matemática, ocorrido na UFG em novembro de 2006.

<sup>117</sup> Onde há uma unidade da UEG.

<sup>118</sup> Programa educacional desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho que faz uso de materiais como livros, vídeos, fichas de matemática e cidadania. Mais informações podem ser obtidas em: <http://www.multicurso.org.br/data/Pages/LUMIS8821B2E8PTBRIEGUEST.htm>, em 08/12/06.

<sup>119</sup> João Pitombeira de Carvalho.

F: Tem um pouco de resistência, aliás, muita resistência, né?

Z: É, muita resistência, até nas escolas... Teve uma ex-aluna que sua própria diretora abriu um processo administrativo contra ela porque ela estava dando aula de Matemática de forma diferente. Ela elaborava aquelas coisas, ela levava problemas e justamente de dois artigos que eu fiz sobre resolução de problemas que eles mais usam. Então, ela fazia problemas e coisas diferentes e alguns alunos reclamaram. Aí quando chegou lá na Prefeitura, na central onde eles foram julgar o processo, eles acabaram dando razão pra menina, falaram pra diretora que a professora estava certa, ela deveria continuar e que os outros professores deveriam fazer o que ela estava fazendo. (risos) Então tem muitos casos assim, de diretor fazer processo contra professores. Teve um aluno que veio aqui me procurar pra eu dar um parecer sobre a atuação dele que não era igual os outros professores. Então tem uma resistência na escola e hoje em dia tem outros problemas na escola que dificultam o trabalho dos professores: a questão da disciplina é muito séria, a violência na escola... Essas coisas têm dificultado, mas o pessoal tem lutado, né?

Teve uma professora que fez uma especialização, fez um trabalho sobre uma síndrome que os médicos têm na UTI. Eles querem fazer alguma coisa e não conseguem e a pessoa morre. E às vezes aparecem ex-alunos pra mim e choram... Eles estão sempre indo ao Laboratório pra pegar material, pra discutir metodologias. Eles voltam muito porque o nosso laboratório é aberto à comunidade. Nós temos um programa de assessoramento aos professores, é um programa grande.

F: Como é que funciona o laboratório? Qual a estrutura dele? O que tem lá?

Z: Nós temos um coordenador, tem um técnico em assuntos educacionais que tem licenciatura e especialização em Educação Matemática. E nós temos vários projetos. A gente atende os alunos da Licenciatura, pra ajudar a preparar aulas, tem material, tem livros, a gente ajuda a indicar bibliografia, porque quem orienta o aluno na aula é o professor de Matemática do Instituto e muitas vezes ele não tem esse conhecimento da parte pedagógica. E aí eles vão muito lá no laboratório e a gente ajuda, orienta, diz onde eles têm que ler, onde deve procurar isso. Temos também alguns programinhas, *softwares*, né? A gente tinha um do... aquele... aquele *software* que ficou bem conhecido...

F: Cabri?

Z: É esse, Cabri<sup>120</sup>. E nós tínhamos também o Logo. Tinha uma professora que trabalhava também com o Logo. Apesar de que eu gosto mais daquele Logo tradicional, porque agora tem um MegaLogo. Bom, é porque eu conheço o outro, eu não aprendi ainda a mexer nesse. Nós já fizemos trabalhos com máquinas de calcular. A gente tinha vários projetos educacionais que envolviam os bolsistas, por exemplo, a investigação matemática na sala de aula e vários outros isolados. A gente aceita estagiários, ex-alunos, qualquer professor de Estado vai pra lá e se engaja em um projeto que a gente esteja fazendo. Nós tivemos um projeto de ajudar as escolas a montarem laboratórios de ensino da Matemática escolar, então as escolas às vezes vão lá e pedem pra gente orientar.

A gente tem um projeto de exploração do ensino e de aprendizagem, tem o projeto de atualização do professor onde a gente dá curso de curta duração, e agora estamos com um projeto de campeonato de jogos Matemáticos e trabalhando com jogos estratégicos: tem um grupo com professores e com bolsistas trabalhando a parte teórica, tem um professor do IME

---

<sup>120</sup> Cabri Géomètre.

que deu algumas aulas pra nós sobre Teoria dos Jogos, e ainda fazendo campeonatos. Esses campeonatos, há muito tempo, apareceram no NCTM<sup>121</sup> que é o conselho de professores americanos, e sempre ficamos com vontade de estudar, aí nós vimos o campeonato de Portugal – eles fazem um campeonato de jogos matemáticos com jogos estratégicos – na reunião da SBEM<sup>122</sup> de lá. Daí, nos inspiramos ali e estamos tentando conquistar as escolas para os professores trabalharem jogos de forma mais correta na sala de aula, usando o aspecto pedagógico do jogo, não o jogo só pra brincar.

Depois, a gente atende aqueles alunos que dizem: “- Eu queria que se elaborasse uma aula sobre isso, assim, assim...” Aí a gente vai à escola ou os alunos vão pra o laboratório. Ou ainda junta um grupo de professores e a gente faz uma oficina sobre o tema que eles pedem.

Então, o laboratório atende tanto o licenciando quanto os professores da rede. E eu acho que a universidade tem que fazer isso, né? Não podemos ficar guardando as nossas teses e dissertações dentro do armário. Você tem que fazer chegar na escola, porque se não chegar na escola não vai fazer melhorar o ensino. E é claro que às vezes tem aquela dificuldade de sair da pesquisa pra entrar na prática do dia-a-dia, então a gente vai tentando fazer esse trabalho e a gente usa muito o bolsista como uma espécie de mediador entre a nossa linguagem e a linguagem do professor das escolas porque ele está perto do professor e perto da gente, né?

Nós tínhamos, também, um projeto grande com a Prefeitura, mas tem aqueles problemas de política, muda partido e aí o projeto acaba. Isso acontece demais. Mas o laboratório funciona assim, tem bastante materiais didáticos e conforme o professor solicita, a gente prepara o material e vai também nesses encontros todos aqui de Goiás pra apresentar alguma coisa. A idéia é estar indo, disseminando e aí as pessoas vão absorvendo, alguns aceitam, outros não. Mas o importante é que tem alguns que aceitam. Que seja um! (risos)

Esse trabalho que eu fazia era um trabalho em que eu achava que a mudança, o sucesso de um professor pudesse contaminar os outros e os outros quererem ver, quererem fazer. Mas é engraçado que isso tem seus altos e baixos, eu acho que agora nós estamos em um ponto muito crítico porque a Sociedade Brasileira de Matemática viu que está perdendo terreno dentro do ensino da Matemática com aquela visão deles. Eu acho que toda essa reação é porque está acontecendo alguma coisa diferente na escola e eles estão perdendo as rédeas nessa diferença, por isso está havendo uma reação bastante forte. Tanto é que lá no IME acabou a especialização em Educação e entrou essa outra. Eles dão várias desculpas, mas no final é isso mesmo: eles estão querendo vender... Mas é aquela coisa: você acredita numa coisa você tem que lutar por aquilo, eles estão fazendo isso de um lado e nós estamos fazendo a nossa parte. Só que eu acho que nós, representantes da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, nós estamos pesquisando, mas não estamos conseguindo escrever, redigir esses livros. Eu até tive uma discussão no GT<sup>123</sup> em Pernambuco, do ENEM<sup>124</sup>. Tem tanta pesquisa e nós não temos aquele negócio e ir ao MEC e dizer: “- Olha, está aqui nossas pesquisas e isso tem que ser modificado por causa disso, disso...” Nós não temos essa coisa. Então eu disse: “- De que adianta esse monte de pesquisa se ela fica guardada no armário e não tá lá fazendo as mudanças que têm que fazer, ajudando a mudar a escola, ajudando a mudar a Licenciatura em Matemática?” Eu conto no GT minha pesquisa e vou pra outro congresso e outro congresso e outro congresso e pronto. Faz-se o Estado da Arte da formação de professores, o que está sendo feito, o que está sendo estudado, mas não pegam aqueles resultados todos e diz assim: “- Como é que eu vou passar isso pra prática? Como é que eu vou levar isso pros cursos de Licenciatura?” Isso aí não acontece. E o pessoal do IMPA deve ser de uma outra realidade

<sup>121</sup> National Council of Teachers Mathematics.

<sup>122</sup> SBEM é a sigla para Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Em Portugal temos a Associação de Professores de Matemática, APM.

<sup>123</sup> Grupo de Trabalho.

<sup>124</sup> Encontro de Educação Matemática realizado em 2004.

que não é a nossa, né? Eles têm muito dinheiro. O MEC dá dinheiro. Dizem que agora estão com problemas de dinheiro, mas sempre tiveram muito dinheiro, o que permite que os professores escrevam livros... Alguns que são mais políticos iam no MEC, intervir, fazer, conseguir as coisas que nós não conseguimos. A gente da área da Educação não consegue.

Educação tem todo um peso social. Ah, eu não sei o que é, mas eu fico pensando: “Porque acaba deste jeito: eles conseguem tanta coisa e nós não conseguimos? Ele conseguem escrever, atuar...” Se você olhar, todo ensino básico mudou, mas a formação do professor é praticamente igual. O livro, a linguagem da Matemática mudou. Eu formei em 61. Eu pego aqueles livros: Granville, aqueles livros mais que os que estavam fazendo Matemática escreviam e não tinha tradução, a gente tinha que estudar em Inglês, Francês, Italiano, a gente tinha que pegar livro de tudo quanto era jeito, tinha que se virar. Aí, outro dia a minha filha tava fazendo Cálculo na Católica e eu disse: “- Olha só, essa linguagem nova eu realmente perdi, eu me dediquei mais à Educação. Vem cá que eu vou te ensinar a derivada como eu aprendi.” Sentei com ela, expliquei, passou. Cálculo I, Cálculo II, ela e a coleguinha dela. Vamos dizer assim, se é clássico, deixa clássico mesmo. Esses livros didáticos, os professores ficam reescrevendo, reescrevendo, reescrevendo, e vão simplificando. Quando você pega esses livros mais antigos tem um monte de coisa escrita e se você olha os novos tem um pinguinho aqui outro pinguinho ali, e o aluno não consegue compreender, acompanhar. Nos mais antigos não. Ali tem muita coisa, você vai acompanhando. Bom, eu dei aquele empurrãozinho pra elas. Pegaram no livro, estudaram e passaram em Cálculo I e Cálculo II.

Agora, nós estamos pensando em fazer um fórum sobre as Licenciaturas e eu acho que agora é um momento importante, as mudanças, a legislação da Licenciatura é nova. Ela tem outras funções educacionais, por exemplo, os hospitais que ficam com a criança muito tempo são obrigados a dar ensino e o nosso aluno tem que ter essa experiência de lidar com crianças que estão hospitalizadas com câncer e problemas ortopédicos que ficam muito tempo no hospital, pra dar um ânimo pra pessoa continuar também. Então eu acho que tem outras formas, outros trabalhos que não são só aqueles da escola mais antiga. Tem a parte toda de tecnologia e acontece nada porque o próprio aluno, o professor, foi formado, mas não teve essa oportunidade de mexer com os *softwares*, de saber escolher um. Na especialização a gente tinha essa parte. Tinha uma professora que fez um curso do MEC e dava essa parte de analisar *softwares*, Tem um *software* agora, Margarida, esse eu não conheço. Dizem que é muito interessante, mas eu só sei o que o pessoal me conta (risos), os únicos que eu mexi foram o Logo e o Cabri.

Tem muitas correntes hoje. Teve o Construtivismo e ali dentro tem um monte de coisa pra pessoa trabalhar. O aluno acaba não tendo essa visão dessa abrangência da Educação, eu acho que não tem, mas ele não pode aprender tudo na universidade, né? Tem que aprender depois nesses outros cursos que você vai fazendo.

F: Por isso é importante abrir a universidade?

Z: É, a universidade tem que estar aberta pra receber as pessoas. Eu agora, fiquei horrorizada com aquela Bienal. O pessoal me chamou pra ajudar e resolveram chamar os alunos também. Aí eu fui ver um laboratório. Vieram três laboratórios de ensino: um da USP, um da Bahia e outro de Maringá (PR). Esse de Maringá você olhava e enchi os olhos com os materiais que estavam lá e eu resolvi conversar com o professor responsável pra saber que eles tinham financiamento do CNPq, não sei quanto... Aí lá estava escrito: “Laboratório de Ensino da Matemática”, tem a palavra ensino. E eu perguntei: “- Ah, como é que é a sua filosofia?” Ele respondeu: “- Não, esse material todo aqui é só pra exposição. Quando eu chego lá em Maringá eu junto tudo, guardo. Tem uma sala na Universidade, e eu guardo tudo dentro dessa sala. Só sai de lá outra vez pra outra exposição. É só pra fazer exposição.” Aí eu perguntei: “-



Mas aluno não mexe?” E ele: “- Não. Só pra exposição. Inclusive aquela parte de lá eu vou aumentar. Eu vou dividir essa exposição em duas, uma lá, outra cá, porque eu fui em um congresso na Itália e lá eu vi esses laboratórios e aí eu tive a idéia de fazer.”

No laboratório da USP, a moça quase teve um troço porque os meninos mexiam nas coisas dela. Era mais demonstrativo também, não era propriamente pro ensino. O da Bahia realmente era pro ensino. Cálculo I, Cálculo II, Geometria Analítica, até Combinatória, mas eram materiais mais pra demonstração e não pra o aluno perceber o espaço, as curvas, pro aluno explorar... Então, cada professor tinha o seu *kit*. Eles estão fazendo vários kits. Eu achei que era interessante, pelo menos estão preocupados com o aluno aprender, com a aprendizagem do aluno. Já os outros dois eles eram nesse sentido, assim, só de mostrar. Da área de Educação só tinha o nosso, da parte pedagógica. Mas eu também não assistia nada porque eu fiquei ajudando a receber os alunos das escolas, eles trouxeram aquele bando de meninos das escolas públicas, particulares, mais da escola pública e eu achei que foi até interessante o contato.

Eu propus que a gente colocasse Teoria dos Grafos e Fractais, pelo menos como optativa na Licenciatura, porque eu acho que a gente tem que começar a dar esses conteúdos, que já estão sendo informados nas escolas e a gente já pode trabalhar. Algumas universidades já trabalham como disciplinas optativas. Outra que eles estão trabalhando como optativa é Teoria dos Jogos. Eu acho que a gente tem que ver essa outra Matemática. E a idéia dos jogos é desenvolver a questão do raciocínio estratégico.

F: Não, até agora está ótimo. Por último, eu poderia perguntar o que a senhora acha que não poderia faltar em uma pesquisa como essa que pretende contar uma história da formação do professor de Matemática no Estado de Goiás, ou da institucionalização dos cursos que formaram professores no Estado de Goiás? O que a gente deveria ressaltar nessa pesquisa? A senhora falou vários aspectos, né?

Z: Eu acho que a História é sempre importante pra mostrar o caminho que a gente está percorrendo, os pontos positivos, os pontos negativos, os pontos críticos. E ajudar a gente a descobrir o caminho novo, a nova estrada, como você vai se conduzir, por essa nova estrada, por exemplo, pensando nos objetivos que a gente tem, por exemplo, pensando no futuro da formação do professor de Matemática. Às vezes a gente não vê que está acontecendo essa coisa horrível, mas a gente fica angustiada. Se você entende o que está acontecendo você não fica tão angustiada e sabe que isso está acontecendo por causa daquilo, então posso agir... Como eu falei, houve um retrocesso no IME, mas por quê? Eu acho que é porque eles estão perdendo terreno e já perderam muito terreno no IME. Então, é uma reação natural por querer perder seus alunos de Bacharelado. Eles acreditam naquilo e eles arrumam um jeito pra diminuir os da licenciatura (risos). E nós temos que agir de outra maneira e por isso saber como foi na outra época, o que aconteceu. Saber da experiência das pessoas ajuda você compreender o momento e usar essas experiências essas idéias. Logicamente atualizando, né? Então eu acho que a História é muito importante pra isso, ela pode ajudar, ajudar a compreender porque está assim e dar pistas pra gente procurar os novos caminhos. É o que eu penso.

Eu gosto muito de História. Eu acho que a História é muito importante pra trabalhar, pra entender os momentos que se está passando e eu tenho algumas coisas sobre História de Matemática e História da Ciência. Eu já dei aula de História da Ciência em uma certa ocasião e acho que a História ajuda você também a ensinar, não contar História na sala de aula. Eu gosto muito de biografias. Eu gostava muito de ler biografias de personalidades, mas eu não acho que isso seja uma boa coisa pro alunos do Ensino Médio. Eu tive um aluno que fez um trabalho levantando questões como: os alunos lêem, os professores lêem aquelas biografias? O que eles acham daquelas biografias? Então eu acho que não interessa muito o garoto saber

coisas como: “Em tal ano nasceu fulano, fez isso...” Isso não acrescenta. Eu gosto muito mais de ler pra ver os pontos críticos, por exemplo, que pra aprender números foi muito difícil, que as dificuldades que os alunos têm são parecidas com as dificuldades que os grandes matemáticos tiveram, como que eu vou contornar esses problemas. Então eu gosto de usar a História dentro do ensino, de ler e estudar a História nesse sentido: Por que apareceram os logaritmos? Por que apareceu a trigonometria? Porque ela foi desenvolvida? Tudo isso foi desenvolvido por necessidade. No início há aquela necessidade, depois você vai abstraindo vai aprofundando e os matemáticos vão desenvolvendo aquela teoria de uma forma mais abstrata. E eu gosto de ver também o ambiente social, não que alguém foi um grande matemático, que fez isso, fez aquilo em tal data, mas, por exemplo, que Neper era um inglês muito rico, dono de navios e queria que o navio viajasse com a rota mais correta e o Cálculo, na época, não ajudava, aí ele tinha visto o que Euclides fez há muitos anos antes com potências e falou pro Briggs e o Briggs desenvolveu junto com um outro professor... Então, o logaritmo surge de uma necessidade,

A teoria dos Jogos, dos Grafos, todas essas coisas surgem das necessidades atuais da Matemática, sabe? Eu tenho esse pensamento, por isso que eu gosto da Matemática, se ela fosse só uma coisa abstrata pra eu sonhar, eu acho que não ia gostar tanto. Na Matemática, aquilo que não é útil não é preciso. Você tem que trabalhar com aquilo que é útil. É lógico que se eu for ser um matemático, daquele exemplo do Nilson Machado, da agulha de Buffon, que ninguém via aplicação. Depois começou a ver uma aplicação. Mas um aluno precisa ver pra gostar, pra desenvolver o uso da História: é muito importante pro aluno de Licenciatura. Não História como a daquela moça ali, Gomide, que não conta a história das dificuldades que aqueles matemáticos tiveram: como eles conseguiram chegar lá, isso tudo ela não trabalha. Parece até que o matemático recebe um espírito e descobre logo e aqui sai certinho. Eu falo Gomide porque a tradução é dela, mas é o livro do Boyer<sup>125</sup>. Eu gosto muito desse livro aqui: “História da Matemática” do Rubens Lintz<sup>126</sup>, lá da FURB<sup>127</sup> de Blumenau, eles traduziram o primeiro volume e é muito interessante a maneira que ele apresenta, sabe? Já é mais analisado. Então eu gosto de olhar muito esse aspecto da História.

F: Certo. Professora eu acho que foi ótimo. Eu sei que cansa um pouquinho, né?

Z: Eu falei demais?

F: Mas é isso mesmo que a gente quer...

---

<sup>125</sup> BOYER, C. B. História da Matemática.

<sup>126</sup> Rubens Gouvêa Lintz.

<sup>127</sup> Fundação Universidade Regional de Blumenau, hoje apenas Universidade Regional de Blumenau.

*“Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedras, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora. /.../ Só há dignidade na recriação. O resto é relatório.”*

(Pedro Nava)

A Narrativa sobre a formação dos professores em Goiás, que apresentamos no capítulo que se inicia, é, pois, recriação, tecida a partir dos depoimentos do capítulo anterior e de vários outros documentos coletados durante nossa investigação. Não é resumo, não é síntese, não é editoração. A natureza desta narrativa – apresentada no início deste trabalho – é apenas reforçada com essa epigrafe de Pedro Nava.

### **3. Uma narrativa sobre a constituição dos cursos de formação de professores em Goiás**

Eu, que conto esta história, poderia começar a contar por onde quisesse. Houve um tempo em que o Brasil sequer existia (e o Brasil precisou existir para que Goiás existisse); mas houve um tempo antes disso em que sequer a raça humana existia (e foi preciso existir a raça humana para que existissem colonizadores, guerras, bandeiras... para que o Brasil fosse “descoberto” e, afinal, Goiás existisse). Sempre há um antes e, portanto, para que se conte uma história, é preciso fixarmos um início a partir do qual todo o antes ficará apenas implícito, surgindo na história quando e se necessário.

A história que pretendo contar – a partir do que ouvi de gente que viveu nos tempos e espaços aos quais vou me referir aqui – começa no início dos anos 1940. Goiânia tinha acabado de nascer para se tornar a nova capital do Estado de Goiás, substituindo a antiga capital, a Cidade de Goiás (antiga Vila Boa de Goiás) e hoje popularmente conhecida como “Goiás Velho”. Naquela época a cidade recebia pessoas do interior e de outras regiões do país que tinham a expectativa de crescer com a nova capital. As máquinas trabalhavam por todo lado revolvendo a terra, que se transformava em lama na estação chuvosa e poeira nos tempos de seca; sempre – lama e poeira – inundando tudo e tingindo de vermelho aquele cenário áspero. Havia poucas construções e casas residenciais além de alguns prédios oficiais. Destes, os primeiros a ficarem prontos foram o Palácio do Governo, o Fórum e a Secretaria da Fazenda. Na Avenida Goiás, a principal da cidade na época, as primeiras construções eram a

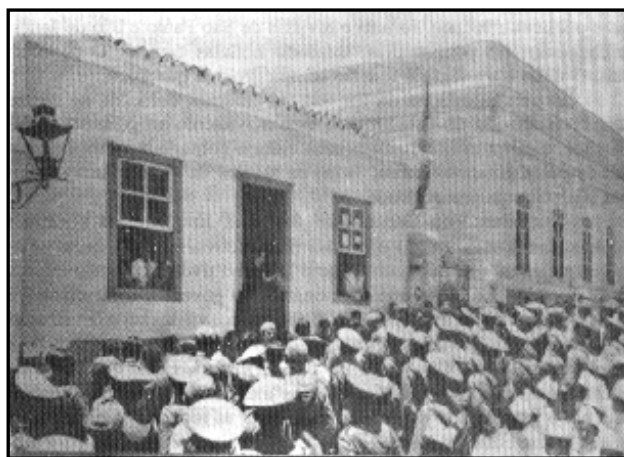


do Grande Hotel (de propriedade estadual), um edifício da empresa jornalística *O Popular* (que dá nome hoje a um jornal de grande circulação no Estado) e mais algumas poucas casas particulares<sup>128</sup>.

Àquela época já havia também por ali uma outra construção: a do Liceu.

Para falar do Liceu, “voltaremos um pouco no tempo”: o Ato Adicional (Lei de 12 de agosto de 1834) criou, no Brasil Imperial, as Assembléias Provinciais, dando-lhes, entre outras, a competência de legislarem sobre a Instrução Pública (ensinos primário e secundário). Além de decretarem

leis disciplinares e regulamentos, foi permitido a elas criar escolas e aumentar o salário de professores visando à melhoria do ensino primário. As Assembléias pretenderam também criar estabelecimentos de ensino secundário, com nomes diversos (liceu, ateneu, colégio) que mantivessem um plano regular de estudos, algo que faltava às províncias desde a extinção das escolas dos Jesuítas. As primeiras unidades surgiram no nordeste: no Rio Grande do Norte em 1835, e em Pernambuco e na Bahia no ano seguinte. A criação do Licêo de Goyaz deve-se, principalmente, a Joaquim Ignácio de Ramalho que foi nomeado Presidente da Província de Goyaz em 1845. Ele, doutor em Ciências Jurídicas pela Academia de Direito de São Paulo, havia assistido a inauguração de outros liceus no sudeste e trazia idéias novas para o centro do Brasil. Tendo como modelos os projetos de criação das escolas de outros estados, Ramalho deu entrada a um projeto para a criação de um liceu goiano em junho de 1846. Foi, assim, o 17<sup>o</sup> criado no Império, mas o 12<sup>o</sup> a ser colocado em funcionamento porque muitos outros estabelecimentos não tinham professores preparados para



**Prédio do Licêo, na Cidade de Goiás, em 1920. À esquerda o prédio da secretaria, diante dele, em forma, o Tiro de Guerra do Licêo. À porta, um orador lê seu discurso. (Fonte: BRETAS, 1991, p. 578)**

<sup>128</sup> A fotografia acima mostra a Avenida Goiás, em Goiânia, no início da década de 1940. Ao fundo está a Estação Ferroviária que hoje já não recebe mais trens, apenas algumas exposições e atrações culturais. (Fonte: <<http://www2.ucg.br/flash/Histgyn.html>>)

assumir as cadeiras (que em Goiás eram seis: Língua Francesa, Geografia e História, Retórica, Filosofia Racional e Moral, Geometria e Gramática Latina) ou mesmo prédios adequados para seu funcionamento.

Com a transferência da capital do Estado de Goiás, em 1937, a mudança do Liceu para Goiânia parecia certa, mas o Governo enfrentou muita resistência dos moradores de Vila Boa que, já tristes com o esvaziamento da sua cidade, não queriam perder também a instituição. A solução encontrada foi a criação de uma sucursal do Liceu na antiga capital enquanto o transporte dos arquivos, livros, gabinetes, papéis e o famoso e pontual sino aconteceu em caminhões lotados que se dirigiram para as amplas instalações construídas no centro de Goiânia.

Já funcionando em nova casa própria a partir de 1943, o Liceu acompanhou o ritmo de crescimento da cidade em que havia sido instalado: dos 200 alunos que contava quando da sua transferência em 1937, chegou ao exagerado número de 5400 alunos em 1965, funcionando em três períodos. Conjectura-se que esta situação levou à indisciplina e à ineficiência, como afirmam alguns documentos consultados.<sup>129</sup>

Ser professor do Liceu, desde sua implantação até por volta da década de 1960, era uma profissão que dava certo *status*. Os mestres apresentavam-se em suas aulas bem vestidos (paletós e gravatas borboleta), seus bons ordenados lhes permitiam isso. Contam que um professor do Liceu ganhava quase como um juiz, e o que permite não tomar isso como exagero é saber que muitos destes professores conseguiram, por exemplo, em curto período de tempo, construir suas casas.

O prédio do Liceo chamou bastante a atenção de um jovem botocudo, nascido no interior do Estado, que chegou para uma visita a Goiânia em 1942, após uma temporada no Rio de Janeiro. Genesco Ferreira Bretas (**DEPOIMENTO 1**) havia passado um período no Rio de Janeiro para estudar na Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Distrito Federal e tornar-se professor. Visitava as bibliotecas cariocas estudando por sua conta, pois não tinha condições financeiras para freqüentar colégios particulares. Assim ele fez e passou no Exame de Madureza que fornecia o certificado de conclusão do ensino secundário e lhe permitiu de prestar os exames vestibulares.

Genesco e a esposa, Maria Adélia, dedicaram-se ao magistério. Na década de 1940 ele trabalhou em vários colégios como o Liceu de Goiânia e o Colégio Santo Agostinho, pioneiro na capital, com sua pedra fundamental lançada em 1937. No Santo Agostinho,

---

<sup>129</sup> BRETAS, 1991, p.581.

Genesco foi colega de um professor italiano, nascido em Florença: Egídio Turchi **(DEPOIMENTO 2)**.

Egídio mudou-se para o Brasil ainda adolescente e foi seminarista. Quando decidiu por não seguir a carreira religiosa teve a chance de tornar-se professor de Latim, Inglês e (meio a contragosto) de Matemática. Apesar de inicialmente rezear as aulas de Matemática – porque não tivera formação específica para isso –, estas se tornaram para ele um grande prazer, e durante muitos anos atuou como professor de Matemática, em diversas escolas. No princípio, dava as aulas no período da manhã e, julgando necessário adiantar-se em relação aos alunos, estudava o conteúdo da aula seguinte à tarde, para aprendê-lo.

Mesmo muito estimado por colegas e alunos como professor de Matemática, julgava que sua verdadeira vocação era o curso de Letras. Buscou isso e tornou-se professor da instituição que, um dia, se tornaria a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.

Até 1951 o Estado de Goiás possuía uma Faculdade de Filosofia, uma de Enfermagem, de Farmácia e Odontologia e uma Faculdade de Direito<sup>130</sup>. Nenhuma dessas, entretanto, agradava a Orlando Ferreira de Castro **(DEPOIMENTO 3)**, goiano de Buriti Alegre que foi cursar o ensino secundário na capital e estava interessado em tornar-se engenheiro. Após concluir o secundário, foi para o Rio de Janeiro preparar-se para ingressar em alguma instituição de ensino superior nesta Capital Federal. Foi no Rio de Janeiro, para sua surpresa, que leu uma notícia de jornal sobre a criação de uma Escola de Engenharia em Goiânia. Orlando e seus colegas goianos que haviam se deslocado ao Rio de Janeiro voltaram, então, para ingressar neste curso recém-constituído. Mas as coisas não foram tão simples como pareciam ser...

O problema era que, apesar da criação ter sido anunciada, a Escola de Engenharia não iria funcionar por problemas burocráticos relativos à documentação. Isso desolou a todos, mas não a ponto de desistirem do que tinham estabelecido como ideal: Orlando e mais quatro colegas (Azulino Ferreira do Amaral, Júlio Cesário de Sousa, Hélio Naves e Brás Ludovico – a “Comissão dos Cinco”) tomaram a iniciativa de contribuir para a instalação daquela Escola. Reuniram-se para buscar recursos e providenciar documentos que viabilizassem a iniciativa tomada pelo Clube de Engenharia de Goiás. A Escola foi finalmente criada em 1952 e

---

<sup>130</sup> No início da década de 1950 o Estado de Goiás contava com aproximadamente 1.214.000 habitantes, a capital Goiânia com cerca de 53 mil. Além das Faculdades de Direito, Filosofia, Enfermagem, Farmácia e Odontologia também existiam cinco colégios de ensino secundário e um Instituto de Educação, 31 Ginásios (um municipal, cinco estaduais e 25 particulares); vinte Escolas Normais; uma Escola Agrícola e uma Rural Profissional; 138 Grupos Escolares e 14 Jardins de Infância. (SILVA, 2003)

reconhecida pelo Decreto nº 45.138A de 29 de dezembro de 1958, publicado no Diário Oficial da União em 12 de janeiro de 1959. Na ocasião de sua criação, havia apenas o curso de graduação em Engenharia Civil. Posteriormente, com a criação da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 14 de dezembro de 1960 por meio da Lei nº 3.844C, a Escola de Engenharia do Brasil Central tornou-se a Escola de Engenharia da UFG. Seu primeiro diretor foi Otto Nascimento e, após a federalização de Universidade, quem assumiu sua direção foi Gabriel Roriz (**DEPOIMENTO 4**).

Agora como estudante de Engenharia, Orlando preparou-se para engajar-se em uma nova luta estudantil: pelo ensino superior federal em Goiás. Pode-se dizer que a pretensão de se criar uma universidade já era apoiada por três correntes: havia uma proposta dos empresários ligados à Associação Comercial e à Federação do Comércio de Goiás, outra atrelada à visão educacional da Igreja Católica – representada pelo Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira –, e ainda aquela vinculada ao idealismo do Governador do Estado, Jerônimo Coimbra Bueno, que sancionou a Lei estadual nº 102 de 20 de outubro de 1948, criando a Universidade do Brasil Central. A Universidade do Brasil Central seria composta por Institutos de três “categorias”: a) Institutos incorporados: os de ensino superior mantidos pelo Estado de Goiás; b) Institutos agregados: os de ensino superior que dela fariam parte embora mantidos por outras entidades; c) Institutos complementares: as instituições de caráter intelectual, científico ou teórico, ligadas à vida e aos objetivos da Universidade. A Universidade agregaria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Faculdade de Direito de Goiaz, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiaz, a Escola de Enfermagem e a Faculdade de Ciências Econômicas, e ainda instalaria as Faculdades de Medicina, Engenharia, Escola de Agronomia e Veterinária. Teria como institutos complementares a Escola de Agrimensura, o Instituto de Educação de Goiaz, o Instituto de Terras e Colonização e o Museu Estadual.<sup>131</sup> Mas com a morte de Dom Emanuel e a forte oposição ao Governador, a idéia não vingou.

Sucessor de Dom Emanuel, Dom Fernando Gomes dos Santos resolveu prosseguir com as idéias de seu predecessor buscando ajuda dos jesuítas – reconhecidos por sua prática educacional – com a intenção de criar, agora, uma Universidade Católica. Insatisfeitos com esta proposta e ansiando por uma Universidade Federal, Orlando e um outro grupo de estudantes reuniram-se na sede da União Estadual dos Estudantes para criar a Frente Universitária Pró-Ensino Federal.

---

<sup>131</sup> SILVA, 2003.



Um levantamento de documentação pertinente indica que a primeira reunião dos integrantes da Frente Universitária Pró Ensino Federal aconteceu em abril de 1959 e estiveram presentes: Orlando Ferreira de Castro, João Nelder, Hélio Rocha, Joaquin Zacarias de Barros Abreu, Luis Gonzaga e Silva, Sebastião



Baldoino de Souza, José Marcelino de Paula, Agostinho Geraldo Martins, Almiro Cruz,

**Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UCG no início da década de 1960. (Fonte: MACÊDO FILHA e VAZ, 2004, p. 122)**

Getúlio Ribeiro, Hélio Levi da Rocha, Rodolfo de Oliveira, Milton Luiz Neto, Joaquim Graciano de Barros Abreu, Francisco do Carmo Filho, Antônio Ribeiro Rezende Neto, Seme Jorge e Salomão, Juraci Tarciso e Geraldo Deusimar. Nesta reunião foram estabelecidas e constituídas comissões que dirigiriam o trabalho da frente a partir daquela data, eram elas: Comissão de Propaganda, de Comícios, de redação e de Festas e Finanças.<sup>132</sup>

Apesar de naquele momento existirem duas propostas relativas à criação de uma universidade no estado, elas tinham especificações distintas, o que propiciou um conflito entre dois grupos, promovendo discussões em vários níveis. Dom Fernando saiu à frente da disputa com a criação de mais uma faculdade, a Faculdade Católica de Direito, em abril de 1959. Era o que faltava: pelo Decreto Presidencial nº 47.042 de 17 de outubro daquele mesmo ano, foi criada a Universidade Católica de Goiás mantida pela Arquidiocese de Goiânia.

Mesmo com a conquista da Igreja Católica, a Frente Universitária Pró-Ensino Federal não arrefeceu. Os estudantes procuraram apoio político e uniram-se a políticos como o Deputado Federal Gerson de Castro Costa. Em junho de 1959, Costa deu entrada, na Câmara dos Deputados, no Palácio Tiradentes (Rio de Janeiro), ao Projeto de Lei que criava a Universidade de Goiás. Tal projeto foi protocolado com o nº PL 0382/59, encaminhado para ser publicado no Diário do Congresso Nacional e despachado para as comissões de Constituição e Justiça, de Educação e Cultura e de Orçamento e Fiscalização Financeira.

Ao se formar em Engenharia, Orlando deixa a presidência da Frente para Sebastião Baldoino, que promove diversas manifestações para chamar a atenção das autoridades para sua causa, inclusive a do então presidente Juscelino Kubitschek. Finalmente, em 1960, após a criação do Instituto de Belas Artes de Goiás e da Faculdade de Medicina (que se uniram à

<sup>132</sup> Fonte: ATA DA REUNIÃO da Frente Universitária Pró-Ensino Federal. Acervo Pessoal de Orlando Ferreira de Castro.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Faculdade de Direito de Goiaz, Escola de Engenharia e a Escola de Agronomia e Veterinária), o Congresso Nacional aprova a Lei nº 3.834-C em 14 de dezembro de 1960 criando a Universidade Federal de Goiás.

Longe dessas batalhas estudantis, Orlando, professor de Matemática, lecionou em alguns colégios da capital, entre eles o Liceu. A carência de profissionais habilitados (certificados) para trabalhar no ensino primário e secundário abria as portas para quem tivesse, ao menos, interesse pela carreira docente. À época, conhecendo os estrangulamentos relativos à falta de professores para o ensino secundário, o Governo Federal investia em uma proposta emergencial de formação e aperfeiçoamento para aqueles que, embora já na ativa, lecionando, não tinham registro formal. Essa estratégia chamou-se CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário – e oferecia cursos de curta duração aos quais seguia um exame de suficiência, autorizando os aprovados a trabalhar, agora com registro provisório, em escolas secundárias. O programa foi criado no governo do Presidente Getúlio Vargas, em 1953, com o objetivo de difundir e elevar o nível do ensino secundário. De acordo com o Decreto nº 34.638, de 14 de novembro de 1953, a CADES visava a tornar a educação secundária mais ajustada aos interesses e possibilidades dos estudantes, bem como às reais condições e necessidades do meio a que a escola serve, conferindo ao ensino secundário maior eficácia e sentido social e, ainda, possibilitar a um maior número de jovens brasileiros acesso à escola secundária. Para atingir tais objetivos, previa-se, entre outros pontos, a realização de cursos e estágios de especialização e aperfeiçoamento para professores, técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário; a realização de estudos dos programas do curso secundário e dos métodos de ensino, a fim de melhor ajustar o ensino aos interesses dos alunos e às condições e exigências do meio; a elaboração de material didático; a elaboração e aplicação de provas objetivas para avaliação do rendimento escolar; o incentivo à criação de serviço de orientação educacional nas escolas de ensino secundário.

Nas décadas de 1950 e 1960, a CADES atuou de forma incisiva na educação brasileira, com a realização de cursos de treinamento para professores do ensino secundário, jornadas de diretores, simpósios de orientação educacional, encontros de inspetores do ensino secundário, cursos para secretários de estabelecimentos de ensino, bem como a divulgação de publicações específicas e especializadas. A partir de 1956, a CADES passou a promover, nas inspetorias seccionais do ensino secundário espalhadas por todo o país, cursos intensivos de preparação aos exames de suficiência que, de acordo com a Lei nº 2.430, de fevereiro de

1955, conferiam aos aprovados o registro de professor do ensino secundário e o direito de lecionar onde não houvesse disponibilidade de licenciados por faculdade de filosofia.<sup>133</sup>

Em Goiás, a CADES também teve uma importante atuação já que até o início da década de 1960 o Estado possuía cerca de 1.250.000 habitantes e mais de 60 instituições de ensino secundário.<sup>134</sup> Logo, se o professor que dava aulas de Matemática, por exemplo, não tivesse estudado fora, ele certamente não tinha formação específica para dirigir suas classes.

No início da década de 1960, chega a Goiânia José Miguel Pereira de Souza (**DEPOIMENTO 5**) para ministrar aulas em um curso da CADES. Formado em Filosofia, Física e Química no Rio de Janeiro ele reencontra um ex-colega da Escola Militar do Realengo: o Governador do Estado, na época, Mauro Borges Teixeira, que o convida para permanecer no Estado e acompanhá-lo em sua carreira política. Isto, entretanto, não atraía o paraibano, que não pretendia abandonar a carreira docente.

José Miguel também envolveu-se com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) fundado no início de 1949 no Rio de Janeiro. Dois nomes que se destacam entre os fundadores do CBPF são os de César Lattes e João Leite Lopes, idealizadores de uma sociedade civil sem fins lucrativos que se sustentava a partir de doações de particulares, por dotações orçamentárias concedidas pela Câmara Federal dos Deputados e pela Câmara de Vereadores do Distrito Federal (então Rio de Janeiro), pela Confederação Nacional da Indústria e por agências de financiamento à pesquisa e ao ensino superior. O CBPF recebeu ainda um auxílio da Fundação Ford para recompor seu acervo bibliográfico destruído em um incêndio em 1958. A partir de 1976 passou a fazer parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que assumiu o seu custeio.<sup>135</sup>

Tendo decidido ficar em Goiás, o professor José Miguel Pereira de Souza procurou a Universidade Católica de Goiás (UCG) e, talvez, a ausência de um curso de Matemática e de Física no Estado tenha impulsionado seu desejo de, junto com outros professores, como Ary Pereira da Silva (um dos raros residentes em Goiás com graduação em Matemática, cursada no Rio de Janeiro), criar um curso voltado à formação de professores nessa área. O curso, ligado à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UCG, dirigida à época pelo Padre Luiz Thomazzi, iniciou suas atividades em 1961 com 14 alunos.

As primeiras aulas foram dadas em salas improvisadas surgidas da divisão de salas maiores em outras menores. O curso estava estruturado seguindo a tradição das licenciaturas

---

<sup>133</sup> BARALDI, 2003.

<sup>134</sup> MACEDO VAZ apud SILVA, 2003, p.55.

<sup>135</sup> ANDRADE, 1989.

da época, o “sistema três mais um”: nos três primeiros anos do curso eram dadas as disciplinas específicas da área, concedendo ao aluno o título de bacharel. No último ano eram oferecidas as disciplinas pedagógicas, tornando o já bacharel, habilitado (licenciado) a trabalhar nos ensinos primário e secundário. Entre as disciplinas específicas daqueles primeiros anos, Cálculo, Geometria, Geometria Analítica, Cálculo Vetorial, Geometria Descritiva, Análise Matemática, Fundamentos de Matemática, Física Geral e Equações Diferenciais. Dentre as matérias de cunho pedagógico Sociologia da Educação, Administração Escolar, Filosofia da Educação, Didática Geral e Didática Especial (que funcionava como um estágio supervisionado). Como havia poucos professores formados, a tática usada pelo primeiro coordenador do curso, José Miguel, foi a de indicar alguns alunos para serem monitores das disciplinas. Os estudantes monitores, enquanto cursavam o segundo ano, ministravam aulas para os alunos do primeiro, quando no terceiro lecionariam para o segundo etc. As primeiras aulas, ainda, funcionavam em regime de seminários: era indicado um professor “titular”, para cada disciplina, que determinava os conteúdos a serem estudados e que deveriam ser apresentados por um aluno para o restante da turma.

Os estudantes tinham que superar também a falta de bibliografia adequada. A Biblioteca da Universidade Católica não possuía muitos títulos para dar suporte aos estudos iniciais. Assim, os alunos tinham que buscar referências na Biblioteca da Universidade Federal, mas precisamente na de Escola de Engenharia. Para assuntos mais específicos, era preciso contar com o empréstimo de livros com os próprios professores.<sup>136</sup>



Nesta foto, da esquerda para a direita, o segundo é o professor Augusto César, o quarto o professor José Afonso e o quinto o professor José Aires. (Fonte: Silva, 2004, p. 198)

O curso ocorreu em séries anuais até 1972 quando passou ao sistema de créditos e, houve aulas noturnas a partir de 1970. A primeira turma do curso de Matemática e Física formada pela Universidade Católica de Goiás (foto ao lado), em 1964, tinha três concluintes: Augusto César (formado em Física), José Aires Leal e José Afonso Rodrigues

<sup>136</sup> Alguns títulos que podemos citar são: Alguns livros usados na época eram: *Curso de Cálculo Diferencial e Integral*, de Willie Alfredo Maurer; *Elementos de Cálculo Diferencial e Integral* de Granville e Smith; O volume relativo à *Geometria descritiva* da coleção FIC (*Frères de l'Instruction Chrétienne*); *Geometria Descritiva*, de Reaubochoy e os livros da Coleção Schaum que continha, entre outros, volumes de *Cálculo*, *Álgebra Linear* e *Análise Matemática*.

Alves (ambos em Matemática). Este último, José Afonso (**DEPOIMENTO 6**), percebeu sua vocação na carreira docente desde quando iniciou seus estudos em Dianópolis, hoje no Tocantins, tendo como referência professores e regimes de estudo muito rígidos. Após estudar um tempo em Uberlândia (MG), decidiu pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UCG. Durante os anos de faculdade enfrentou, como muitos outros estudantes da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, certo preconceito pela profissão que optou seguir, mas superou estas e outras barreiras como a falta de estrutura adequada oferecida pelo curso em sua fase inicial. Apresentou, ao se formar, uma monografia – obrigatória na época – sobre Cálculo Vetorial, tema que o acompanhou em todos os anos como professor da própria UCG: contratado logo após a formatura, atuou em turmas do curso de Matemática, Economia e Administração.

Uma das primeiras alunas do professor José Afonso foi Heloísa Sírion Simon (**DEPOIMENTO 7**) que em princípio quis fazer Engenharia. Porém, como havia estudado em Escola Normal, ingressou no curso de Pedagogia. Insatisfeita com a escolha pensou em abandonar a faculdade, mas um dia, andando pelos corredores da Universidade conversando com o diretor da Faculdade de Filosofia, o Padre Luiz Thomazzi, comentou com ele seu descontentamento. Como ela dizia gostar de Matemática, o diretor sugeriu que se inscrevesse na graduação em Matemática e Física que a Universidade oferecia.

Com o passar dos anos essa proximidade entre alunos e administração universitária, entre alunos de diferentes cursos e a facilidade de transitar pelas diversas instâncias de uma universidade foi se perdendo. Segundo uma perspectiva defendida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, podemos encarar como um estriamento de determinado espaço, a especialização de áreas de pesquisa e de conhecimento, a burocratização das instituições públicas ou privadas e até mesmo a departamentalização das instituições de ensino ocorrida no Brasil há algumas décadas por conta de inúmeras reformas e contra-reformas, emendas e remendos, enfim, legislações que se superpõem ou refinam as anteriores.

Segundo aqueles autores, este espaço estriado está em contraposição ao espaço liso que permite a livre movimentação em qualquer direção, com qualquer intensidade ou que produza um movimento que afeta todos os pontos do espaço simultaneamente; o espaço liso é o espaço do nômade, não tem fronteiras, assim o nômade pode caminhar em qualquer direção a partir de seu desejo e/ou de sua necessidade. O espaço estriado, por outro lado, o espaço do aparelho de Estado, é definido pelas exigências de uma visão distanciada das coisas e pela ocorrência de uma invariância que nos induz a uma perspectiva centralizadora, impossibilitando o fluxo em qualquer direção e, portanto, atravancando o aparecimento das

singularidades, restringindo, disciplinando, reprimindo.<sup>137</sup> Esta perspectiva de Deleuze e Guattari, com as devidas especificidades, poderia nos ajudar a compreender os espaços de formação e os movimentos nesse espaço universitários de Goiânia, quando do início dos cursos de licenciatura dos quais tratamos. Nos depoimentos por várias vezes aparece essa liberdade de trânsito, facilidades de contato, a quase inexistência de entraves que gerenciam e controlam a vida das Instituições. Naqueles tempos de início, as práticas de formação davam-se de modo curioso aos olhos de hoje, em que vivemos engaiolados em rígidos sistemas, transitando em um espaço estriado limitando nossas motivações, possibilidades e desejos.

Uma dessas “estrias”, por assim dizer, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, surgiu em 1961, visando à democratização da educação e descentralização do ensino, equivalência de cursos, continuidade entre o primeiro e o segundo graus (extinguindo o exame de admissão), constituição dos sistemas estaduais de ensino e organização da universidade.<sup>138</sup> Em 1968, o capítulo desta lei que tratava do ensino superior foi revogado pela lei nº 5.540. Aspectos como a crescente urbanização, a escolarização feminina, o populismo e a criação das universidades federais proporcionaram mais alterações na estrutura das instituições de ensino superior.

Na busca pela modernização, alguns pontos podem ser destacados para a consolidação de um pensamento sobre a função da universidade e as reformas propostas: a pressão da classe média, representada pelo Movimento Estudantil, o destaque ao modelo tecnicista do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), o investimento do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa, criado em 1951) em tecnologia, e o surgimento, em 1961, da Universidade de Brasília (UnB), idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. A UnB, rompendo com o modelo existente a partir da fundação da Universidade de São Paulo em 1934 e, como já acontecia no ITA, inspirada nas universidades americanas, não estava atrelada às cátedras, “mas aos Departamentos, sendo compreendida a integração universitária em um campus único, com autonomia didática, técnica e administrativa, dirigida por colegiados, com maior democracia interna”.<sup>139</sup> Este modelo previa, ainda, a reforma dos cursos de licenciatura, que deveriam mudar para se equivalerem ao modelo dos *teachers colleges* norte-americano, insistindo na flexibilização do conceito de universidade, permitindo a criação de algo como os *community colleges*: cursos superiores com menor duração e voltados ao mercado de trabalho.

---

<sup>137</sup> DELEUZE e GUATTARI, 2005, v. 5, p. 28.

<sup>138</sup> TRIGUEIRO, 2003, p. 13.

<sup>139</sup> Ibid, p. 15.

Voltemos. Heloísa, então, transitando num espaço em vias de estriamento, transferiu-se para a licenciatura em Matemática, formou-se e chegou a dar aulas de matemática na própria UCG, tendo também trabalhado durante muitos anos no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás. Como docente desse Colégio, teve a oportunidade de cursar uma pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, oferecida em uma parceria entre a Universidade Estadual de Campinas – SP (Unicamp) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). O Professor Luís José de Macedo e ela foram os primeiros professores de Matemática do Estado de Goiás a fazerem um curso desta natureza, com seus trabalhos sendo concluídos, respectivamente, em 1979 e 1982. Outra goiana, Anália Borges de Azevedo, da área de Biologia, também participou deste curso que foi desenvolvido entre fevereiro de 1975 e fevereiro de 1984 chamado Projeto Multinacional para a Melhoria do Ensino de Matemática e Ciências (PROMULMEC).

Com apoio do PREMEN – Programa para a Melhoria do Ensino – do Ministério da Educação e Cultura do Brasil, o curso de mestrado tinha características diferenciadas dos tradicionais programas de pós-graduação da época. Estas diferenças justificavam-se tanto pelo aumento na demanda por profissionais em um contexto de transformação tanto das orientações e metodologias para o ensino quanto do papel da ciência no mundo. Segundo o próprio diretor deste curso, o professor Ubiratan D’Ambrósio, a possibilidade de implementar programas diferenciados, que conduzissem a opções alternativas para o ensino de ciências, via-se prejudicada face ao reduzido número de pessoal capacitado para liderá-los. Assim, a principal proposta deste programa era a de formar e desenvolver líderes para o ensino apoiados em idéias inovadoras e aproveitando experiências acumuladas em sala de aula. Segundo este paradigma, o curso da OEA participou do conjunto de estratégias que atendiam aos planos MEC-USAID, vigentes à época.

Três pontos se destacavam como pilares para a proposta tida como diferenciada, do curso de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da OEA: o conteúdo interdisciplinar – construído sobre o conteúdo tradicional, mas apoiado na filosofia do ensino integrado de ciências, sendo, desta forma, aberto e individualizado; atitude e metodologia – representadas pela doutrinação para o ensino interdisciplinar com forte motivação resultante, principalmente, da posição da educação como instrumento de ataque às prioridades nacionais; e a experiência vivida como aspecto fundamental para se revelar as qualidades necessárias para uma “liderança”. Estas características descartavam a constituição de um mestrado nos moldes usuais. A própria seleção dos ingressantes, por exemplo, deu-se pela indicação de programas e autoridades universitárias de vários estados brasileiros e países sul-americanos e,

com isto, garantiu um contingente estudantil misto para se buscar uma visão multifacetada da problemática do ensino de Ciências e Matemática.

Os projetos de pesquisa eram trabalhados preliminarmente até se chegar a uma dissertação de mestrado. A pesquisa deveria ser desenvolvida no local de atuação do estudante, depois dos dez primeiros meses de curso que deveria ser feito em Campinas, onde os créditos de disciplinas eram cumpridos. Nesses primeiros meses de curso os estudantes cursavam disciplinas divididas em quatro tipos: *as instrumentais* (que incluíam tópicos de Computação, Inglês Científico, Métodos Matemáticos e Psicologia e Didática); *as disciplinas sensibilizadoras* (que contavam com Prática de Ensino, Projeto de Ciências, Problemática do Desenvolvimento e Expansão Cultural e que eram ministradas de maneira informal por meio de seminários, mesas redondas e trabalhos em grupo); *as disciplinas de suporte* classificadas como “de conteúdo” (Tópicos de Ciências, Tópicos de Educação, Tecnologia de Ensino e Planejamento Curricular). Por fim, havia o que se designava por *Projeto de Pesquisa em Ensino de Ciências* que era o ponto de partida para a pesquisa que resultava em dissertação de mestrado. A escolha dos orientadores era feita durante o curso, quando iam sendo detectadas afinidades temáticas e de interesse, e enquanto os pré-projetos iam tomando forma diante da imensa programação de atividades.

Na sua totalidade, tal curso de mestrado, durante nove anos, recebeu 128 bolsistas, 80 brasileiros e 48 latino-americanos, em 4 turmas de 32 alunos. Foram defendidas 72 dissertações dentre as quais estão a do professor Luís José de Macedo: “Proposta de Modelo Curricular para o Ensino Integrado de Ciências”, defendida em 1979 e orientada pelo professor Henry G. Wetzler, e a da professora Heloísa Sírio Simon: “Uma Alternativa para Melhorar o Processo Ensino-Aprendizagem da Matemática Através do Método da Descoberta”, defendida em 1982, sob orientação do professor Alejandro Engel Bratter<sup>140</sup>.

Quase vinte anos antes da defesa do trabalho da professora Heloísa – reconhecida por sua atuação em relação à Educação Matemática –, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG e a Escola de Engenharia passavam por algumas mudanças que surtiriam efeito na formação de professores de Matemática em Goiás. Voltemos, então, à Praça Universitária, Goiânia, num ponto próximo aos campos de futebol e à sede da União Estadual dos Estudantes, onde ocorriam bailes aos fins de semana, para garantir alguma diversão aos alunos das duas jovens Universidades que disputavam áreas naquela região da cidade. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade Federal, à época dirigida

---

<sup>140</sup> D'AMBRÓSIO, 1984.



pelo professor Egidio Turchi, estruturou-se para fundar um curso de Matemática e Física já no ano de 1963. Os professores que lecionariam as disciplinas seriam os que estavam na Escola de Engenharia, onde também trabalhava o diretor do Departamento de Matemática desta Faculdade: Orlando Ferreira de Castro. As disciplinas específicas oferecidas eram: Geometria Descritiva (professor: Hermógenes Coelho Júnior), Análise Matemática (Jaime Marcos Cohen), Física (Irapuam Costa Júnior e Fritz Koeller), Cálculo Vetorial (Orlando F. de Castro), Fundamentos de Matemática e Cálculo I e II (Saleh Jorge Daher), Geometria Analítica (com Walter Brokes). A primeira turma iniciou os trabalhos com 33 alunos, mas para que se chegasse a este número dois vestibulares foram realizados: havia pouca procura. Quem, naquela região, se interessava pelas Ciências Exatas, geralmente buscava o curso de Engenharia, até porque não se tinha uma certeza do que era seguir uma carreira em “Matemática”. Para o ano seguinte, 1964, novamente foram oferecidas vagas para o curso de Matemática e Física mantido pela FFCL (Cf. Recorte abaixo). Mas isto iria mudar.

Em 1963, o diretor da Escola de Engenharia, Gabriel Roriz, estava descontente com o rendimento das aulas naquele instituto porque os professores, que também eram empresários da construção civil, pareciam dar menos atenção do que deviam às disciplinas que ministravam, gerando inclusive insatisfação dos alunos.

Naquele mesmo ano, dois acontecimentos chamaram a atenção de Gabriel Roriz, apontando uma saída possível para resolver o problema que se instalou na Escola de Engenharia. O primeiro foi a divulgação dos pareceres de uma comissão formada à época da Primeira Conferência Internacional sobre o Ensino de Física ocorrida no Rio de Janeiro e organizada pela OEA. Dentre estes pareceres, o que contou com uma unanimidade entre os congressistas afirmava que o ensino de Física, em qualquer que fosse o curso superior de graduação, deveria ser ministrado por físicos alocados em um departamento dirigido por físicos (Cf. recorte seguinte). O outro acontecimento marcante foi a palestra do professor Ernesto Luiz Oliveira Júnior, representante da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (COSUPI), órgão do Governo Federal que tentava divulgar a proposta de reestruturar as universidades em institutos e departamentos.



Fonte: Jornal 4º Poder. Goiânia, 3 de fevereiro de 1964. Ano II, nº 69, p.7. Transcrição: Apêndice A.

## ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O ENSINO DA FÍSICA

Rio de Janeiro — Brasil — Junho 24-29 — 1963

### PARECERES DA COMISSÃO I ENCARREGADA DOS PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO NA UNIVERSIDADE

#### I

A OPINIÃO unânime dos participantes desta conferência foi que o ensino da física deve ser feito por físicos, sendo isto especialmente importante nas escolas de Engenharia, se é que estas pretendem formar, não só técnicos capazes de trabalhar hoje, mas engenheiros capazes para enfrentar os problemas que os aguardam no futuro imediato.

Por outra parte, deseja-se que devam ser adotadas todas as medidas que contribuem para facilitar a mobilidade acadêmica dos estudantes, isto é, medidas que permitam, por exemplo, a um aluno que começa seus estudos desejando ser físico, terminar sendo engenheiro ou vice-versa. Em atenção às razões anteriores, além de uma razão de simples e evidente economia:

- 1 — RECOMENDA-SE QUE O ENSINO DA FÍSICA PARA TODAS AS CARREIRAS UNIVERSITÁRIAS FIQUE A CARGO DE UM DEPARTAMENTO ÚNICO, DIRIGIDO POR FÍSICOS.

#### II

A fim de promover o aperfeiçoamento do ensino da física, o melhoramento dos programas e a renovação do trabalho experimental docente, os que deverão ministrar o ensino deverão ser físicos graduados e ativos na investigação. Prevendo que isto não aconteça em muitos casos

- 2 — RECOMENDA-SE APROVEITAR TODOS OS MEIOS QUE PERMITAM O APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DOCENTE UNIVERSITÁRIO, SEJA MEDIANTE CURSOS ESPECIAIS, INTERCÂMBIO DE FÍSICOS, BOLSAS ETC.

#### III

DADA a importância de dar flexibilidade aos estudos universitários e considerando ainda a evidente interconexão entre as distintas disciplinas científicas.

- 3 — RECOMENDA-SE QUE OS CURSOS DE FÍSICA DESTINADOS A FÍSICOS, ENGENHEIROS, QUÍMICOS, ETC., SEJAM ESSENCIALMENTE EQUIVALENTES E QUE NÃO ESTEJAM ESPECIFICAMENTE DIRIGIDOS A CADA PROFISSÃO EVIDENTEMENTE ESTA MODALIDADE DE PROGRAMA COMPREENDERIA, NO MÁXIMO, OS DOIS PRIMEIROS ANOS DE ESTUDO.

#### IV

RECONHECEU-SE a importância de insistir no aspecto experimental da física. Todavia, destacou-se a conveniência de não confundir isto com o simples ato de pôr o aluno em contato com o instrumento, pois se trata de dotar o aluno com a poderosa ferramenta de trabalho que significa o poder resolver problemas em forma experimental. Por outra parte, acreditou-se que devemos insistir no valor educativo do fato de que o físico "crie" em alguma coisa só se isto está rodeado por uma forte evidência experimental. Por estas razões.

- 4 — RECOMENDA-SE NO ENSINO DA FÍSICA, COLOCAR UM ENFASE ESPECIAL NO ASPECTO EXPERIMENTAL DESTA, NO SENTIDO EXPOSTO ANTERIORMENTE.

#### V

EM GERAL, uma das características mais lamentáveis de nossos sistemas educacionais é a sua rigidez. Entre outras coisas, esta rigidez dificulta o ensaio de nossos métodos e programas de ensino e reflete na forma e no conteúdo dos exames, que tendem a premiar a simples memorização em

vez da compreensão:

- 5 — RECOMENDA-SE A PARTICIPAÇÃO DOS FÍSICOS UNIVERSITÁRIOS NA REDAÇÃO DE EXAMES, NA REVISÃO DOS PROGRAMAS E PLANOS DE ESTUDO E NA ORIENTAÇÃO GERAL DO ENSINO DA FÍSICA EM NÍVEL MÉDIO EM SEUS RESPECTIVOS PAÍSES.

#### VI

A FIM de ampliar as possibilidades profissionais do físico e permitir, sobretudo, uma maior contribuição deste no processo de desenvolvimento de nossos países.

- 6 — RECOMENDA-SE QUE O CURRÍCULUM DO ESTUDANTE DE FÍSICA LHE DE A OPORTUNIDADE DE FAMILIARIZAR-SE COM ALGUMAS TÉCNICAS QUE LHE PERMITAM TRABALHAR NAS APLICAÇÕES DA FÍSICA.

#### VII

DADO QUE em geral, o ensino das ciências em nossas escolas secundárias é deficiente; considerando, ainda, que mesmo dentro de um país costuma haver grandes diferenças qualitativas entre escolas, e que a falta de verdadeira vocação e capacidade científica a míudo se traduz em uma porcentagem de fracassos no primeiro ano de universidade,

- 7 — RECOMENDA-SE AOS CENTROS DE ENSINO SUPERIOR A ADOÇÃO DE CURSOS DE INGRESSO (PREPARATORIOS OU DE NIVELIZAÇÃO), NAQUELES CASOS EM QUE SEJA CONVENIENTE.

#### VIII

EM ATENÇÃO à urgente necessidade de promover o aperfeiçoamento de nossos professores que requer o emprego de todas as medidas a nossa disposição.

- 8 — RECOMENDA-SE UTILIZAR AO MÁXIMO AS QUELAS REVISTAS JA EXISTENTES (CIENCIA INTERAMERICANA, BOLETIM DO CLAF, ETC.), PARA DIFUNDIR ARTIGOS DESTINADOS A MELHORAR O ENSINO DA FÍSICA EM TODOS OS NÍVEIS E, EVENTUALMENTE, CRIAR UMA REVISTA ESPECIAL QUE CUMPRA ESTE OBJETIVO.

#### IX

EM CONSIDERAÇÃO ao papel fundamental que desempenham as ciências e suas aplicações no desenvolvimento econômico, em atenção ainda à sua destacada posição dentro da cultura contemporânea e à inegável obrigação de toda a sociedade de assumir plenamente suas responsabilidades.

- 9 — RECOMENDA-SE FAZER PRESENTE EM CADA PAÍS SEU DEVER DE SUSTENTAR E FOMENTAR O ENSINO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

#### X

POR OUTRO lado, em reconhecimento ao papel cada vez mais importante que está desempenhando a colaboração entre nossos países.

- 10 — RECOMENDA-SE QUE, COMO COMPLEMENTO DOS ESFORÇOS NACIONAIS SE APROVEITEM AO MÁXIMO A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL (ESPECIALMENTE A INTER-AMERICANA) NA PROMOÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICAS.

EM ATENÇÃO a que o trabalho docente ministrado com qualidade superior sempre requer uma cuidadosa preparação. Em atenção ainda à necessidade de proporcionar ao professor meios que lhe permitam manter-se em dia em sua disciplina.

- 11 — RECOMENDA-SE AS UNIVERSIDADES FAZER O POSSÍVEL PARA QUE TODO SEU PESSOAL DOCENTE SEJA DE DEDICAÇÃO TOTAL E POSSA, AINDA GOZAR DOS BENEFÍCIOS DO ANO SABÁTICO.

#### XII

EM CONSIDERAÇÃO AO notável efeito catalizador e múltiplo que os professores visitantes têm exercido em nosso país, enfatiza-se como primordial importância o aumento da vinda dos mesmos em nossos países. Por esta razão

- 12 — SE RECOMENDA A O.E.A. QUE INTENSIFIQUE O PROGRAMA DE CATEDRAS QUE ADMINISTRA O DEPARTAMENTO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E O DE INTERCÂMBIO DE CIENTÍFICOS QUE O DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CIENTÍFICOS ADMINISTRA. FAZ-SE EXTENSIVA ESTA RECOMENDAÇÃO AOS DEMAIS ORGÃOS INTERNACIONAIS INTERESSADOS NESTE TIPO DE PROBLEMAS.

(Conclui na página 6)

## Primeira Conferência Internacional sobre o...

(Conclusão)

COMO UM MEIO para aumentar a efetividade dos fundos destinados às bolsas de estudo

- 13 — RECOMENDA-SE QUE OS ORGÃOS NACIONAIS ENCARREGADOS DE PROPOR E DISTRIBUIR BOLSAS (NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS) SEJAM APOIADOS POR COMITÊS CIENTÍFICOS REPRESENTANTES DE UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS. AO MESMO TEMPO, RECOMENDA-SE, EM CADA PAÍS, A CRIAÇÃO DE ORGÃO ENCARREGADO TANTO DE DIVULGAR INFORMAÇÕES RESPECTANTES ÀS BOLSAS, COMO DE ACESSORAR AOS QUE SOLICITEM.

#### XIV

CONSIDERANDO-SE que existem países em que é muito pequena a proporção de estudantes que terminam sua formação de físicos, o que implica um grande desperdício de fundos e esforços, faz-se premente encontrar aproveitamento deste material humano. Como uma possível solução.

- 14 — RECOMENDA-SE A CRIAÇÃO DE CURSOS DE CARÁTER TÉCNICO DE 2 ANOS DE DURAÇÃO, QUE PERMITAM O APROVEITAMENTO DAQUELES ESTUDANTES QUE FORAM CAPAZES DE CONCLUIR OS CURSOS BÁSICOS DOS DOIS PRIMEIROS ANOS.

#### XV

CONSIDERANDO que em muitos casos grandes benefícios serão obtidos através do incremento das possibilidades de estudo e intercâmbio dentro de um mesmo país.

- 15 — RECOMENDA-SE QUE SE PEÇA ÀS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS QUE, COMO COMPLEMENTO AOS FUNDOS NACIONAIS, FUNDOS ADICIONAIS SEJAM PREVISTOS A FIM DE QUE AS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DE CIENTÍFICOS

POSSAM DAR BECAS A ESTUDANTES E INTERCAMBIAR PROFESSORES DENTRO DE UM MESMO PAÍS.

#### XVI

SENDO URGENTE o aperfeiçoamento dos professores secundários e universitários, e em consideração aos benefícios já mencionados com a realização de cursos internacionais destinados a divulgar os novos programas e métodos de ensino.

- 16 — RECOMENDA-SE A O.E.A., UNESCO E, EM GERAL, AOS GOVERNOS E DEMAIS ORGANISMOS, A INTENSIFICAÇÃO DE TODOS OS PROGRAMAS DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES.

#### XVII

POSTO QUE para assegurar o êxito desta Conferência devemos dispor de todos os meios que nos permitam levar a cabo suas conclusões.

- 17 — RECOMENDA-SE A O.E.A. A CONSTITUIÇÃO DE UM COMITÊ ACESSOR QUE COLABORE COM ELA EM TUDO QUE SE RELACIONE COM O ENSINO DA FÍSICA E, EM ESPECIAL, COM A IMPLEMENTAÇÃO DAS CONCLUSÕES DESTA CONFERÊNCIA.

FINALMENTE, conhecendo-se o desastre ocorrido no Instituto de Física e Matemática da Universidade do Chile, esta Conferência tomou a seguinte conclusão especial:

SOLICITAR AOS PARTICIPANTES INSTITUCIONAIS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, QUE AJUDEM A UNIVERSIDADE DO CHILE A DOTAR DE NOVO SUA BIBLIOTECA DE MATEMÁTICAS E FÍSICA TEÓRICA, RECENTEMENTE DESTRUIDA PELO FOGO, EM INCENDIO.

MARCOS MOSCHINSKY  
Presidente  
DARIO MORENO  
Secretário

Gabriel Roriz, então, resolveu agir: disse a Oliveira Júnior que se interessava pelas idéias propostas por ele e informou-se sobre as providencias que deveriam ser tomados para segui-las. Ernesto indicou a Gabriel Roriz o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos (SP), instituição já departamentalizada, onde poderiam ser encontradas pessoas capacitadas para ajudar a Escola de Engenharia e a UFG a montarem um Instituto de Física e de Matemática abrigando físicos e matemáticos.

O ITA, cujo modelo organizacional influenciou diversas instituições no Brasil, tem seu surgimento ligado ao ensino de Engenharia que, pode-se dizer, iniciou-se em 1808 com a fundação da Real Academia Militar no Rio de Janeiro. Em 1842 a Real Academia tornou-se a Escola Central recebendo também alunos civis, e mais tarde, em 1874, fez-se exclusivamente civil denominando-se Escola Politécnica e, depois, Escola Nacional de Engenharia, sendo os cursos gerenciados pelo exército, o que possibilitou o começo do ensino de engenharia aeronáutica. Assim, o Curso de Formação de Engenheiros da Aeronáutica, precedido de um Curso de Preparação, passou a ser ministrado na Escola Técnica do Exército (EsTE), hoje Instituto Militar de Engenharia (IME). A partir de 1941, com o surgimento do Ministério da Aeronáutica, teve impulso considerável a idéia da criação de um instituto, como preconizava o “Plano de Criação do Centro Tecnológico da Aeronáutica”, divulgado em 1945. A concretização dos objetivos descritos no Plano deu-se já no ano seguinte, 1946, tendo sido composta uma comissão específica e liberadas as verbas para sua viabilização. Finalmente, com a edição do Decreto nº 27.695 de 16 de janeiro de 1950, cria-se o Instituto Tecnológico da Aeronáutica que fazia parte do Centro Tecnológico de Aeronáutica, CTA (mais tarde denominado Centro Técnico Aeroespacial), e que funcionaria inicialmente no Rio de Janeiro (a Capital Federal da época) recebendo as alunos da EsTE, até sua transferência definitiva para São José dos Campos (SP) em 1954.

Dentre os institutos ligados ao CTA, o ITA, para fins de ensino e pesquisa, reunia uma escola dedicada ao ensino das ciências físicas básicas e disciplinas correlatas; uma escola profissional que levava à graduação preparando o estudante nos campos de conhecimento de que a aeronáutica necessitava; uma escola de pós-graduação; corpo docente em regime de dedicação integral e corpo discente em gratuidade ampla (para os brasileiros) e parcial (para os estrangeiros).

A colaboração estrangeira foi marcante no CTA, tanto na parte técnica quanto na acadêmica. A primeira contribuição significativa foi a do norte-americano Richard Harbert Smith, ex-Chefe do Departamento de Aeronáutica do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) e consultor do Governo dos EUA, que se tornou o primeiro Reitor da Escola de

Engenharia do Centro de Aeronáutica. Por seu intermédio foram contratados, em um primeiro momento, seis professores dos Estados Unidos para, junto com um grupo de professores brasileiros, estruturarem o ITA nos moldes de alguns renomados institutos de tecnologia, como o próprio MIT e o CALTECH (*Califórnia Institute of Technology*).

As principais diferenças em relação ao modelo brasileiro de universidade estavam na estrutura departamental – em detrimento das cátedras – e no regime de dedicação exclusiva e integral dos professores, além de um currículo dinâmico, renovado quase que anualmente.

Os alunos do curso fundamental – que correspondia aos primeiros anos da graduação – freqüentavam aulas em laboratórios de mecânica aprendendo a operar máquinas. Outra inovação para o ensino da época eram as aulas em laboratórios que Química e Física em que os alunos, ao fim de cada experiência deveriam apresentar, por exemplo, relatórios explicando o que foi executado, observado e concluído. Para o primeiro ano do curso de Engenharia, o programa incluía Cálculo Diferencial e Integral, Análise Vetorial, Teoria das Funções, Equações Diferenciais e alguns tópicos de Cálculo Avançado – o que correspondia aos dois primeiros anos do currículo do MIT. Essas inovações curriculares e estruturais eram muito bem vistas pelo governo federal e começavam a ganhar adeptos, dentre os quais estava o diretor da Escola de Engenharia goiana.

Mas, no caso de Goiás, as tentativas iniciais de trazer professores para que também estruturassem os Institutos de Matemática e de Física falharam porque poucos, como o professor Orlando, apoiavam a idéia. Muitos outros, talvez preocupados com uma possível perda de seus cargos e, conseqüentemente, dos salários, pressionavam com ameaças os “forasteiros”, usando estratégias que conseguiram afugentar alguns deles. Contudo, a idéia dos institutos não desapareceu, apenas adequou-se às dificuldades enfrentadas e transformou-se na idéia de criar um único instituto, o Instituto de Matemática e Física (IMF). A pessoa indicada para a realização desta tarefa foi o professor Willie Alfredo Maurer, na época diretor da Faculdade Mackenzie em São Paulo. Willie, quando aceitou o convite, sabia que enfrentaria muita resistência, mas estava disposto a entrar na batalha que envolvia os que ele mesmo chamou de “idealistas”, “oportunistas” e “indiferentes”.

Se estivesse vivo, Willie Alfredo Maurer teria completado cem anos no dia 05 de outubro de 2007. Nascido nos Estados Unidos, veio para o Brasil ainda criança, mas naturalizou-se apenas em 1950, já com 42 anos. Fez curso primário na Escola Isolada Rebouças, na cidade de São Paulo, de 1914 a 1917. Autodidata, foi aprovado nos exames vestibulares em 1926 da Escola Superior de Mecânica e Eletrônica de São Paulo (posteriormente incorporada ao Instituto de Tecnologia de São Paulo). Fez ainda o exame de

Madureza<sup>141</sup> no Ginásio Ipiranga em 1937. Graduou-se também em Matemática (Licenciatura e Bacharelado) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1940. Foi professor de diversas instituições de ensino como o Instituto de Tecnologia de São Paulo, Universidade Mackenzie, Escola Técnica Mackenzie, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Católica de Goiás. Teve diversos trabalhos publicados e foi sócio fundador da Sociedade de Matemática de São Paulo, do Grupo de Estudos do Ensino de Matemática e do Grupo de Estudos e Ensino de Física de São Paulo.

No dia 16 de setembro de 1964, ainda como diretor do IMF, Willie Maurer encaminhou ao Reitor Pró-Tempore da UFG, José Martins d'Álvarez, um ofício que tinha a intenção de expor àquele reitor (empossado há pouco, por força da Ditadura) a situação do Instituto frente a uma nova realidade – a da Revolução Militar – e colocá-lo a par das circunstâncias que envolviam a constituição do IMF até aquele momento. Segue abaixo, pela primeira vez em um texto acadêmico, a transcrição deste ofício nº 174/64:

Magnífico Reitor,

Preocupado com a sorte e o destino da obra que me foi dado iniciar na UFG e sinceramente empenhado em proporcionar a essa Reitoria os subsídios necessários para um julgamento sereno e imparcial do assunto, tomo a liberdade de encaminhar a Vossa Magnificência um Relatório circunstanciado das condições e vicissitudes que presidiram a criação do IMF. Quer-me parecer que nada melhor do que um retrospecto histórico para fazer um juízo seguro da situação presente e colher os dados para uma solução definitiva no futuro.

#### PREÂMBULO

Em abril do ano passado fui procurado em São Paulo pelo Prof. Gabriel Roriz, Diretor da Escola de Engenharia da UFG, portador de um convite para estruturar e dirigir o Instituto de Matemática que acabara de ser criado, conjuntamente com o Instituto de Física, por deliberação do Conselho Universitário. A direção do Instituto de Física fora confiada ao prof. João Martins, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, de São José dos Campos.

Informava-me, outrossim, o prof. Roriz que entrara a funcionar nesse mesmo ano, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, contando, inicialmente, com as seções de Matemática, Física, Letras e Pedagogia.

Embora não existisse um plano perfeitamente delineado, projetava-se reunir nos dois Institutos todo o ensino básico de Matemática e Física constante dos Currículos das escolas ou faculdades incorporadas à Universidade. A integração e ajustamento

---

<sup>141</sup> Exame que dava um certificado de equivalência do seu aprovado com os que terminaram o ensino secundário.

definitivo dos Institutos ao complexo Universitário eram parte dos encargos atribuídos aos respectivos diretores.

Animado do firme propósito de colaborar em uma obra, de certo modo, pioneira, aceitei de bom grado, o convite, não sem manifestar, contudo, minha reserva quanto ao acerto do esquema proposto. Não me parecia possível conciliar, coerentemente, a constituição de institutos centrais, objetivando a centralização das matérias básicas afins, com a existência simultânea de uma Faculdade de Filosofia, Ciências Exatas e Letras, em cujas atribuições se incluem, em última análise, os mesmo objetivos.

### CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

O Instituto de Matemática e Física resultou, no fundo, do compromisso com a realidade ambiente. Sua criação, nos moldes atuais, foi condicionada por uma série de circunstâncias fortuitas, resultantes de um delicado jogo de forças cujas tendências predominantes podem ser distribuídas em três correntes de contornos mais ou menos definidos.

A primeira corrente era representada por um pequeno grupo de idealistas atuantes, professores da Escola de Engenharia e adeptos fervorosos do plano dos institutos esposto pelo prof. Oliveira Júnior e consubstanciado na COSUPI. Lideravam o grupo os professores Gabriel Roriz, Diretor da Escola de Engenharia, Marcelo Cunha Morais, Vice-Diretor e Elder Rocha Lima, representante da Congregação no Conselho Universitário. Graças ao apoio maciço das representações estudantis, fora possível obter a anuência do Conselho Universitário, em princípios do ano passado, à tese da criação dos Institutos de Matemática e de Física, à margem e independentemente da Faculdade de Filosofia, já criada por lei.

Insistiam, outrossim, os idealistas na necessidade de buscar em outros centros do País o pessoal convenientemente habilitado para organizar e consolidar o ensino e a pesquisa nos institutos que acabavam de ser criados, recorrendo, neste sentido, aos centros cientificamente mais avançados, como o Rio de Janeiro, São Paulo e, sobretudo, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica de São José dos Campos. As restrições que faziam à faculdade de Filosofia decorriam, essencialmente, da improvisação que marcou a constituição de seu quadro de professores. Ao organizá-la não se cuidou da criação de núcleos de ensino e pesquisa, confiados a especialistas nos diversos domínios do saber, trabalhando em regime de dedicação exclusiva.

A segunda congregava os oportunistas de todos os matizes, liderados por um grupo de professores frustrados e inconformados, para os quais os interesses do ensino se confundiam com seus interesses pessoais.

A criação de Institutos centralizadores, confiados a especialistas em regime de tempo integral, vinha privá-los das “proveitosas” acumulações que a criação da Faculdade de Filosofia lhes propiciara.

Encabeçavam o grupo o prof. Saleh Jorge Daher que acumulava as cadeiras de Geometria Descritiva da Escola de Engenharia de Fundamentos de Matemática Elementar (que jamais cursara), da Faculdade de Filosofia; o Instrutor Irapuan Costa Júnior que acumulava as cadeiras de Física I e Cálculo Numérico da Escola de Engenharia e de Física I da Faculdade de Filosofia, e o instrutor Jaime Marcos Cohen que acumulava as cadeiras de Cálculo I e Cálculo II da Escola de Engenharia e Análise Matemática (que jamais cursara) da Faculdade de Filosofia.

A terceira corrente era constituída de grupos mais ou menos indiferentes que se mantinham discretamente à margem da luta aberta, o que, de resto, não impedia que nas horas decisivas, se colocassem, em sua maior parte, ao lado dos idealistas.

Quanto ao Reitor Colemar Natal e Silva, merece uma apreciação à parte. Submisso a grupos de pressão e não menos sensível às insinuações de cortejadores, procurava conciliar, da melhor forma possível, os interesses da política estudantil, com os interesses da política doméstica. Idealista à sua maneira e oportunista por natureza, preocupava-se em manter uma posição de equilíbrio estável entre oportunistas e idealistas, sem jamais se comprometer com um ou com outro a ponto de não poder voltar atrás, caso as circunstâncias o exigirem. Foi a tática de que se valeu, por exemplo, quando cedendo às imposições dos inconformados, chegou a assinar a portaria que nomeava o prof. Saleh Jorge Daher diretor do Instituto de Matemática recém criado, anulando-a logo a seguir, face à pronta reação dos idealistas. Desnecessário dizer que jamais se perdoou a estes mais esta inoportuna interferência.

O resultado dessa atitude insólita é que nunca se traçou um plano coerente e definitivo de estruturação universitária. Órgãos os mais diversos foram brotando ao acaso, desordenadamente, ao sabor das correntes dominantes e das veleidades pioneiras do Magnífico Reitor. É o que explica a justaposição de Institutos básicos à Faculdade de Filosofia já existente.

Foi esta a situação que encontrei à minha chegada, em maio do ano passado. Cumpria-me, nos termos do contrato, estruturar o Instituto de Matemática, achando-se a estruturação do Instituto de Física a cargo do Prof. João Martins do ITA, que aqui já se encontrava.

A organização simultânea de dois institutos que pela sua natureza e pelos seus objetivos afins, deveriam ser vasados nos mesmos moldes, confiada a diretores distintos, não deixava de criar uma situação bastante delicada, que bem poderia levar a um impasse ou a estruturas fundamentalmente díspares.

Por motivos pessoais, o prof. Martins retornou ao ITA, logo no começo de maio, deixando acéfalo o Instituto de Física e por fazer a sua estruturação.

Aproveitando-se da brecha aberta, os oportunistas voltaram à carga. Apoiados em amplas áreas estranhas à Universidade pretenderam coagir a Reitoria e o Conselho Universitário a confiar a direção do Instituto de Física a um ilustre engenheiro da terra, o qual, diga-se passagem, havia abandonado em tempos idos, a Escola de Engenharia e sua direção em circunstâncias nada lisonjeiras. O assédio malogrou graças à oposição decidida e intransigente dos idealistas, que mais uma vez contaram com o apoio unânime dos estudantes.

Este fato foi invocado, mais tarde, para identificar a resistência à nomeação do referido Engenheiro, com a subversão estudantil em marcha.

Na verdade, era preciso ser muito ingênuo para acreditar que um abastado homem de empresas se dispusesse a trocar seu escritório altamente compensador por uma dedicação exclusiva na direção de um Instituto, para auferir a modesta remuneração de 250 mil cruzeiros. Mormente, em se tratando de pessoa que já dera provas sobejas de sua pouca vocação para a docência.

Não obstante o meu propósito de manter-me neutro face à querelas domésticas que agitavam a Universidade, não podia conservar-me indiferente aos destinos de um empreendimento que estava estreitamente vinculado à tarefa que me fora confiada.

Seria, deveras, altamente funesto que se viessem a organizar e estruturar dois institutos, com finalidades análogas, em moldes diversos e submetidos a regimes de trabalho e orientação didática diferente. Sobretudo, em se tratando de Institutos de

Matemática e Física, os quais, pela natureza de seus cursos e pelo número relativamente elevado de cadeiras comuns, impõem um íntimo entrosamento e uma estreita colaboração.

Assim sendo, pareceu-me que a solução mais acertada, no caso, seria criar, ainda que em caráter transitório, um Instituto único, de Matemática e Física, mediante a reunião das seções de Matemática e Física da Faculdade de Filosofia e dos dois anos básicos da Escola de Engenharia, atribuindo-se-lhe, outrossim, o ensino das disciplinas correspondentes e constantes dos currículos de outras unidades.

Posta a questão nestes termos, logrou aprovação do Conselho Universitário, afastando-se, dessa forma, o ponto de discórdia que ameaçava, logo de início, uma crise interna na constituição dos Institutos.

Se a solução de compromisso encontrada não correspondia plenamente aos ideais de uma autêntica reestruturação universitária, não se pode negar que atendia de modo inequívoco ao programa delineado no Plano Nacional de Educação elaborado pelo Egrégio Conselho Federal de Educação quando determina:

“A reforma universitária em marcha deverá, pela melhor integração das escolas incorporadas às universidades, suprimir a duplicação de magistério, Laboratórios e equipamentos e, deste modo, aumentar suas possibilidades de matrícula e de trabalho e, portanto, de rendimento.”

Também a introdução do regime de tempo integral como de trabalho no Instituto está em consonância com o espírito do Plano quando preconiza que “até 1970 o ensino superior deverá contar, pelo menos, com 30% de professores e alunos em tempo integral.”

O Instituto de Matemática e Física atende, como se vê, a um imperativo da reforma universitária em marcha e seria profundamente lamentável que viesse a ser destruído por um simples descuido de caráter formalístico. Se deixaram de ser observadas certas normas de técnica orçamentária ou umas tantas fórmulas burocráticas do DASP, pode-se inculpar o executivo da Universidade por negligência, mas não acoimar de ilegal um Instituto criado à sombra da autonomia universitária e estritamente de acordo com os elevados objetivos colimados pelo Egrégio Conselho Federal de Educação. Creio já ter demonstrado em ofício anterior que, ao contrário do que se pretende, o Instituto de Matemática e Física não pode ser apontado com a causa de eventuais estorno de verbas, de vez que representa uma substancial economia na verba de pessoal.

Em suma, o Instituto pode não corresponder a uma legítima reestruturação Universitária e não ser mesmo um órgão legítimo, mas a sua manutenção significa, pelo menos, suprimir “a duplicação de magistério, laboratórios e equipamentos”, conforme a recomendação do Egrégio Conselho Federal.

## A REVOLUÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A revolução de 31 de março, deflagrada em nome da redenção nacional, contra a subversão e a corrupção, infelizmente de incluir na sua cruzada saneadora a grande fauna dos oportunistas. A presença destes em todos os acontecimentos de relevo é assinalada pelas distorções que imprimem aos resultados das causas mais justas e nobres.



O que se passou na UFG e, de modo particular na Escola de Engenharia, em decorrência da nova ordem instituída pela Revolução vitoriosa, é bem uma triste confirmação deste fato.

Deturpando os verdadeiros propósitos moralizadores da Revolução em marcha, pretendeu-se atribuir um colorido ideológico a uma luta de caráter inicialmente idealista. A oposição cerrada que se fizera aos nomes de dois legítimos representantes das classes conservadores locais à direção dos Institutos de Matemática e de Física, era reinterpretada à luz do novo regime, levada à conta de motivos políticos, com obra da esquerda ativista e conseqüentemente, como genuína manifestação de atividades subversivas, não obstante ninguém ignorasse que a minha escolha para o cargo, não fora condicionada a razões de cunho ideológico, visto que era pública e notória a minha posição política nitidamente contrária à política subversiva da UNE e do governo deposto.

A bem da verdade, não posso deixar de insistir no fato de que nenhuma razão de ordem política ou ideológica interferiu na tão debatida questão dos Institutos. A minha ideologia política nada ficava a dever a dos dignos representantes das classes conservadoras da terra, democrata convicto, declarado e combativo que sempre fui. Apesar desta posição definida e inconfundível, nunca me faltou o apoio unânime e irrestrito da corrente idealista, mesmo daqueles professores que, mais tarde, seriam afastados de suas funções, sob a acusação da elaboração da lista tríplice para a escolha do novo Reitor, em dezembro último, a representação estudantil no Conselho Universitário, condicionou o seu apoio ao nome do prof. Colemar Natal e Silva, à minha nomeação para dirigir, nos próximos três anos, o Instituto cujo regimento acabava de ser aprovado.

O Reitor Colemar Natal e Silva, no afã de redimir-se da suspeição de esquerdizante que sobre ele pesava, graças às suas estreitas ligações com elementos da área governamental e estudantil, altamente comprometidas com o passado, apressou-se em improvisar uma Comissão de expurgo de composição assaz duvidosa e de propósitos mais do que suspeitos. Integram-na, de início, o prof. Saleh Jorge Daher, na qualidade de presidente, e os instrutores Jaime M. Cohen e Irapuan Costa Júnior, este último substituído posteriormente por outro elemento, o diretor da Imprensa Universitária, senão me falha a memória. A verdade é que se procurou dar o mínimo de publicidade a tão esdrúxula comissão. Para quem acompanhava as discussões pretéritas, saltava aos olhos que se tratava de uma Comissão de encomenda, tendenciosa por natureza, de vez que os seus membros eram os mesmos líderes do malgrado assédio aos Institutos, na fase indecisa de sua organização. Um mínimo de senso de responsabilidade da parte do Reitor, ainda que outros motivos não houvesse, o teria desaconselhado a incluir meros instrutores em Comissão da tanta responsabilidade. Esta comissão inexpressiva, embora muito significativa, limitou-se a encaminhar ao DOPS a lista dos nomes dos professores e funcionários da Universidade, a fim de que fossem assinalados os nomes dos inculpadados ou inculpáveis.

Os efeitos de tão eficiente processo de expurgo não se fizeram esperar. Com fundamento nas informações colhidas, vários professores da Escola de Engenharia foram sumariamente afastados por portaria do Reitor, sob acusação de atividades subversivas, todos eles, aliás, ligados à corrente dos idealistas. Conhecendo-se os antecedentes, não surpreende que entre os atingidos pela medida figurassem os professores Marcelo da Cunha Moraes e Elder Rocha Lima que mais se destacaram, ao lado do Diretor da Escola, na defesa dos interesses do Instituto contra a investida dos oportunistas.

Não tenho condições para julgar a posição ideológica desses professores e nem é este o meu propósito. Acredito mesmo que suas tendências políticas pendiam mais para a esquerda do que para a direita. Mas, onde estão as fronteiras entre a esquerda e a direita?

Querer que o país inteiro passe a rezar pela cartilha da extrema-direita, por certo jamais constituiu diretriz do Governo Revolucionário. De acordo com os cânones da Revolução qualquer cidadão tem o direito de optar pelo trabalhismo e mesmo pelo socialismo, uma vez que esses partidos não foram postos fora da lei. O esquerdismo só deixa de ser legalmente tolerável quando descamba em atividades subversivas comprovadas.

No que tange aos professores indiciados, não me consta que se tenha aduzido nenhum ato concreto de atividade subversiva. A não ser que se tome como tal a luta contra os conservadores oportunistas que pretendem manter a Universidade no velho regime feudatário.

Preende-se que os professores afastados o foram por indicação do DOPS. Ora, são sobejamente conhecidas as relações de membros da comissão com certas áreas da política.

É por demais significativo o fato de que, embora tenha participado de um Festival Mundial da Juventude, instituição genuinamente comunista, o prof. Irapuan Costa Júnior jamais foi molestado pela DOPS, continua incólume no seu cargo de instrutor da escola de Engenharia. É digno de nota, outrossim, que por ocasião de sua excursão a Helsinque, a licença para se afastar da Escola, bem como um documento credenciando-o como membro de seu corpo docente, lhe foram concedidas pelo prof. Saleh Jorge Daher que, na oportunidade, respondia pela direção da Escola. Quanto ao outro membro da comissão, Jaime M. Cohen, encarregou-se de substituí-lo durante a sua ausência.

Quanto à confiança que inspiram as fichas da DOPS, nada melhor de que ouvir a opinião insuspeita do ilustre presidente da comissão Especial de inquérito que atuou em Goiás.

Diz o general Castro e Silva, em seu relatório “que tarefa de grande importância foi executada pelo diretor do DOPS Goiânia, Jurandir Rodovalho consistindo na destruição do fichário de todos os comunistas e falsificação de novas fichas, onde elementos completamente inocentes passaram a figurar como comunistas militantes.” (O Popular, 30.05.64).

Depois disto, creio que nada mais resta a dizer.

Tendo-se o prof. Gabriel Roriz, Diretor da Escola de Engenharia, recusado a acatar a extravagante portaria de afastamento de professores tão insolitamente acusados de subversão, o Reitor Colemar Natal e Silva pretendeu, através de outra portaria não menos extravagante, destituí-lo do cargo. O prof. Roriz, plenamente compenetrado de seus direitos e deveres, num gesto imperturbável de homem digno, se recusou a tomar conhecimento de mais este ato arbitrário e indigno do Reitor, o qual, desamparado pelos escalões superiores, se viu forçado a aceitar uma situação de compromisso, permitindo que o nobre Diretor da Escola de Engenharia, completasse o seu mandato.

### A INTERVENÇÃO E SUAS PERSPECTIVAS

Com o advento da intervenção, em boa hora decretada pelo Egrégio Conselho Federal de Educação, surgem perspectivas de restauração da ordem na UFG.

Cabe a Vossa Magnificência, como digno representante do Egrégio Conselho Federal de Educação, o raro privilégio bem como a indeclinável responsabilidade de levar a cabo essa árdua tarefa.

Sem pretender interferir em assuntos que estão acima de minhas atribuições, não posso deixar de expor os fatos e as condições que me parecem decisivas para que a relevante missão de Vossa Magnificência seja coroada de êxito, e a UFG volte à normalidade, retomando o caminho seguro da reforma encetada em condições assaz precárias e momentaneamente interrompida por uma deplorável distorção de valores. Os oportunistas ganham uma primeira batalha, apertam o cerco em torno da Reitoria, na esperança de alcançar hoje, pela manhã, o que não conseguiram conquistar ontem, através de suas escaramuças.

As conseqüências, a meu ver funestas, da inoportuna substituição do Prof. Gabriel Roriz na direção da escola de Engenharia, não se fizeram esperar. Os oportunistas de ontem e de sempre, já deram início à partilha dos despojos: o Instrutor Irapuan Costa Junior foi contemplado com a regência da cadeira de Concreto Armado, de que era titular o Prof. Marcelo da Cunha Moraes; ao instrutor Jaime M. Cohen foi ofertada a assistência da cadeira de Resistência dos Materiais; quanto ao Prof. Saleh Jorge Daher encontra, já agora, livre acesso à cadeira de Economia Política e Finanças, que figurava no rol de suas aspirações.

O retalhamento do espólio se processa em ritmo normal segundo o velho critério de compadrio, condicionando os interesses do ensino a subalternos interesses pessoais.

Na verdade, os oportunistas não perdem tempo com minudências de preparo e especialização. Depois de se servirem da Escola de Engenharia ao almoço, por certo, não deixarão de querer completar o festim, servindo-se do Instituto ao jantar.

Face a esta perspectiva pouco alentadoras, só me resta confiar no alto espírito de compreensão de Vossa Magnificência, em cujas mãos estão a sorte e os destinos do Instituto e da Universidade.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Magnificência os protestos de minha alta consideração.

Atenciosamente

Prof. Willie Alfredo Maurer  
Diretor

Todos estes embates acirraram-se com o caminhar da Revolução Militar de 1964. Tanto os professores que foram para Goiás convidados por Willie Maurer, primeiro diretor do IMF, quanto muitos dos que lá já estavam sofreram ameaças, investigações e acusações de subversão. Estes problemas não rondaram apenas a Universidade Federal de Goiás: na Universidade de Brasília, por exemplo, ainda ocorreria uma grande evasão de professores e funcionários que não concordavam com as determinações impostas pelo Governo Militar.

A intenção de Willie Maurer, Gabriel Roriz e outros, seguindo as recomendações da COSUPI e do Ministério da Educação, era criar um ambiente em que os professores estivessem em tempo integral e com regime de dedicação exclusiva à Universidade. Os professores que saíram de São Paulo, São José dos Campos e Rio Claro (SP) levaram consigo

uma nova proposta, materiais para se trabalhar em laboratórios, metodologias diferenciadas e novos referenciais teóricos. Estes professores eram contratados pela Universidade, alocados na Escola de Engenharia e, com a criação do Instituto de Matemática e Física em novembro de 1963, foram para lá deslocados. Desta forma, as disciplinas para o curso de graduação em Matemática e Física, antes oferecido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foram encampados pelo IMF.



**Grupo de professores do IMF em 1964. (Fonte: Acervo pessoal dos professores Juarez Milano e Orlando Ferreira de Castro, gentilmente cedida por ambos).<sup>142</sup>**

Inicialmente o Instituto (a parte administrativa e as aulas) funcionaria em algumas salas cedidas pela Escola de Engenharia. Uma estrutura física própria só viria na década de 1970, com a construção de um segundo campus da UFG na periferia da capital goiana.

<sup>142</sup> A foto mostra um grupo de professores do IMF. Entre eles estão muitos que deixaram outras cidades (como Rio Claro, São José dos Campos, São Paulo, Jaboticabal), atendendo ao convite dos que tentavam criar, na Universidade Federal de Goiás, um Instituto cujos professores dedicavam-se de maneira exclusiva ao ensino e em tempo integral. A estes profissionais, geralmente recém-formados, além de um emprego numa instituição federal, era também oferecida a oportunidade de prosseguir estudando, fazer cursos de pós-graduação em outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, ou até no exterior, em países como Chile e Espanha. Da esquerda para a direita, em pé, temos: Hermógenes Coelho Júnior, Orlando Ferreira de Castro, René Ayres de Carvalho, Willie Alfredo Maurer, Agenor Cortarelli, Juarez Milano, Sérgio Pedro Schneider, Wilson Natal e Silva, Osny de Souza (secretário do IMF) e Odécio Sanches; agachados, da esquerda para a direita, estão: Geraldo Alves Ferreira, Gerson Muccilo, Ecilo Costa Vilela (técnico de laboratório) e Guy Ribeiro de Andrade. Também faziam parte do quadro docente do Instituto de Matemática e Física da UFG em 1964 os professores Germano Braga Rego, Élder Rocha Lima, Eurico Calixto de Godoi, Saleh Jorge Daher, Walter Brockes e Tietre Couto Rosa.



Aula Inaugural do Instituto de Matemática e Física da UFG.  
(Fonte: Acervo pessoal de Juarez Milano)

A Aula Inaugural do IMF<sup>143</sup>, ocorrida em 16 de março de 1964, foi conduzida pelo reitor da Universidade Federal na época, Colemar Natal e Silva, seguida de uma palestra proferida pelo professor Élon Lages Lima. Também participou desta cerimônia o professor Juarez Milano (**DEPOIMENTO 8**) que acabou por assumir a direção do Instituto quando da saída do professor Willie

Maurer, no final de 1964.

Juarez Milano<sup>144</sup> era formado pela PUC-SP em Matemática, com passagens como professor do ITA e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro, hoje parte da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Milano desejava implementar no IMF um espírito de dedicação pessoal, de constante aperfeiçoamento e disciplina por parte dos professores e dos estudantes. Como muitos dos alunos do Instituto eram do curso de Engenharia, havia sempre uma tentativa de atrair os estudantes mais interessados e dedicados para o curso de Matemática e Física, o que efetivamente aconteceu com Genésio Lima dos Reis e Valdir Wilmar da Silva (**DEPOIMENTOS 9 e 10**).

Genésio já estava no seu terceiro ano do Curso de Engenharia (as aulas dos dois primeiros anos foram ministradas pelos professores do IMF) quando aceitou o convite do professor Juarez Milano para matricular-se no Curso de Matemática. Formou-se em 1967 e já partiu para o mestrado e o doutorado no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), no Rio de Janeiro. Foi contratado pela própria UFG onde trabalha até hoje. Genésio também participou de movimentos estudantis, no início da ditadura, tendo presenciado a retirada do governador Mauro Borges do poder, na Praça Cívica, centro de Goiânia. Hoje, ao lembrar aqueles momentos, apesar de sentir que



<sup>143</sup> Na foto e à esquerda o professor Juarez Milano aparece em pé perto do quadro. Ao seu lado, sentado e de óculos escuros, Willie Maurer. Vestindo terno, o Reitor da UFG à época, Colemar Natal e Silva. Ao lado do professor Colemar, olhando para baixo, o professor Élon Lages Lima.

<sup>144</sup> Na foto, Juarez Milano e o pai, Amleto Milano, à Rua Libero Badaró em São Paulo, comprando massa para o almoço de um dos domingos de 1934. (Fonte: Acervo pessoal de Juarez Milano, gentilmente cedida).

os estudantes foram reprimidos em algumas de suas manifestações e com o fechamento de alguns diretórios estudantis, afirma não acreditar que as aulas no Instituto foram significativamente afetadas pelo movimento militar. Com uma trajetória parecida à de Genésio, Valdir deixou a Engenharia Civil para, em 1971, tornar-se o primeiro bacharel em Matemática formado pela Universidade Federal de Goiás. Logo após a conclusão do curso foi também contratado pela Universidade.

Apesar da missão declarada dos professores do IMF ser a de formar professores de Matemática em Goiás, os poucos estudantes a concluírem o curso nos primeiros anos de sua existência acabaram por seguir carreira no ensino superior, deixando para o curso da UCG o papel de prover as escolas primárias e secundárias de profissionais habilitados para o ensino de Matemática. As aulas no IMF não eram muito diferentes do tradicional para a época: expositivas, com quadro e giz, e altos índices de reprovação que não eram tomados como algo estranho em um ambiente em que todos, segundo os depoimentos, faziam sua parte para a formação dos melhores profissionais.

Essa diferença na, digamos, “função” de cada um dos dois cursos (o da UFG e o da UCG) passa próximo de uma disputa velada entre os alunos de licenciatura e os alunos de bacharelado. Discussões entre os alunos e insinuações sobre capacidade de um ou de outro grupo atravessaram décadas. Quem vivenciou essas disputas, trabalhando inclusive nas duas universidades, foi a professora Zaira Melo da Cunha Varizo (**DEPOIMENTO 11**). Mineira, fez a licenciatura e o bacharelado em Matemática pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde foi aluna de Anísio Teixeira. Mudou-se para Goiânia para acompanhar o marido que foi a trabalho. Na Capital de Goiás, lecionou para as primeiras turmas do curso de Matemática da Universidade, no Liceu e, posteriormente, na Faculdade de Educação da Universidade Federal, quando teve a oportunidade de trabalhar com turmas do curso de Matemática. Foi uma das idealizadoras da Jornada de Educação Matemática e do antigo Lemat (Laboratório de Educação Matemática), que até hoje fornece suporte bibliográfico e pedagógico a alunos da graduação e professores das redes pública e privada de ensino. Em 2004 o Lemat passou a chamar-se “Laboratório de Educação Matemática Professora Zaira Melo da Cunha Varizo”.

Na década de 1980, algumas alterações na relação entre os Institutos Básicos e a Faculdade de Educação foram bastante significativas para a atuação de Zaira e de outros profissionais da Educação. A Associação Nacional para Formação de Professores da Educação (Anfope) foi criada tendo como fonte de luta a formação de professores e visando a socializar o conhecimento produzido nessa área pelas diversas instituições formadoras, além

de produzir conhecimento sobre o assunto. A Anfope defendia a idéia de uma “escola única”, e o conseqüente “esvaziamento” da Faculdade de Educação com a transferência da Didática e da Prática de Ensino para os institutos básicos. Outras mudanças significativas na estrutura dos cursos, agora no campo administrativo, ficaram a cargo da departamentalização das universidades ocorrida, agora por força de lei, no início da década de 1970, com a Reforma do Ensino Superior. Isso fez com que o curso de Matemática da UCG ficasse a cargo do Departamento de Matemática e Física (MAF), criado em 1972 e que, desde 1988, conta com um espaço próprio na Área III da Universidade Católica, na Praça Universitária. Por outra parte, os Departamentos de Matemática e de Física do Instituto de Matemática e Física da UFG foram criados em 1971 enquanto o IMF, em 1997, desdobrou-se em IF (Instituto de Física), INF (Instituto de Informática) e IME (Instituto de Matemática e Estatística) que abrigou aquele departamento.

A partir da década de 1980, várias outras instituições surgiram no Estado com a proposta de formar professores de Matemática, inclusive com a colaboração do MAF-UCG e, principalmente, do IMF-UFG, como no caso da Faculdade Evangélica de Anápolis (instituição que abrigou o terceiro curso de Matemática do Estado), os pólos avançados da UFG em Catalão, Rialma e Jataí, e uma extensão da UCG em Inhumas. Além destes, vários institutos de ensino superior (privados, estaduais, municipais e conveniados) foram incorporados pela Universidade Estadual de Goiás, criada na década de 1990.

No que toca ao desenvolvimento da parte acadêmica, o MAF já chegou a oferecer uma especialização em Ensino de Ciências para alunos dos cursos de Matemática e Física, mas este acontece de forma intermitente. Na Universidade Federal, criou-se uma especialização em Educação Matemática que foi desativada desde 2003. O mestrado em Matemática da UFG foi criado de maneira precária em 1973, sem apoio de agências de fomento. Em vinte e três anos, apenas dezoito pessoas concluíram o curso. A partir de 1996, com apoio da CAPES e outros órgãos, vinte e seis defesas de mestrado foram realizadas em um período de quatro anos.

Minha narrativa acaba aqui, pois há outras coisas para serem vividas, outras versões para constituir, outras narrativas para serem elaboradas. Como a história continua, a narrativa que propus deve parar em algum momento. Essa é uma narrativa que me foi possível constituir a partir do que li, do que ouvi, do que senti, e de como estruturei, de algum modo, compreensões sobre essas experiências todas. A história que minha narrativa registra é dinâmica: não quer ser verdadeira, não pode ser completa, não deve ser definitiva. Contamino

minha narrativa com minhas percepções, resgatando o que quis resgatar por ter julgado significativos não só os elementos que resgatei, mas toda a trajetória do resgate.



#### 4. Bibliografia

ANDRADE, A. M. R. **Um pouco de História: Física, Mésons e Política: a dinâmica da ciência na sociedade.** São Paulo: Hucitec, 1989, p.88-96. Disponível em <[http://portal.cbpf.br/protected/Pages/o\\_cbpf/pdfs/UmPoucoHist.pdf](http://portal.cbpf.br/protected/Pages/o_cbpf/pdfs/UmPoucoHist.pdf) >. Acesso em: 16 mar. 2007.

ALBERTI, V. **Ouvir contar: Textos em História Oral.** São Paulo. FGV. 2004.

ARANHA, C. S. G. Parcerias na Expressão Criadora: obra de arte e História Oral. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-54. 2006.

BALDINO, J. M. **Ensino Superior em Goiás em Tempos de Euforia: da desordem aparente a expansão ocorrida na década de 80.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção.** Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, M. **Apologia da História Ou O Ofício de Historiador,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLIVAR, A. B. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. In **Revista Eletrónica de Investigación Educativa.** Barcelona. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-.html>>. Acesso em: 05 abr. 2006.

BRETAS, G.F. **História da Instrução Pública em Goiás.** Goiânia: CEGRAF, 1991.

\_\_\_\_\_. **Memórias de um Botocudo**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

D'AMBRÓSIO, U. **O Ensino de Ciências e Matemática na América Latina**. Campinas: Papirus; Universidade Estadual de Campinas, 1984.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 2005. v. 1, v.5.

DELGADO, L.A.N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FENELON, D. Pesquisa em História: Perspectivas e Abordagens. In: FAZENDA, I. (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 117-136.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GAERTNER, R. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no Período de 1889 a 1968: da Neus Deustche Schule a Fundação Universidade Regional de Blumenau**. Tese (Doutorado Em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GAGNEBIN, J. M. Memória, História, Testemunho. In BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.) **Memória (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001. p. 85-94.

GARNICA, A. V. M. (Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em história oral e educação matemática. In BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Org.). **Educação Matemática: Pesquisa em Movimento**. São Paulo: Cortez, 2004. p.151-163.

\_\_\_\_\_. **A Tessitura da Trama: Memória, História, Oralidade, Pesquisa Qualitativa e Educação Matemática num estudo de interfaces.. Projeto de pesquisa. Bolsa Produtividade em Pesquisa: CNPq: Brasília/Bauru: Departamento de Matemática, 2000. Disponível em: <[http://www.ghoem.com/textos/vicente/proj\\_pesq\\_cnpq\\_2000.pdf](http://www.ghoem.com/textos/vicente/proj_pesq_cnpq_2000.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2005.**

\_\_\_\_\_. **Historia Oral em Educação Matemática**. Guarapuava: SBHMat, 2007.

\_\_\_\_\_. **Um Tema, Dois Ensaio: Método, História Oral, Concepções, Educação Matemática**. 2005. 203 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

GATTAZ, A. C., **Braços da Resistência: Uma História Oral da Imigração Espanhola**, São Paulo: Xamã, 1996.

INSTITUTO Tecnológico da Aeronáutica. **50 Anos: 1950 – 2000**. São José dos Campos: ITA, 2000.

JENKINS, K. **A História Repensada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LARROSA, J. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In BARBOSA, J. R.L.L. (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Z. I. O. **História do Ensino Superior Privado em Goiás: A Trajetória da Universidade Católica de Goiás**. 2002. 348 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Convênio UCG.

MACÊDO FILHA, M. B.; VAZ, R. F. A Criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Católica de Goiás. **Estudos**, Goiânia, v. 31, 2004. p. 127-149.

MEDEIROS, M. **Metodologia da Pesquisa na Iniciação Científica: aspectos teóricos e práticos**. Goiânia: E.V., 2006.

MEIHY, J. C. S. B., **Manual de História Oral**, São Paulo: Loyola, 1996.

NETSABER Biografias. **Oscarito**. Disponível em: <[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia.php?c=814](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia.php?c=814)>. Acesso em: 15 mar. 2007.

NUNES, B. Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional. In NUNES, B. et al. **Narrativa: Ficção e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 9-35.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre ética na história oral**. Projeto História. São Paulo: EDUC, 1997. v. 15.

PRIMEIRA Conferência Internacional sobre o Ensino de Física. 4º Poder – UFG. 1º set. 1963.

REUTER, Y. **A Análise da Narrativa: o texto a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

REVISTA da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: UCG Editora, 2004. v. 31, Edição Especial.

ROLKOUSKI, E.; SILVA, H. Thompson e Joutard: duas vozes sobre as vozes do passado. In GARNICA, A.V.M. (Org.) **Mosaico, Mapa, Memória: Ensaio na interface História Oral – Educação Matemática**. Bauru: Canal 6/e-GHOEM, 2006. p. 138-152.

SANTOS, F. P. **Formação de Professores: Um Estudo sobre a Licenciatura em Matemática da UFG.** 1999. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, D. J. G. O Curso de Matemática da Universidade Católica de Goiás. **Estudos.** Goiânia, v. 31, n. 1, p. 193-208, out. 2004.

SILVA, D. J. G. **Os Cursos de Matemática da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás: História e Memória.** 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SOUZA, A.C.C. (Entre)Mentes, Nômade!, In GARNICA, A.V.M. (Org.) **Mosaico, Mapa, Memória: Ensaios na interface História Oral – Educação Matemática.** Bauru: Canal 6/e-GHOEM, 2006. p. 11-40.

SOUZA, A.C.C.; SOUZA, C. D. Narrativas da Modernidade. **Revista Pesquisa Qualitativa,** São Paulo, v. 2, n. 1, p. 37-48. 2006.

TRIGUEIRO, M. G. S. Reforma Universitária e Mudanças no Ensino Superior no Brasil. Disponível em: <<http://www.iesalc.unesco.org.ve/programas/reformas/brasil/Reformas%20Brasil.pdf>>. Digital Observatory for Higher Education in Latin America and the Caribbean. Unesco. Acesso em: 05 mai. 07.

TURCHI, E. Depoimento. **Letras em Revista,** Goiânia, v. 1, n. 1/2, p. 9-17, jan./jun.. 1990.

TURINI, L. A. **A Crítica da História Linear e da Idéia de Progresso: um diálogo com Walter Benjamin e Edward Thompson.** Educação e Filosofia, São Paulo, n.18, p. 93-125, 2003.

VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática.** 2000. 573 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

### **Videografia**

CAFFÉ, E. **Os Narradores de Javé.** Bananeira Filmes, 2003.

## Anexos

### Anexo A – Transcrição do recorte da página 168.<sup>145</sup>

“MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

### AVISO

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás comunica a todos os interessados que funcionará êste ano o curso de Ciências Sociais. As inscrições para os exames Vestibulares estarão abertas até o dia 10 de fevereiro. Eis os cursos da Faculdade de Filosofia e as disciplinas para os vestibulares:

Letras Vernáculas	Português e Latim
Letras Modernas – Inglês	Português e Inglês
Letras Modernas – Francês	Português e Francês
Pedagogia	Português e Psicologia
Matemática e Física	Português, Desenho, Física e Matemática
Ciências Sociais	Português e História Contemporânea

Goiânia, 21 de janeiro de 1964  
**Sérgio Dias Guimarães**  
Secretário”

---

<sup>145</sup> A ortografia das palavras nesta e na próxima transcrição segue as normas vigentes à época.

## **Anexo B – Transcrição dos recortes das páginas 169.**

### **“ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS**

#### **PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O ENSINO DA FÍSICA**

Rio de Janeiro – Brasil – Junho 24-29 – 1963

#### **PARECERES DA COMISSÃO I ENCARREGADA DOS PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO NA UNIVERSIDADE**

##### **I**

A OPINIÃO unânime dos participantes desta conferencia foi que o ensino da física deve ser feito por físicos, sendo isto especialmente importante nas escolas de Engenharia, se é que estas pretendem forma, não só tecnólogos capazes de trabalhar hoje, mas engenheiros capazes para enfrentar os problemas que os aguardam no futuro mediato.

Por outra parte, deseja-se que devem ser adotadas tôdas as medidas que contribuam para facilitar a mobilidade acadêmica dos estudantes, isto é, medidas que permitam, por exemplo, a um aluno que começa seus estudos desejando ser físico, terminar sendo engenheiro ou vice-versa. Em atenção às razões anteriores, além de uma razão de simples e evidente economia:

1 - RECOMENDA-SE QUE O ENSINO DA FÍSICA PARA TODAS AS CARREIRAS FIQUE A CARGO DE UM DEPARTAMENTO ÚNICO, DIRIGIDO POR FÍSICOS.

##### **II**

A fim de promover o aperfeiçoamento do ensino da física, o melhoramento dos programas e a renovação do trabalho experimental docente, os que deverão ministrar o ensino deverão ser físicos graduados e ativos na investigação. Prevendo que isto não aconteça em muitos casos:

2 – RECOMENDA-SE APROVEITAR TODOS OS MEIOS QUE PERMITAM O APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DOCENTE UNIVERSITÁRIO, SEJA MEDIANTE CURSOS ESPECIAIS, INTERCÂMBIO DE FÍSICOS, BOLSAS ETC.

##### **III**

DADA a importância de dar flexibilidade aos estudos universitários e considerando ainda, a evidente interconexão entre as distintas disciplinas científicas.

3 – RECOMENDA-SE QUE OS CURSOS DE FÍSICA DESTINADOS A FÍSICOS, ENGENHEIROS, QUÍMICOS ETC., SEJAM ESSENCIALMENTE EQUIVALENTES E QUE NÃO ESTEJAM ESPECIALMENTE DIRIGIDOS A CADA PROFISSÃO EVIDENTEMENTE, ESTA MODALIDADE DE PROGRAMA COMPREENDERIA, NO MÁXIMO, OS DOIS PRIMEIROS ANOS DE ESTUDO.

##### **IV**

RECOMENDOU-SE a importância de insistir no aspecto experimental da física. Todavia, destacou-se a conveniência de não confundir isto com o simples ato de pôr o aluno em contato com o instrumento, pois se trata de dotar o aluno com a poderosa ferramenta de trabalho que significa o poder resolver problemas em forma experimental. Por outra parte, acreditou-se que devemos insistir no valor educativo do fato de que o físico “crê” em uma coisa só se isto esta rodeado por uma forte evidencia experimental. Por estas razões.

4 – RECOMENDA-SE NO ENSINO DA FÍSICA, COLOCAR UM ÊNFASE ESPECIAL NO ASPECTO EXPERIMENTAL DESTA, NO SENTIDO EXPOSTO ANTERIORMENTE.

##### **V**

EM GERAL, uma das características mais lamentáveis de nossos sistemas educacionais é a sua rigidez. Entre outras coisas, esta rigidez dificulta o ensino de nossos métodos e programas de ensino e reflete na forma e no conteúdo dos exames, que tendem a premiar a simples memorização em vez da compreensão.

5 – RECOMENDA-SE A PARTICIPAÇÃO DOS FÍSICOS UNIVERSITÁRIOS NA REDAÇÃO DE EXAMES, NA REVISÃO DOS PROGRAMAS E PLANOS DE ESTUDO E NA ORIENTAÇÃO GERAL DO ENSINO DA FÍSICA EM NÍVEL MÉDIO EM SEUS RESPECTIVOS PAÍSES.

#### VI

A FIM de ampliar as possibilidades profissionais do físico e permitir, sobretudo, uma maior contribuição deste no processo de desenvolvimento de nossos países.

6 – RECOMENDA-SE QUE O CURRÍCULO DO ESTUDANTE DE FÍSICA LHE DE A OPORTUNIDADE DE FAMILIARIZAR-SE COM ALGUMAS TÉCNICAS QUE LHE PERMITAM TRABALHAR NAS APLICAÇÕES DA FÍSICA.

#### VII

DADO QUE em geral, ensino das ciências em nossas escolas secundárias é deficiente: considerando, ainda, que mesmo dentro de um país costuma haver grandes diferenças qualitativas entre escolas, e que a falta de verdadeira vocação e capacidade científica a miúdo se traduz em uma porcentagem de fracasso no primeiro ano de universidade.

7 – RECOMENDA-SE AOS CENTROS DE ENSINO SUPERIOR A ADOÇÃO DE CURSOS DE INGRESSO (PREPARATÓRIOS OU DE NIVELAÇÃO), NAQUELES CASOS EM QUE SEJA CONVENIENTE.

#### VIII

EM ATENÇÃO à urgente necessidade de promover o aperfeiçoamento de nossos professores que requerem [o] emprego de tôdas as medidas a nossa disposição.

8 – RECOMENDA-SE UTILIZAR AO MÁXIMO AQUELAS REVISTAS JÁ EXISTENTES. (CIÊNCIA INTERAMERICANA, BOLETIM DO CLAF, ETC.) PARA DIFUNDIR ARTIGOS DESTINADOS A MELHORAR O ENSINO DA FÍSICA EM TODOS OS NÍVEIS E, EVIDENTEMENTE, CRIAR UMA REVISTA ESPECIAL QUE CUMpra ESTE OBJETIVO.

#### IX

EM CONSIDERAÇÃO ao papel fundamental que desempenham as ciências e suas aplicações no desenvolvimento econômico, em atenção ainda à sua destacada posição dentro da cultura contemporânea e à inegável obrigação de tôda a sociedade de assumir plenamente suas responsabilidades.

9 – RECOMENDA-SE FAZER PRESENTE EM CADA PAÍS SEU DEVER DE SUSTENTAR E FOMENTAR O ENSINO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

#### X

POR OUTRO lado, em reconhecimento ao papel cada vez mais importante que está desempenhando a colaboração entre nossos países.

10 – RECOMENDA-SE, COMO COMPLEMENTO DOS ESFORÇOS NACIONAIS SE APROVEITAREM AO MÁXIMO A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL (ESPECIALMENTE A INTER-AMERICANA) NA PROMOÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICAS.

#### [XI]

EM ATENÇÃO a que o trabalho docente ministrado com qualidade superior sempre requer uma cuidadosa preparação. Em atenção ainda à necessidade de proporcionar ao professor meios que lhe permitam manter-se em dia em sua disciplina.

11 – RECOMENDA-SE ÀS UNIVERSIDADES FAZER O POSSÍVEL PARA QUE TODO O SEU PESSOAL DOCENTE SEJA DE DEDICAÇÃO TOTAL E POSSA, AINDA GOZAR DOS BENEFÍCIOS DO ANO SABÁTICO.

## XII

EM CONSIDERAÇÃO AO notável efeito catalizador e múltiplo que os professores visitantes têm exercido em nosso país, enfatiza-se como primordial importância o aumento da vinda dos mesmos em nossos países. Por esta razão

12 – SE RECOMENDA À O.E.A. QUE INTENSIFIQUE O PROGRAMA DE CÁTEDRAS QUE ADMINISTRA O DEPARTAMENTO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E O DE INTERCÂMBIO DE CIENTÍFICOS QUE O DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CIENTÍFICOS ADMINISTRA. FAZ-SE EXTENSIVA ESTA RECOMENDAÇÃO AOS DEMAIS ÓRGÃOS INTERNACIONAIS INTERESSADOS NESTE TIPO DE PROBLEMAS.

(continua na página 6)

### **Primeira Conferência Internacional Sobre o...**

(Continuação)

## XIII

COMO UM MEIO para aumentar a efetividade dos fundos destinados às bolsas de estudo

13 – RECOMENDA-SE QUE OS ÓRGÃOS NACIONAIS ENCARREGADOS DE PROPOR E DE DISTRIBUIR BOLSAS (NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS) SEJAM ASSESSORADOS POR COMITÊS CIENTÍFICOS REPRESENTANTES DE UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS. AO MESMO TEMPO, RECOMENDA-SE, EM CADA PAÍS, A CRIAÇÃO DE ÓRGÃO ENCARREGANDO TANTO DE DIVULGAR INFORMAÇÕES RESPEITANTES ÀS BOLSAS, COMO DE ASSESSORAR AOS QUE SOLICITEM.

## XIV

CONSIDERANDO-SE que existem países em que é muito pequena a proporção de estudantes que terminam sua formação de físicos, o que implica um grande desperdício de fundos e esforços, faz-se premente encontrar aproveitamentos deste material humano. Como uma possível solução.

14 – RECOMENDA-SE A CRIAÇÃO DE CURSOS DE CARÁTER TÉCNICO DE 3 ANOS DE DURAÇÃO, QUE PERMITAM O APROVEITAMENTO DAQUELES ESTUDANTES QUE FORAM CAPAZES DE CONCLUIR OS CURSOS BÁSICOS DOS DOIS PRIMEIROS ANOS.

## XV

CONSIDERANDO que em muitos casos grandes benefícios serão obtidos através do incremento das possibilidades de estudo e intercâmbio dentro de um mesmo país.

15 – RECOMENDA-SE QUE SE FAÇA ÀS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS QUE COMO COMPLEMENTO AOS FUNDOS NACIONAIS, FUNDOS ADICIONAIS SEJAM PREVISTOS A FIM DE QUE AS INSTITUIÇÕES FORMADORAS DE CIENTÍFICOS POSSAM DAR BECAS A ESTUDANTES E INTERCAMBIAR PROFESSORES DENTRO DE UM MESMO PAÍS.

## XVI

SENDO URGENTE o aperfeiçoamento dos professores secundários e universitários, e em consideração aos benefícios já mencionados com a realização de cursos internacionais destinados a divulgar os novos programas e métodos de ensino.

16 - RECOMENDA-SE À O.E.A., UNESCO E, EM GERAL, AOS GOVERNOS E DEMAIS ORGANISMOS, A INTENSIFICAÇÃO DE TODOS OS PROGRAMAS DE APERFEIÇOAMENTO DOS PROFESSORES.

## XVII

POSTE QUE para assegurar o êxito desta Conferência devemos dispôr de todos os meios que nos permitam levar a cabo suas considerações.



17 – RECOMENDA-SE À O.E.A. A CONSTITUIÇÃO DE UM COMITÊ ACESSOS QUE COLABORE COM ELA EM TUDO QUE SE RELACIONA COM O ENSINO DA FÍSICA E, EM ESPECIAL, COM A IMPLEMENTAÇÃO DAS CONCLUSÕES DESTA CONFERÊNCIA.

FINALMENTE, conhecendo-se o desastre ocorrido no Instituto de Matemática e Física da Universidade do Chile, esta Conferência tomou a seguinte conclusão especial:

SOLICITAR AOS PARTICIPANTES INSTITUCIONAIS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, QUE AJUDEM A UNIVERSIDADE DO CHILE A DOTAR DE NOVO SUA BIBLIOTECA DE MATEMÁTICAS E FÍSICA TEÓRICA, RECONHECIDAMENTE DESTRUÍDA PELO FOGO, EM INCÊNDIO.

**Marcos Moschinsky**

Presidente

**Dário Moreno**

Secretário”

## Anexo C – Apostila de Álgebra Linear do professor Juarez Milano

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIO CLARO

CURSO DE MATEMÁTICA

JUAREZ MILANO

NOTAS DE ÁLGEBRA MODERNA

(Redigidas com a orientação do Prof.  
L.H. Jacy Monteiro)

-1963-

RIO CLARO — ESTADO DE SÃO PAULO

ÍNDICEAPRESENTAÇÃO

<u>CAPÍTULO I</u>	. NOÇÕES DA TEORIA DOS CONJUNTOS .....	1
<u>CAPÍTULO II</u>	. NÚMEROS NATURAIS E NÚMEROS INTEIROS .....	8
<u>CAPÍTULO III</u>	. RELAÇÕES, FUNÇÕES E OPERAÇÕES .....	29
<u>CAPÍTULO IV</u>	. ANÉIS E CORPOS .....	43
<u>CAPÍTULO V</u>	. NÚMEROS RACIONAIS E NÚMEROS COMPLEXOS .....	69
<u>CAPÍTULO VI</u>	. ANÉIS DE POLINÔMIOS A UMA INDETERMINADA .....	80
<u>CAPÍTULO VII</u>	. EQUAÇÕES ALGÉBRICAS .....	106
<u>CAPÍTULO VIII</u>	. GRUPOS .....	112

.:.:.:.:.::

### APRESENTAÇÃO

O curso que ora enfeixamos nestas Notas foi proposto pelo Prof. L.H. Jacy Monteiro para ser ministrado aos alunos do 1º ano do Curso de Matemática, da F.F.C.L. de Rio Claro. A matéria que aqui se encontra foi lecionada por nós durante o ano de 1962, com três aulas semanais. É de nossa convicção que o curso, nestes moldes, atinge, em muitos aspectos, as finalidades de uma introdução ao Estudo da Álgebra Moderna. A par de fornecer aos alunos algum conhecimento de assuntos essenciais como extensão de campos numéricos, polinômios e equações algébricas, o curso pretende que os alunos se iniciem nos métodos da Álgebra Moderna através das estruturas tais como a de Anel, a de Corpo e a de Grupo.

Muitos dos tópicos expostos nestas Notas poderiam ser transportados, com o necessário cuidado, aos programas do Curso Secundário. Mesmo porque é pensamento atual que a linguagem adotada no ensino da Matemática, chamada elementar, deve ser modernizada.

Devemos assinalar que o conteúdo destas páginas é de caráter básico e pode ser estudado, também, pelos livros que aconselhamos no final de cada capítulo. As partes que se referem a Operações, Anéis e Polinômios foram baseadas, principalmente, em notas do Prof. L.H. Jacy Monteiro, a quem agradecemos o acesso que a elas pudemos ter, a orientação que nos deu durante todo o curso e a leitura que fez dos originais.

Não podemos deixar de consignar nossos agradecimentos à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, na pessoa de seu Diretor Prof. Dr. João Dias da Silveira, a qual, pelo seu ambiente de trabalho e facilidades materiais, tornou possível a concretização desta obra.

À srta. Maria do Carmo Brochini, que se encarregou da parte de datilografia e colocação dos símbolos, deixamos nossos agradecimentos.

Ficaremos gratos àqueles que, com críticas construtivas, possam nos ajudar a melhorar este trabalho.

J.M.

Rio Claro, janeiro de 1963.

**Anexo D – Cartas de cessão**

## Carta de Cessão

Nós, Genexo Ferreira Bretas e Maria Adélia Batista Bretas cedemos ao Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática”, os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista conosco realizada na cidade de Goiânia – GO, em 22/02/2006, por Fernando Guedes Cury. Declaramos ainda que tive acesso à transcrição e à textualização dessa entrevista para conferência.

Goiânia: 25/07/2006

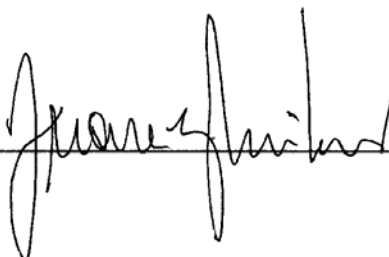
Assinaturas: Genexo Ferreira Bretas  
Maria Adélia B. Bretas

**Carta de Cessão**

Eu Juarez Milano  
cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática", os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista comigo realizada na cidade de Goiânia, em agosto de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização dessa entrevista para conferência.

Goiânia, 05 / 12 / 2006.

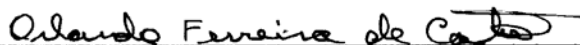
Assinatura: \_\_\_\_\_

**Carta de Cessão**

Eu, Orlando Ferreira de Castro, autorizo ao Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática o uso, para fins acadêmicos, das informações contidas na entrevista que cedi a Fernando Guedes Cury, na Cidade de Goiânia (GO), em fevereiro de 2007. Afirmo, ainda, que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista.

Goiânia, 10 / 04 / 2007

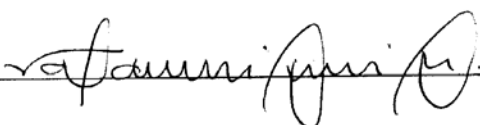
Assinatura: \_\_\_\_\_



## Carta de Cessão

Eu Valdir Vilman da Silva  
cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática", os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista comigo realizada na cidade de Goiânia, em agosto de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização dessa entrevista para conferência.

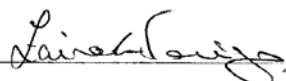
Goiânia, 17/11/2006.

Assinatura: 

## Carta de Cessão

Eu Lair de Lucila de Souza cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em fevereiro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

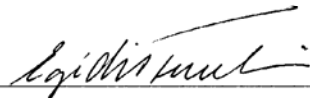
Goiânia, 23/01/2007

Assinatura: 

## Carta de Cessão

Eu Esídio Turchi cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em fevereiro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

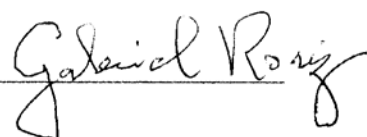
Goiânia, 07/12/06.

Assinatura: 

## Carta de Cessão

Eu GABRIEL RORIZ cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em novembro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

Goiânia, 24/01/2007


Assinatura: 



**Carta de Cessão**

Eu, Genésio Lima dos Reis cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em fevereiro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

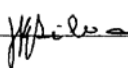
Goiânia, 24/01/2007

Assinatura: 

**Autorização**

Eu, Dagmar Junqueira da Silva, autorizo ao Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática o uso para fins acadêmicos da transcrição da entrevista que realizei com o professor José Miguel e sua esposa Kazue em 2003 para minha pesquisa de mestrado.

Goiânia, 21/02/07.

Assinatura: 

## Carta de Cessão

Eu Heloisa Suico Simon cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em fevereiro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

Goiânia, 23 / 01 / 2007.

Assinatura: Heloisa Simon

## Carta de Cessão

Eu Joni Atanoso Rodrigues Alves cedo ao Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" os direitos para utilizar, em pesquisas acadêmicas, os registros da entrevista realizada comigo, na cidade de Goiânia, em fevereiro de 2006, por Fernando Guedes Cury. Declaro ainda que tive acesso à transcrição e à textualização desta entrevista para conferência.

Goiânia, 09 / 01 / 2007.

Assinatura: Joni Alves

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)